

# OLIVIA WAITE

EDIÇÃO  
APENAS  
DIGITAL

## *Guia de Mecânica Celeste para Damas*

 HARLEQUIN



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



Olivia Waite

*Guia de mecânica  
celeste para damas*

Tradução  
*Guilherme Miranda*



Rio de Janeiro, 2021

Copyright © 2021 by Olivia Waite  
Título original: Lady's Guide to Celestial Mechanics

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora HR LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela Harlequin Enterprises II B.V./ S.Á.R.L para Editora HR Ltda.  
A Harlequin é um selo da HarperCollins Brasil.  
Contatos: Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005  
Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (21) 3175-1030

Diretora editorial: *Raquel Cozer*  
Editora: *Julia Barreto*  
Revisão: *Cintia Oliveira*  
Imagem de capa: © *Romance Novel Covers*  
Design de capa: *Patricia Barrow*  
Ilustração de capa: *Christine Ruhnke*  
Adaptação de capa: *Isabelle Paiva*  
Produção do e-Book: *Abreu's System*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W157g

Waite, Olivia

Guia de mecânica celeste para damas [recurso eletrônico] / Olivia Waite; tradução Guilherme Miranda. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Harlequin, 2021.  
recurso digital

Tradução de: Lady's guide to celestial mechanics

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5970-044-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Miranda, Guilherme. II. Título.

21-71354

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

*Para Caroline, Mary, Katherine e Sally*

# Capítulo Um

**1816**

A SRTA. PRISCILLA CARMICHAEL ESTAVA LINDA COMO NOIVA. O vestido de cetim cor de champanhe refletia a luz e formava uma auréola em torno dela, fazendo os cachos loiros cintilarem e os olhos parecerem tão azuis quanto um céu de verão. O Honorável Harry Winlock tinha uma expressão maravilhada no rosto enquanto prometia todos os seus bens materiais a ela, e sorriu abertamente quando ela, por sua vez, prometeu servir e obedecer, até que a morte os separasse. As mãos dos dois se apertaram com firmeza e segurança enquanto o noivo colocava a aliança de casamento no dedo da noiva.

Era Lucy Muchelney, no banco da frente, quem tinha as mãos trêmulas.

Mas ela não chorou. Não se atreveu. Se começasse a chorar, não sabia se conseguiria parar. E não seria o tipo de choro que a mãe da noiva estava derramando no banco ao lado: feminino, tremulante, levando o lenço com delicadeza aos cantos dos olhos úmidos. A sra. Carmichael lacrimejou durante todo o sermão e depois também, enquanto os recém-casados escreviam seus nomes no registro paroquial.

Lucy, com os olhos secos, sentiu todos os riscos da pena como se a ponta estivesse arranhando sua alma.

Um mês antes, os proclamas anunciando a união haviam sido lidos em voz alta naquela mesma igreja. Lucy tinha ficado paralisada de espanto, depois esperara até ficar sozinha para perguntar a Pris o porquê.

— Não quero passar a vida sozinha — Pris havia explicado.

Ela entrelaçara as mãos no colo, flexionando-as como sempre fazia quando estava nervosa por algum motivo.

Lucy colocara as mãos em torno das de Pris para as acalmar.

— Você não está sozinha. Você tem a mim.

— Eu sei — dissera Pris —, mas, Lucy, não posso me *casar* com você. O fundo da minha avó só se torna meu com o casamento. Preciso pensar em como vou viver.

— Você deveria pensar em como vai viver com um marido... Harry sabe que você não o ama?

Pris baixara os olhos.

A boca de Lucy se contorcera, amargurada.

— Harry sabe que você me ama?

— Ah! Como eu contaria para ele? — exclamara Pris. — É cruel demais da sua parte sugerir isso. Ele não teria como entender.

Pris havia começado a chorar, mergulhando o rosto nos seios de Lucy, para logo depois o erguer e beijar Lucy desesperadamente. Mas então, quando os botões voltaram a ser abotoados e as anáguas colocadas no lugar, Pris dissera apenas:

— Harry e eu vamos nos casar na Casa Winlock no dia vinte e oito de março.

Como se os últimos cinco minutos, ou os últimos cinco anos, nunca tivessem acontecido.

A dor fizera Lucy se levantar, sair pela porta e descer a trilha do penhasco em direção ao mar. As margens rochosas ao longo da costa ficavam cobertas de conchas de seres antigos, e aquele cenário ermo e inalterado sempre lhe dera refúgio no passado. Mas a trilha tinha uma vista para a Casa Winlock, e a imagem só fizera o punhal se cravar mais fundo.

Agora ela estava sobre o mesmo penhasco, sob o vento persistente de inverno que soltava o cabelo dos grampos, observando as carruagens chegarem à casa de Harry Winlock em um fluxo interminável de convidados para o café da manhã de casamento. Mesmo de tão longe Lucy conseguia reconhecer o corpo esguio da amante, o chapéu verde curvado recatadamente na direção da figura alta e orgulhosa ao lado. Pris colocou a mão no cotovelo do marido enquanto subiam a escada e, por um momento, Lucy sentiu um toque fantasma no braço.

Ela deu as costas para todos aqueles espíritos e voltou para casa.



Stephen estava saindo quando ela chegou; a caixa de tintas e a tela dele esperavam sobre a mesa no vestibulo.

— Então Priscilla se casou — disse ele. — Espero que tenha desejado felicidades a ela por nós.

— Desejei — mentiu Lucy.

Stephen assentiu, distraído, depois a encarou com os olhos estreitados.

— Você não tem nenhum pretendente, tem?

Lucy teve que morder o lábio por um momento antes de responder.

— Nenhum.

— Hmm. Que pena. Está na hora de se casar. — Ele baixou os olhos para o vestido cinza de luto que ela usava para avaliar se era apresentável, como se ela fosse uma paisagem feita por um artista ainda desconhecido e Stephen tivesse que definir o lance inicial no leilão. — Acho que Peter Violet poderia ser um bom candidato.

A ideia de se casar com qualquer homem, ainda mais com um dos amigos do irmão, era apavorante. Lucy tentou encontrar alguma desculpa.

— A morte de papai...

— Foi há seis meses.

— Ainda há muitos cálculos a fazer...

Stephen bufou.

— Que cálculos? Você era uma assistente competente para o trabalho de astronomia de papai, isso eu admito, mas não pensou que poderia simplesmente continuar de onde ele parou, pensou? — Diante do silêncio taciturno de Lucy, ele fechou a cara. — Você pensou. Bom, então pode parar de pensar. Não temos dinheiro para satisfazer seus caprichos presunçosos.

Lucy se empertigou.

— Os catálogos de estrelas têm um valor científico enorme...

— Tinham, quando eram assinados com o nome do papai. E seria diferente se seu trabalho fosse autossuficiente. Mas, a esta altura, é melhor vendermos aquele telescópio, afinal, ninguém vai empregar uma mulher como astrônoma, vai?

Lucy cerrou os dentes para não dizer algo deselegante. Isso só pioraria as coisas.

Stephen aparentemente tomou o silêncio dela como concordância, porque pegou as tintas e abriu a porta.

— Estou indo a Yorkshire por algumas semanas. Vamos conversar mais sobre isso quando eu voltar. — Por um momento, os olhos castanhos dele se suavizaram com preocupação. — Você vai ficar bem sozinha, não vai?

— Eu sempre fico — Lucy murmurou.

Os olhos do irmão cintilaram.

— Não quer que eu chame a tia Annabelle?

Lucy empalideceu. A tia Annabelle era espalhafatosa, cheia de opiniões e amaldiçoada com cinco filhos obsessivamente musicais. Nunca dava para saber se o som escutado era um oboé, um violino ou um resmungo porque o cabelo de um irmão estava sendo puxado.

— Não se atreva.

Stephen abriu um sorriso melancólico com a velha piada. Lucy ergueu a bochecha para receber um beijo, depois acenou enquanto o irmão entrava na carruagem e partia para o mundo lá fora.

Os nós que apertavam o coração de Lucy se aliviaram assim que ele saiu de seu campo de visão. Ela tinha algumas semanas de trégua, então. Talvez mais, se a luz estivesse boa e o vinho fluísse. Stephen tinha a tendência a perder a noção do tempo quando a Musa estava com ele.

Lucy não tinha esse luxo, não quando havia observações a serem feitas e corpos celestes a serem catalogados. Cometas, nébulas, estrelas duplas — ela havia aprendido seus hábitos e mapeado seus arcos, calculado suas distâncias e previsto seus retornos. O finado Albert Muchelney poderia ser o nome mais conhecido para o mundo, mas fora o dom da filha para a matemática que concretizara suas teorias astronômicas com provas definitivas. Em especial nos últimos anos, com a saúde dele em declínio. Pris sempre dizia...

Ela reprimiu aquele pensamento. Pris tinha ido embora, e Lucy estava sozinha de verdade dali em diante. O frio do piso de pedra

subiu pelas sandálias, conforme ela se dava conta de que, nas próximas duas semanas, estaria completamente sozinha.

Ao menos, com Stephen fora, ela economizaria dinheiro com comida. E Sadie teria menos coisa para limpar. Um pintor que deixava farelos nas almofadas do sofá e manchas em todos os móveis era a pior das pestes. Mesmo naquele momento, Lucy conseguia ver que a caixa de tintas do irmão havia deixado um borrão de cor na mesa do vestíbulo — um risco verde vívido que se espalhava ao longo da madeira polida até a carta que ali esperava.

Lucy reconheceu a caligrafia e o coração dela parou por um segundo. Era da condessa de Moth.

A mesma condessa que havia viajado o mundo observando eclipses com seu marido brilhante, o astrônomo George St. Day. Juntos, eles haviam colocado os pés em seis dos sete continentes. A condessa havia dado um banquete de doze pratos à sombra das pirâmides durante um eclipse parcial. Encantara o rei da Boêmia de tal forma que ele escrevera um poema para ela todos os dias durante um ano, e só parara quando sua noiva real insistira. Enquanto St. Day fazia observações em longitudes distantes e registrava as posições e os arcos de novas estrelas em potencial, a condessa os copiava meticulosamente, coluna por coluna, e os enviava para todas as mentes científicas mais famintas do reino.

Essas mentes incluíam Albert Muchelney — e, embora ninguém soubesse, a própria Lucy. Um envelope da condessa significava uma fortuna de dados novos, prontos para serem convertidos nos catálogos de estrelas e mapas de cometas que haviam sido a fonte de renda principal dos Muchelney. A curva suave e elegante da caligrafia da dama era quase tão familiar para Lucy quanto a própria.

Ela pegou a carta e subiu a escada correndo para o observatório.

Aquele era um nome grandioso demais para um espaço tão pequeno: duas poltronas estofadas com um forro desfiado, uma escrivaninha marcada por compassos e cera de vela, e todos os livros que se podiam amontoar nas prateleiras sem fazer com

que entrassem em combustão espontânea de tanta pressão. Os estojos dos instrumentos de castanheiro do pai — violino e oboé, intocados desde muito antes de sua morte — ficavam empilhados como caixões sobre as prateleiras de partituras. No outro canto, uma escada em espiral dava para o telhado de ardósia, onde o telescópio de bronze de dois metros esperava pacientemente sob as cobertas, até que os espelhos de prata pudessem colher a luz das estrelas mais uma vez.

Stephen podia saber que telescópios eram caros, mas eles nunca podiam ser vendidos pelo mesmo preço que foram comprados. Se o irmão cumprisse a ameaça e vendesse o telescópio dela, Lucy perderia seu único meio de observar as estrelas sozinha, e a casa não ficaria mais rica por isso. Um nó de amargura diante da injustiça de tudo aquilo se apertou na garganta dela. Estariam em uma situação financeira muito melhor se Stephen conseguisse resistir às tintas exóticas e longas visitas ao campo com os amigos artistas. Quando fora a última vez que ele vendera um quadro? Realmente esperava que ela sacrificasse suas paixões para sustentar as dele?

Ela se deixou cair em sua poltrona habitual e abriu a carta. George St. Day havia morrido de uma febre mais de um ano antes, mas talvez a viúva tivesse enviado uma lista final de figuras. Talvez Lucy conseguisse fazer mais uma série de páginas de catálogo antes de Stephen voltar. Se provasse sua lucratividade, ele talvez lhe permitisse continuar trabalhando — ou ao menos veria que ela não estava desperdiçando o dinheiro deles com o que fazia. Era uma esperança tênue, mas mesmo até a menor das velas parecia brilhante à meia-noite.

Infelizmente, não havia nenhuma tabela de dados inclusa. Na verdade, a mensagem era bastante breve.

*Minha cara srta. Muchelney,*

*Fiquei muito triste ao voltar para casa e receber a notícia sobre seu pai. Permita-me lhe dar meus mais sinceros pêsames, e me avise se houver algo em que eu possa ajudar em um momento tão penoso.*

*Espero que a senhorita possa me aconselhar no que diz respeito a uma questão científica em particular. Uma das últimas coisas que meu falecido marido fez foi comprar o primeiro livro de um tratado de cinco volumes sobre matemática celeste de um astrônomo francês chamado Oléron; a obra está sendo muito aclamada em todo o Continente, e a Sociedade Refinada de Ciências está muito interessada em produzir a obra na tradução em língua inglesa para o benefício de nossos homens letrados e estudiosos. Eu tinha esperança de pedir para seu pai realizar tal trabalho — a questão envolve alguns dos cálculos de mais alto nível que ele colocou em uso na própria obra. Coisas muito específicas, e um projeto difícil para o tradutor, pois tão poucos de nós chegam a esse nível particular de genialidade.*

*Com a morte de seu pai, você tem alguma indicação de quem mais poderia efetuar essa edição? Um estudante ou aprendiz, a par dos métodos dele? Qualquer sugestão que tiver seria muito bem-vinda, por mim e pelo mundo científico.*

*Com os melhores cumprimentos,*

*Catherine Kenwick St. Day, Condessa de Moth*

Lucy colocou a carta sobre a mesa e apertou firme a barriga. Pensamentos sobre oportunidades perdidas se amontoaram dentro dela como nuvens de tempestade, escuras e pesadas com a chuva prestes a cair. Dizia-se que a *Méchanique céleste* de M. Oléron era a obra mais importante do campo desde o trabalho de Newton, quase um século antes. Os catálogos de estrelas eram muito úteis para outros astrônomos, mas aquilo? O projeto teria sido uma *revelação*. Teria permitido que Lucy segurasse uma tocha para guiar o caminho, em vez de seguir tropeçando atrás das massas de homens eruditos e importantes.

Aquela era sua única grande chance, e ela a perdera. Tudo porque, como Stephen disse, ninguém contrataria uma astrônoma mulher. Nem mesmo uma que lia francês fluentemente e tinha um conhecimento íntimo da matemática envolvida no cálculo das órbitas de corpos excêntricos.

*Um estudante ou aprendiz, a par de seus métodos?*

*Me avise se houver algo em que eu possa ajudar...*

A ideia brotou como um hematoma, acompanhado de uma dor escura e silenciosa. Seu pai tinha sido isolado demais, seu talento excêntrico demais para atrair estudantes ou aprendizes como alguns filósofos naturais o faziam. Seu brilhantismo tinha sido uma espécie de refinamento, de pegar o minério que outros estudiosos desenterravam e forjá-lo em instrumentos novos que os homens letrados poderiam usar para testar o mundo.

Mas o trabalho não tinha sido apenas dele. Tinha sido de Lucy também. Ela o fazia havia uma década, antes e depois de frequentar a escola em Cramlington. Nos últimos dois anos, havia realizado todos os cálculos por conta própria; o pai vinha ficando cada vez mais impaciente com as longas listas de números, então ela havia lidado com todos os dados enquanto ele desenvolvia os teoremas celestes e especulava sobre a possibilidade de nuvens de chuva sobre a superfície do Sol. Nunca havia passado pela cabeça de Lucy incluir o próprio nome como coautora, e agora se arrependia do lapso. Ter o nome em ao menos uma daquelas folhas de catálogo compiladas teria tornado o abismo que ela estava se preparando para saltar um pouco menos vasto.

Lucy traduziria Oléron. Se conseguisse persuadir a condessa a concordar.

Era provável que conseguisse defender seu argumento de maneira mais eloquente em pessoa. Uma carta poderia se perder, ou ser deixada para ser respondida depois e acabar esquecida na pressa de assuntos mais urgentes. Era mais difícil dizer não a uma suplicante. Lady Moth sempre havia lidado com Lucy de maneira franca e poderia até gostar de uma abordagem ousada. A condessa havia atravessado a maior parte do globo, em lugares selvagens e selvagememente povoados: sem dúvida Lucy poderia dar conta de uma viagem curta por seu país nativo, atrás de algo que queria com tanto fervor.

Fugir para Londres sem falar para Stephen era algo arbiloso e covarde de se fazer. Deixaria o irmão preocupado, furioso e, pior

de tudo, o faria pensar que ele era sábio e ela, leviana. Em todos os sentidos, era a decisão errada.

Lucy estava com as malas prontas em menos de uma hora.

Catherine St. Day, a oitava condessa de Moth, levou a xícara aos lábios. O lagarto de porcelana cujo corpo formava a asa da xícara reluziu em verde-esmeralda sob o toque de seus dedos. Era o mesmo jogo de chá que sua mãe sempre usava ao servir as visitas favoritas a Ruche Abbey; as xícaras de lagarto, a chaleira envolta por uma serpente maior e o jogo de sobremesa em forma de folhas de groselha, com formiguinhas e abelhinhas prateadas dispostas de maneira a beliscar os doces servidos.

Alguns tesouros daqueles tempos ainda resistiam: uma ou duas caixinhas de rapé esmaltadas, algumas porcelanas de herança, alguns camafeus antigos que Catherine adorava desde criança. Mas a maior parte da vasta coleção da sétima condessa de Moth havia sido vendida antes de George e Catherine partirem naquela última expedição. Milhares e milhares de conchas, pedras, corais, cristais, insetos, aves e espécimes botânicos, tantas coisas que levaria uma vida inteira para catalogá-las. Sem mencionar o zoológico, o aviário e os jardins que cercavam Ruche Abbey. Depois a casa e o terreno em si. A sétima condessa havia gastado uma fortuna, trocado favores, financiado exploradores, mercantes e especialistas de todos os tipos para expandir suas posses. Dissera certa vez que queria ter um espécime de todas as espécies vivas. Ela havia chegado mais perto de fazer isso do que qualquer outra pessoa no mundo.

E agora tudo se fora. Espalhado e vendido peça a peça. George havia exigido demais de Catherine para lhe deixar qualquer tempo para administrar tamanho tesouro, e não havia mais ninguém para fazer isso se ela não fizesse. Então ela havia organizado um leilão — o catálogo alcançava duzentas páginas —, vendido a abadia para uma marquesa interessada e mantido apenas a casa em Londres e alguns objetos de importância pessoal.

Tudo ali era uma relíquia. Nenhuma maior do que a própria Catherine.

Havia se tornado a oitava condessa após a morte da mãe — um dos raros títulos que podiam ser passados pela linhagem feminina —, mas, como o casamento com George nunca havia sido abençoado com filhos, o condado ficaria dormente até o descendente de algum ramo familiar o reivindicar. Até o momento, ninguém o havia feito, e Catherine duvidava que alguém o fizesse: os Kenwick nunca tinham sido muito férteis; cada geração costumava produzir apenas um único herdeiro ou herdeira. A árvore genealógica era composta quase unicamente por um tronco.

Ela terminou o chá e cortou um segundo pedaço de bolo. Não via por que não; não tinha mais o que fazer.

O que nunca haviam lhe dito sobre se tornar uma relíquia era como seria silencioso.

Com a morte de George, não havia ninguém repreendendo as criadas por arrumar uma pilha de papéis que ele estivera mantendo de propósito à mão como referência. Ninguém atirando tinteiros na parede quando o mordomo interrompia o trabalho para anunciar uma visita. Ninguém andando de um lado para o outro do corredor sem parar e acordando a cozinheira à meia-noite porque havia esquecido de jantar, depois mandando os criados saírem ao amanhecer para comprar mais tabaco porque não conseguia pensar direito sem um cachimbo aceso entre os dentes. Ninguém criando qualquer tipo de confusão.

Mas não era exatamente tranquilo também. Ou então Catherine havia perdido a capacidade de encontrar paz no silêncio. Lembrava-a demais dos momentos em que George ficava bravo ou se recusava a falar com ela por dias a fio.

Ela se sentia... à deriva. Morosa como um navio em calmaria. A longa extensão do próprio futuro se estendia rumo ao horizonte, um nada opaco e plano tão terrível quanto qualquer oceano.

Ela teria que encontrar algo para fazer da vida em determinado momento. Ainda frequentava as reuniões e os jantares da Sociedade Refinada de Ciências, porque era algo familiar e um



lugar em que se sentia à vontade, e eles entendiam o que ela havia perdido em George. Um propósito, além de um marido. Mas talvez houvesse algo mais — alguma causa que pudesse ser dela e apenas dela. Catherine havia passado a vida inteira ajudando as ambições dos outros; naquele momento se via no comando de uma casa cheia de criados, bem cuidada e paparicada, a liberdade de suas horas se acumulando ao redor como moedas não gastas.

Precisava desesperadamente de uma ocupação.

Distraída, ela passou a mão sobre a almofada do sofá ao seu lado. As asas vermelho-vivas das flores de murta taitiana pareciam irradiar o calor da terra tropical. Ela havia levado semanas a bordo do navio para bordar aquele painel. Vermelho, rosa e verde se sombreando, sedas reluzindo contra um pano de fundo de linho. Tinha se perdido na criação, dando um ponto após o outro, cada fio uma forma de marcar o tempo no que parecia uma jornada sem fim, sem acontecimentos.

*Brincando com futilidades*, George murmurava ao entrar na sala dela para pedir ajuda com a última questão de urgência científica. Uma maneira aceitável de passar o tempo até haver trabalho de verdade a ser feito.

O mordomo entrou depois de uma leve batida.

— Milady, uma visita. Uma jovem, com bagagem.

— Fale para ela entrar, Brinkworth.

A resposta foi automática, e só depois que o mordomo havia feito uma reverência e se retirado Catherine se deu conta de que poderia ter recusado a visita de quem quer que fosse. Vivia esquecendo que não haveria nenhum batalhão de críticas para revidar se desejasse uma tarde de solidão, ou se decidisse ficar em casa em vez de representar o papel de esposa atenciosa em uma palestra. Ou uma reunião. Ou uma expedição às latitudes distantes da Terra.

Para ser sincera, ela estava muito *grata* por não ter mais que ser uma esposa. Queria apenas que os deveres exigidos de uma viúva fossem um pouco mais claros, apenas isso. Não tinha o menor interesse em continuar naquela encruzilhada. Queria estar em movimento; apenas não sabia que caminho seguir.

Brinkworth ressurgiu, os ombros rígidos e as sobrancelhas frondosas erguidas em um ângulo agudíssimo.

— Senhorita Lucy Muchelney — anunciou ele, e se retirou novamente.

Ela se levantou do sofá e abriu um sorriso gentil, tentando disfarçar a surpresa. A srta. Muchelney parecia mais jovem que Catherine imaginava, considerando que elas se correspondiam havia dez anos. Por Deus, será que a menina respondia às cartas do pai por ele aos quinze anos? Deveria ser. Ela tinha o cabelo preto, a pele pálida e ângulos aquilinos. O vestido era de um tom escuro de lavanda, enrugado pela viagem. Mas foi o brilho dos olhos cinza que disparou os sinos de alerta na cabeça de Catherine.

— Lady Moth, presumo? — disse a jovem. Ela estendeu a mão, atrevida. — Lucy Muchelney. É um prazer conhecer a senhora pessoalmente por fim.

Catherine pegou a mão estendida e se surpreendeu com a firmeza do aperto.

O brilho nos olhos da mulher ficou mais forte.

— Espero que não tenha sido ousadia demais da minha parte pegá-la de surpresa, mas, quando recebi sua última carta, soube que precisava fazer uma visita.

Carta? Ah, sim, a tradução de Oléron. Catherine fez sinal para a srta. Muchelney se sentar em uma cadeira enquanto a criada trazia uma nova chaleira e outro prato de doces. A jovem se serviu, demonstrando um bom apetite.

— Não era necessário se dar a todo esse trabalho apenas para sugerir um tradutor — disse a condessa enquanto servia. O que era a maneira educada de perguntar: *Por que não escrever simplesmente?*

— Ah, não tenho uma sugestão — disse a srta. Muchelney, com leveza, mas com a postura tensa.

Ela aceitou uma xícara de chá e admirou o lagarto. Virou a xícara de um lado para o outro sobre o pires, as duas peças de porcelana rangendo como dentes uma na outra.

Catherine cerrou o maxilar em reflexo ao barulho.

A srta. Muchelney, sem saber, emanava um entusiasmo nervoso, como a corda de uma harpa depois de ser tangida.

— Vim na esperança de realizar esse trabalho eu mesma.

Com aquilo, Catherine enfim conseguiu identificar aquele brilho angustiante: ambição. Especificamente, ambição científica.

Os dois pedaços de bolo pesaram como chumbo na barriga. Ela tinha visto uma ambição como aquela antes. Havia se casado com uma, na verdade, quando pensou estar se casando com um homem que possuía um coração e sentimentos como qualquer outro. Mas não demorou seis meses após a cerimônia para todos os discursos românticos e cuidados atenciosos de George desaparecerem, sendo substituídos por impaciência, indiferença e uma obsessão por seu campo escolhido de estudo que deixou todas as outras paixões de lado. E não bastava George se entregar ao trabalho, ah, não — sua esposa tinha que apoiar todos os livros, artigos, saltos de genialidade e todas as jornadas de descoberta. Fossem quais fossem as inclinações de Catherine, fosse qual fosse o custo pessoal. Ela havia sido obrigada a servir à ciência como um puro-sangue arreado ao arado.

Não que ela não apreciasse a nobreza do trabalho. Apenas teria gostado de deixá-lo de lado às vezes para fazer outras coisas. Como comer. Ou dormir.

Ela reagiu por instinto e assumiu seu tom mais proibitivo.

— Para ser franca, srta. Muchelney, eu esperava encontrar alguém com uma relação profissional mais próxima da Sociedade Refinada de Ciências. Esse não é o tipo de projeto que possa ser empreendido casualmente durante uma tarde chuvosa qualquer. Vai exigir um esforço contínuo e consultas com outros homens da ciência: astrônomos, matemáticos, filósofos naturais. Pelo menos — ela suspirou —, é o que o sr. Hawley, o presidente da Sociedade, me garante ser o ideal. Ele sempre desejou que seu pai visitasse com mais frequência, se envolvesse mais com seus pares eruditos. Ele acredita no poder da colaboração.

A srta. Muchelney soltou a xícara — o que foi uma bênção — e se inclinou à frente, com um rubor corando as bochechas. O brilho naqueles olhos cinza não parara de arder.

— Ajudaria a persuadir a senhora se eu lhe dissesse que fui por muitos anos a colaboradora mais próxima de meu pai? Computei os dados astronômicos e tomei longas notas sobre suas observações, além de trabalhar nas provas que suas hipóteses exigiam. Não há ninguém que conheça os métodos dele melhor do que eu... e a senhora mesma disse que o livro de Oléron é mais complexo do que o trabalho que a maioria dos membros está realizando.

Catherine apertou os lábios, obrigada a ceder naquele ponto.

— Ao que parece, alguns dos cálculos são bastante revolucionários. O sr. Hawley propôs convidar seu pai para ficar com ele até o trabalho ser completado. — Ela fez uma pausa. — A senhorita realmente estava realizando todas aquelas computações que me enviou, todos esses anos?

— Sim.

Catherine, em segredo, ficou um tanto desconcertada. Ela vinha tratando aquelas páginas como frutos da genialidade de Albert Muchelney. Com o cabelo branco e ar distraído, tinha sido fácil atribuir a ele o papel de um Próspero ou Merlim, arrancando segredos arcanos do ar. Imaginar aquela jovem esbelta fazendo o mesmo — bom, aquilo mudava tudo. A Sociedade Refinada de Ciências era cheia de esposas, irmãs e filhas oferecendo apoio aos homens estudiosos: transcrevendo anotações e manuscritos, compilando tabelas, respondendo a cartas. Mas, até onde Catherine sabia, não havia outra mulher fazendo da própria obra o centro de seus esforços.

Ela ficava desconfortável por estar diante de uma, embora não soubesse bem o porquê.

A srta. Muchelney sentiu a hesitação de Catherine e continuou, com a esperança claramente intacta.

— Talvez o sr. Hawley esteja disposto a me oferecer a mesma hospitalidade que reservou ao meu pai.

Catherine se engasgou com o chá e teve que colocá-lo de lado para não cuspir.

Essa menina não tinha bom senso? Roger Hawley era um solteirão que morava sozinho; seria um escândalo para ele convidar uma moça não casada à sua casa. Ainda mais se a

jovem aparecesse e se convidasse de maneira tão ousada. Isso não teria sido nada nos tempos da sétima condessa, quando as mulheres de inteligência trabalhavam lado a lado com os maridos e irmãos para quebrar todas as leis que a ciência defendia desde a época de Aristóteles. Mas esse era um século mais circunspecto: o Reino Unido havia deixado a subversão das coisas nas mãos das colônias e dos franceses, e estava definindo um curso rumo ao conforto severo da contenção. Talvez fosse algo lamentável, mas era preciso viver no mundo como ele era.

Catherine havia conhecido muitíssimos estudiosos descuidados com o que a sociedade pensava do comportamento deles, mas eram homens-feitos, não uma jovem solitária sem família ou amigos. Ela estava tomando ar para dizer aquilo à visitante, mas bastou olhar para aqueles olhos cinza cintilantes para se dissuadir.

Não havia como discutir com a ambição. Era possível apenas mitigar o estrago causado por ela. Tentar se adiantar, se preparar para problemas antes que eles se formassem, preparar o terreno para aquela pessoa insensata com a cabeça nas nuvens.

Ela se recostou, sucumbindo ao inevitável, as mãos relaxando como se soltasse a corda e a vela se abrisse sob um vento forte. Por Deus, pensou que não teria mais que ser arrastada pelos caprichos obstinados do talento. Mas a jovem precisava de orientação, e aquelas eram águas que Catherine conhecia bem.

— Eu me rendo, srta. Muchelney. Seria muito melhor se a senhorita ficasse comigo enquanto defendo seu caso. Há um jantar da Sociedade no fim da semana. Veremos então o que o sr. Hawley pensa sobre suas qualificações para o serviço.

A tensão nos ombros da srta. Muchelney se desfez. A resposta dela trazia um suspiro no meio:

— Obrigada, lady Moth. Eu aceito, com toda minha gratidão.

A jovem voltou a pegar a xícara e tomou um gole, mais delicada impossível.

George ficava com o mesmo ar complacente sempre que Catherine enfim cedia. A condessa engoliu o chá até a última gota e sentiu que poderia se afogar na amargura.

Pelo visto, a ciência não a deixaria em paz tão cedo.

## Capítulo Dois

LUCY EXAMINOU SEU ESCASSO GUARDA-ROUPA com um olhar renovado de desespero.

Nenhum de seus vestidos eram o que lady Moth consideraria um traje noturno apropriado. Nenhuma seda, nenhum veludo, nenhum cetim — nada além de lã e musselina estampada, a maioria = tingida em tons de luto.

Somente seu melhor vestido talvez fosse elegante o bastante, com as pregas delicadas e a estampa floral. Flores coloridas rodeavam as mangas bufantes, e folhas verdes cobriam a barra do corselete. Ela não tivera coragem de tingir o creme e arruinar os matizes do bordado. Ele ressaltava tanto o corpo como o tom da pele de Lucy, e o que ela mais queria era atirá-lo no fogo e vê-lo queimar.

Tinha usado o vestido no casamento de Pris. Não apenas porque era seu mais elegante, mas porque todos os pontos vívidos daquelas folhas haviam sido bordados pelas mãos da amante. Lucy o usara para que Pris o visse e se lembrasse do que elas tinham sido uma para a outra.

Pris não havia notado, mergulhada na névoa das congratulações nupciais. Os olhos dela haviam passado por Lucy como se ela nem estivesse ali. Aquele momento havia feito Lucy correr da igreja de volta para casa em vez de seguir os demais hóspedes para o café da manhã de casamento. O espumante teria ardido como ácido na garganta.

Mas, no momento, sofreria o dobro daquela dor para ter de volta a sensação de invisibilidade. Tinha um pressentimento de que a condessa não faria vista-grossa a nenhum de seus defeitos, de vestimenta, caráter ou temperamento.

A mulher não era o que Lucy esperara.

Ela era inteligente, claro, mas isso Lucy sabia. Perspicaz também — o esperado de alguém que sobreviveu a tantas

viagens marítimas a tantos lugares desafiadores. Os anos que a condessa havia passado se mudando de uma terra distante a outra, com intervalos tão breves em casa! Quando ela olhara para Lucy e estreitara os olhos com aquela expressão de deliberação, Lucy tinha ficado um pouco sem ar. Ela se sentira como um livro tirado da prateleira por um leitor decidido, aberto e segurado com firmeza até ter revelado todos os seus segredos.

Não era de se admirar que Lucy tivesse corado. Ainda agora, pensando sobre isso, sentiu o calor subir às bochechas... porque o que mais a surpreendera fora a beleza de lady Moth.

Ninguém imaginaria, olhando para o cabelo dourado preso e a figura cheia, branca e rosada, que aquela era a mesma mulher que havia atravessado uma parte tão grande do globo, da Islândia à Cidade do Cabo, até arquipélagos dos Mares Meridionais. Ela se sentara naquela sala de estar como se tivesse sido criada ali, tão imóvel e doméstica quanto uma roseira envasada. Apenas as leves rugas nos cantos dos olhos indicavam as três décadas e meia de idade, grande parte das quais foi passada estreitando os olhos para o mar e a luz do sol.

Aqueles olhos penetrantes viam o que o vestido de Lucy de fato era: uma ninharia rústica. E Lucy já havia se intrometido aparecendo à porta da dama praticamente exigindo hospitalidade. A centelha desvairada de esperança que a havia feito sair de casa tinha se apagado por volta do terceiro dia de viagem de carruagem. Em algum momento teria que escrever a Stephen e contar onde estava. Ele com certeza ficaria furioso.

E então o quê? Voltaria para Lyme com o rabo entre as pernas?

Não, precisava garantir que lady Moth não se arrependeria do convite. Como não havia o que fazer a respeito de sua roupa, Lucy teria que compensar a desvantagem de outras formas. Docilidade. Gratidão. Uma boa conversa. Desde que não perdesse a capacidade de raciocínio, sob aquele olhar penetrante e afiado.

Quando foi levada à sala de jantar, lady Moth já a estava esperando, usando um vestido de cetim azul-escuro com bordados brancos como a espuma do mar em volta dos punhos e



da gola. As mangas compridas o tornavam menos formal do que poderia ter sido, mas ainda assim Lucy corou diante do contraste entre a elegância da condessa e a própria rusticidade amarrotada.

O abismo entre elas se alargou um pouco mais.

Lucy assumiu o lugar à mesa e baixou os olhos, mas encontrou um novo pavor esperando por ela.

Uma mesa formal. Um batalhão inteiro de garfos se estendia de um lado, e uma série de colheres se abria ameaçadoramente do outro. E, bom Deus, havia um par em miniatura em cima do prato, os dentes do garfo voltados para um lado e a colher para o outro. Como soldados de costas um para o outro durante a última resistência desesperada de um cerco.

Albert Muchelney tinha sido um cavalheiro, mas um cavalheiro empobrecido. Alguns dos amigos artistas de Stephen tinham títulos que datavam desde as brumas da história britânica — mas eles se orgulhavam de serem deliberadamente intempestivos e impróprios, deixando a questão tediosa da etiqueta para mentes mais banais. Lucy sabia fazer reverências e comentar sobre o clima, mas não tinha experiência com aquele embaraço de talheres.

Felizmente, havia uma especialista sentada bem ao lado. Lucy ergueu os olhos e os fixou com avidez sobre a condessa. Quando a dama fez sinal para Brinkworth começar, Lucy respirou fundo e juntou suas forças.

— Espero que sua jornada tenha aberto seu apetite — disse lady Moth, levando a mão à maior colher da fileira. E não, como Lucy observou com pesar, à *primeira* colher. A lógica não lhe serviria de guia aqui. — Você viajava muito enquanto ajudava o trabalho de seu pai?

A condessa tomou uma colherada elegante de sopa. Lucy agarrou a própria colher como se fosse um talismã. Não conseguiria comer e responder ao mesmo tempo. Escolheu falar primeiro.

— Meu pai preferia ficar em casa. Fui mandada ao Norte para estudar, e vi um pouco do país na época, mas, depois, a saúde de meu pai piorou e ele precisou da minha ajuda em casa. — Ela

mergulhou a colher na tigela e deu uma colherada rápida. O caldo estava quente, salgado e saboroso, e reforçou sua coragem. — Certamente, minha experiência não é nada comparada com todas as viagens que a senhora realizou.

Lady Moth respondeu com um murmúrio educado e tomou um gole de vinho.

Depois de um segundo, Lucy fez o mesmo. Ela lambeu os lábios e tentou outra tática.

— De todos os lugares que viu, existe algum em particular que estime mais?

A condessa pestanejou como se pega de surpresa.

Lucy aproveitou a oportunidade para levar mais sopa à boca.

Depois de um momento, a dama respondeu:

— Em nosso caminho de volta do Egito, passamos alguns dias em Roma. Acordamos na alvorada do segundo dia e decidimos caminhar na direção do Coliseu. Havia pássaros cantando nas ruas, e todas aquelas pedras antigas e desgastadas... e tudo tão silencioso. Um lugar escondido no coração de uma cidade. Parecia que os antepassados haviam construído tudo aquilo apenas para mim, e o deixado esperando até eu acontecer.

Ela pestanejou mais uma vez, e a máscara de cortesia voltou ao lugar, os lábios se curvando em um sorriso que Lucy reconheceu como quase envergonhado, e nem um pouco sincero.

Lucy sentiu um vestígio de perda, como se alguém tivesse apagado a última vela no castiçal.

Sua anfitriã levou a mão à taça de vinho novamente, e Lucy seguiu o exemplo. O silêncio se estendeu, enquanto ela voltava à história da condessa.

— A senhora voltou para lá?

Se Lucy esperava mais confidências, estava fadada a se desapontar. O sorriso de lady Moth ficou ainda mais duro.

— George não gostava da Itália. Já havia astrônomos demais lá, veja bem.

Lucy tomou mais vinho.

— Por isso ele foi até os Mares do Sul.

— Precisamente. — Lady Moth girou a haste da taça entre os dedos, uma luz estranha surgindo em seus olhos. — Você deveria ter visto a expressão no rosto dele quando viu que todos os nativos conheciam as estrelas do Sul melhor do que ele. Com tantas ilhas, e tantos oceanos entre elas, todos eles cresciam lendo o céu da noite.

— Toda uma nação de astrônomos. — Lucy riu. — Que inveja.

A condessa ergueu os olhos abruptamente, e a luz neles se apagou.

A risada de Lucy esfriou. Ela baixou a taça de vinho em silêncio e seguiu o exemplo da condessa, passando para o garfo seguinte.

A sopa foi levada embora e uma nova sequência de pratos começou: Lucy reconheceu apenas metade das coisas dispostas. Brinkworth deu um passo à frente para cortar a carne, servindo fatias finíssimas no prato dela. Ela olhou com desejo para um prato de perdizes assadas, mas, como lady Moth não se serviu delas, Lucy não sabia e nem se atreveria a adivinhar qual utensílio usar.

Deixou as perdizes em paz e deu mais um gole de vinho.

— Qual era o lugar favorito do sr. St. Day em suas viagens?

A condessa mastigou a carne por um longo tempo antes de responder.

— Nenhum deles. Ele odiava ficar fora. As coisas nunca eram inglesas o suficiente para George. A comida estava sempre errada, o chá nunca era preparado propriamente, o calor e o cheiro do ar sempre o incomodavam.

Lucy balançou a cabeça.

— Então por que viajar?

— Pela ciência, claro — disse lady Moth. Seu olhar continuou baixo, no prato. Ela apertou os dentes do garfo até perfurarem um pedaço de carne, mas não o levou à boca. — Ele queria ser um descobridor de alguma coisa. Qualquer coisa. Um planeta, um cometa, não importava, desde que pudesse associar seu nome àquilo. Ou, se isso não desse certo, pelo menos ser o primeiro, ou o melhor, ou o mais memorável em algum campo.

— Ele foi um astrônomo muito competente — ofereceu Lucy.

— Sim. — Lady Moth ergueu os olhos, e Lucy perdeu o fôlego. Aquele olhar era afiado a ponto de cortar. A condessa voltou a baixar os olhos quase imediatamente e continuou: — Ele teria sido mais feliz em outros tempos. Fazendo aquela primeira viagem ousada ao Otaheite, estando ao lado de Charles Green observando o trânsito de Vênus. Falava disso com frequência, lamentando que havia nascido tarde ou cedo demais para determinado fenômeno. Eles só acontecem uma vez a cada século, ao que parece. Se George pudesse ter embarcado em um navio que cruzasse os anos em vez dos mares, acho que teria nos deixado para experimentar e considerado uma excelente troca.

— Deve ser mais fácil viver até o próximo — disse Lucy. — Cinquenta anos é muito tempo, mas pelo menos já estamos no lado certo da estrada.

Sua anfitriã ficou em silêncio, a taça de vinho encostada aos lábios. Quando falou, as palavras foram deliberadas e o tom, mordaz.

— Tenho certeza de que a morte foi uma grande decepção para ele.

Lucy ficou vermelha.

Brinkworth deu um passo à frente no silêncio e voltou a encher sua taça, mas Lucy não se atreveu a beber mais. Sua língua estava claramente solta o suficiente.

Lady Moth ergueu uma sobancelha delicada.

— Estou bastante admirada com a ornamentação de seu vestido, srta. Muchelney. Você mesma a bordou?

E, de repente, Lucy sentiu a boca ficar cheia de cinzas.

— N-não — balbuciou ela. — Foi feito por uma amiga.

— Ela tem uma mão muito talentosa.

— Sim — Lucy praticamente sussurrou. — Ela tinha. Tem.

As boas intenções foram deixadas de lado enquanto levava a mão à taça de vinho. O álcool ardeu na carne viva de sua garganta.

O olhar de lady Moth ainda estava sobre ela, incisivo demais.

Lucy buscou algo inofensivo para dizer.

— Ela se casou recentemente.

Lady Moth sorriu.

— Tenho certeza de que os coletes do marido dela serão mais ricos agora.

Para o próprio horror, Lucy sentiu uma lágrima escoar pela beira da pálpebra e deslizar por sobre a bochecha. Ela a secou, a humilhação queimando o corpo dela de dentro para fora. A condessa pareceu espantada quando Lucy se levantou da mesa, raspando a cadeira no chão com força.

— Com a sua licença, milady. Desculpe, mas creio que a jornada me esgotou mais do que eu imaginava.

Lady Moth assentiu, o cabelo dourado balançando sob a luz das velas. Seus olhos ainda estavam alertas, mas confusos.

Lucy, ardendo de vergonha, se virou sem dizer mais uma palavra.

Quando chegou à porta que Brinkworth segurava para ela, as lágrimas estavam escorrendo pelas bochechas. O mordomo tinha o olhar distante, mas estendia um lenço em uma mão. Lucy murmurou um agradecimento envergonhado e escapuliu.

Quando chegou ao quarto, o pano já estava ensopado.

A toalete de Catherine era uma fortuna de perfumes, pós, pomadas e joias esparramados. Um verdadeiro tesouro de dragão.

Catherine com certeza se sentia como um dragão: irritadiça e escamosa. Não houvera motivos para ser tão ácida com a jovem no jantar da véspera. Aparentemente dois anos de viuvez haviam prejudicado sua capacidade de controlar a língua perto dos outros. Teria que aprimorar seu comportamento antes do jantar do sr. Hawley ao fim da semana.

— Narayan — disse, enquanto os dedos marrom-claros da criada colocavam o último grampo no lugar —, pode me avisar quando a srta. Muchelney acordar?

A garota merecia um pedido de desculpas ou, ao menos, uma oferta de paz, depois de ter sido escorraçada do jantar aos prantos.

— Mas a srta. Muchelney já está acordada desde o nascer do sol — respondeu a criada na mesma hora. — Levei chá e torradas para ela, depois ela pediu para ser guiada à biblioteca.

— Ah — disse Catherine, surpresa. — Obrigada.

Narayan fez uma reverência e saiu. A condessa olhou para o próprio reflexo no espelho, com o cabelo preso com perfeição, o rosto clareado pelo pó, um colar de pérolas em volta do pescoço, e fez uma careta.

— Se ao menos você tivesse metade da doçura que aparenta ter — murmurou, depois foi à biblioteca falar com sua hóspede.

E parou, com a mão na maçaneta e o coração na garganta.

Parar para escutar à porta era instintivo àquela altura. O *vum* abafado de livros sendo tirados das prateleiras e jogados à mesa, o estrondo baixo da voz do marido discutindo com interlocutores imaginários, o *toc-toc* de passos enquanto ele andava de um lado para o outro sem parar, se engalfinhando com um fraseado ou façanha de lógica ou fórmula matemática — aquela sinfonia sempre lhe mostrara em que humor George estava, e como melhor abordá-lo. Errar o palpite representava a diferença entre um marido apaziguado e feliz o suficiente para ir ao jantar da Sociedade e um que insistia em se trancafiar com a esposa até a geleira vasta e lenta de sua fúria voltar a derreter.

Mas George se fora e, por mais que Catherine prestasse atenção, tudo que ouvia na biblioteca era um silêncio que não tinha como interpretar.

Ela soltou o ar que segurava, depois abriu a porta. Lá estava a srta. Muchelney, com um vestido cinza-escuro, sentada na poltrona favorita de George. Catherine buscou sinais que revelassem o humor dela — o ângulo da boca, ou a tensão na postura —, mas a jovem estava tão relaxada que era quase frustrante. Estava com as costas apoiadas em um braço da poltrona e os joelhos dobrados encostados no outro. O cabelo negro reluzia como as asas de um corvo sob o sol da manhã, e ela mordia o lábio enquanto virava as páginas do livro. Catherine reconheceu o couro violeta da capa: ela havia encontrado o Oléron, atraída diretamente a ele como um ímã a uma magnetita.

Então aquela jovem era a mente por trás de todas aquelas longas séries numéricas. George sempre ficava entusiasmado quando um novo conjunto de tabelas aparecia, desenvolvidas em boa parte com base nas observações coletadas em suas muitas viagens. Ele se sentava naquela biblioteca como um alquimista antigo em sua oficina, derramando-se sobre os arcos de objetos celestes, comparando-os com catálogos publicados anteriormente para ver se conseguia encontrar algo novo. Uma ou duas vezes Albert Muchelney lhe confirmara uma nébula avistada uma única vez, ou uma estrela que era conhecida na Europa, mas nunca tinha sido observada no Hemisfério Sul. “Por mais que ele se deixe levar pela imaginação”, George havia dito, “ainda há uma mente matemática brilhante naquele velho.”

Mas sempre tinha sido a filha do velho.

George teria ficado lívido. Ainda agora, dois anos depois de sua morte, Catherine se sentiu murchar um pouco por dentro imaginando a fúria dele.

A srta. Muchelney virou mais uma página, completamente alheia ao escrutínio da condessa. O silêncio parecia capaz de se estender para sempre. Catherine tossiu de leve.

A jovem corou de maneira encantadora. Baixou as pernas, fechou o livro e ajeitou as saias para assumir uma aparência de ordem.

Catherine abriu um sorriso e se sentou no sofá ao lado. Ele rangeu sob o peso — as molas eram antigas e precisavam ser trocadas.

— Ora, começou a trabalhar cedo, srta. Muchelney.

A hóspede piscou uma aparente surpresa.

— Mas dormi bem até o amanhecer, lady Moth. Além disso, não há nada tão rejuvenescedor quanto uma nova evidência, apresentada em uma linguagem clara de maneira eloquente. — O sorriso dela era tímido e esquivo. — É melhor que chá.

— Fico contente que tenha tido os dois, então. — Catherine se ajeitou um pouco. — Por favor, me perdoe por ter sido uma anfitriã tão desagradável ontem à noite.

— Perdoar? — A srta. Muchelney parou de ajeitar as saias e ergueu os olhos, inclinando a cabeça. — Pelo quê?

Catherine apertou os lábios e tentou não se contorcer de vergonha.

— Decerto não é algo bom fazer uma hóspede sair da mesa de jantar aos prantos.

A jovem inclinou a cabeça um pouco mais.

— Mas tudo que a senhora fez foi elogiar meu vestido.

— Eu... — Catherine parou, tomou ar, procurou as palavras. E soltou o ar novamente em um bufo de frustração.

Os lábios da srta. Muchelney se ergueram com ironia.

— A senhora disse aquilo como um insulto?

Foi a vez de Catherine corar.

— É claro que não.

— Então por que está pedindo desculpas?

As palavras eram gentis, quase risonhas, mas Catherine se crispou como se fossem cacos de vidro. Porque a verdade era que não sabia — e era embaraçoso que lhe apontassem isso. Ela engoliu em seco e tentou mais uma vez.

— Fico contente que esteja se sentindo melhor hoje.

— Ah, sim. — A srta. Muchelney colocou a mão dentro da manga e tirou um quadrado de linho dobrado. — Seu mordomo fez a gentileza de me emprestar isto ontem à noite... Posso lhe pedir para que devolva a ele?

— Claro.

Catherine pegou o lenço, ajeitando as dobras sobre o joelho.

Alguém havia traçado bordados brancos nele: parecia simples e sem adornos visto de longe, mas de perto os dedos dela conseguiam traçar a textura escondida de um padrão geométrico, feito de ângulos e linhas fortes de pontos impecavelmente retos.

Bastou ver aquilo para Catherine querer escapar daquele cômodo e voltar para a costura, para as vinhas, os botões e as flores que a acalmavam quando se sentia constrangida ou deslocada.

Mas não podia abandonar sua hóspede com tanta facilidade. O rubor de Catherine ficou mais forte, e ela buscou mudar de assunto. Ciência era uma escolha segura.

— Você acha que Oléron será difícil de traduzir?

A srta. Muchelney balançou a cabeça.



— Ah, não... Demorei um pouco para me acostumar com o francês, admito, mas a matemática é linda de tão clara. É uma grande conquista: reunir quase cinquenta anos de trabalho sobre gravitação. Entendo por que a Sociedade está tão interessada em disponibilizar isso em inglês.

Seus dedos compridos afagaram a capa com ternura.

Catherine se perguntou como seria a sensação daquele toque se... mas não, aqueles pensamentos não deveriam ser alimentados. Ela empurrou a imagem para o mesmo lugar em que escondia todas as outras e cruzou as mãos de maneira deliberada em volta do lenço de Brinkworth.

— Já começou a redigir sua tradução?

A jovem balançou a cabeça.

— Ah, não, ainda estou nas preliminares. Analisei o sumário e agora estou passando os olhos para ter uma noção do estilo do autor. Mergulhar de cabeça seria como tentar mapear um lugar onde nunca se esteve. — Ela sorriu, uma covinha aparecendo no canto da boca larga. — O que provavelmente não é uma boa prática cartográfica.

O sorriso de Catherine surgiu um pouco mais natural dessa vez.

— Com certeza não para nenhum cartógrafo que eu conheça.

A srta. Muchelney ergueu os olhos de novo, seu bom humor se desfazendo. Seus dedos se contorceram um em volta do outro.

— Posso lhe pedir um favor, milady?

Na experiência de Catherine, *favor* significava *problemas*. Ela se preparou para o pior.

— Claro.

— A senhora poderia me apresentar à Sociedade propriamente? A toda Sociedade, digo, não apenas ao sr. Hawley.

Catherine franziu a testa.

— Mas seu pai era um membro. Sem dúvida você já deve ser conhecida como filha dele.

A srta. Muchelney se remexeu na poltrona, o olhar evasivo.

A confusão de Catherine se aprofundou e obscureceu.

— Você não tratava de todas as correspondências dele?

— Não. — Uma vermelhidão subiu pelo pescoço da jovem. — Ele me pedia para responder às suas cartas em específico, visto que a senhora era a que nos mandava números com mais frequência. Ele escrevia todo mês ao sr. Hawley, sr. Chattenden e sir Eldon. Com menos frequência para alguns outros. — Suas mãos estavam pálidas, apertadas com tanta firmeza que deviam estar doendo. — O gênio dele era de uma natureza mercurial, sinuosa. Ele conseguia ver como os cálculos deveriam ser feitos, mas deixava a execução em si para mim. Era mero trabalho manual àquela altura. Ele preferia passar o tempo permitindo que a mente vagasse às regiões mais elevadas da filosofia natural, ampliando os limites do que imaginamos atualmente, tentando cruzar o véu entre nossa visão e as verdades grandiosas do Universo. — A jovem mordeu o lábio. — Ou ao menos era o que ele gostava de dizer.

— Sim — disse Catherine devagar. — Lembro de sir Eldon lendo para nós uma carta de seu pai sobre cidades na Lua. Causou um grande alvoroço na época, eles discutiram sobre ela por meses depois disso.

A srta. Muchelney inclinou a cabeça, vacilando por um breve momento antes de se endireitar.

— Meu pai detestava ser motivo de piada. Mas a ciência sempre fere aqueles que a amam.

Catherine se eriçou no mesmo instante.

— A ciência não faz isso — retorquiu. — Ela apenas existe. Não levanta a mão contra ninguém. São as pessoas que causam as feridas.

A srta. Muchelney estava com os olhos arregalados, espantada pela veemência de Catherine.

A própria também estava um pouco chocada e forçou-se a assumir um tom mais gentil.

— Permita-me lhe contar sobre minha primeira viagem científica. George e eu estávamos casados havia dois meses antes de partirmos. Parecia uma grande aventura: viajar para o outro lado do globo, visitando ilhas novas nos Mares do Sul, dormindo sob estrelas nunca vistas. E os ilhéus foram tão amistosos, ficaram tão felizes em nos ver. No começo. — Ela

notou que estava apertando o lenço com força, e se obrigou a voltar a estendê-lo e cruzar as mãos no colo da maneira mais comportada possível. — Havia uma plataforma submersa que encontramos perto de onde os navios atracavam: um lugar lindo e amplo coberto de coral negro, com um grande altar no centro. Os ilhéus levavam comida e flores para lá, para honrar seus ancestrais. Eles nos contaram sobre ela assim que aprendemos um pouco das línguas uns dos outros. — Catherine inspirou fundo. — E depois nosso geólogo arremeteu sua picareta em um canto, quebrando-o para pegar uma amostra. Nosso botânico colheu as flores e as batizou com seu nome. E meu novo marido empurrou todas as oferendas aos mortos de lado e posicionou seu telescópio em cima do altar, porque a clareira não tinha árvores e ele queria a melhor visão dos céus. Quando um dos ilhéus protestou e tentou empurrar George, o capitão Lateshaw mandou açoitarem o homem. Porque a ordem precisava ser mantida. — Ela apertou os lábios, a raiva e a decepção ainda fortes depois de todos aqueles anos. — Os ilhéus não foram mais amistosos depois disso.

— Entendo — murmurou a srta. Muchelney.

— Conheço os homens da Sociedade — continuou Catherine. — Eles são devotados ao conhecimento e não se furtam a discutir entre si. Passarão por cima de sentimentos puros e reticências. Vão questionar seus pressupostos, suas teorias e seus fatos. Você tem *total* certeza de que quer se abrir a esses ataques?

Os olhos cinza da jovem reluziram, sua boca se fechou em uma linha obstinada e, por um momento, Catherine ficou fria de pavor pelo acesso de fúria que estava por vir. George sempre soltava o lado mais afiado de sua língua quando ela duvidava dele, por mais ligeiramente que fosse. Ela tensionou os dedos para esconder o tremor das mãos e se concentrou na respiração, expirando e inspirando. Um golpe às vezes doía mais quando você se preparava para ele.

Mas, quando a srta. Muchelney falou, sua voz era calma e baixa.

— Também sou astrônoma — disse ela. — Se limitarem os argumentos a pontos de teoria e observação, não tenho nada a temer, por mais ferrenhos que eles possam ser. Garanto que consigo ser igualmente ardorosa em defesa das minhas teorias e igualmente rápida em apontar as falhas na argumentação de outra pessoa. — Ela baixou os olhos para Oléron e voltou a erguê-los. Eles estavam calorosos e líquidos como prata. — É gentil da sua parte se preocupar comigo.

Catherine ficou sem palavras. O fato de o golpe não ter vindo a deixou zozza. As paredes da biblioteca pareceram girar ao redor e, quando suas mãos apertaram uma à outra, ela sentiu os ossos dos dedos se chocando. Ela entreabriu os lábios, tentando recuperar o fôlego.

A srta. Muchelney baixou os olhos para a boca de Catherine, e aquele olhar prateado ficou ainda mais caloroso.

A condessa sentiu um frio na barriga.

Então, a jovem desviou os olhos de novo, e o momento se desfez.

— Você mencionou que poderia haver outros candidatos para a tradução? — perguntou ela. Um pouco tímida demais.

Catherine tossiu de leve, tirando perguntas inexprimíveis da garganta como se fossem teias de aranha.

— Sim... Creio que o sr. Hawley tem alguém aqui da cidade em mente, e o filho caçula de sir Eldon também demonstrou interesse. Um ou dois outros podem ser mencionados, visto que todos os membros enviam suas opiniões, mas são esses dois com quem você provavelmente vai colaborar. A Sociedade está assumindo um interesse mais ativo nessa publicação do que no passado. Dois anos atrás, eles contrataram alguém para editar os últimos diários botânicos do capitão Lateshaw, e os resultados foram infames: poemas sinuosos, passagens expurgadas e nenhuma das célebres tabelas de espécies ou ilustrações de orquídeas do homem. — O horror da srta. Muchelney era evidente. Catherine arqueou uma sobrancelha, saboreando o golpe de misericórdia desse relato em particular. — Ao que parece, o editor que contratamos havia entregado todos os

desenhos originais para um pub local, cada um em troca de um copo de gim.

A srta. Muchelney engasgou de rir.

Catherine ergueu os lábios novamente.

— Portanto, você entende por que o sr. Hawley está decidido a evitar que essa experiência se repita.

— Espero que sim!

A srta. Muchelney assumiu um ar de reflexão por um momento. Catherine ficou olhando para aquele lábio inferior sendo mordido.

A jovem tamborilou a ponta de um dedo no Oléron, pensativa.

— Se eu traduzir apenas o primeiro capítulo, a senhora o leria? Um espécie de experimento, para confirmar se meu trabalho está à altura dos padrões da Sociedade.

— Não sei se eu seria útil — apontou Catherine. — A matemática está muito além das minhas capacidades, acredite.

— Posso prometer que não haverá nenhum poema. — Catherine riu. A srta. Muchelney abriu um sorriso melancólico. — Estou um pouco nervosa, para ser franca. Não faço nenhuma tradução do francês desde meus tempos de escola, e além disso eram passagens curtas. Tão curtas que eu as traduzia duas ou três vezes, variando o estilo do mais ao muito menos formal. — Sua boca generosa se abriu em um sorriso infantil e ousado. — Certa vez, uma amiga e eu encontramos uma peça escandalosa de Molière que uma ex-estudante havia contrabandeado para a biblioteca. Tínhamos todo o primeiro ato escrito em limeriques antes de nos apanharem e confiscarem o livro.

Por um momento, ela ficou radiante, perdida em memórias, e Catherine prendeu a respiração — mas então a luz se apagou e a srta. Muchelney pareceu tão desolada que a condessa quase lhe devolveu o lenço.

Uma suspeita cintilou na mente de Catherine.

— Essa era... a mesma amiga que você mencionou ontem à noite? — perguntou ela.

A srta. Muchelney a olhou de súbito, assustada.

Catherine manteve o rosto inexpressivo graças a anos de prática.

— Sim — admitiu a moça. Com cautela, como a prudência pedia. — Nós nos conhecemos em Cramlington. Ela era a melhor amiga que eu tinha.

— Até ela se casar.

A srta. Muchelney assentiu. Seu maxilar estava tenso. Seu olhar, duro. E sua coluna poderia ter ensinado ao aço como não se curvar.

Catherine não sabia por que estava insistindo nesse assunto. Não era uma linha de investigação decorosa, nem se atrevia a nomear o que era. Mas as perguntas estavam brotando tão intensamente e com tanta rapidez — como havia começado? Terminado? Tinha sido uma descoberta mútua de atração ou uma sedução deliberada? — que não conseguia desviar de todas a tempo como normalmente faria.

Então ela escolheu a mais segura e a usou como um escudo contra todas as perguntas perigosas a rondando.

— Como ela se chamava?

— Priscilla.

Não havia dúvidas. Só o amor poderia fazer o nome escoar da boca da srta. Muchelney naquele tom doce. Até um amor de luto tinha suas faíscas.

Catherine não podia negar a verdade, por mais que quisesse. Quis inventar alguma desculpa e sair da biblioteca, se recompor, mas não poderia em boa consciência abandonar sua hóspede depois de a abalar dessa forma. Não por uma segunda vez. Todas as suas ancestrais de Kenwick sairiam furiosas do papel de parede em protesto, uma multidão de poltergeister hospitaleiros.

Em vez disso, Catherine se levantou e caminhou em direção às janelas, por onde o sol se esgueirava entre as cortinas compridas de veludo. Precisou dar alguns bons puxões para as abrir — os painéis verde-musgo relutaram, embora os funcionários os mantivessem impecáveis —, mas logo deixaram entrar a luz suave da manhã de primavera.

— Este lado da casa tem uma iluminação muito melhor — disse Catherine, com a voz deliberadamente calma. —

Incomodaria você se eu trouxesse meu bordado para cá por um tempo?

— De maneira alguma — respondeu a srta. Muchelney, piscando.

Catherine, aliviada, foi buscar suas sedas.

## Capítulo Três

ENQUANTO A CONDESSA ESTAVA FORA, Lucy vasculhou a escrivaninha da biblioteca em busca de papel, pena e tinta. Se queria deslumbrar a Sociedade Refinada de Ciências com uma amostra da tradução, era melhor começar o trabalho de imediato.

Já estava na terceira sentença quando lady Moth voltou com seu aro de bordado, sua agulha e um pedaço de musselina pela metade com flores de um vermelho-papoula tão extraordinariamente vívido que Lucy deixou pingar tinta sobre o espaço de meio parágrafo no papel antes de conseguir parar de encarar. Ela secou as manchas com o mata-borrão com um murmúrio irritado.

Lady Moth apenas sorriu com indulgência e se sentou na outra poltrona, com a parte de baixo da moldura do aro pousada no colo.

Lucy mordeu o lábio, sem conseguir voltar ao francês ou à física. Priscilla sempre queria ser entretida enquanto costurava, e ela estava achando difícil não quebrar o silêncio com uma história ou pergunta.

Mas a condessa trabalhava com calma, como se o bordado fosse algo em que, e não do que, escapar. A musselina estava esticada entre os dois arcos de madeira do aro, a agulha perfurava o tecido leve e o fio fino de seda era puxado através dele, formando longas séries de pontos muito próximos. Durante o processo, Lucy observava a condessa pelo canto dos olhos. A luz pálida do sol dava ao cabelo dourado um brilho angelical, e a musselina descia do aro como uma nuvem sobre os joelhos dela. A mulher era uma obra completa, uma iguaria perfeitamente caseira, intensa e sem dúvida saborosa. Como a Madonna renascentista que Stephen havia copiado certa vez de uma galeria italiana.



Exceto que as cores da Madonna eram azuis e brancas, e as mãos da condessa estavam cheias de vermelho.

Com aquela agulha afiada e meada ofuscante de seda, lady Moth perfurava a musselina branca vezes e mais vezes, como a mais elegante das assassinas. Outra flor tomou forma sob suas mãos: pétalas encrespadas, quase quadradas, sobrepostas em um cone sem ponta. Era diferente de qualquer flor que Lucy já tinha visto: era como um mosaico, ou uma pedra preciosa, ou uma escama de dragão. Ao mesmo tempo severa e decadente.

— Que tipo de planta é essa? — perguntou, antes de conseguir se segurar.

Lady Moth respondeu sem hesitar.

— Tapeinoquilo, ou gengibre-abacaxi. Ele cresce em muitos lugares dos Mares Meridionais.

— É... impressionante.

A boca de lady Moth, que lembrava um botão de rosa, ficava ainda mais bela quando a mulher sorria.

— É, não é? — Ela terminou uma pétala e começou outra. — Elas crescem diretamente do chão, em galhos sem folhas. Abrindo-se em flor. Quase como tochas.

— Notei a almofada na sala de estar ontem. A senhora tem um bom olho para flores tropicais.

A condessa parou de bordar e ergueu os olhos desconfiados.

Lucy engoliu em seco, mas prosseguiu:

— Já pensou em estudar botânica?

Os ombros da condessa ficaram tensos, como se ela estivesse resistindo ao impulso de se curvar.

— Até a última viagem, todas as nossas expedições eram com o sr. Lateshaw. Com um botânico tão ilustre a bordo, mal tinham tempo de comprazer à minha curiosidade amadora. — Lucy soltou um resmungo de afronta, mas lady Moth apenas ajeitou o aro um quarto de volta para ter um ângulo melhor do bordado. — Eu era muito mais útil como bordadeira, para aqueles homens que haviam deixado as esposas em casa. Ou que não eram casados. Como o capitão Lateshaw. Coloquei uma bainha de lírios em um de seus coletes para cobrir um remendo, e ele disse que ficaram tão vívidos que conseguia sentir a fria chuva inglesa

mesmo sob o calor do Sul. — A mão dela parou por um breve momento, a agulha cravada em marfim e escarlate. — Ele sempre foi muito gentil comigo.

Era impossível não reconhecer sofrimento verdadeiro depois de já ter passado por ele. Fazia sua alma ressoar com compaixão, como um sino batendo delicadamente sempre que o vizinho era tocado. Lucy conseguia sentir o eco no próprio corpo, suavizando-a.

— Ele parece um bom amigo.

— Ele era.

Os olhos de lady Moth ficaram úmidos enquanto ela retomava o trabalho.

Lucy deixou o assunto de lado, mas a mente se recusava a esquecer o assunto. Ela se demorou na tradução, tentando desembaraçar a meada confusa de seus pensamentos.

Evidência: quando Lucy foi trazida à biblioteca, a criada teve que tirar várias capas de poeira dos móveis antes de deixá-la ler em paz. As portas haviam rangido quando foram abertas, e o sofá havia chiado sob a condessa, e os aros da cortina tinham resistido ruidosamente ao movimento.

Conclusão: aquela biblioteca era um lugar que ninguém usava havia um bom tempo. Era óbvio que não nos anos em que o casal estava viajando, mas pelo visto também não desde a morte de George St. Day. Lady Moth assumira um ar convincente de serenidade, mas de tempos em tempos os olhos dela se voltavam de um lado para o outro, e ela apertava os lábios, revelando o desconforto com o ambiente.

O cômodo devia ter sido o domínio do marido. Não era de se surpreender que uma viúva ficasse incomodada pelas memórias do falecido esposo. Mas sua voz havia se enternecido mais quando falara sobre o capitão Lateshaw do que quando contara histórias sobre o falecido sr. St. Day.

Lucy tinha algumas ideias vagas sobre por que lady Moth poderia não estar sofrendo tão profundamente pela perda do marido. Mas nenhuma delas era do tipo que se anunciava em voz alta. Muito menos quando envolviam questões de uma natureza tão íntima.

Desde criança, Lucy sempre soubera que gostava mais de meninas do que de meninos. Ela se sentiu verdadeiramente aliviada ao encontrar outras meninas que sentiam o mesmo: havia várias em Cramlington, bem como algumas que não tinham qualquer preferência nesse sentido. E alguns dos amigos pintores do irmão tinham casos semissecretos que poderiam fazer com que fossem deportados (ou coisa pior) pela força da lei.

Mas o caso em questão parecia ser mais do que uma camuflagem habitual para esse tipo de preferência. Não tinha a ver com o que lady Moth sentia em relação aos homens, mas sim com o que sentia em relação a um homem em particular.

Era algo específico: George St. Day a havia tratado terrivelmente.

Lucy se lembrou do que a condessa dissera sobre o marido: *As coisas nunca eram inglesas o suficiente para George*. Ela havia participado de uma grande viagem de descobertas científicas, e eles a limitaram a remendos e bordados. Você poderia pegar um tordo, o colocar numa gaiola e levá-lo para viajar o mundo; mas, se nunca abrisse a gaiola, que diferença você teria feito na vida do tordo? Tudo que ele conheceria seria a vista de trás das grades.

Lady Moth, Lucy concluiu, tinha sido *sufocada*.

Era um pensamento terrível. Lucy não conseguia imaginar o que teria feito do amor pela astronomia se o pai a tivesse desestimulado. Mas ele a havia defendido desde que ela insistira em estudar as mesmas coisas que Stephen. Albert Muchelney passou a ser grato pela assistência da filha à medida que ela crescia e ele se fragilizava. Embora resmungasse com frequência que ainda gostaria ser capaz de fazer tudo sozinho.

Ela havia ajudado a tornar o trabalho dele possível. E, se teve que mascarar os próprios esforços científicos sob o nome do pai, ao menos pôde fazer o que sonhava. Ainda que ninguém soubesse que o trabalho era seu.

Aquele pensamento soava um pouco mais raso naquele momento do que antes.

No entanto, o pai ao menos havia entendido. O irmão, não. Mas o desprezo de Stephen pela ocupação dela nunca havia doído tanto quanto agora, quando ele estava em posição de fazer com que ela abandonasse esse trabalho.

Lucy tinha apenas aquele breve intervalo para se agarrar ao Oléron e também, talvez, ajudar outra mulher a encontrar seu caminho na ciência.

Mas como fazer isso? Sendo a mulher mais jovem, seria desconcertante ao extremo assumir uma posição de autoridade sobre a condessa e, independentemente daquilo, Lucy não era nenhuma botânica. Todos os esforços dela haviam se concentrado em outros mundos, outras órbitas e estrelas distantes.

As mesmas estrelas cujos movimentos Oléron estava explicando naquela primeira seção sobre os princípios gravitacionais. Lucy olhou o trabalho que havia feito com novos olhos. A tradução ainda não havia apresentado nenhuma dificuldade científica; a escrita do autor era precisa e elegante, e se privava de adornos excessivos, exceto que, se o leitor não tinha a matemática, ela era incompreensível.

Mas aquilo não era o esperado? Afinal, Oléron estava escrevendo para outros astrônomos. Mesmo lady Moth, que havia passado a vida na companhia de homens cultos, não achava que suas habilidades estivessem à altura do texto.

De repente Lucy se deu conta de que havia muito mais pessoas inexperientes do que especialistas nesse campo novo. Os telescópios refletores de longo alcance dos últimos quarenta anos tinham visto uma verdadeira explosão de novas estrelas, nebulosas, cometas, luas e até um planeta novo. Voos de balão e financiamentos reais para o estudo da astronomia haviam chamado a atenção do público, e com certeza aguçaram incontáveis apetites por conhecimento. Por que as pessoas não gostariam de ler um livro que as ajudasse a explorar todos aqueles campos recém-ampliados?

O projeto se cristalizou em um instante: Lucy não apenas traduziria as palavras de Oléron do francês para o inglês. Ela

tornaria a importância dele aparente para todos, tanto astrônomos como amadores.

Escreveria uma introdução à astronomia para lady Moth. Não um livro didático para crianças, mas uma celebração das maravilhas do Universo e das forças que fazem as estrelas girarem.

Lucy fez um X ousado sobre a simples tradução, pegou uma nova folha de papel, lançou mais um olhar de esguelha para a condessa e colocou as mãos à obra.

Foi apenas depois, enquanto Narayan a ajudava a se despir, que Catherine redescobriu o lenço que havia guardado distraidamente na manga. Ela o devolveu a Brinkworth na manhã seguinte quando desceu para tomar café.

— Obrigada por emprestá-lo à nossa hóspede — disse ela. — O bordado branco é muito bem-feito.

Brinkworth pegou o quadrado de linho de volta como se fosse feito de puro ouro.

— Obrigado. É obra da minha filha. — Uma pontada carinhosa de orgulho se esgueirou na voz dele antes de o mordomo se controlar e recuperar os traços impassíveis.

Catherine parou. Eliza Brinkworth era a mais nova criada da casa, tendo acabado de fazer 15 anos. Uma menina zelosa, com uma atitude cordial — mas seu trabalho se limitava mais a limpar lareiras e esvaziar penicos em vez de fazer bordados delicados. Talvez, porém, se fosse treinada como dama de companhia...

— Ha algo mais que eu possa fazer pela senhora? — perguntou o mordomo.

Catherine deixou de lado os pensamentos labirínticos e o dispensou.

No dia do jantar da Sociedade, a srta. Muchelney usou o vestido de musselina bordada outra vez. Os olhos de Catherine retraçaram as vinhas e flores do corselete, e uma brasa momentânea de inveja se acendeu dentro dela.

A jovem notou o olhar aguçado e estremeceu.

— Precisa de um xale, srta. Muchelney? — perguntou Catherine, constrangida. — Está excepcionalmente frio esta noite.

— Não tenho nenhum elegante o bastante para a ocasião — admitiu a srta. Muchelney, corando.

— Então você deve pegar um meu emprestado, claro.

Ela tentou protestar, mas Catherine estava decidida. Buscou um xale verde de lã forrado de seda e disse a si mesma que não sentia qualquer alívio em ver o trabalho manual da infame Priscilla ser escondido.

As duas subiram na carruagem, Catherine estendendo sua seda marrom listrada para não enrugar antes de chegarem. A srta. Muchelney segurava o xale em volta do pescoço com uma mão; a outra apertava os papéis de sua tradução de Oléron, que ela insistiu em trazer consigo para o jantar.

— É melhor ter e não querer do que querer e não ter trazido — havia dito, uma atitude prática com a qual Catherine não poderia argumentar.

— É um volume considerável de tradução para tão poucos dias... você trabalha rápido.

A srta. Muchelney corou e mordeu o lábio, mas não respondeu.

Nervosismo, sem dúvida. E não era de se admirar. Catherine se recostou e deixou a menina ter um pouco de paz. O evento daquela noite era apenas uma reunião cordial dos membros mais próximos de Londres, e não um dos grandes simpósios que aconteciam duas vezes ao ano, mas aquela seria a primeira aparição de Muchelney diante da Sociedade.

Mas certamente não a última. Fazia quase uma semana que Catherine observava sua hóspede trabalhar: períodos longos e constantes de concentração no trabalho, e já não era difícil visualizar a srta. Muchelney enchendo páginas de cálculos e números precisos — ou relacionando dados a teorias ou argumentando sobre evidências observáveis. Havia visto tantos homens fazerem ciência que não poderia deixar de reconhecer quando aquilo acontecia bem diante de seus olhos.

Talvez Catherine não tivesse visto mulheres fazendo ciência antes porque havia passado muitos anos longe da Inglaterra.

Aquele não era exatamente um pensamento agradável, então tomou uma decisão: daria todo o seu apoio à srta. Muchelney como tradutora. Afinal, a fortuna dos Kenwick estava patrocinando parte da publicação. George tinha usado o dinheiro de Catherine para influenciar os resultados de discussões semelhantes da Sociedade no passado, de modo que ela sabia que o sr. Hawley era suscetível àquela linha de persuasão.

A aconchegante casa de tijolos do sr. Hawley era ofuscada pelas construções de vidro que cintilavam em volta dela — a primeira era um espaço frio e coberto para flores alpinas, musgos e líquens; a outra, uma estufa para espécies tropicais, onde o ar abrigava tanto calor e umidade que entrar pela porta era como adentrar em um cubo de sopa. A sala de estar tinha uma réplica menor desta em uma mesa baixa para que o sr. Hawley pudesse exibir seus melhores espécimes para convidados eruditos.

O anfitrião estava exibindo um ramalhete estelar de flores brancas na estufa em miniatura quando Catherine e a srta. Muchelney chegaram.

— Ah, minha querida — disse ele, as bochechas vermelhas de euforia —, permita-me apresentar minha mais recente descoberta. — Mas, em vez das flores, ele se virou para um cavalheiro de pele marrom-escura ao seu lado. — Posso lhe apresentar o sr. William Frampton, nossa mais nova adição à Sociedade? O pai dele é um músico na Corte, e o sr. Frampton já publicou vários ensaios matemáticos que foram bem recebidos pelos membros.

O cavalheiro fez uma reverência.

Por sua vez, Catherine apresentou Lucy, e o sr. Hawley exclamou e apertou as mãos dela calorosamente.

— Minha cara srta. Muchelney — disse ele —, minhas sinceras condolências pela sua perda familiar. Seu pai era um de nossos luminares mais grandiosos, e o céu da Ciência é mais escuro com a ausência dele.

A srta. Muchelney baixou a cabeça.

— Ele ficaria comovido em ouvir isso. O senhor era um grande amigo para ele, sr. Hawley.

O rosto corado do presidente se rearranjou num sorriso indulgente.

A srta. Muchelney se voltou para o sr. Frampton.

— Meu pai também era músico, antes de a astronomia o desviar desse caminho. Ele sempre dizia que a música e a matemática são dois lados da mesma moeda.

O sorriso de Frampton foi leve, mas sincero.

— Eu concordo, mas meu pai torceria o nariz e insistiria que a música é uma arte, não uma ciência.

A srta. Muchelney riu em concordância.

Catherine os deixou sob a supervisão atenta do sr. Hawley e saiu para cumprimentar sua tia Kelmarsch, que estava do outro lado do salão com o químico sr. Chattenden e sua esposa.

— Catherine, meu bem — disse a mulher mais velha, o cabelo grisalho em um coque alto e os olhos verdes cintilantes. — Há quanto tempo!

A condessa se curvou para beijar a bochecha pálida da mulher mais baixa, um lampejo de afeto a fazendo liberar um pouco da tensão. Tia Kelmarsch não era uma parente de sangue, mas vivera em Ruche Abbey com a mãe de Catherine por toda a última década da vida da sétima condessa. Ela era tia Attleborough na época. Duas vezes viúva, era comum que ainda se vestisse de preto pelo sr. Kelmarsch, um pastor discreto com um dom brilhante para a botânica com quem ela havia se casado enquanto Catherine e George estavam na expedição pelo Egito.

Não demorou para sir Eldon Wilby se juntar a elas, acompanhado da bela esposa rechonchuda e rosada. Por um tempo, só se ouviam diferentes círculos de conversa, até um barulho fazer todos os olhos se voltarem à porta: um rapaz entrou de supetão — corado, a testa pálida brilhando sob um chumaço de cabelo castanho, ajeitando a gravata um pouco torta.

— Perdoem-me pelo atraso — disse ele com uma reverência apressada.

— Bobagem — disse sir Eldon, e chamou o jovem.

Ele foi apresentado como sr. Richard Wilby, o sobrinho de Eldon. Catherine o observou com atenção enquanto o jovem



entrava na conversa que fluía em volta dela. Então aquele era um dos outros candidatos para o trabalho de tradução além da srta. Muchelney? Parecia inteligente o bastante, além de falar um bocado, mas a impressão que passava era de ainda ser um pouco verde. Ele ajeitava o cabelo e puxava as mangas do paletó como se o tivesse pegado emprestado de alguém mais alto.

Decerto a srta. Muchelney não precisaria temê-lo como rival.

O jantar foi anunciado, servido e desfrutado. As conversas continuaram genéricas até os pratos serem levados embora, então o sr. Hawley se recostou com uma taça cheia de seu hidromel favorito e abordou o assunto mais sério da noite:

— Senhoras e senhores, está na hora de falarmos sobre o monsieur Oléron. Senhora Kelmarsh, poderia tomar notas?

A tia Kelmarsh abriu um sorriso duro e assentiu com a cabeça. Não era um membro da Sociedade — mulheres nunca haviam sido admitidas —, mas era uma ávida ilustradora botânica e nunca ia a lugar nenhum sem um caderno e um lápis. Ela folheou por todas as samambaias e flores até achar uma página em branco e começou a anotar com sua caligrafia elegante.

— Obrigado — disse o sr. Hawley. — Para aqueles que perderam nossa última discussão — apontando com a cabeça para o sr. Wilby —, a Sociedade está empreendendo uma edição traduzida de *Méchanique céleste* de Gervais Oléron. Esse livro se baseia no grandioso *Principia* de Newton e reúne os avanços dos últimos cinquenta anos nas áreas de matemática, gravitação e astronomia. O que, deve-se admitir, estão mais avançadas no lado francês das coisas. É definitivamente uma obra-prima e, para que os astrônomos ingleses fiquem em dia com nossos pares continentais, esse com certeza é o melhor lugar para começarmos.

— Apoiado — disse sir Eldon, erguendo a taça de vinho do Porto.

Um murmúrio geral de aprovação se seguiu.

O sr. Hawley inclinou a cabeça com humildade.

— Agora: lady Moth fez a generosa oferta de bancar metade dos custos da publicação, em honra do falecido marido, o saudoso George St. Day. Os membros da Sociedade levantarão

a outra metade dos fundos. Resta apenas uma questão: quem devemos convidar para fazer a tradução? Vamos selecionar dois nomes.

Sir Eldon colocou a mão sobre o ombro esguio do sobrinho.

— Richard se formou em matemática e física em Oxford. Leu Newton e replicou todos os experimentos de *Principia*. Ele é jovem, admito, mas isso apenas significa que sua mente tem mais vitalidade. É mais flexível e tem mais do frescor da juventude do que nós, velhotes enrugados. — Sir Eldon riu, incluindo a si mesmo e ao sr. Hawley nessa descrição.

O sorriso do presidente foi discreto.

— Ele tem o francês para a tarefa?

Sir Eldon bufou por sob o bigode.

— O francês dele foi bom o suficiente para o Tour... e, de todo modo, a língua é a parte mais fácil, não? Qualquer mente capaz de lidar com a matemática envolvida com certeza não terá problemas com o idioma.

O presidente assentiu, apertando os lábios.

— Senhor Richard Wilby — disse o sr. Hawley à tia Kelmarsh.

Ela anotou.

As orelhas do sr. Wilby estavam vermelhas, mas o queixo permanecia erguido, enquanto buscava por opositores ao redor da mesa.

Com um ar magistral, o presidente pousou a mão na lapela.

— Também tenho um candidato para sugerir. O sr. William Frampton é membro da Sociedade há seis meses e já contribuiu com muitos trabalhos para nossa *Filosofias refinadas* nesse curto período. Ele é um autodidata talentoso que teria causado uma grande sensação em Oxford, caso sua raça tivesse permissão de frequentar.

O sr. Frampton ergueu uma sobrancelha sardônica diante da formulação.

O sr. Hawley continuou despreocupadamente:

— Sua avó era de São Domingos, então ele fala francês como um nativo, e sua residência aqui em Londres faz com que seja simples o consultar sempre que surgir alguma questão relativa ao manuscrito. — Por um momento, as sobrancelhas nebulosas

dele se franziram com a lembrança de tempestades. — Estou certo de que todos estamos determinados a evitar uma repetição dos resultados apresentados pelo sr. Greenfuller quando lhe confiamos os papéis do capitão Lateshaw.

O grupo murmurou em concordância. Tia Kelmarsch ergueu os olhos verdes, com um brilho ácido, antes de voltar ao caderno e anotar o nome do sr. Frampton.

O sr. Hawley deu mais um gole de hidromel e deixou a tacinha em cima da mesa.

— Então, vamos designar nossos tradutores nos registros oficiais da Sociedade...

Catherine se empertigou na cadeira.

— Com licença.

— ... ou há alguma objeção?

— Com licença — repetiu Catherine, mais alto.

O sr. Frampton limpou a garganta.

O sr. Hawley sorriu para ele.

— Sr. Frampton, meu caro?

— Creio que lady Moth tenha algo a dizer — disse o sr. Frampton. Como se o sr. Hawley não tivesse ignorado Catherine descaradamente apenas um momento antes.

O sorriso do sr. Hawley se manteve igual. Ele piscou uma ou duas vezes, depois se voltou para a condessa sem que nenhum músculo alterasse a expressão plácida de seu rosto.

— Milady?

Catherine engoliu em seco. Era raro que se dirigisse à Sociedade, mesmo em um ambiente tão informal, preferindo discutir as providências com o sr. Hawley em particular e deixar que ele as comunicasse ao grupo como um todo. Desejou ter pensado em preparar suas observações com antecedência. Era melhor ser direta.

— Gostaria de propor a srta. Lucy Muchelney como tradutora — falou.

Um burburinho de surpresa perpassou a mesa, enquanto Lucy erguia o queixo e cruzava as mãos com serenidade diante do corpo. Apenas Catherine, que tinha um interesse maior do que o

usual nas mãos da srta. Muchelney, conseguia ver que os dedos dela estavam pálidos de tensão.

O sr. Hawley riu baixo, como se Catherine tivesse acabado de dizer algo espirituoso.

— A srta. Muchelney? Traduzir o Oléron?

— Ela é a mais familiarizada com a matemática primorosa do pai — disse Catherine.

Sir Eldon soltou uma gargalhada de trás da escovinha sob o nariz.

— Ora, deixar que a filha brincasse de astronomia é exatamente o tipo de esquisitice em que Albert teria se metido.

As bochechas de Lucy exibiam dois pontos vermelhos, mas a voz estava contida quando ela respondeu:

— Fui treinada primeiro como assistente, mas no último ano antes da morte dele eu estava realizando todos os cálculos sozinha.

— Enquanto ele nos mandava cartas sobre lunarianos e formas de vida e nuvens de chuva avistadas no Sol — interveio o sr. Chattenden.

Catherine se lembrou que o sr. Chattenden era um químico e havia levado as cartas solares como uma afronta pessoal.

Sir Eldon gargalhou, e o sr. Wilby riu com um escárnio descarado.

O sr. Hawley apenas voltou os olhos amáveis para Catherine.

— A srta. Muchelney não é um membro da Sociedade.

— E o sr. Wilby é? — argumentou ela.

— Ainda não — respondeu o sr. Hawley com tranquilidade —, mas não tenho dúvidas de que seu tio apadrinhará a candidatura dele em breve. A srta. Muchelney não tem o mesmo recurso, visto que a Sociedade não aceita membros do sexo frágil.

— E se aceitasse? — questionou Catherine.

Todos os olhos à mesa se voltaram na direção dela: alguns espantados, outros horrorizados. A raiva lhe deu forças. Ela seguiu em frente.

— Todos sabem que a sra. Kelmarsh é uma botânica tão talentosa quanto o marido. Ele nos disse inúmeras vezes que os dois trabalharam juntos em muitos dos artigos que nos foram

entregues. Por que ela não poderia ter o benefício de ser um membro como ele era em vida? Por que a Sociedade não pode se valer de sua perspicácia e inteligência, simplesmente porque ela é uma *mulher*, e não um homem?

Os olhos da viúva mais velha cintilavam como estrelas quando ela os ergueu, como se Catherine estivesse falando uma língua nova. Encorajada, a condessa continuou:

— Se a srta. Muchelney tem um dom para a astronomia semelhante ao pai, decerto deveria fazer um bom uso dele, não?

— Acho uma excelente sugestão — disse o sr. Frampton, cruzando os braços diante do peito. Havia um estranho tom de alívio em sua voz.

O sr. Hawley disparou um olhar cortante na direção dele e deu um gole na própria bebida.

— Talvez.

Sir Eldon bufou sem dizer nada.

O sr. Wilby se inclinou à frente.

— Mas vamos tratar do assunto em termos científicos — disse ele, a expressão ansiosa como um cachorrinho que fareja um rastro novo. — Não devemos começar com pressupostos, mas com questões fundamentais. Vários pontos precisam ser determinados como ponto de partida: primeiro, se as mulheres são capazes de astronomia. Segundo, se oferecem algum benefício em particular à astronomia. Terceiro, se a astronomia seria útil ou benéfica para elas. Quarto, se estimulá-las a dedicar seus esforços às ciências em vez da continuação da espécie não prejudicaria a humanidade.

O sr. Chattenden assentiu.

— Essa é uma verdadeira linha de investigação científica, sr. Wilby.

Tia Kelmarsh parecia enjoada. A srta. Muchelney recuou como se tivesse levado um tapa.

O corpo de Catherine ficou quente de fúria. Os homens da Sociedade sempre tinham falado mais alto do que ela, claro, mas sempre pensou que era por não ser uma especialista nos campos de estudo que valorizavam. Nunca desconfiou que a viam como inferior apenas porque era uma mulher. Mas ali

estava a srta. Muchelney — a brilhante e sensível Lucy Muchelney —, sendo tratada como se tivesse o cérebro de uma criança apenas porque usava saias em vez de calças.

Palavras dançaram como brasa em sua língua e ela temeu que o mais leve sopro colocaria fogo nelas.

O sr. Hawley manteve a calma.

— Por mais fecundo que esse debate possa ser — declarou ele —, receio que não possa trazer uma solução para nosso dilema atual. A senhora sabe, minha cara lady Moth — continuou, estendendo uma mão e a colocando na mesa diante de Catherine —, que a princípio nosso tradutor trabalharia com os homens da Sociedade. Sem dúvida a senhora entende a impropriedade de a srta. Muchelney ficar fechada por longos períodos com tantos homens solteiros no que devem ser circunstâncias ardentes e bastante voláteis?

Catherine estreitou os olhos. Uma coisa era se preocupar com a menina morando com um homem solteiro, mas seria um problema simplesmente existir no mesmo cômodo?

— O senhor está insinuando que não se pode confiar que todos os membros da Sociedade se comportarão como cavalheiros? — Houve um burburinho geral de indignação. Catherine aproveitou a vantagem. — Se essa é sua única preocupação, terei o maior prazer em participar como acompanhante sempre que a srta. Muchelney estiver trabalhando em colaboração com os demais tradutores. Os conhecimentos matemáticos dela são excepcionais, e não devem ser ignorados.

O sr. Hawley balançou a cabeça, um pedido de desculpas estampado no rosto.

— Minha cara dama, isso está fora de questão.

Ele tirou a mão e se recostou, o olhar distante, o assunto claramente encerrado em sua cabeça.

— O senhor poderia ao menos dar uma olhada no trabalho dela antes de o rejeitar — insistiu Catherine, obstinada. — Ela já fez um grande avanço no primeiro volume.

Lucy não disse nenhuma palavra enquanto tirava as páginas manuscritas do bolso e as colocava sobre a mesa diante do presidente da Sociedade.

O sr. Hawley manteve os olhos em Catherine, virou a mão e empurrou as páginas, sem as ler, para o chão.

Tia Kelmarsch reprimiu um grito com a mão na boca, e o sr. Frampton ergueu as sobrancelhas.

O sr. Hawley suspirou. O tom dele era de uma decepção terna:

— Minha cara condessa: a senhora deve saber que está sendo irracional. — Enquanto Catherine se engasgava pelo choque e pela indignação, ele se voltou para a srta. Muchelney, colocando uma mão sobre o punho dela e o apertando em uma súplica ardorosa. — Por favor, minha cara, não pense que menosprezo sua vontade de ajudar. É apenas que, como homens da ciência, devemos manter certos padrões para que nosso trabalho receba o valor adequado na comunidade. É claro que você entende.

— Ah, sim, sr. Hawley — respondeu a srta. Muchelney, o tom duro. — Entendo perfeitamente.

Catherine apoiou as duas palmas na mesa de jantar e se levantou. Cadeiras arranharam o chão enquanto os outros se apressavam em se levantar também. O carvalho velho rangeu enquanto Catherine se debruçava à frente.

— Senhor Hawley, o senhor tem os seus padrões, e eu tenho os meus. Esse comportamento não atende aos meus em nenhum nível. Retiro oficialmente minha metade dos fundos para essa publicação.

A boca do sr. Hawley ficou tensa de fúria.

— A senhora pretende me intimidar, lady Moth, mas a Sociedade seguirá em frente com uma tradução científica apropriada, com ou sem seu apoio.

Catherine o ignorou e se despediu do restante dos convidados com um aceno tenso de cabeça.

— Senhor Frampton, sr. Wilby, desejo-lhes toda a sorte com seu trabalho. Senhorita Muchelney. — Ela engoliu em seco. — Se preferir ficar mais, posso pedir que a carruagem retorne para buscá-la.

A srta. Muchelney se levantou com tranquilidade. Sua voz era toda simpatia quando respondeu:

— Não há necessidade, milady. Não abusarei mais da hospitalidade do sr. Hawley.

Catherine viu, com uma alegria violenta, um canto da boca do presidente ficar tenso ao compreender a conotação vívida e ácida. Tia Kelmarsh também ergueu os lábios, e lhe lançou um olhar cheio de mensagens. A srta. Muchelney fez uma belíssima reverência, ergueu o queixo em um ângulo obstinado e saiu da sala.

As páginas rejeitadas de seu manuscrito voaram em despedida enquanto ela passava.

Assim que a carruagem começou a se mover, a invulnerabilidade da srta. Muchelney se quebrou. Os ombros tremeram e o olhar ficou febril enquanto ela apertava o xale verde em volta de si como se estivesse sentindo uma rajada de um vento ártico. Catherine torceu as mãos, sentindo-se incapaz de ajudar.

— Desculpe — disse ela. — Eu deveria ter recolhido suas folhas manuscritas.

— Ah, aquilo. — A srta. Muchelney quase riu, fazendo um som de animal selvagem. — Aquelas eram apenas uma cópia. Ainda tenho a versão inicial e todas as minhas anotações, são e salvas em seu devido lugar. — Ela apertou os lábios. — O sr. Hawley apenas *pensou* que estava esmagando todas as minhas esperanças e ambições.

O alívio era como um rio, profundo e silencioso. Os dedos de Catherine relaxaram.

— Fico feliz — murmurou ela.

— A senhora tentou me avisar como seria — respondeu a srta. Muchelney. Sua voz era chorosa, avisando Catherine das lágrimas que logo se derramariam dos olhos dela. A jovem secou as bochechas com o dorso da mão. — Eu deveria ter lhe dado ouvidos.

— Nem eu fazia ideia de que seria *assim* — disse Catherine. A fúria crescente que a havia feito sair a passos pesados da mesa de jantar do sr. Hawley ainda ardia sob a pele dela. — Pensei que discutiríamos com você sobre fórmulas matemáticas ou interpretações dos tempos verbais em francês. Eles têm esses tipos de discussão o tempo todo. Pensei que poderiam



questionar suas competências, sim. Nunca pensei que poderiam questionar sua existência.

Pois era nisso que se resumia o argumento do sr. Wilby. Ele quisera debater o simples fato da inteligência feminina, quando a mulher inteligente sentada diante dele deveria ser uma prova por si só.

A srta. Muchelney virou a cabeça para olhar a cidade que passava pela janela. A luz de um poste iluminou seu rosto por um momento, depois passou.

— Eles pensam em mim como um satélite do meu pai, e por isso não conseguem me enxergar pelo que sou. Todos que já olharam por um telescópio deveriam saber: perspectivas sofrem distorções.

— É claro que uma astrônoma veria isso como uma questão de ângulos. — A srta. Muchelney riu fracamente, e a tensão ansiosa de Catherine se aliviou, embora seu coração continuasse doendo. — Nem tudo pode ser explicado pela geometria.

— Eu não deveria tê-los pegado de surpresa — continuou a srta. Muchelney. Ela baixou as mãos para o colo e ficou mexendo na barra do xale. — Às vezes é difícil para os homens mudarem de rumo depois que se decidiram sobre algo. Eu deveria ter feito mais rodeios, preparado a ideia. Pensei que eles seriam como meu pai... mas é claro que são mais como meu irmão.

Catherine não sabia que Albert Muchelney tinha um segundo filho.

— Seu irmão não incentiva seu interesse pela astronomia?

A srta. Muchelney soltou um riso sufocado.

— Ele tem falado em vender meu telescópio. — Catherine arfou, e os lábios da srta. Muchelney se curvaram brevemente diante do som. — No dia em que vim para Londres, Stephen me disse que ninguém contrataria uma astrônoma mulher. — Ela se conteve, depois soltou: — *Odeio* que ele esteja certo.

— Ele não está certo. — Catherine se inclinou para a frente e colocou as mãos em torno das da srta. Muchelney. — Ele é apenas um astrônomo, e os astrônomos passam muito tempo enganados antes de se darem conta da verdade.

— Ele não é um astrônomo. É um artista.

— Então ele está fadado a passar a vida toda enganado.

Lucy riu, mas mesmo na penumbra as lágrimas cintilavam ao caírem de seus olhos.

— Estou sempre chorando na sua frente, não é?

Catherine ergueu uma mão e secou as lágrimas dela.

— Queria que você tivesse menos motivos para chorar.

Os olhos de Lucy eram radiantes como estrelas. Seus lábios se entreabriram em um sopro delicado demais para ser um suspiro. O corpo todo de Catherine ficou tenso e líquido; seria tão fácil simplesmente se inclinar para a frente, encostar a boca na de Lucy e saborear aquele som na língua, não seria?

O desejo era tamanho que a assustou. Ela recuou e colocou as mãos sob os joelhos.

Lucy soluçou, mas depois de um momento virou o rosto e voltou a olhar pela janela.

— Creio que preciso fazer minhas malas de manhã, então. Voltar para Lyme.

— Precisa?

Catherine oscilou em seu banco; sem dúvida foi apenas uma curva abrupta da carruagem que a fez cambalear, e não a ideia da partida de Lucy. Ela limpou a garganta e tentou mais uma vez:

— Não poderia continuar o trabalho por conta própria?

Lucy ergueu e encolheu os ombros nas sombras.

— Eu poderia... mas sem a sanção da Sociedade Refinada de Ciências, quem publicaria?

— Eu — respondeu Catherine no mesmo instante. Sua imaginação desatou a correr, mapeando o caminho diante dela, os obstáculos e as soluções e tudo que lhe dizia respeito. Nada pareceu intransponível. — Sim — disse, mais confiante —, eu com certeza publicaria. Em quanto tempo acha que consegue ter o primeiro volume traduzido?

Lucy franziu a testa, enquanto Catherine se remexia, impaciente por uma resposta.

— Em seis meses, com certeza — disse ela. — Talvez apenas quatro.

— Excelente. Continue trabalhando, e procurarei um bom editor para esse tipo de obra. Tenho certeza de que alguém pode

nos recomendar alguns bons nomes. — Lucy a estava encarando, e Catherine baixou os olhos. — Você obviamente é bem-vinda para ficar comigo durante esse período. Se... por algum motivo não quiser voltar para casa ainda.

Lucy inclinou a cabeça, como um passarinho.

— Confesso que Lyme não me parece muito interessante no momento. — Outro poste iluminou o sorriso hesitante da jovem, e Catherine soltou um longo suspiro silencioso na escuridão. — E posso escrever para Stephen, dizer que encontrei trabalho. Por um tempo, ao menos.

Catherine estava aliviada e temerosa; não sabia o que sentia enquanto desembarcavam diante da casa e se separavam para dormir. Seus nervos tremularam como as velas do quarto enquanto Narayan a ajudava a se despir. Somente um pensamento parecia sólido, e ela se fixou nele como um compasso a guiando pela névoa: Lucy Muchelney teria a chance de fazer o trabalho para o qual tinha tanto talento e tanta paixão.

Já era alguma coisa.

— Um desses botões está solto — murmurou a criada, apalpando a manga da seda marrom. — Vou costurá-lo para a senhora amanhã, milady.

— Obrigada — respondeu Catherine, e continuou sentada por mais um tempo depois que a criada saiu, tamborilando os dedos na madeira polida e olhando no fundo do espelho.

# Capítulo Quatro

A LUA DEMORAVA VINTE E NOVE DIAS PARA EXIBIR todas as suas fases no céu. O sol se permitia todo o ano civil para mergulhar e avançar ao longo do horizonte. Eventos mais raros, como o célebre cometa Halley, agraciavam a Terra apenas de tantas em tantas décadas. Nesses parâmetros astronômicos, duas semanas não eram nada. Um minuto. Um momento. Um piscar, que vinha e passava.

Catherine e Lucy passaram as duas semanas seguintes orbitando uma em volta da outra como uma estrela dupla: sempre se movendo, sem nunca se tocarem, sem nunca se separarem de fato. Entre o café da manhã e o almoço elas faziam companhia uma à outra enquanto trabalhavam na biblioteca. Depois do almoço, Lucy voltava para lá, enquanto Catherine seguia para a escrivaninha na sala a fim de cuidar das correspondências intermináveis: cartas para amigos (muitas perguntando sobre editoras), para colegas, contatos da Sociedade Refinada de Ciências. Ela e Lucy se encontravam brevemente para o chá, depois se separavam mais uma vez até o jantar, o que Catherine cuidou para que fosse servido *en famille* depois daquela primeira noite desastrosa. Para um observador externo, tudo parecia pontual como um relógio.

Catherine não era uma observadora externa, assim como um marujo agarrado a um mastro de um navio naufragado não era um observador externo da tempestade. Ela sentia como se tivesse sido atingida por um raio. Um choque a perpassava com qualquer conversa, qualquer gracejo, qualquer rubor e olhar desviado. Territórios inteiros estavam começando a se incendiar em partes de sua alma que ela sempre havia mantido cuidadosamente obscuras.

Ela mergulhou em tarefas, na esperança de que o impulso para a frente deixaria quaisquer revelações incômodas para trás. Encontrou a governanta, a sra. Shaw, na despensa, as mangas

arregaçadas na altura dos cotovelos e o cabelo como uma nuvem de cachos brancos sobre um rosto da cor de pergaminho antigo.

— O que acha de treinar a jovem Eliza Brinkworth como dama de companhia? — perguntou Catherine.

A sra. Shaw deixou de lado o barbante que usava para cortar uma grande barra de sabão em barras menores. Ela já havia empilhado umas dez em uma pirâmide, dispostas na transversal uma sobre a outra a fim de deixar espaço para o ar entre elas. A governanta apertou os lábios, claramente descontente.

— Não recomendaria, milady.

— Por que não?

— Joan e Charlotte estão conosco há mais tempo e seriam mais adequadas à promoção. — Seu tom era seguro, mas as mãos tremiam um pouco, fazendo com que flocos do sabão feito de água de rosas flutuassem do barbante como uma pequena nevasca.

Catherine sentiu uma pontada de irritação como um alfinete desgarrado.

— Joan ou Charlotte são tão talentosas com uma agulha quanto Eliza parece ser?

— Ela lhe mostrou o caderno dela? — A sra. Shaw bufou. — Ela me prometeu que não faria ninguém perder tempo com aquilo além dela, milady. Concordo que é tudo muito bonito, a menina tem talento, sem dúvida, mas ela precisa desenvolver certa disciplina também, ou não nos servirá de nada.

— Ela não falou comigo — disse Catherine. — Vi um trabalho dela por acaso e, agora que a srta. Muchelney ficará conosco por um tempo, pensei que Eliza poderia servi-la.

A sra. Shaw mordeu o lábio um pouco, as bochechas ficando coradas, depois pálidas.

— Posso falar com franqueza, milady?

Catherine pestanejou.

— É claro.

— Promover Eliza não pareceria certo. Como ela é filha do sr. Brinkworth, sabe, as outras meninas poderiam tomar esse como o motivo da promoção e pensar que de nada vale serem

diligentes com o trabalho, visto que não veem recompensas para tanto. No pior dos casos, poderiam passar a se ressentir da autoridade do sr. Brinkworth. E da minha também.

Catherine franziu a testa.

— Você prefere negligenciar Eliza por causa da posição do pai dela?

— Não negligenciar, apenas... deixar que ela amadureça um pouco mais, por assim dizer. Seria mais prudente.

Catherine, de repente, não aguentava mais a prudência.

— Deixei minha vontade clara, sra. Shaw.

A governanta assentiu, mas sua boca era uma linha descontente.

— Sim, senhora.

Nem mesmo a conclusão de um bordado na biblioteca no fim daquela tarde pôde melhorar o humor de Catherine depois de uma conversa tão frustrante. Ela deu o último ponto na barra da toalha de mesa de gengibre-amargo e continuou sentada por um tempo, passando o dedo irrequieto sobre a seda escarlate.

Lucy soltou um suspiro e se recostou na cadeira.

— Acabei de terminar a introdução — disse ela. — Gostaria de ler?

*Sim e não* eram as respostas certas. Ou ambas eram as respostas erradas. Ou certas pelos motivos errados. Mas Lucy estava esperando, os olhos cinza ansiosos, e mais uma vez Catherine se viu incapaz de a desapontar.

Colocou o bordado de lado e pegou as páginas com a caligrafia cheia de curvas de Lucy. As letras corriam como insetos, com pressa para chegar ao fim da página em branco.

*O momento em que levantamos os olhos para os céus é o momento em que nos tornamos, ainda que algo menos que anjos, algo mais que animais.*

*Única entre todos os seres vivos, a humanidade se atreve a tirar os olhos da terra e sonhar com outros mundos. Esses mundos, por mais distantes que sejam, estão ligados ao nosso por uma força tão vasta e onipresente que passou a maior parte da história inexplorada. Atualmente, porém,*

*sabemos que a mesma força que faz uma migalha cair no chão da sala mantém a Lua presa em sua órbita. Falo, claro, do poder da gravitação, segundo o qual a força de atração entre dois corpos é mútua e equivalente, qualquer que seja a diferença de massa entre eles...*

Catherine arfou e olhou para cima.

— Eu não fazia ideia de que Oléron era tão poético.

Lucy baixou os olhos, se ajeitando um pouco na cadeira.

— Não é Oléron, tecnicamente. Decidi expandir um pouco o texto, esclarecer a matemática para que não seja preciso ser astrônomo ou matemático para entender o que Oléron está fazendo. O livro é brilhante por si só, mas presume, o que é compreensível para um texto científico, que o leitor sabe tudo mais até esse ponto. Mas muitas dessas obras não estão disponíveis em inglês, ou se encontram apenas resumidas em edições antigas da *Filosofias refinadas*, ou são caras, ou quase nunca publicadas, ou difíceis demais para um leigo. — Ela se remexeu de novo, mordendo o lábio. — O texto original deixa muita coisa de fora. Mas o que não é dito é importante. Por isso estou incluindo. E acrescentando essa introdução para explicar, claro.

— Você tem muita estima pelo leitor comum — disse Catherine.

O olhar de Lucy encontrou o dela apenas por um momento.

— Eu não estava imaginando qualquer um — disse ela baixinho. — Estava escrevendo como se estivesse explicando tudo para você.

Catherine, desconcertada, baixou os olhos para a página mais uma vez: *a força de atração entre dois corpos...* De repente foi preciso muito esforço para apenas colocar ar dentro dos pulmões e fazer com que ele saísse. As palavras a guiaram inexoravelmente para a passagem seguinte:

*Os antigos imaginavam que a Terra era o ponto central do Universo. A descoberta de Newton nos mostrou que isso é verdade, mas não é toda a verdade. A Terra é o centro de*

*uma rede de forças que toca a Lua, o Sol, os outros planetas e talvez até todas aquelas estrelas distantes que brilham tão longínquas. Mas todo sol, cometa, planeta, toda lua e estrela é, em si, um centro e exerce a própria força sobre todo o resto.*

*Nada no Universo está sozinho.*

O olhar de Catherine voltou a se erguer para Lucy, que a observava com os olhos arregalados e os ombros tensos.

Algo que ela viu refletido no rosto de Catherine a fez começar a tagarelar:

— Posso mudar, se preferir. Fazer uma tradução de verdade, digo, simplesmente transpor o francês em um inglês compreensível. O que pode ser melhor, em termos genéricos. Mais dentro do esperado. — Ela torceu as mãos uma na outra, se conteve, e as cruzou com acanhamento. — Quero dizer, já que está financiando a tradução, se preferir...

— Não — respondeu Catherine abruptamente, depois baixou a voz para um volume mais elegante. — Não — repetiu, embora soasse tensa e constrangida aos próprios ouvidos. — Acho que é uma boa ideia. Uma ideia generosa. — Ela voltou a olhar as páginas que segurava. — Talvez até uma ideia bonita.

Os ombros de Lucy relaxaram com um alívio visível.

— É um pouco fora do comum, admito.

Catherine curvou os lábios.

— A maioria das ideias bonitas são assim.

Lucy corou, vermelha, e voltou para o Oléron.

Catherine se recostou no sofá e continuou a ler. A prosa poética da introdução de Lucy entrava cada vez mais em explicações científicas, algumas com números e fórmulas concretas, mas de forma tão sutil que Catherine se pegou acelerando a leitura, ansiosa para ver que dedução viria na sequência. Antes que se desse conta, estava na última página, e então não havia mais nada.

O sofá rangeu sob seu peso enquanto ela se recostava, sem ar de tanta euforia. Lembrava-se de se sentir dessa forma em seu aniversário de 7 anos, quando um convidado da mãe havia



aberto o relógio de pêndulo trazido para casa pelo sexto conde de Moth depois de uma visita diplomática aos turcos. O velho havia apontado todas as rodas, as engrenagens e a maneira como tudo se encaixava, e mostrara como dar corda no relógio afetava o mecanismo. Catherine, na época, era jovem demais para entender qualquer coisa além do fato de que o relógio brilhava e parecia vivo, de certa forma; o texto expandido de Lucy lhe deu a mesma sensação de deslumbre, fascínio e deleite, sem ser nada infantil. Era como se alguém tivesse aberto a porta do Universo e deixado o leitor espiar a máquina descoberta que fazia as estrelas funcionarem.

Catherine se deu conta de que, se a jovem conseguisse manter o tom por todo o livro, as pessoas aclamariam Lucy Muchelney como um gênio.

Apaixonar-se por um gênio era um pensamento assustador.

Catherine se freou de imediato. Ninguém havia falado nada sobre se apaixonar. E, de todo modo, Lucy não queria uma amante. Ainda estava se recuperando da última, não estava? Não, ela queria uma relação estável, descomplicada, construtiva — uma defensora, uma benfeitora.

Ou uma amiga.

Catherine sabia como ser uma boa amiga de astrônomos ambiciosos. Tudo que precisava fazer era dizer a verdade a Lucy: que estava certa em perseverar em seu trabalho. Que Catherine não se arrependia por assumir o custo total da publicação — não, melhor nem mencionar a questão financeira. Afinal, os naturalistas odiavam se preocupar com dinheiro. Ela sabia disso por experiência própria. Melhor tratar de todos os detalhes práticos sozinha e deixar que Lucy cuidasse da ciência.

— E então? — perguntou a jovem. — O que acha?

Catherine piscou e percebeu que estava mordendo o lábio.

Os olhos de Lucy desceram para sua boca e voltaram a subir.

Catherine precisou engolir em seco antes de conseguir responder.

— Adorei.

O sorriso de Lucy foi como a luz do sol, aquecendo tudo até os ossos.

— Você acha que vai ficar equivalente à tradução do sr. Frampton e do sr. Wilby?

— Não.

Lucy pestanejou.

Catherine se permitiu sorrir, prolongando o momento.

— Acho que vai ofuscar a deles por completo.

O riso encantado de Lucy deu tanto prazer a Catherine que ela pediu licença para ir ao quarto sob o pretexto de buscar uma meada de seda que faltava. Levou quinze minutos para o coração parar de bater forte, e meia hora para confiar que as mãos não tremeriam mais. A essa altura, Lucy estava muito concentrada em traduzir a passagem seguinte de Oléron, e Catherine, aliviada, retomou a própria órbita.

A segurança da rotina foi interrompida mais uma vez no dia seguinte por um convite de tia Kelmarsh:

*Maldita seja essa primavera absurdamente fria, mas o jardim segue lindo mesmo assim. O musgo inglês teima em continuar verde, mesmo sob a neve. Venham tomar chá, vocês duas.*

Catherine, encantada, traçou os dedos sobre o cardo verde e roxo que se abria espinhoso sob a assinatura da mulher mais velha. As cartas da tia Kelmarsh sempre tinham flores coladas, recriações incrivelmente realistas feitas de recortes e papel colorido. A tia havia aprendido a recortar silhuetas na infância, nos primeiros anos do século anterior, mas, à medida que crescia, dava preferência a retratos de plantas a de pessoas. Certa vez, durante uma viagem extensa ao Continente, havia enviado à jovem Catherine uma carta que não era nada além de uma série de flores, coladas com todo o cuidado no papel em um quadriculado regular, de modo que a carta pudesse ser dobrada a ponto de ser postada. Catherine havia levado dias para decifrar o todo, atormentando o botânico favorito da mãe e muitos jardineiros de Ruche Abbey no processo.

Parecia uma brincadeira na época. E se tornou outra coisa depois do casamento, quando George se apropriava de todas as correspondências recebidas — sob o pretexto de que boa parte delas era vital para as pesquisas científicas dele —, de maneira que todas as cartas que Catherine recebia já haviam sido abertas e esmiuçadas muito antes de chegarem a ela.

Logo passou a desconfiar que ele lia as enviadas também — por isso redigia longas descrições do clima de onde quer que estivessem e as cercava com desenhos de folhas de rosa carcomidas por vermes e cheias de espinhos ou ramalhetes pacatos e tensos de não-me-esqueças. Tia Kelmarsh respondia com cartas igualmente elegantes sobre o estado das estradas inglesas, mas as adições radiantes de lírios, salgueiros e murtas davam um forte consolo em resposta à súplica silenciosa da sobrinha. Catherine ainda guardava todas essas cartas, no andar de cima, amarradas com fitas.

Depois da morte do marido, ela havia escrito duas frases à tia Kelmarsh:

*George morreu. Escreva como bem quiser.*

Tia Kelmarsh havia respondido com uma única palavra na primeira página, sublinhada três vezes e enviada do outro lado do mundo:

*Ótimo.*

A segunda página da carta tinha sido totalmente coberta com recriações de flores de maçã detalhadas, precisas e gloriosas, o que Catherine não teve dificuldade de interpretar: *O melhor está por vir.*

Tudo para dizer: as cartas de Kelmarsh nunca eram ninharias. Ela queria dizer algo mais com aquele convite.

Catherine respondeu com um bilhete afirmativo — com um ramo de visco rabiscado no canto —, e, na manhã seguinte, ela e Lucy partiram.

O vento vindo do rio batia forte e gélido sobre a estrada que levava a oeste. Quando a carruagem saiu da via principal e

entrou no chalé que a tia Kelmarsh havia herdado do falecido marido, o clima melhorou apenas um pouco. A casa ficava de costas para uma fileira de colinas pedregosas, coberta de ramos verdes e apenas um pouco protegida do tempo ruim.

A mulher mais velha acenou para elas da porta, usando um vestido de lã esmeralda-escuro. Oxicocos vermelhos e espinhos em seda ocre envolviam a gola, as mangas e a barra do vestido.

— Infelizmente, nada floriu ainda — disse tia Kelmarsh, depois que todas se deram as mãos e trocaram beijos nas bochechas. — Estou começando a temer que o clima nunca mais melhore. — Ela se voltou para Lucy com um sorriso acolhedor. — Mas primeiro permita-me lhe dizer, srta. Muchelney, que me arrependi de não ter saído de rompante com a senhorita depois do jantar na outra noite. Roger Hawley sempre foi um cumpridor de regras tedioso, e nenhuma de nós ganhou nada com isso. Não posso torná-la um membro como o sr. Eldon está fazendo com aquele cãozinho Wilby, mas posso lhe dizer que não está sozinha. — Diante do silêncio perplexo de Lucy com essa declaração tão franca, a velha colocou as mãos no regalo da cintura. — Permita-me lhe mostrar o jardim, e depois vamos tomar um trago de algo quente na frente da lareira.

Catherine não via o jardim do chalé havia dez anos — uma eternidade, pelos parâmetros da jardinagem. Ela esperava algo ordenado, fileiras e colunas encantadoras de plantas, como havia sido em Ruche Abbey. Mas o terreno daquela casa era extenso, mesmo sem contar as estufas e o aviário. Esse lugarzinho era nodoso e fechado. Qualquer pessoa em busca de uma vista teria levantado as mãos para os céus, em total desespero.

Tia Kelmarsh tinha visto o lugar pelo que era, e não por aquilo em que podia ser transformado. Vira a pedra cinzenta e os espaços sombreados, a água, as árvores e a quietude. Em vez de uma longa linha rumo ao horizonte, havia criado, entre as pilhas de pedra plana, uma trilha sinuosa, verdejante de musgo sob os galhos arqueados e pesados dos salgueiros. Cada curva trazia uma descoberta nova: uma árvore cheia de galhos e vinhas pendendo à espera do verão, um lago alimentado por um riacho congelado, um grupo de esguias bétulas cinza que caíam

gentilmente em uníssono como donzelas élficas em uma corte feérica. Catherine viu a folhagem de algumas das plantas que o finado sr. Kelmarsh tanto havia estudado: ervilhas, rosas e framboesas em flor. Quanto mais andavam, mais densa ficava a geada, cobrindo tudo, até as três mulheres virarem na última curva.

Catherine parou de repente.

— Aqui está — disse tia Kelmarsh, o tom cheio de satisfação.  
— Minha gruta de conchas.

Arcos redondos de blocos de pedra irregular abrigavam um espaço pequeno, onde duas pessoas mal poderiam se abrigar do tempo ruim. Sobre essas paredes uma mão cuidadosa havia colocado milhares de conchas do mar, pequenas e grandes, as cores de uma vivacidade incrível contra o cinza do céu e o branco da geada primaveril. Lucy perdeu o fôlego e deu um passo à frente, admirada, traçando os arranjos vertiginosos com as mãos. Aqui uma coluna de conchas de mexilhão se erguia alta e reta como a coluna de um místico antigo; ali conchas minúsculas de caracóis estavam dispostas em espiral como o olho de uma tempestade. Alguns arranjos pareciam tão imaculados quanto um pináculo de igreja, outros eram incrustações extravagantes e suntuosas como o palácio de uma luxuosa rainha submersa.

Catherine olhou para tia Kelmarsh e só então notou a ruga de preocupação entre suas sobrancelhas.

— Não é tão grande quanto a que tínhamos em Abbey — disse a velha em tom de desculpas.

— Soube que os novos proprietários derrubaram a casa — respondeu Catherine com um nó na garganta.

Tia Kelmarsh apertou os lábios.

— Também fiquei sabendo.

— Essas são... — Catherine se deteve, respirou fundo e tentou mais uma vez: — São todas da coleção de minha mãe?

— Todas que consegui salvar. Muitas das mais raras e extravagantes foram para outros naturalistas no leilão, mas comprei todas que consegui. Até as caixas e caixas que ela ainda não havia conseguido catalogar. Eu as deixei no meu sótão

durante anos, mas, quando me casei com o sr. Kelmarsh e comecei a trabalhar no jardim, entendi para que as tinha guardado. — A mulher mais velha piscou com força para conter as lágrimas. — Vejo como um memorial a ela.

— É lindo — disse Catherine, dando um passo à frente.

De perto, reconheceu várias espécies, embora as tivesse visto pela última vez exibidas em fileiras ordenadas sob um vidro, todas rotuladas com esmero. Não era o mesmo tipo de arranjo. Aquilo era ciência; isso era mais próximo de arte.

Mas, à medida que seu olho seguia as linhas, variações de forma, estilo e cor que iam mudando como gradientes, uma espécie dando lugar a outra de maneira quase imperceptível, Catherine percebeu que havia ciência ali também.

— Minha mãe teria amado isso — falou baixinho e, em resposta, tia Kelmarsh fechou a boca e tossiu para fingir que não eram lágrimas pinicando o fundo da garganta.

Lucy parou no centro da gruta.

— Você deve sentir muita falta dela.

Tia Kelmarsh ficou completamente imóvel, olhando para Lucy.

A jovem retribuiu o olhar, o rosto calmo, os olhos suaves.

A tensão crepitou no ar, fazendo Catherine retesar os ombros e morder a língua para silenciar perguntas.

Tia Kelmarsh lhe lançou um olhar rápido — e se empertigou, erguendo o queixo.

— Ela era a alma da minha alma.

Lucy assentiu, como se aquela fosse uma resposta perfeitamente natural, e voltou a admirar a gruta.

Por um segundo, Catherine ficou chocada demais para se mexer. Então, memórias tomaram conta dela, de todos aqueles anos que tia Kelmarsh havia passado com a mãe em Ruche Abbey. Piqueniques no verão. Caminhadas todo fim de tarde ao pôr do sol. Cartas trocadas sempre que ficavam separadas por mais de um dia. Diante de seus olhos, a luz tremeluziu e mudou, a lente turva da percepção de uma jovem menina se aguçando na visão mais precisa da maturidade adulta.

É claro que era um caso amoroso. Havia sido amor desde sempre.

O choque de Catherine se rompeu sob o peso da verdade, deixando apenas o embaraço de que deveria ter visto aquilo com clareza muito, muito antes.

A tia a observava com cautela. Assim que Catherine conseguiu a olhar nos olhos, tia Kelmarsch disse:

— Não nos deixam ter a coisa completa, sabe. Se você não segue o padrão. É preciso encontrar a felicidade em partes e pedaços. Mas eles ainda podem formar algo belo.

— Mesmo que tudo dê em nada — disse Lucy, passando por baixo de um arco para contemplar o domo cravejado de conchas sobre ela —, o que mais podemos fazer? Esperar sentadas e infelizes, lamentando os costumes do mundo?

Tia Kelmarsch bufou em simpatia.

— Os costumes do mundo não são tão permanentes quanto dizem, minha cara. Era bem diferente no século passado. Havia momentos e lugares em que poderíamos ser livres e francas a respeito dessas coisas.

O sorriso de Lucy era astuto.

— E agora não há?

Tia Kelmarsch apertou os lábios, entretida.

— Se você souber onde procurar.

— Ou a quem perguntar, ao que parece.

Tia Kelmarsch assumiu seu ar mais misterioso, cantarolando inocentemente.

Lucy riu.

Catherine estava tendo dificuldade em se situar na conversa. Ela se sentia frágil e rígida como as folhas do salgueiro ao lado, as pontas afiadas pelo gelo, cada soprinho de vento as fazendo tremular. Sabia que o casamento poderia existir de forma separada do amor — havia levado menos de um ano para que seus sentimentos por George murchassem como uma planta sem água —, mas nunca havia reconhecido abertamente que o contrário também deveria ser verdade: que o amor poderia existir — até florescer — para além dos formulários de casamentos e classificações de sexo. De repente, era assombroso que ela e George tivessem sido unidos um ao outro com amargor diante dos olhos do mundo, enquanto essas almas devotas precisaram

camuflar sua alegria e a esconder por trás de muros, caminhadas e jardins secretos.

Tia Kelmarsh poderia ter sido uma madrasta, em vez de uma tia.

Era um pensamento de partir o coração. Atualmente, Catherine valorizava ainda mais a ideia de uma família, porque lhe havia restado tão pouco dela. Sabia que abraços não eram do agrado da tia, então, em vez disso, entrelaçou o braço no dela e se apoiou de leve em seu ombro.

— Obrigada por nos trazer aqui — falou baixo.

As bochechas da mulher mais velha coraram com algo além do vento. Seus lábios se curvaram com um afeto aliviado.

— Fico feliz em saber que você reconhece a verdadeira importância desse lugar. — Depois de mais um olhar para os vívidos laranjas e dourados da gruta de conchas, ela guiou Catherine de volta à trilha. — Agora, vamos sair deste frio e mergulhar no melhor ponche de conhaque do cozinheiro.

— Pode-se servir ponche de conhaque em abril? — questionou Catherine.

Tia Kelmarsh riu.

— Minha cara, quem poderá nos impedir?

Catherine e Lucy partiram muito depois do que haviam previsto, com tijolos quentes aos seus pés e envoltas em capotes, iluminadas pelo poente. Lucy logo pegou no sono: tia Kelmarsh realmente havia sido generosa com o ponche de conhaque. O chapéu da jovem estava um pouco torto, e uma mecha de seu cabelo escuro tinha se soltado do penteado e descia pela bochecha. Ela se mexia de leve aqui e ali, os lábios murmurando coisas que não eram bem palavras. Catherine se acomodou no banco oposto da carruagem e por fim abriu a caixa de pensamentos que vinha escondendo durante a maior parte da vida.

A verdade era inescapável: mulheres poderiam se apaixonar por outras mulheres.



Muito estranho que uma ideia pudesse mudar sua vida tão completamente e, ainda assim, se encaixar com perfeição em tudo que havia antes. Sentiu a força daquilo nos ossos. Não era bem como ver a própria biografia reescrita, mas sim como se de repente fosse capaz de ler o outro conjunto de linhas escritas na transversal da mesma página. A maneira como a curva da cintura de uma mulher fazia seu coração bater mais forte. A alegria quando a viscondessa italiana de cabelo escuro e olhos cintilantes havia rido das provocações de Catherine. Era desejo, o mesmo que havia sentido pelos homens atraentes que conhecera, e alguma parte astuciosa dela devia ter reconhecido aquilo desde sempre, porque havia dedicado muito esforço para impedir que aqueles pensamentos e impulsos chegassem à superfície.

E a troco de quê? De um casamento decoroso e infeliz e uma viuvez decorosa e solitária? Havia arranjado um amante depois da morte de George, apenas porque podia: estava isolada, temporariamente exilada da Inglaterra em razão da incerteza das guerras, e a súbita liberdade das restrições de George haviam acendido uma revolta imprudente dentro de si. Ela havia bebido champanhe demais, flertado descaradamente com um secretário da embaixada e embarcado em um caso que fora uma verdadeira tempestade.

Então, na marca de um ano, o amante a havia pedido em casamento, e Catherine tinha sido obrigada a romper a relação. Até ele fazer a pergunta, ela não sabia quão profundo era seu pavor de se colocar de novo sob o controle legal, financeiro e emocional de um homem. O amante havia ficado chocado e furioso. O rompimento tinha sido hostil de ambas as partes, e Catherine não repetiria o experimento. Se buscar consolo físico criava esperanças em um e, no fim, causava uma decepção dolorosa em todos, melhor continuar sozinha.

Havia pensado que poderia suportar a solidão da viuvez com mais serenidade do que o suplício de um mau casamento. Mas era como escolher se cicuta ou beladona era o melhor veneno. No fim, ambos sugavam a vida.

Aquela mesma voz astuta lhe sussurrava naquele momento: se tivesse um caso com uma mulher, não teria que temer o espectro do casamento de modo algum.

Aquilo minimizaria os riscos de forma fácil e natural. Uma amante mulher não poderia impor qualquer autoridade sobre as finanças de Catherine, tampouco reivindicar quaisquer direitos em assuntos legais. Caso o desejo se esgotasse, a separação poderia acontecer com discrição e privacidade, sem exigir nenhuma lei parlamentar para que se tornasse oficial. Havia a chance considerável de escândalo se fossem descobertas, claro — mas, ainda assim, sendo mulheres, estariam mais a salvo da crueldade da lei do que se fossem dois homens da mesma inclinação. Amizade, as pessoas chamariam em público, por mais que orassem em silêncio para que as filhas nunca tivessem amigas como elas.

Era chocante quão perfeita era aquela solução. Catherine se questionou como ninguém pensava nisso. Mas, até aí... talvez muitas pensassem, e ela apenas não havia notado. Era só olhar para a mãe e tia Kelmarsh, nos tempos idílicos em Ruche Abbey.

Sem dúvida, as colinas e cabanas pacatas do interior da velha Inglaterra abrigavam mais que apenas um casal de damas aos olhos de todos à exceção da Igreja e da Lei.

Talvez em anos passados a ideia não teria sido nada além de uma brincadeira filosófica para se entreter na segurança dos próprios pensamentos. Mas agora havia Lucy. Lucy, com seus sorrisos ligeiros e sua mente ainda mais ligeira — e que havia deixado perfeitamente claro que seus gostos estavam em consonância com os de Catherine. Aquilo significava, ao menos, que o maior obstáculo da questão já havia sido ultrapassado...

A carruagem passou por uma lombada, sacudindo as duas. Lucy resmungou algo incoerente e piscou freneticamente, mas logo o sacolejar voltou a embalar seu sono.

Catherine soltou um suspiro e voltou a se recostar, a interrupção permitindo que a cautela voltasse a entrar nos recantos costumeiros. Ela balançou a cabeça como se quisesse limpar as teias de aranha. Quem diria, ela imaginando seduções, paixões e brigas, quando ainda nem havia colocado os pés

naquele caminho. Não havia duvidado naquela mesma manhã que Lucy quisesse uma amante? Ah, a srta. Muchelney podia corar e tecer elogios, e uma ou outra vez Catherine a havia flagrado olhando *daquela* forma gratificante — sabia que Lucy não era de todo indiferente aos encantos dela, fossem quais fossem no momento presente. Mas aquele tipo de flerte contido era uma coisa. Uma sedução era outra bem distinta. Ainda mais se tudo que Lucy quisesse fosse uma amizade — no sentido habitual, e não eufemístico.

Catherine teria que fazer isso de maneira cuidadosa. Um passo de cada vez. Convidar, em vez de conquistar. Sempre deixando a Lucy a chance de recuar ou rejeitar. Doeria, mas não seria nada. Catherine prezava a liberdade de Lucy em relação a esse assunto tanto quanto prezava a sua própria. *Eu quero mais; entendo se não quiser.*

Seria melhor começar com algo simples. Um presente, era disso que precisava. Algo que encantasse Lucy, mas não parecesse um fardo. Doces ou flores ou joias, o tipo habitual de presentes de cortejo, pareciam genéricos e, portanto, insatisfatórios. Precisava ser algo pessoal.

Catherine repassou seus dias juntas e se lembrou de todas as vezes que Lucy havia apontado os olhos atentos ao bordado de Catherine, perguntando sobre os nomes e espécies das flores. E a infame Priscilla não havia feito as vinhas do melhor vestido de Lucy?

Catherine estava começando a abominar aquela faixa de bordado verde. O vestido tinha sido usado mais duas vezes nas semanas após o jantar da Sociedade. O guarda-roupa de Lucy era tão limitado quanto se podia esperar de uma jovem criada em um canto tranquilo do país. Talvez Catherine pudesse arranjar um ou dois vestidos novos...

Não. Por mais tentador que fosse mandá-la à sua costureira favorita e dizer que a condessa de Moth cuidaria da conta, aquilo só faria com que Lucy se sentisse envergonhada, coagida e talvez um pouco como um animal de estimação.

Transformar uma pessoa em um projeto era uma forma terrível de galanteio.

Lucy se remexeu enquanto dormia, puxando o capote sobre os ombros. Ela devia ter uma tendência aos calafrios. Compreensível, esbelta como era. Catherine se lembrou de quando lhe emprestara um xale na noite do jantar da Sociedade — e a inspiração entrou como um sopro e estourou dentro do corpo feito um raio. Ela tirou o caderno da bolsa e começou a rascunhar.

Na tarde do dia seguinte, quando Lucy voltou à biblioteca, Catherine deu início à busca de materiais. Seu estojo de agulhas, já que a agulha grossa não serviria para o tipo de trabalho delicado que tinha em mente. Meadas de seda em tons claros de branco, verde, dourado e prata. E um pedaço de tecido azul-escuro, uma mistura de seda e lã, que era mais leve, macia e quente do que a cor fria sugeria.

Em cima da escrivaninha, ela espalhou os primeiros rabiscos apressados, anotando alterações e possibilidades nas margens. Aos poucos, começou a traçar uma forma a lápis sobre uma folha de papel em branco, refinando as curvas e acrescentando linhas compridas e espirais delicadas. Quando estivesse satisfeita com o resultado, perfuraria o papel com buraquinhos a cada linha e o cobriria com pó de decalque, deixando uma versão pontilhada do desenho sobre o tecido embaixo dele, pronta para a agulha e o fio a preencherem.

Escondeu tudo quando Brinkworth trouxe o chá, até Lucy sair mais uma vez. Na hora do jantar, já havia finalizado e perfurado a estampa, que estava pronta para o bordado do dia seguinte. Tomou cuidado para trabalhar o mais lenta e meticulosamente possível, não apenas por causa das linhas compridas e precisas, mas também porque cada dia que passava era mais um dia em que Lucy se distanciava de seu último caso amoroso.

Catherine a desejava, porém, mais do que isso, queria ser desejada em retorno. E Lucy não o fazia se ainda estivesse sofrendo pela jovem que havia perdido. Portanto, Catherine deixou os dias correrem como água enquanto dava ponto após ponto após ponto, como se cada um remendasse um pequeno rasgo no coração de Lucy Muchelney.

# Capítulo Cinco

COM UMA EXCLAMAÇÃO PASSIONAL, Lucy amaldiçoou o modo subjuntivo do francês.

Olhou feio para os rabiscos da última tentativa. Oléron merecia muito mais, e ela estava começando a se desesperar na tentativa de capturar ao menos um terço da clareza cristalina do original. Dois meses de tradução e expansão constante ainda não a haviam ajudado a suportar as frustrantes concessões. Escreveu *poderia* para a tradução do verbo, franziu a testa, riscou, escreveu *poderia* de novo e, então, em parênteses, acrescentou *deveria* com um par indefeso de pontos de interrogação.

Que a Lucy do Futuro tomasse a decisão final durante as revisões do texto. Ela era sempre mais decidida, sabe-se lá por quê. Talvez por estar um pouco mais perto da morte do que a Lucy do Presente?

Ela suspirou e se recostou na cadeira, rodando os ombros para aliviar a tensão de ficar horas debruçada à mesa. Quando começava a refletir sobre a inevitabilidade da morte e a brevidade terrível da longevidade mortal, era sinal de que havia passado tempo demais olhando as coisas da perspectiva do Universo. Precisava de algo em uma escala humana em que se concentrar até a estrutura das coisas voltar ao normal.

Uma batida leve anunciou a entrada de lady Moth à biblioteca. Seu vestido era de uma suntuosa cor de ameixa que ressaltava o dourado do cabelo e o rosa das bochechas. Ela estava absolutamente radiante e, no fundo de Lucy, um acorde tocou como se uma mão tivesse dedilhado as fibras de sua alma e criado uma melodia.

Deveria ser agonizante, viver e trabalhar em ambientes fechados ao lado de uma mulher tão bela e, ao mesmo tempo, tão inalcançável. Mas o coração de Lucy, recém-recuperado, estava pronto para se banhar em qualquer sensação que não

fosse a dor aguda da perda — portanto, o fascínio não correspondido por sua benfeitora vinha não como uma angústia, mas como uma compensação agradável à dificuldade do trabalho diário. E, se o sentimento por vezes tirava seu fôlego e juízo e a mantinha acordada até altas horas da noite, bom, ninguém precisava saber. Na verdade, era muito mais seguro e conveniente do que qualquer caso amoroso real teria sido.

Talvez aquela era a forma como seu futuro poderia ser mais bem conduzido: dedicando os dias ao trabalho científico e passando as noites em silêncio, sofrendo em segredo por uma mulher de cabelo dourado e mãos hábeis.

Foi apenas quando lady Moth colocou o tecido sobre a mesa que Lucy percebeu: um, ela estava encarando, e dois, havia muita coisa acontecendo naquele tecido. Era azul-escuro, bem enrolado, e parecia muito fino.

— O que é isso? — perguntou Lucy.

Lady Moth se sentou em seu lugar de costume do sofá, mas a maneira como se debruçou e a faísca em seus olhos fizeram o coração de Lucy bater mais forte em expectativa.

— Uma coisinha que fiz — disse a condessa e sorriu, com certo nervosismo. — Um presente.

Lucy se empertigou, assombrada.

— Um presente para mim?

O riso de lady Moth era sempre suave, como se tivesse ficado guardado por tempo demais, sem uso.

— Para quem mais?

Lucy balançou a cabeça, sentindo-se boba, e ergueu a mão. O tecido se desenrolou e se revelou um xale extenso, fazendo-a engasgar de emoção.

Havia pensado a princípio que era um azul-oceano, mas ali, diante dela, se abriu todo o céu da noite.

Cada ponta do xale brilhava com cometas, frias esferas prateadas feitas de pontos cravados, alguns com caudas longas e finas de fios únicos estendidos em direção ao centro do tecido. Dispostos em uma linha, eles ganhavam formas como colunas clássicas ou arcos de um monumento palladiano. Entre as pontas havia um vasto espaço estrelado, lantejoulas vítreas diminutas

espalhadas sobre o azul como diamantes em veludo. O olho treinado de Lucy logo identificou formas conhecidas — havia o agrupamento retangular da Ursa Maior, as pontas de Cassiopeia, a rainha ciumenta, e os ombros largos de Órion, o caçador. Ela voltou a olhar, fascinada, para a barra de cometas, maravilhando-se com a variação sutil de cores nos fios de seda. Prata, branco, dourado e até um toque do verde mais claro, cada fio posicionado de maneira tão precisa quanto uma pincelada na obra-prima de um retratista, dando a impressão de que cada cometa ainda estava de alguma forma cortando o céu da noite em na própria jornada impossível.

Lucy queria enrolar aquilo ao redor de si como uma armadura — e, ah, como ele exaltaria seus vestidos de linhas simples e cores enlutadas... Os lavandas e cinzas ficariam sóbrios e maduros, em vez de simples e sem ornamento.

— Gostou? — perguntou lady Moth.

Lucy ergueu os olhos, inglês, francês e a língua da astronomia rodopiando loucamente no cérebro.

— Estou me esforçando muito para não chorar na sua frente de novo — balbuciou ela —, mas é difícil... porque essa deve ser a coisa mais linda que já vi na vida. — Ela estendeu a mão de novo para sentir a maciez do tecido, mas se conteve, pairando-a sobre as lantejoulas que só poderiam ser as Plêiades. Todo um estrelário, bordado em seda. — Você disse que fez isso?

Lady Moth assentiu com a cabeça.

Toda aquela cena tinha sido costurada de maneira cuidadosa, minuciosa, um ponto por vez pelas mãos talentosas de lady Moth. Lucy perdeu o fôlego e torceu para que o vermelho das bochechas pudesse ser confundido por um rubor de gratidão, pois tudo em que conseguia pensar no momento eram as mãos da condessa passando por todos os lugares onde o xale passaria: sobre a curva dos ombros de Lucy, entrando na dobra do cotovelo, afagando a pele macia da nuca...

Ela engoliu em seco e buscou algo inofensivo para dizer.

— Obrigada. É deslumbrante. Quando arranjou tempo?

Lady Moth abaixou a cabeça.

— Não demorou muito. Eu trabalho rápido, depois de tantos anos de prática.

Lucy se atreveu a passar o dedo sobre um dos cometas. Ele praticamente inflava sob o toque.

— Nunca vi bordados com esse tipo de sombreado antes — falou. — Lembra uma pintura.

— É uma técnica que minha mãe me ensinou. Mais trabalhosa do que o bordado em bastidor, mas os resultados são impressionantes, não? E muito precisos. Minha mãe adorava criar representações em bordado das coisas que os naturalistas, botânicos e exploradores traziam de suas viagens.

Lucy dobrou o xale com cuidado para proteger o delicado bordado de contas e ergueu os olhos para encarar o olhar esperançoso da condessa.

— É algo que eu adoraria ver.

— Seria um prazer mostrar para você.

Então a condessa sorriu. Um sorriso novo, tímido e cheio de esperança. Um sorriso como o primeiro raio da aurora. Lucy estava encantada.

Lady Moth guiou o caminho até a sala de estar, as folhas de palmeira no papel de parede cintilando verdes e as partículas de poeira dançando douradas sob o sol. Enquanto Lucy se acomodava no sofá, lady Moth se dirigiu à prateleira sobre a escrivaninha e pegou o livro de amostras da mãe.

As páginas eram feitas de linho, cetim, seda e calicô, alguns obviamente recortados de antigos vestidos desfeitos, outros retirados de amostras que vinham junto com edições de periódicos femininos como a *Ménagerie de Griffin*. Todas as páginas estavam endurecidas pelo tempo e pelos pontos, muito mais grossas do que Lucy havia previsto: a sétima condessa havia morrido bem antes das novas musselinas leves se popularizarem.

O bordado em si era uma profusão de cores e formas: longas séries de pontos que compunham penas, florais de cores vivas arrojadas e cenas pastorais. Alguns eram experimentos, testando combinações coloridas e pontos novos, ou bordados para harmonizar com um tecido estampado — mas, quanto mais



páginas lady Moth virava, mais ilustrações botânicas e científicas surgiam, retratadas cuidadosamente em tons de azul, verde, vermelho e marrom intenso. Grandes conchas encrespadas, plantas e flores tropicais vívidas e, então, no meio delas, exótico por ser tão inesperado, um sutil mas inconfundível jardim de caracóis. Era exatamente como aquele que Lucy havia visto nos mosaicos do jardim da sra. Kelmars, aquele memorial a um amor por tanto tempo escondido...

*Ah.*

Lucy ficou zozza enquanto o mundo se rearranjava ao seu redor. O peso da revelação a manteve paralisada no sofá, enquanto lady Moth continuava a virar as páginas de amostra e oferecer explicações de uma especialista.

Perspectiva, como os astrônomos sabiam, era tudo. Será que Lucy poderia estar vendo a condessa de maneira errada desde o princípio? Todos os rubores ao amanhecer, todas as vezes que os olhos dela brilharam quando Lucy lhe fazia uma pergunta, a maneira como às vezes a fitava com tanta intensidade. Todos aqueles momentos minúsculos... Se havia a suposição de que lady Moth se interessava apenas por homens, essas insinuações eram vagas como estrelas distantes à luz do dia. Mas, ao considerar que ela talvez pudesse desejar outra mulher como amante...

A condessa estava certa: os astrônomos passavam muito tempo enganados antes de reconhecerem a verdade.

E agora lady Moth lhe havia feito um xale de presente. Com as próprias mãos. Se Lucy estivesse certa, cada ponto era como uma carícia.

Que se danassem todas aquelas bobagens sobre distrações convenientes e desejos não correspondidos: se a condessa de fato estivesse tentando seduzi-la, Lucy estava mais do que disposta.

Ela só precisava de um pouco mais de prova. Por via das dúvidas.

Mais uma página foi virada. Essa cena mostrava duas figuras femininas diante de um túmulo, a mais alta segurando a mão da menor, e as letras na lápide marcavam as datas de nascimento e

morte enquanto um salgueiro abria os galhos lamentosos em torno delas.

— Seu pai? — perguntou Lucy.

Lady Moth fez que sim.

— Eu tinha 7 anos — disse ela. — Foi muito repentino. Minha mãe usou preto durante três anos. — Ela inclinou a cabeça. — Até tia Kelmarsch se mudar para nossa casa, parando para pensar.

— Você acha... — Lucy engoliu em seco. Era uma pergunta terrivelmente indelicada de se fazer, mas a verdade muitas vezes importava mais do que os bons modos, independentemente do que os livros de etiqueta diziam. — Você acha que sua mãe foi mais feliz com seu pai ou com a sra. Kelmarsch?

Lady Moth ficou em silêncio por tanto tempo que Lucy quase entrou em desespero pensando que a havia ofendido de verdade. Estava tentando compor pedidos de desculpa na mente — algo difícil quando não se podia admitir abertamente o erro —, quando a condessa voltou a falar:

— Não acho que o amor funcione dessa forma. Seria como perguntar à Terra qual é mais importante, o Sol ou a Lua. — Ela corou em um tom mais rosado e ergueu os olhos, brilhantes como estrelas. — Nem sempre se pode julgar com base no que veio antes. Às vezes, há uma revolução.

As palavras jorraram sobre Lucy como a luz solar, ou o brilho de um planeta recém-descoberto. Ela ficou olhando, deslumbrada.

Lady Moth manteve o queixo erguido, embora a respiração dela estivesse rápida.

O coração de Lucy palpitou em resposta, como se alguém tivesse substituído o órgão com algo alado e frenético. Devagar, centímetro por centímetro, caso a condessa mudasse de opinião, Lucy ergueu a mão. As pontas dos dedos roçaram com cuidado a linha do maxilar de lady Moth, mal tocando a pele macia.

Quando alcançou a curva da bochecha, a condessa se inclinou na direção de sua mão, de maneira leve mas inequívoca.

Na juventude, Lucy havia embarcado em romances com menos estímulos do que esse. Mas a maturidade e o sofrimento

a haviam tornado cautelosa. Por isso, perguntou, com um tom de voz um pouco acima de um sussurro:

— Posso beijar você?

Lady Moth prendeu o ar, depois soltou um suspiro que formou as palavras:

— Por favor.

Lucy se aproximou, ao mesmo tempo que a condessa, e o beijo rebentou onde elas se encontraram.

Apenas um leve roçar de uma boca na outra, mas que fez calor, luz e estrelas perpassarem todo o corpo de Lucy. Ela inspirou e tentou outra vez, da mesma forma, repetindo o experimento. O mesmo resultado: chamas cintilantes.

Quando o beijo terminou, a condessa riu um pouco, parecendo surpresa, e Lucy achou compreensivo. Também estava sem palavras. Queria afundar as mãos no cabelo de lady Moth, mantê-la no lugar e a beijar até o sol escurecer, a lua perder o brilho e as estrelas se apagarem como velas de cera queimadas.

O destino não era tão generoso com suas horas, porém. Lucy só conseguiu beijá-la até a bandeja de chá ribombar um alerta no corredor.

O som as fez se separarem, as mãos de lady Moth subindo nervosas às bochechas vermelhas e as de Lucy descendo para ajeitar as dobras da saia, amarrotada contra a da condessa.

Brinkworth serviu chá e bolinhos na mesa diante delas, fez uma reverência e foi embora.

Lucy olhou para o contraste entre sua musselina cinza e a seda elegante cor de ameixa da condessa, e se sentiu puxada para a Terra mais uma vez. Lady Moth serviu o chá como fazia todos os dias, embora o rubor nas bochechas fosse um estímulo à memória. Quando o último bolinho foi comido, não havia mais nada para Lucy fazer a não ser voltar à biblioteca e à tradução.

O xale ainda estava sobre a mesa, paciente e sereno. Ela o colocou sobre os ombros e se deleitou com o calor enquanto, do outro lado da janela, o dia lentamente dava lugar à noite.

Lucy usou o xale novo para o jantar. Catherine perdeu o fôlego quando o viu, observando as contas de vidro cintilarem enquanto a jovem se movia — embora os olhos de Lucy cintilassem mais ao encontrarem os de Catherine. A condessa enrubesceu dos pés à cabeça e ficou grata por estar sentada: não sabia ao certo se os joelhos a teriam sustentado caso estivesse em pé ao receber aquele olhar.

Mas havia criadas, valetes e Brinkworth em volta delas, de modo que não havia nada a fazer além de jantar.

Levou duas taças de vinho para Catherine encontrar coragem para dizer:

— Gostaria de ver meu próprio livro de amostras de bordados?

Lucy tirou os olhos do prato, o garfo suspenso em pleno ar como um diapasão. Um entendimento novo vibrava entre elas, tenso e arrebatador como a nota de um violino.

— Eu o guardo lá em cima — esclareceu Catherine. — Em meu quarto.

A jovem inclinou a cabeça diante disso, enquanto Catherine desejava que o parquet se abrisse sob seus pés. Sem dúvida era o convite mais desajeitado que Lucy devia ter recebido. Mas, toda vez que olhava para Lucy, os beijos da tarde se estendendo entre elas, bem... todas as frases praticadas de Catherine a desertavam a favor de arranjos francos, diretos e curtos que, com sorte, permitiram que outros beijos acontecessem quanto antes. Por que procurar frases engenhosas quando havia coisas muito melhores para se fazer com a boca?

Então Lucy sorriu e, por um momento, baixou os olhos para os lábios de Catherine. A condessa fez de tudo para não levar o dedo à boca e sentir o calor que aquele olhar havia deixado ali.

— Seria uma honra — disse Lucy baixinho.

Finalmente a refeição terminou, os pratos foram retirados, e as duas subiram a escada para os aposentos de Catherine na ala norte da casa.

Não era o maior quarto — George havia pegado esse para si, no centro do corredor —, mas havia uma pequena chaise longue e uma visão perfeita do jardim dos fundos. Narayan estava esperando para ajudar Catherine a tirar o vestido.

— Acho que a srta. Muchelney e eu podemos ajudar uma à outra hoje — Catherine disse a ela, esforçando-se para não se sentir descaradamente ousada e imprudente.

A criada lançou um olhar curioso para Lucy, depois fez uma reverência e foi para o próprio quarto, dois andares acima.

Catherine não tinha ideia do que fazer com as mãos. Ah, sim, o livro de amostras. Ela o tirou do lugar na última gaveta da mesa de cabeceira.

— Este é meu segundo volume de amostras. O primeiro fiz quando era criança — explicou, enquanto Lucy se sentava na chaise longue. Catherine se sentou ao lado dela. — Comecei este no dia em que George e eu partimos em nossa primeira expedição.

Ela abriu o livro na primeira página e ficou bastante satisfeita quando Lucy perdeu o fôlego, admirada.

Ali havia um mapa, as linhas conhecidas do globo traçadas em preto sobre linho cor de creme. Longitude e latitude foram feitas em pontos curvos ao redor dos hemisférios. Os dedos de Catherine percorreram a linha mais grossa do ponto central que traçava um caminho no meio do mar, da Inglaterra a Nova Gales do Sul, passando por várias ilhas do Pacífico. Ela havia marcado cada porto onde haviam atracado com uma pequena flor local, e quatro grandes buganvílias ornamentavam os quatro cantos da amostra do mapa.

Lucy suspirou.

— Essa é toda a viagem?

— A viagem de ida. — Catherine virou a página. — Esta é a de volta.

Lucy se debruçou, apontando para uma figura vermelho-viva.

— O gengibre-abacaxi!

Catherine sorriu.

— Exatamente onde o vi pela primeira vez.

Ela virou mais páginas, e os mapas deram lugar a bordados mais experimentais e práticos, em que Catherine testava novas técnicas ou praticava pontos aprendidos nos lugares para onde viajara. Estampas de seda acolchoada da Índia, formas

geométricas arrojadas, estrelas e flores que lembravam teias, feitas de um único fio retorcido em volta de pontos fixos.

Então virou uma página e ficou paralisada. Havia esquecido o que vinha depois. A mão de Lucy segurou o canto com firmeza, o olhar se aguçando.

— Quem é esse?

Mesmo depois de dois anos de liberdade, Catherine sentiu um embrulho no estômago quando seus olhos pousaram nos traços do rosto do finado marido.

— George.

Ela o havia representado com o olhar fixo nos céus, o cabelo rebelde ondulado, a pele bronzeada e o rubor causado pelos ventos fortes vindos do mar.

A data inserida com esmero no canto inferior direito zombava dela: havia trabalhado nesse retrato quando o amor por ele ainda era novo e reluzente, como uma caneca de estanho ainda não lançada ao mar, onde estaria destinada a enferrujar e deteriorar.

— Éramos recém-casados, e foi minha primeira viagem a bordo do navio... Tudo era tão emocionante. Navegadores e astrônomos faziam leituras a todo momento, botânicos se preparavam para coletar amostras quando desembarcássemos, naturalistas estudavam padrões climáticos, os voos de aves e as criaturas marítimas que avistávamos ao longo do caminho. E, claro, os marinheiros, que mantinham o navio na rota e as velas estendidas para o alto, estavam sempre trabalhando e observando os céus. Mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar. Na verdade, não havia nada em que George quisesse a minha ajuda, então julguei que poderia fazer uma espécie de registro. — Catherine virou para a página seguinte, com um latejar de afeição e luto misturados. Um velho com um olho cintilante e bigodes rebeldes. — Este é o capitão Lateshaw.

Ela virou página após página de bordado, mostrando a Lucy o conjunto inteiro — todos os estudiosos e marinheiros, muitos dos quais haviam sido levados por doenças e acidentes —, bem como as paisagens acrescentadas depois, quando chegaram às ilhas.

E, claro, chegou ao retrato da princesa, com os seios desnudos e um brilho régio e desafiador no olhar. Era a filha de um chefe tribal, em uma ilha cujo nome oficial havia mudado muitas vezes desde que os primeiros europeus lá desembarcaram.

Catherine balançou a cabeça, uma pontada de lástima ardendo dentro dela.

— Quase toda a população da ilha foi levada por doenças desde então. Um dos marinheiros me contou em nossa segunda viagem. Esse retrato, malfeito, obscuro e a meio mundo de distância, pode ser tudo que resta dela.

— Não sei por que você insiste em chamar seu trabalho de malfeito. Seus pontos são quase como pinceladas, duvido que meu irmão ou algum dos amigos dele poderiam ter feito tanto mesmo com os pincéis mais delicados e as tintas mais bem misturadas... — Lucy ergueu os olhos para o rosto angustiado de Catherine e virou a página às pressas. — Ah — disse, surpreendida. — Quem é essa?

Uma mulher de cabelo preto e rosto de raposa vestindo vinho a encarava em resposta, o queixo inclinado com altivez e os olhos castanhos alertas e calorosos. Os lábios eram uma sinfonia sensual, a covinha ao lado do sorriso perfeitamente posicionada.

A boca de Catherine ficou seca. Lucy não sabia a frequência com que ela ficara olhando para aquele retrato na privacidade de seu quarto — ou como a afetava toda vez.

— Essa é a *contezza* Maddalena Bricci — falou, corando ao ouvir a rouquidão da própria voz. — Nós nos conhecemos em nossa viagem de volta do Egito depois da segunda expedição. Ela era uma pintora e me ensinou muitas coisas sobre cor e sombra. Você vai notar que os bordados ficam muito melhores depois deste ponto no livro.

— Ela é linda — exclamou Lucy, admirada.

— Esse retrato pode ser melhor que os outros, mas ainda assim não faz jus a ela — Catherine se apressou em ressaltar. — Você precisava ouvir o riso dela... — Então ergueu os olhos para encontrar os de Lucy estreitados, enquanto ela refletia. — O que foi?

A boca comprida da jovem se curvou com astúcia.

— Suponho que eu não tenha sido a primeira mulher que você já beijou — disse ela devagar. — Fui?

Catherine ficou completamente enrubescida.

— Foi — respondeu, cáustica —, mas confesso não ter sido a primeira que eu *quis* beijar.

— Então se sente atraída por mulheres difíceis de cabelo preto — disse Lucy, se aproximando.

— Deus me ajude, mas parece que sim.

Só havia uma forma de terminar essa conversa; Catherine se apressou em puxar Lucy para a frente até que seus lábios se tocassem.

A delicadeza suave da tarde se foi, substituída por um beijo com o sabor suntuoso de vinho e ardente como fogo. Catherine bebeu puro prazer da boca ávida de Lucy, os gemidos estimulantes da jovem disparando seus mais novos e ousados impulsos. Não tinha se embriagado durante o jantar, mas estava zonzona, o quarto girando ao redor e a única coisa sólida eram a pele, o calor e o toque da mulher em seus braços.

O beijo continuou sem pausas, mas, quando os dedos curiosos de Catherine desceram pela linha do corselete de Lucy, a jovem se afastou, arfando.

A condessa baixou a mão no mesmo instante, sentindo tanto pânico quanto excitação.

— Rápido demais?

Tinha ido longe demais; havia perdido o controle, tentado demais, cedo demais...

Lucy riu e fez sinal para a puxar de volta. Catherine ficou tensa de imediato, a vergonha pelo desejo desgovernado transformando seu anseio em cinzas.

Os olhos atentos de Lucy a observaram com atenção.

— Não foi rápido demais para mim... mas talvez tenha sido para você?

Catherine se esforçou para desfazer os nós de seus sentimentos, depois bufou, frustrada.

— Não sei.

Lucy pegou as mãos dela, acariciando-as entre as suas.



— Então vamos parar.

Catherine piscou. Seus sentidos ainda estavam em polvorosa, a respiração rápida e quente na garganta.

— Simples assim? — Não sabia se estava reclamando ou questionando se Lucy falava sério.

— Claro — respondeu Lucy, despreocupada, como se não tivesse acabado de dizer uma das coisas mais desnorteantes que Catherine já ouvira. — O objetivo é ansiarmos mais uma pela outra, não é? Se estivermos mais nervosas do que excitadas, vamos esperar. Simples.

Catherine estreitou os olhos.

— Não quer fazer mais do que apenas me beijar?

Lucy riu outra vez, e o eco sensual de seu riso deslizou como mel quente pela espinha de Catherine.

— Ah, se quiser que eu escreva toda a minha lista de desejos, vai ser Natal antes de eu terminar. — Ela passou um polegar sobre o dorso do punho de Catherine; a pulsação da condessa saltou para encontrar seus dedos. — Mas todas essas ideias dependem de você querer que eu as faça. Ou de querer fazer coisas comigo. Porque a intenção não é que você faça ou eu faça, mas que façamos juntas. — Os olhos dela ficaram distantes, fixados em alguma memória. — A primeira garota que me levou para a cama me ensinou isso. Ela era doce e paciente... e muitíssimo criativa, depois que eu estava pronta. — Ela riu baixo, vendo o rubor crescer nas bochechas de Catherine. — Mas, durante os primeiros seis meses, tudo que fizemos foi nos beijar.

As bochechas de Catherine se aqueceram mais, e os olhos desceram para a boca de Lucy.

— Não sei se quero esperar tanto tempo.

O olhar de Lucy se aguçou, e seus lábios se entreabriram enquanto inspirava, mas ela disse apenas:

— O tempo que precisar. Agora, já que você dispensou sua criada, permita-me ajudá-la a se despir.

Não era assim que Catherine havia imaginado ser despida por Lucy. Alimentara noções vagas de apertos e puxões apressados e desesperados, e uma despreocupação generalizada com

botões, laços e costuras. Com George fora assim — até ele parar de buscar a cama dela por completo —, e Darby também. Ela havia presumido que as pessoas se comportavam assim no auge da luxúria. A paixão não deveria levar para além das fronteiras do bom senso, da cautela ou do controle?

Mas as mãos de Lucy eram cuidadosas e delicadas enquanto desamarravam a parte de trás do vestido de Catherine, afrouxavam o espartilho e tiravam todos os grampos do cabelo desgrenhado. Era mais próximo de como Narayan a despia — embora a criada nunca desse beijos em sua nuca nem passasse os dedos por seu cabelo solto de maneira tão luxuriosa. Era... como se todos os toques de Lucy fossem um fio sedoso, pintando um pôr do sol com uma meada de luz quente por vez. Ao fim, Lucy colocou a camisola de veludo favorita de Catherine sobre os ombros dela e a beijou uma vez mais, com doçura. A condessa não pôde evitar se derreter um pouco.

— Boa noite — sussurrou.

Lucy riu.

— Boa noite, milady.

— Catherine — corrigiu ela.

Lucy parou.

— Catherine. — Sua língua pareceu se demorar no nome, e o sorriso se alargou com prazer. — Boa noite, Catherine.

Ela saiu pela porta, deixando a condessa se sentindo ao mesmo tempo reconfortada, abandonada, completa e absolutamente perplexa.

# Capítulo Seis

NO DIA SEGUINTE, APESAR DO TURBILHÃO AMOROSO, Lucy tomou cuidado para seguir a rotina habitual. Não conseguia evitar se lembrar da palpitação condoída na voz da condessa — de Catherine —, ou do lampejo de pavor em seus olhos, quando os beijos se tornaram algo mais. Alguém a havia machucado antes, e muito.

O culpado óbvio era o finado marido.

Lucy olhou feio para a biblioteca ao redor, como se um olhar firme o bastante pudesse exorcizar o fantasma de George St. Day. As cartas dele para o pai dela nunca haviam sido lá muito calorosas, mas eram cordiais o suficiente para Lucy nunca ter desconfiado que ele nutria uma frieza secreta e cruel.

Mas, até aí, nunca havia previsto que a intrépida e espirituosa lady Moth também tivesse um lado frágil ou que decidiria beijá-la com tanta avidez. As pessoas podiam surpreender.

O chá veio, e depois o jantar. Lucy manteve a conversa leve, auxiliada pela distração conveniente de uma passagem de Oléron sobre as marés que estava lhe dando inúmeros problemas.

— Se eu interpretar o verbo de uma forma, ele está falando sobre oscilação como um evento único — explicou ela —, mas, interpretando de outra, é um estado contínuo. Uma constante. Os franceses usam o mesmo tempo verbal para as duas coisas, mas não consigo acreditar que a matemática se alinhe corretamente se for o primeiro caso. — Então espetou o garfo com violência no inocente frango assado no prato. — Como podemos concordar sobre as verdades universais se, entre os ingleses e os franceses, nem sequer concordamos sobre qual tempo o evento ocorreu? Não é de se admirar que os humanos tenham tantas guerras.

Catherine riu em resposta.

Lucy bufou, e moveu os pedaços de frango pelo prato.

— Bons tempos quando o latim era a língua das erudições e todos sabiam o que os outros queriam dizer quando escreviam.

— Ah — disse Catherine —, mas assim não eram restritas pelas regras e pelo comportamento da gramática latina?

— Ao menos todos eram restritos igualmente — disse Lucy. — Eu não teria que adivinhar o que Oléron poderia estar tentando dizer se a língua francesa tivesse um presente contínuo.

— Você está fazendo uma expansão, não uma tradução à risca. Já está se distanciando do original. Por que não pode decidir qual verbo é melhor dentro das fronteiras dessa estrutura?

— Porque... — Lucy mordeu o lábio, bufou de novo e por fim disse: — Porque e se eu estiver enganada?

Catherine apertou a boca, achando graça.

— É como sempre digo: os astrônomos vivem enganados.

— Mas e se eu me enganar, e Oléron levar a culpa? — persistiu Lucy. — Tenho a responsabilidade de não deturpar o material que estou tomando por base, ainda que eu esteja indo além dos objetivos originais. Talvez especialmente por isso. Esta será a primeira vez que a obra aparecerá em inglês, e os cientistas ingleses vão querer basear seus experimentos e teorias no que esse texto diz. Quaisquer erros que eu introduzir serão não apenas repetidos nos trabalhos que vierem depois, mas também interpretados como erros do original, e a reputação de Oléron sofrerá por culpa da minha negligência. — Ela cutucou mais duas vezes a carcaça de frango antes de suspirar e soltar o garfo. — Talvez fosse por isso que o sr. Hawley queria vários tradutores: para que eles pudessem identificar melhor esses problemas antes que fossem para o mundo e se multiplicassem.

— O sr. Hawley queria vários tradutores para poder jogá-los uns contra os outros — disse Catherine, cáustica. — Dessa forma, preservaria a autoridade dele na Sociedade Refinada de Ciências sem ter que fazer nenhum trabalho propriamente dito.

Lucy pestanejou, surpresa.

— É uma opinião muito dura sobre ele.

Catherine franziu a testa sob o olhar curioso da jovem.

— Sim, bom, passei muitos anos na Sociedade apenas como uma observadora extraoficial. Uma ajudante, na prática. Tinha que saber como todo o sistema funcionava para ajudar George a progredir. Talvez eu reconheça as manipulações do sr. Hawley porque eu mesma recorri a elas por vezes. É possível que não sejamos tão diferentes assim, e eu devesse ser mais compassiva com alguém que pode não conseguir fazer o trabalho da forma como gostaria.

Ela se recostou na cadeira, com o olhar distante.

Lucy se inclinou à frente, ansiosa, àquela altura reconhecendo os sinais de que Catherine St. Day estava prestes a contar uma história.

— Ele estava em nossa primeira expedição, lembra? Foi a primeira dele também. Ele ficou doente depois que partimos da Terra de Van Diemen. Muito doente, quase morreu. Ainda parecia um pouco um fantasma quando voltamos à Inglaterra.

— Mas os resultados dele foram espetaculares. Ele provou que várias teorias dominantes sobre magnetismo estavam erradas e fez uma contribuição incomensurável ao conhecimento atual sobre botânica — interveio Lucy.

Catherine concordou com a cabeça, os lábios apertados.

— Ah, sim, ele foi festejado, celebrado e até convidado a Windsor para falar com o rei — disse ela. — E gostou imensamente da fama e da bajulação. Fundou a Sociedade Refinada de Ciências no auge da glória, e todos estavam ansiosos para se tornar membros. Mas, sempre que alguém o pressionava a marcar uma data para a próxima viagem, ele arranjava uma desculpa. Ainda estava tentando cultivar amostras de espécies que trouxera, ou havia alguma questão entre os membros da Sociedade que tomaria sua atenção por um tempo. Então, outros botânicos começaram a sair em viagens, e o sr. Hawley ficou em casa.

— Mas o trabalho dele não parou por aí — argumentou Lucy. — Ele teve mais sucesso do que ninguém no cultivo de espécies raras: orquídeas, arbóreas, até plantas carnívoras.

— Tenho certeza de que não foi o suficiente. Quando o rei veio ver suas orquídeas? São os viajantes que recebem toda a

atenção da realeza: os cartógrafos, os navegadores e os que mapeiam o céu. George tinha pretensões de depor o sr. Hawley da presidência, se um dia fizesse uma descoberta grande o bastante para justificar o golpe.

Lucy apertou os lábios.

— Você acha que o sr. Hawley sabia disso?

— Tenho certeza que sim. Por isso agora se envolve muito em todos os diferentes temas científicos, equilibrando vários pratos ao mesmo tempo. Algumas pessoas ganham muito com a orientação dele. Tenho certeza de que George não teria feito metade do que fez sem os estímulos do sr. Hawley. Mas também o vi agir de maneira a suprimir aqueles cujo trabalho não lhe pareciam nobres o bastante. — Ela ergueu a taça, observando o líquido cor de rubi girar sob a luz. — Ele pensa na ciência como algo a ser cultivado, em que os ramos transgressores devem ser aparados. Nem sempre confio na decisão dele sobre as partes que devem ser podadas.

Lucy sorriu.

— Você prefere que a ciência seja uma erva daninha crescendo na alameda, passível de ser descoberta por qualquer pivete e capaz de dominar todo terreno em que for plantada?

Catherine sorriu.

— Imagine o que esses pivetes podem especular, que nós, aristocratas de estufas, mal conseguimos imaginar.

Lucy fungou, com um ar maroto, e ergueu o queixo com altivez.

— Não sei se fico ofendida em ser a pivete ou a aristocrata nessa metáfora.

Os olhos de Catherine cintilaram, e a intensidade neles tirou o ar dos pulmões de Lucy e ateou fogo no lugar.

— Nenhum dos dois — disse a condessa em voz baixa. — Você é o tipo de estudiosa que se importa com a verdade acima de tudo. Não há nada tão raro ou que devesse ser mais valorizado por todos.

Lucy engoliu em seco.

— Você está me bajulando.

— Estou? — Os lábios de Catherine se curvaram; era um sorriso provocador, cheio de promessas, e iluminou Lucy como uma tocha. — Você acaba de me dizer que está trabalhando para manter sua tradução fiel à escrita de Oléron. Está tentando se implicar nela sem se colocar entre o mundo e o autor original. É uma empreitada muito difícil. — Ela colocou a taça de vinho na mesa. — Também é exatamente a coisa certa a fazer.

Lucy não tinha resposta a isso. Suas bochechas estavam em chamas e ela não conseguia encontrar um lugar seguro para onde olhar por mais de meio minuto.

Não que nunca tivesse sido elogiada antes — o pai sempre exaltava seu intelecto (se não sua feminilidade), e as ex-amantes sempre comentaram de sua sagacidade (se não de sua beleza). Mas não conseguia pensar em nenhuma outra vez em que alguém houvesse elogiado com tanta determinação algo que nem havia conseguido fazer ainda.

Catherine elogiara o discernimento de Lucy, e algo naquilo a inebriava mais do que qualquer bebida forte.

As duas foram diretamente para o quarto de Catherine depois do jantar, como se já estivesse combinado entre elas.

A criada de lady Moth lançou um breve olhar curioso para Lucy, mas então apagou qualquer expressão do rosto e fez uma reverência enquanto era dispensada.

— Pode aproveitar e falar para Eliza que não precisarei mais dela esta noite? — disse Lucy, corando.

— Sim, senhorita — disse Narayan, e fechou a porta atrás de si.

Lucy olhou para Catherine, cujas bochechas estavam rosadas, mas cujos ombros permaneciam duros e tensos. Ela levou a mão à bochecha da outra mulher, sentindo uma gratidão inexplicável quando a condessa se entregou à carícia com um suspiro.

Lucy roçou um beijo leve na boca dela.

— Pensei nisso o dia todo — falou.

O rubor de Catherine se intensificou.

— Eu também. Estou extremamente envergonhada pela forma como me comportei ontem à noite.

— Não precisa. — Lucy a guiou até a chaise longue e a sentou em um lado. A postura de Catherine era impecável, mas aquilo não era uma surpresa. Quanto a Lucy, ela se recostou com tranquilidade na curva acolchoada. As duas se sentiriam melhor se aliviassem um pouco a tensão. — Você comentou que nunca tinha beijado uma mulher antes.

— Sim, mas não se trata de algo inteiramente novo para mim — disse Catherine, com acidez. — Fui casada por quinze anos. — Ela desviou o olhar. — Tempo suficiente para superar o ardor juvenil. E esse não é bem o tipo de conversa que se tem com uma... com uma nova amante.

— Você esquece — disse Lucy com o ar travesso — que sou uma astrônoma. Me importo muito mais com a verdade do que com o decoro.

Catherine bufou.

— Então sou algo da natureza de um experimento?

Lucy mordeu o lábio.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta.

— Mas eu *não* sou uma astrônoma, tampouco algum tipo de naturalista — retrucou Catherine. — Não realizo experimentos.

— Não — concordou Lucy. — Você é uma dama viajada e de alto nível, dada a caprichos repentinos e vítima de impulsos devassos.

Ela riu enquanto Catherine balbuciava objeções. Mas a condessa parecia menos nervosa, e os cantos de sua boca estavam se erguendo.

Lucy prosseguiu.

— George foi o único amante que você teve?

— Não — respondeu Catherine. — Houve outro homem, depois que George morreu. Mas ele... eu... — Ela balançou a cabeça, com visível dificuldade para encontrar as palavras. — Com George, não havia como lhe agradar. Fiquei empolgada ao encontrar um homem que queria ser agradado, e fiz tudo que ele me pedia apenas para me sentir aprovada. Mas algumas das coisas... — Então fez uma pausa. — Quanto de sua inocência posso arruinar no decorrer de uma noite?



— Já estou bastante arruinada — disse Lucy. — Pode me contar.

Catherine mordeu o lábio, então empertigou a coluna.

— Ele era... bruto.

— Ah — falou Lucy, em um tom de total compreensão. — Ele machucou você.

— Ele nunca encostou a mão em mim com raiva.

Lucy insistiu, baixinho:

— Ele a machucou, e você não pensou que poderia contestar.

— Ele encontrava um êxtase particular em provocar dor, e tolerei porque era algo tão novo, ser capaz de proporcionar felicidade em vez de sofrimento ou raiva a alguém. Às vezes, quando ele me machucava mais do que eu conseguia suportar, eu respondia na mesma moeda. Ele gostava disso também. A disputa, a dor. Eu me sentia como um animal selvagem, na maior parte do tempo... mas meu amante se extasiava com isso. Eu ficava perplexa e grata ao mesmo tempo, e pensava: talvez todos os melhores tipos de paixão tenham sido drenados de mim, depois de tantos anos de negligência. — Ela baixou os olhos. — Ele era sempre gentil, depois.

— Há pessoas que gostam de causar dor, e outras que sentem prazer no sofrimento. — Lucy se debruçou, pousando uma mão no pulso de Catherine. — Isso não torna o prazer delas mais ou menos real do que o nosso... é apenas uma questão de gosto. Como preferir chá de hortelã a chá de camomila. — Ela subiu a ponta dos dedos pela pele de Catherine até a curva macia do cotovelo. A outra mulher prendeu a respiração, e Lucy lambeu os lábios. — E você ainda tem, sim, suas paixões.

— E se eu perder o controle novamente? — sussurrou Catherine.

— Entendo se tiver medo — respondeu Lucy —, mas eu não tenho.

Ela ergueu a mão da condessa e deu um levíssimo beijo em seu dorso.

Catherine soltou um suspiro trêmulo.

Lucy continuou — seus dedos mapearam o caminho das veias no pulso pálido de Catherine, e sua mão alisou os pelos

arrepiados do antebraço. Ela seguiu a linha da clavícula, a coluna ondulada do pescoço e os cachinhos que escapavam dos inúmeros grampos para cair onde a escápula encontrava a espinha. Catherine gemeu de prazer enquanto Lucy tirava os grampos, um a um, derramando os cachos dourados sobre as duas. Quando ela finalmente — finalmente! — encostou os lábios na boca de Catherine, a condessa estava quase arfando de prazer, tremendo, sentindo calafrios e retribuindo o beijo com algo semelhante a desespero.

Lucy permitiu que uma chama de triunfo sensual tremulasse no peito, silenciosamente, quando os braços de Catherine envolveram seu pescoço com luxúria e a puxaram para perto sem o menor sinal de medo ou hesitação.

No entanto, a condessa não foi mais longe do que isso. Lucy não se importou. Paciência era um jogo que ficava feliz em jogar em troca das recompensas certas.

Na noite seguinte, entre um beijo e outro, Lucy retirou o vestido de Catherine e depois o dela, bem como os espartilhos, mas deixou as camisolas e as meias-calças. Na noite depois dessa, tirou apenas uma das meias-calças de Catherine, e a segunda na noite seguinte. E assim por diante, noite por noite, uma peça delicada de tecido por vez caindo no piso, como sementes sopradas de um dente-de-leão, até enfim conseguir encostar pele contra pele.

Lucy teve calafrios, embora não sentisse frio algum. Catherine estava sobre ela na cama, os lençóis enroscados em volta dos tornozelos, a luz do fogo tremeluzindo suavemente sobre metros de pele curva cor de creme.

— Você é tão linda — murmurou Lucy, passando a mão ao longo da curva irresistível da cintura da condessa.

Catherine se abaixou para lhe dar outro beijo, demorado e luxurioso. Ela não havia ficado paralisada desde aquele primeiro dia, mas Lucy mantinha as mãos suaves e seguras mesmo assim. Estava determinada a não apressar as coisas, por mais forte que seu coração batesse.

A condessa desceu a mão pela barriga de Lucy, então apertou um seio. Lucy gemeu de prazer na boca de Catherine, o mamilo

ficando tenso sob a palma da mão da outra mulher. Ela estava se concentrando tanto em não apressar as coisas que ficou completamente chocada quando Catherine a envolveu com uma coxa e desceu a mão até o ponto sensível entre as pernas de Lucy.

Lucy gritou enquanto todos os músculos do corpo se espasmavam de prazer.

Catherine parou, os olhos arregalados.

— Rápido demais?

— Por Deus, não — gemeu Lucy, e se arqueou com anseio sob a mão dela.

O riso ofegante de Catherine saltitou ardente sobre a pele de Lucy enquanto ela colocava o mamilo que havia provocado na boca. Os dedos continuaram a brincar entre as pernas dela, e Lucy agarrou os lençóis com a mão livre para não emaranhar o cabelo de Catherine.

A outra mão de Lucy ainda estava na cintura de Catherine, de modo que sentiu no mesmo instante o movimento da condessa. Ela entreabriu os olhos fechados durante o espasmo a tempo de ver Catherine se apertar contra a coxa de Lucy, curvas suaves e calor úmido roçando sua pele febril. A condessa gemeu com a fricção e mordeu os lábios, um retrato do desejo desesperado.

E, nesse instante, tão repentinamente que nem teve tempo de tomar ar, o clímax de Lucy chegou. Suas costas se afastaram da cama conforme o prazer tomava conta, deixando todo o resto de lado. Ao longe, ela ouviu Catherine sussurrar palavras de incentivo em seu ouvido, e isso só a fez vir uma segunda vez, o orgasmo reverberando através de si e a fazendo estremecer como as chamas dançando na cornija.

Quando voltou a si, Catherine estava deitada ao seu lado, acariciando seu quadril, e as curvas amplas de seu corpo estavam inclinadas com um orgulho lânguido, como uma estátua antiga de Vênus. Lucy estendeu os braços para cima e riu, meio envergonhada, meio impressionada.

— Quem me mandou tentar tratar você como uma virgem inexperiente?

Catherine acariciou Lucy mais um pouco, a mão vagando provocativamente sobre a barriga e os seios pequenos.

— Consegui aprender uma coisa ou duas em quinze anos de casamento — disse ela.

— Só uma coisa ou duas? — provocou Lucy.

Ela puxou Catherine para baixo dela e se sentou sobre o corpo deleitável da condessa. A outra mulher se abriu com anseio quando a mão de Lucy foi descendo, mas seus olhos se arregalaram de verdade quando Lucy desceu até conseguir colocar os ombros sob os joelhos de Catherine. Lucy viu uma covinha no joelho esquerdo de Catherine e deu um beijo delicado nela, abrindo as pernas da mulher um pouco mais. Dourada, corada e perfeita: ela era ainda mais linda do que em todas as imaginações secretas de Lucy.

A condessa se apoiou em um cotovelo, as sobrancelhas douradas ligeiramente franzidas.

— O que é que você está fazendo?

A expectativa atravessou o corpo de Lucy como um cometa.

— Ah, então esta não é uma daquelas coisas? — As mãos dela foram subindo, dos joelhos até as coxas trêmulas, e ela roçou os polegares ao longo das dobras macias entre as pernas da condessa. — Permita-me lhe mostrar uma artimanha que aprendi em meus tempos de escola. Embora eu tenha certeza de que você não a encontrará em parte alguma do currículo.

Ela curvou a cabeça e deu uma lambida, no exato ponto onde sabia que Catherine mais precisava.

Não era um feito pequeno, fazer uma condessa praguejar.

Lucy riu e lambeu Catherine de novo — e de novo e de novo, apertando os quadris da outra mulher com as mãos para a manter no lugar enquanto os gritos da condessa se tornavam mais altos e ofegantes. Ela usou todos os truques de lábios e língua em que conseguiu pensar, lambendo, chupando e apertando a carne macia. Dedos criteriosos, aplicados com malícia, causaram outra rodada de imprecações fabulosas. Catherine soluçou enquanto gozava, a língua ávida de Lucy apanhando todas as gotas do prazer dela. Com um longo gemido, Catherine caiu para trás, arfando, enquanto Lucy subia

para se aninhar na curva orvalhada de seu pescoço, com uma satisfação mais do que física reverberando por seu corpo.

— O que achou dessa novidade?

Demorou um tempo para Catherine formular uma resposta.

— Visitei muitos lugares estranhos e tive muitas experiências únicas em minhas viagens — murmurou, o busto generoso arfando de maneira encantadora para cima e para baixo —, mas nunca imaginei algo assim. — Ela ergueu o braço atrás da cabeça e se espreguiçou, suas curvas assumindo novas topografias fascinantes. — Eu me sinto definitivamente libertina.

Lucy sorriu.

— Você deveria ter ficado em casa e aprendido sobre a boa e velha devassidão inglesa, como eu fiz.

Catherine riu baixo enquanto Lucy puxava os lençóis sobre elas.

— Se está se oferecendo para me ensinar, espero que seja uma boa acadêmica e me ensine com rigor.

Lucy riu e mordiscou o lóbulo da orelha de Catherine, adorando a maneira como ela suspirava e estremecia.

— Farei anotações cuidadosas e tomarei cuidado para que meus experimentos possam ser repetidos.

Embalada pelo calor e pela doçura do toque da condessa embaixo dela, os braços de Catherine em torno de seus ombros, Lucy pegou no sono antes que conseguisse resistir.

Um gritinho e um estrépito fizeram Catherine abrir os olhos cedo demais na manhã seguinte.

O sol já havia nascido, mas fazia pouco tempo. O barulho tinha sido o balde de carvão, batendo com suavidade contra a cornija quando o pé de Narayan o acertou. O gritinho tinha sido a própria Narayan, chegando mais cedo do que de costume para preparar o vestido matinal de Catherine.

Catherine, que no momento não usava roupa alguma, apertou o lençol sobre o peito e encarou em frenesi a criada, cujos olhos estavam arregalados de espanto.

Lucy — igualmente nua, e ao que parecia com um sono agitado — estava aconchegada na curva do braço de Catherine olhando para o outro lado, a curva da espinha encaixada na curva da cintura de Catherine, uma perna longa para fora dos lençóis. As mãos apertavam o braço da condessa junto ao peito, como se tivesse medo de que Catherine tentasse fugir durante a noite.

Narayan se agachou e pegou a roupa que havia derrubado.

— Perdão, milady — disse ela, rouca. — Devo... voltar em alguns minutos? — Seus olhos se voltaram para Lucy e então se desviaram, e ela ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha vermelha de vergonha.

Catherine podia sentir o próprio rubor ardendo nas bochechas.

— Sim, por favor — conseguiu dizer, medindo todos os quilômetros do abismo entre o puritanismo tenso de seu tom de voz e a indecência de sua postura e vestimenta. Ou falta deles.

Narayan fez uma reverência apressada e desapareceu. Catherine voltou a cair no travesseiro com um bufo apreensivo.

Algumas pessoas tinham anos para aproveitar vícios ilícitos e depravações secretas antes de serem expostas à censura pública. Aparentemente, ela estava condenada a ser descoberta depois de apenas uma noite.

Saiu da cama, vestiu o primeiro roupão que encontrou e cutucou Lucy.

A outra mulher murmurou algo e esfregou os olhos remelados de sono.

— Já é de manhã? — perguntou ela.

— A criada virá em breve — sussurrou Catherine, agoniada. Ela passou uma mão pelo braço de Lucy, do ombro ao cotovelo. — Narayan estava aqui agora há pouco. Deus sabe o que ela imaginou que andamos fazendo.

A outra mulher se espreguiçou e sorriu, como um gato.

— Algo muito próximo da verdade, sem dúvida. Pode me emprestar um roupão? — perguntou, enquanto o rubor de Catherine ficava mais forte com a lembrança de tudo que haviam feito na noite anterior.

Quando Catherine voltou com um manto — seu segundo melhor roupão, todo feito de seda verde acolchoada com enfeites de renda —, Lucy saiu da cama e deixou que Catherine a ajudasse a se vestir. Ela se movia rápido, mas sem pânico, enquanto Catherine se agitava como um corvo que havia entrado pela janela e não sabia como sair.

Lucy se abaixou e lhe deu um beijo rápido mas intenso; Catherine sentiu a dissonância dolorosa dos próprios nervos se atenuar até um zumbido suportável.

— Não fizemos nada do que nos envergonhar — disse Lucy, as mãos quentes e firmes sobre os ombros de Catherine. — Não importa o que os outros pensem. — Catherine assentiu, assumindo uma expressão de coragem, e Lucy lhe deu um aperto tranquilizador. — Esse certamente não é o primeiro segredo que precisou confiar aos criados, é?

Catherine se lembrou das agressões de George, as breves explosões cercadas por longos períodos de silêncio gélido. Quando o evitava, ele abusava dos criados em vez dela — gritando com as criadas, exigindo coisas impossíveis dos valetes, repreendendo os jardineiros. Um dos motivos para ela ter ido à última expedição era que a viagem minimizava os alvos de George: ele nunca se atrevia a perder a calma a bordo do navio e sob o comando ferrenho do capitão.

O relacionamento dela com Lucy poderia ser um verdadeiro escândalo... mas não faria mal a ninguém.

Então Catherine beijou Lucy outra vez e cintou o roupão emprestado com firmeza. Ele deixava os longos braços da jovem nus na altura do punho, embora o tecido extra de seda grossa sobrasse na cintura.

— Eu a vejo no café da manhã — disse ela.

Lucy sorriu e soprou um beijo de despedida enquanto saía alegre do quarto.

Catherine não podia culpá-la: sentia o mesmo, como se sua alma estivesse levíssima e o mais ligeiro impulso a fizesse sair voando em direção aos céus.

Narayan retornou quinze minutos depois, o rosto perfeitamente neutro, e começou a ajudá-la a se vestir. Roupa de baixo,

espartilhos e meias-calças foram colocados com a precisão habitual, embora Catherine se esforçasse para não corar ao lembrar da facilidade com que essas peças haviam sido tiradas com o auxílio intrépido de Lucy na noite anterior.

— Sinto muito por tê-la perturbado esta manhã, milady — disse a criada, com os olhos baixos e rugas de tensão.

— Não tem problema — disse a condessa, sentando-se em frente à penteadeira.

Os dedos rápidos de Narayan não tiveram dificuldade para arrumar o cabelo mais do que desgrenhado de Catherine em algo sério e respeitável. Ela ergueu os olhos e encontrou os de sua dama no espelho.

— Posso lhe fazer uma pergunta impertinente, milady?

Catherine se preparou para o pior.

— Pode.

A expressão de Narayan estava fechada e contida, como se ela também temesse aquilo.

— A senhora sabia que a srta. Muchelney acabaria... dormindo aqui ontem à noite, quando me dispensou?

Uma pergunta de fato impertinente, mas algo na tensão dos ombros da criada fez Catherine segurar qualquer reprimenda.

— Eu tinha uma certa ideia do que aconteceria — admitiu. Seu rubor se intensificou, mas ela fez questão de erguer o queixo. — Pegamos no sono antes de nos lembrarmos de ser discretas. Sinto muito por ter chocado e ofendido você.

— Ofendido! — O tom de Narayan era de total surpresa e, enquanto Catherine observava, raios solares de uma esperança cautelosa derreteram o gelo da expressão dela. — A senhora estava apenas tentando esconder o caso, então, milady?

— Sem muito sucesso, pelo visto — murmurou Catherine.

A verdade era muito difícil, e o excesso de honestidade doía terrivelmente.

— Ah, não, milady... quero dizer, sim, eu... hoje de manhã... ah, milady — disse Narayan e, com certo espanto, Catherine viu todo o sangue se esvaír do rosto dela —, se importa se eu me sentar um pouco?

— Minha nossa, imagina!



A condessa a pegou pelo cotovelo e a ajudou a se sentar no banco ao pé da cama.

A criada estava tremendo e, por um tempo, tudo que conseguiu fazer foi se manter curvada sobre os joelhos e fazer longas inspirações trêmulas. Depois, ela ergueu a cabeça, e os olhos brilhavam de alívio.

— Perdoe-me, milady — disse ela, com uma risadinha. — Passei as duas últimas semanas pensando que a senhora estava prestes a me mandar embora.

— Como assim? — exclamou Catherine. — Por que eu faria isso? Você é maravilhosa. Não me vejo fazendo algo assim sem motivo.

— Mas a senhora pediu para a sra. Shaw trazer Eliza para cima — respondeu Narayan. — E minha irmã, que é dama de companhia da ilustre srta. Cuthbert, avisou para tomar cuidado quando começam a trazer pessoas que são mais jovens... e de pele mais clara. — Ela ergueu o queixo enquanto falava isso.

— Ah! — Catherine levou a mão à boca quando os fatos ficaram claros. — Ah, por isso você estava preocupada. Sinto muito. Eliza foi trazida para trabalhar para Lucy, insisti sobre isso com a sra. Shaw...

A condessa vacilou, mas Narayan havia recuperado a compostura habitual a essa altura e conseguiu cruzar as mãos e assentir.

— Entendo, milady. — Um lampejo de bom humor ergueu o canto dos lábios dela. — A senhora poderia pedir à jovem Mary que adie a preparação da lareira pela manhã. Para que tenha que dar menos explicações.

— Obrigada — disse Catherine. E fez uma pausa, enquanto um pensamento lhe ocorria. — Também posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

Narayan pestanejou e parte da preocupação retornou ao rosto, mas ela fez que sim.

— Você ganha mais aqui do que sua irmã com a ilustre srta. Cuthbert?

— Ganho um pouco mais em salário, milady, mas, se me permite falar com franqueza, Sara usufrui bem mais em termos

de roupas de segunda-mão. A ilustre srta. Cuthbert é muito requisitada no círculo social, e sempre se espera algo novo de seu guarda-roupa.

O que significava, Catherine sabia, que sempre havia algo mais velho indo embora — algo que uma dama londrina elegante havia usado até o ar de novidade ou a última moda passarem, mas que ainda valeria uma soma considerável quando dado a uma dama de companhia atenciosa que conhecia todos os brechós certos. Catherine suspirou e balançou a cabeça, sabendo que deveria ter custado a Narayan certo sofrimento em comparação à posição da irmã. Ela nunca havia frequentado muito esses círculos, e nem pretendia.

— Eu poderia falar com a sra. Shaw sobre aumentar seu salário, para compensar minhas terríveis tendências eremitas...

A criada se empertigou.

— Não precisa comprar meu silêncio, milady. Discrição é uma virtude em qualquer bom servo, como o sr. Brinkworth sempre diz. — Catherine não soube o que dizer, mas Narayan seguiu ereta. — O vestido azul-celeste hoje, o que acha?

Catherine pensou em como Lucy a havia olhado na última vez que vestira o azul-celeste, quando pensou que ela não estava vendo, e fez que sim.

— Perfeito.

## Capítulo Sete

LUCY ENTROU EM SEU QUARTO POUCO MENOS de um minuto antes de Eliza chegar para ajudá-la a se vestir para o café da manhã. A menina pareceu espantada ao encontrá-la fora da cama, usando um roupão que claramente vinha do guarda-roupa de outra mulher.

— A condessa me emprestou, pois ficamos acordadas até tarde ontem à noite — explicou Lucy, e ficou orgulhosa ao sentir as bochechas apenas levemente ruborizadas.

— Claro — disse Eliza. — Mas a cor combina com a senhorita, muito primaveril.

Ela abriu o guarda-roupa, e as duas se desanimaram ao contemplar o espectro *nada* primaveril de pretos, cinzas, roxos lúgubres e lavandas apagados ali pendurados.

Lucy suspirou.

— Sinto falta de cores de verdade. Tenho suficiente do temperamento artístico de meu irmão para gostar de tons mais vivos do que esses. Meu período de luto já terminou faz meses.

Havia escrito para Stephen, que vinha lhe enviando a pensão religiosamente desde que ela chegara a Londres, mas seus fundos não eram vastos a ponto de conseguir comprar um vestido novo com os preços da cidade. Ao menos, não o tipo que poderia usar perto de uma condessa. Ou em cima de uma condessa. Ou embaixo de uma condessa...

— Não é tão ruim assim. — Eliza passou o dedo na manga de uma musselina lavanda. — Algo poderia ser feito com alguns deles, para dar mais vida — sugeriu. — Bastaria um pouquinho de dourado e verde neste aqui para melhorá-lo. Algo em volta da barra, ou uma borda no corselete. — Ela notou o olhar surpreso de Lucy, e retomou os traços serenos de uma dama de companhia. — Isto é, se a senhorita quiser.

Lucy olhou para o vestido com o bordado de Pris, vinhas que o cercavam como tentáculos.

— Receio ter perdido o gosto por florais.

— Não precisam ser florais. Algo assim, talvez?

O rosto de Eliza se iluminou enquanto tirava um livrinho do bolso. Era uma cartilha, muito folheada e quase caindo aos pedaços, mas todos os espaços não ocupados pelo texto impresso haviam sido preenchidos por desenhos em giz, carvão ou lápis. Retratos, caricaturas, animais, navios, edifícios... mas também estampas: linhas, círculos e pontos, estranhos organismos ondulados e figuras geométricas precisas tão afiadas quanto cacos de vidro. Eliza virou para uma página perto do fim, onde um espaço em branco entre cantigas tinha sido preenchido com uma profusão de pontos dispersos a princípio, mas que se amontoavam mais e mais.

Os olhos de Lucy se encheram de lágrimas só de olhar.

— Mas com cores, claro — disse Eliza.

Como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Lucy inclinou a cabeça, admirada com o volume de trabalho presente naquele livrinho.

— Quando você encontra tempo para desenhar, Eliza?

— Quando a sra. Shaw não me pega.

Lucy riu.

Eliza ficou vermelha.

— Eu não deveria ter dito isso.

— Não vou contar para ninguém. — Lucy olhou para o guarda-roupa e soltou um suspiro. — E qualquer coisa que puder fazer por meus vestidos será bem-vinda. Se o tempo e a sra. Shaw permitirem, claro.

A criada abaixou a cabeça.

— Claro, senhorita.

Ao que parecia, ela conseguiu persuadir a governanta, porque, na manhã seguinte, Eliza havia transformado por completo um dos vestidos roxos. Ele passou a ter uma bainha fina de nós brancos no corselete e na barra, com colunas de outros nós que se tornavam cinza e depois pretos perto da cintura. Lucy admirou o efeito no espelho e desceu para o café da manhã, mais feliz do que nunca.

Catherine ergueu os olhos com alegria — e um rubor acanhado, visto que haviam dividido a cama mais uma vez noite anterior —, mas, quando os olhos desceram para o bordado, o rosto dela se fechou.

— O que há de errado? — perguntou Lucy de imediato.

— Nada. — A condessa balançou a cabeça, arriscando um sorriso. — Foi um pensamento bobo, nem vale a pena comentar. — Seus olhos desceram para o corselete de Lucy, depois se desviaram. — Pris realmente era uma bordadeira talentosa.

— Sim, era — confirmou Lucy, intrigada; então caiu em si, e o significado quase a deixou de queixo caído. — Ah! Isso não é obra de Pris. Eliza que fez, depois que lamentei o estado de meu guarda-roupa.

Catherine deixou o café de lado e observou com mais atenção, enquanto Lucy enchia um prato de comida e o trazia à mesa.

— Ela é *muito* boa. Você a orientou a colocar as cores dessa forma?

— De modo algum — disse Lucy. — Foi tudo ideia dela. Eu não poderia ter pensado em algo assim nem se me dessem mil anos e sedas de todas as cores do arco-íris. — Ela ergueu a mão e a virou de um lado para o outro, admirando a maneira como os pontos dançavam ao longo do braço. — É incrível como uma técnica tão simples, apenas um punhado de pontos, possa ter um efeito tão formidável. É lindo, não é?

— Muito.

Lucy corou profundamente ao ouvir a ternura na voz da amante. O sorriso de Catherine se escondeu atrás da xícara quando ela deu outro gole de café.

Assim, Lucy se sentiu preparada para a conferência científica daquela tarde. Algo de que estava precisando, pois seria o primeiro evento da Sociedade Refinada de Ciências desde aquele jantar desastroso na casa do sr. Hawley. Ela nem sabia ao certo se lhe permitiriam participar, mas Catherine bufou quando Lucy levantou a questão e estava inabalável.

— É uma palestra pública. Você queria ouvir as ideias do sr. Edwards sobre os experimentos químicos dele, não queria?

— Sim — admitiu Lucy.

— Então vamos.

Catherine colocou as luvas, com a perfeita aparência de uma dama da sociedade urbana, sem intenção de tolerar qualquer disparate nem aceitar qualquer insulto. Seus cachos louros estavam presos com grampos, o vestido era de algodão cerúleo ajustado com perfeição, e um colar de pérolas pendia cintilante em volta de seu pescoço.

Lucy se perguntou se as pérolas ainda estavam frias ou se já haviam pegado um pouco do calor da pele de Catherine. Ela queria passar os lábios por elas, sentindo o contraste entre as pedras lisas e a pele macia.

Desejou que a própria roupa fosse uma fração tão tentadora, e de novo ficou grata por Eliza Brinkworth ter encontrado tempo para fazer algo com seu vestido. Ela colocou o xale estelar em volta dos ombros e viu um calor lampejar brevemente nos olhos de Catherine.

Não era pouco... mas ainda assim Lucy queria mais.

Ainda estava se sentindo um tanto insossa quando chegaram ao auditório. Havia chegado bem na hora, e o anfiteatro encontrava-se cheio, todos em expectativa. Havia uma divisão mais ou menos equilibrada entre dedicados filósofos amadores, poetas em busca de boas metáforas e membros da alta sociedade procurando uma distração durante a tarde até poderem se divertir em um salão de baile ou bordel. Lucy avistou o sr. Hawley, sir Eldon e o sr. e a sra. Chattenden sentados à frente, conversando e olhando ao redor com grande interesse.

O sr. Hawley cruzou o olhar com o dela e lhes abriu um sorriso frio que não poderia ter dito “Fiquem longe” com mais clareza nem se ele tivesse gritado. A sra. Chattenden se contentou com um aceno perfeitamente gentil. O sr. Chattenden não lhes deu atenção: estava com o maxilar tenso, olhando feio em volta, como se todos os membros da plateia o tivessem ofendido.

Catherine se aproximou do ouvido de Lucy.

— O sr. Edwards traz muito dinheiro para a Sociedade com esses eventos, mas está quase sempre destruindo alguma teoria nova ou predileta do sr. Chattenden. O cavalheiro não pode

escapar, mas sempre fica absolutamente enfurecido por ter que comparecer.

Lucy sorriu.

— Eu não ficaria tão contente também... mas ele parece uma chaleira prestes a ferver.

Catherine riu baixo.

— Uma vez, no ano passado, o sr. Edwards construiu um minivulcão como uma demonstração química. Ouvi alguns jovens travessos do clube White's apostando o que entraria primeiro em erupção, o vulcão ou o "palerma furioso da terceira fileira".

A gargalhada de Lucy em resposta foi alta o bastante para chamar a atenção de tia Kelmarsh, que estava acima delas na galeria. Ela acenou para Lucy e Catherine subirem; devagar, as duas atravessaram a multidão ruidosa e subiram pela escada.

O sr. Frampton estava ao lado de tia Kelmarsh e se levantou quando as damas se aproximaram.

— Encantado em vê-la novamente, srta. Muchelney — disse ele, dando um beijo na mão dela. — A senhorita parece muito bem... espero que a vida londrina esteja lhe sendo boa.

— Sim, está — respondeu Lucy. — Estou gostando muito da tradução, quando ela não me faz querer arrancar os cabelos pela raiz.

O sr. Frampton também deu um beijo na mão de Catherine. Seu tom continuou igualmente caloroso quando disse:

— Espero que não esteja causando muitas inquietações para a condessa.

Lucy interveio:

— Lady Moth tem sido uma anfitriã e, ousou dizer, uma amiga extremamente gentil. Na realidade, estamos ficando bastante inseparáveis.

Tia Kelmarsh abriu um sorriso astuto e encantado.

O rubor de Catherine era vermelho-escarlata, mas, antes que ela pudesse responder, um burburinho alertou a multidão que o sr. Edwards havia subido ao palanque e a palestra estava prestes a começar.

Ambrose Edwards tinha cabelo escuro, olhos gentis e um sorriso que fascinava pelo encanto juvenil. Lucy logo descobriu

que ele também tinha um intelecto vasto e ardoroso como poucos. Metafísicas, poesias e palavras tiradas do Evangelho eram combinadas livremente enquanto ele discutia segredos recém-descobertos do Universo. Lucy conseguia ver a teatralidade de tudo, como ele fazia uso de uma postura e noção de tempo teatral para prender a atenção da plateia, uma frase cuidadosa por vez.

Mas, mesmo sabendo como funcionava, ela também ficou encantada, em especial perto do fim, quando o sr. Edwards colocou de lado a nova substância brilhante que havia destilado com tanta paciência diante dos olhares atentos.

— Muito se fez a partir do intelecto humano na busca dessas novas filosofias — disse ele, com a voz de orador ressoando pelo salão. — Mas não há genialidade ou lógica que possa acontecer sem o poder da imaginação. Nosso aprendizado precisa da intuição e do instinto tanto quanto da inteligência pura. Não somos apenas mentes, apontadas como faróis para o mundo a nosso redor, produzindo luz mas sem absorver nada. Somos corpos, e corações, e esperanças, e sonhos. Somos homens e mulheres. Somos poesia e prosa em igual medida. Somos terra e argila, mas somos todos, independentemente da forma, iluminados por uma faísca de algo divino.

Os aplausos foram ensurdecedores. Lucy bateu palmas com mais força do que nunca. Algumas objeções murmuradas e alguns abanos de cabeça podiam ser vistos na plateia, mas nenhum deles conseguia deter os arrepios nos braços de Lucy e as lágrimas que se formavam no canto de seus olhos. Aquelas sensações significavam apenas uma coisa para ela: eram a prova de que estava ouvindo a verdade mais pura e absoluta. Aquilo elevou seu ânimo e a fez tremer como se uma estrela tivesse descido do céu e caído a seus pés.

A multidão começou a falar novamente, e o feitiço se quebrou.

Lucy suspirou e olhou mais uma vez para o presidente da Sociedade. O sr. Hawley lançou outro olhar incisivo na direção da galeria antes de arrastar o sr. Chattenden e sir Eldon em direção ao palco para conversar com o sr. Edwards. Do alto da galeria ela quase conseguia ouvir o ranger de dentes do sr. Chattenden.



Richard Wilby os acompanhou, tendo passado despercebido por ela de início, camuflado entre os jovens da alta sociedade. Ele praticamente saiu correndo para apertar a mão do sr. Edwards e começou a falar com muita animação; quase de imediato, o palestrante balançou a cabeça com a testa um pouco franzida e começou a argumentar em resposta.

Tia Kelmarsch tinha outro compromisso, mas o sr. Frampton ficou feliz em aceitar o convite de Catherine para tomar chá com ela e Lucy. Levou todo o trajeto de carruagem para que ele e Lucy comentassem tudo que o sr. Edwards havia demonstrado: o sr. Frampton discordava de algumas das hipóteses químicas dele, ao passo que Lucy estava igualmente fascinada e intrigada pelas ideias a respeito dos prismas newtonianos e da identificação de matéria gasosa.

Catherine serviu chá para eles com indulgência quando os assuntos eruditos se esgotaram. O sr. Frampton estava perdido em pensamentos, olhando para o longe, e a combinação de tensão e alívio chamou a atenção de Lucy. Ela pensou em como o matemático não estava sentado entre os colegas da Sociedade durante a palestra...

— Tem se dado bem com o sr. Wilby? — perguntou.

O sr. Frampton soltou um suspiro enquanto pegava a xícara.

— Nem um pouco, receio. Na realidade, para ser de todo franco e honesto a rigor... rompemos.

— Romperam? — perguntou Catherine.

— Por quê? — questionou Lucy.

O sr. Frampton fitou, melancólico, os olhos do lagarto na asa de sua xícara, que retribuiu o olhar com toda a compaixão que uma criatura de porcelana poderia oferecer.

— Tivemos um sério desentendimento a respeito da notação.

Catherine lançou um olhar para Lucy que era cheio de “Eu avisei”, enquanto o sr. Frampton continuava.

— O que se revelou como uma diferença irreconciliável, e a parceria foi dissolvida. Bom, talvez seja mais honesto dizer que minha parte foi dissolvida. Visto que abandonei o projeto. — Sua boca se contorceu com amargura, e ele engoliu um gole de chá e tudo mais que poderia querer dizer.

Lucy fez uma expressão solidária. Ela conhecia bem demais aquela sensação.

— O sr. Wilby quer traduzir tudo para a notação de Newton?

O sr. Frampton se empertigou no sofá de imediato.

— Sim! Embora muitas das funções podem ser trabalhadas *apenas* com variáveis leibnizianas.

Lucy bufou com desaprovação.

— Mas decerto ele entendia que Oléron estava escolhendo as ferramentas necessárias para o trabalho.

— Wilby parecia ofuscado pelo prestígio de Newton como gênio e cidadão inglês. Disse que era algo próximo a traição deixar que estrangeiros tenham tanto destaque em uma obra voltada para estudiosos ingleses. — Um peso parecia ter sido tirado de seus ombros quando ele voltou a se recostar, com a xícara na mão. — Depois de três dias sem nenhum trabalho além desse argumento, levei a questão ao sr. Hawley. Pensei que ele poderia ao menos ver meu lado... e admito que viu. Ou, ao menos, disse ter visto... Ele passou um bom tempo me dizendo como eu havia feito um bom trabalho e sido perspicaz ao notar a questão que havia lhe comunicado. Foi extremamente lisonjeiro.

— Mas... — provocou Catherine, com ironia.

— Mas — confirmou o sr. Frampton — disse que não poderia correr o risco de ofender sir Eldon desdenhando do sobrinho dele. Sir Eldon se ofereceu para assumir a sua parte do financiamento, lady Moth.

Lucy olhou para Catherine, que apenas assentiu, com uma expressão resignada no rosto.

— Imaginei que algo assim poderia acontecer.

Quanto mais avaliava o problema e o considerava de todos os ângulos, mais irritada Lucy se sentia.

— Então, já que o tio dele está financiando, ele consegue o que quer? — questionou ela. — Isso é terrível. É venal. É... anticientífico!

— É o dever do presidente da Sociedade Refinada de Ciências garantir que os fundos para a iniciativa permaneçam seguros — disse o sr. Frampton, com o ar de quem cita algo que ouviu com

frequência excessiva. — Ou a busca de todos por conhecimento será colocada em risco.

Lucy bufou.

— Como se nenhuma busca por conhecimento pudesse prosperar sem a supervisão do sr. Hawley.

O olhar melancólico do sr. Frampton se intensificou.

— Eu até entendo... ele sofreu bastante quando a senhora abandonou a tradução, milady.

— Quando meu dinheiro abandonou a tradução, o senhor quer dizer. — Catherine baixou os olhos, fingindo timidez, e deu um gole de chá, depois colocou a xícara vazia no pires e encarou o sr. Frampton com confiança. — O senhor estava pensando em pedir para participar do trabalho de Lucy no Oléron?

Lucy olhou um tanto embasbacada, surpresa pela repentina interpretação oportunista.

O sr. Frampton teve a hombridade de se mostrar constrangido.

— Esse pensamento me ocorreu — admitiu ele —, mas me pareceu tão terrivelmente presunçoso que o rejeitei quase de imediato. Em vez disso, pensei em pedir que restaurasse sua promessa de financiamento para a Sociedade, para que minha palavra sobre Leibniz pudesse ter algum peso. — Ele passou um dedo enluvado pela espinha do lagarto da xícara, cujo olhar agora parecia reprovador. O sr. Frampton suspirou outra vez. — Mas mudei de ideia em relação a isso também. Vai saber? Estou tentado a abandonar a Sociedade de todo. Não tem sido nem de perto tão produtivo quanto pensei que seria.

Lucy tinha ouvido o suficiente, e se empertigou no sofá.

— Permita-me compartilhar de sua indignação, sr. Frampton. Procurei nos arquivos e li seus artigos, o senhor tem um grande dom que deveria ser mais celebrado. Mas me pergunto... — Ela pegou uma fatia de pão com manteiga. — A tradução do Oléron era um projeto seu de estimação, ou o aceitou pela sugestão do sr. Hawley?

— Pela sugestão dele — respondeu o matemático. — Eu já estudei um pouco de tudo, mas meus trabalhos mais recentes vinham se focando em astronomia. Algumas das mesmas tabelas em que você e seu pai trabalharam, na verdade.

Lucy se deixou levar um pouco diante do reconhecimento — por menor que fosse, era mais do que já havia recebido. Ela mordeu o pão com manteiga para esconder a mistura de prazer e embraço.

O matemático continuou:

— Embora ele tenha acabado me admitindo como membro, o sr. Hawley insinuou que minha carreira teria que ser mais consistente se eu quisesse progredir no campo.

— Tenho certeza de que ele tinha muitas sugestões a oferecer — murmurou Catherine.

Lucy engoliu, então inclinou a cabeça quando um pensamento lhe ocorreu.

— Em que gostaria de trabalhar, se dependesse apenas do senhor? Se dinheiro não fosse um obstáculo e ninguém o estivesse guiando em direção a nada?

— Sendo sincero? — O sr. Frampton pareceu atordoado, depois pensativo.

Lucy se inclinou à frente, ansiosa pela resposta, enquanto Catherine observava pacientemente do outro lado do sofá.

Depois de um tempo, a voz dele retornou, lenta e cuidadosa:

— No meu primeiro ano depois de me formar, eu estava trabalhando com uma de suas tabelas, srta. Muchelney. Ponto a ponto, a senhorita mostrava como o trajeto de um cometa em particular arqueava pelo céu, ia embora, e voltava novamente. E me ocorreu que se poderia construir uma máquina para calcular com exatidão o tipo de funções que a senhorita e seu pai compilaram com base nos dados de St. Day — disse ele.

Lucy, esbaforida, sentiu uma descoberta espreitando além do horizonte, como se a pele sentisse o calor de um sol ainda por nascer.

— O senhor não está falando apenas sobre escrever as soluções em uma tabela — disse ela devagar.

O sr. Frampton assentiu, e seu sorriso era o de um garoto quando percebeu que Lucy compartilhava de seu entusiasmo.

— Eu me refiro a uma máquina que possa fazer todos os cálculos sozinha e apresentar um resultado exato toda vez.

Catherine bufou.

— Parece incrivelmente complicado.

— E é — confirmou o matemático. — Ela está se revelando absurdamente difícil de construir, mas acredito que possa ser feito, e um aparelho como esse seria inestimável de muitas maneiras.

— Mas o senhor precisaria de financiamento — disse Catherine. — A matemática pode ser feita por um preço muito baixo, mas qualquer coisa com uma máquina envolveria custos de produção, testes, reparos, esse tipo de coisa.

A esperança do sr. Frampton tremulou com o balde de água fria.

— Admito que minhas finanças, ao contrário das minhas faculdades, são insuficientes para o desafio. À essa altura, eu pensava que já teria abandonado minhas aulas de música, em vez disso, acho que terei de aceitar mais alunos para poder pagar as contas. Tinha esperanças de que os direitos autorais da tradução de Oléron possibilitariam ao menos uma primeira tentativa.

O rosto de Catherine estava cuidadosamente neutro quando ela perguntou:

— O sr. Hawley lhe disse que o Oléron traria muito lucro?

O sr. Frampton mexeu em um anel na mão direita, fazendo-o rodar e rodar.

— Ele afirmou que, como uma publicação oficial da Sociedade Refinada de Ciências e com uma recomendação enfática na *Filosofias refinadas*, com certeza venderia um número mais do que respeitável de cópias. “Com meu aval como presidente” etc. Ele dava um ar quase poético à coisa.

— Hmm — foi tudo que Catherine disse.

Lucy estreitou os olhos. Ela conhecia um pensamento não dito quando ouvia um.

— É errado querer incentivar os membros da Sociedade a comprar a tradução?

— Não — respondeu Catherine com calma. — Mas, se ele está dirigindo o volume à Sociedade, e não ao público em geral, me pergunto qual seria a porcentagem exata de lucro possível.

— E *eu* me pergunto quanto desse lucro teria ido para você, em troca do financiamento original. — Lucy fungou e atacou um bolinho com certa ferocidade.

Catherine baixou os olhos e não disse nada.. como normalmente fazia quando o assunto era dinheiro. Ah, ela não demorava em oferecer apoio, como quando convidara Lucy a ficar em sua casa e terminar a tradução, mas, desde aquela primeira conversa, nunca havia entrado em detalhes sobre o que exatamente significava esse apoio: prazos, fundos alocados, lucros divididos, aquele tipo de coisa. Lucy havia tentado perguntar uma ou duas vezes, mas o assunto fora desviado com tanta elegância que só mais tarde tinha se dado conta do ocorrido.

Evidência: Catherine não gostava de falar sobre dinheiro.

Conclusão: nenhuma por enquanto. Mais observações seriam necessárias. Era uma pergunta delicada na maioria das situações, e ainda mais quando se começa a dividir a cama com sua benfeitora.

Enquanto Lucy engolia seu mal-estar, o sr. Frampton terminou o chá e colocou a xícara de lagarto de lado.

— Infelizmente devo me despedir, milady — disse ele. — Vou assistir a uma segunda palestra da Sociedade à noite, há algumas cartas que eu deveria reler antes de ouvir o autor delas falar. — Ele se levantou da poltrona e fez uma pausa, com a cabeça inclinada para o lado, pensativo. — Devo perguntar: a senhorita escreveu para informar M. Oléron de sua tradução, srta. Muchelney?

Lucy balançou a cabeça.

— Eu tinha pensado em esperar até ter um volume maior de trabalho para enviar a ele. Admito que acrescentei tanto material que talvez não se trate apenas de uma tradução, e sim de um texto suplementar. — Ela abriu um sorriso pesaroso. — Um livro de expressões, em vez de um dicionário.

— A senhorita deveria enviar essas páginas o quanto antes — alertou o sr. Frampton. — Pode confiar que o sr. Hawley fará o mesmo. Se ele conseguir alegar que a tradução da Sociedade tem o selo de aprovação do autor original..

Lucy conseguiu manter a calma até o sr. Frampton ter ido embora, mas então baixou a xícara com um estalo violento e começou a andar de um lado para o outro da sala.

— Como o sr. Hawley ousa pensar que sabe o que é melhor para todos! — exclamou ela. — Como ousa pensar que a ciência deveria ser limitada pela imaginação raquítica dele!

Os lábios de Catherine se curvaram enquanto ela se recostava no sofá.

— Parece que você apanhou algumas das ideias do sr. Edwards sobre como a imaginação é necessária para a ciência. — Ela mexeu sua segunda xícara de chá. — Muitas donzelas da cidade o acham bastante sensacional.

Lucy afastou a ideia com a mão.

— Ah, sim, ele até que é bonito. — Ela parou, notando certa aspereza no tom de Catherine que a deixou incerta. — Você acha que ele está errado? Acha que a ciência é realmente tão rígida quanto pessoas como o sr. Hawley acreditam?

— A ciência sem dúvida atropelou a minha vida de maneira um tanto ferrenha — disse Catherine. A maneira pacata e factual como disse aquilo fez Lucy sofrer de compaixão. — Mas não, discordo de outra coisa. Compreendo o elogio do sr. Edwards ao poder da imaginação, mas me oponho que ele ainda coloque esse poder a serviço da ciência. Ele é um admirador das artes, mas apenas na medida em que podem ser úteis. Mas nem todas as grandes verdades são científicas por natureza. — Ela deu um gole do chá, os olhos distantes em pensamento. — Há... deve haver um valor real em um poema ou uma pintura, por si só.

Lucy suspirou e se sentou ao lado dela no sofá.

— Ou uma estampa de bordado? — perguntou ela, passando os dedos pelos arabescos ao longo da barra do corselete de Catherine.

A condessa riu e se recostou nela, mas os cantos de seus olhos continuaram tensos.

— Pensei que estivéssemos falando sobre artes elevadas.

Lucy se aconchegou no cangote de Catherine. Ela sentiu o aroma de limão, tangerina e açúcar: irresistível. A condessa

soltou um suspiro satisfeito quando Lucy cobriu o maxilar dela de beijos delicados.

— Talvez não devêssemos falar nada por um tempo.

E, por um tempo, não falaram.



## Capítulo Oito

A PRIMAVERA VAGAROSA DEU LUGAR A UM AGOURENTO VERÃO, tempestuoso, úmido e fresco. Lucy, que não apontava um telescópio para o céu desde que chegara a Londres, se sentia inquieta e presa demais à terra. A sra. Kelmarsh ofereceu uma distração bem-vinda convidando-as para algo chamado Salão Filosófico Amistoso. Era um clube de leitura para damas que se reunia na antecâmara de uma livraria periclitante em Paternoster Row: participavam algumas mulheres mais velhas que conheciam a sra. Kelmarsh de longa data, algumas matronas na idade confortável de Catherine, uma meia dúzia por volta da idade de Lucy. Um pequeno closet em um canto servia de um vestiário discreto para quem se sentisse mais à vontade usando (ou tirando) mangas de camisa, paletós e calças entre amigas; as cadeiras e os sofás eram muito remendados, usados e bem menos flexíveis do que as mentes ali reunidas. As apresentações de Catherine e Lucy foram feitas de maneira rápida e sem alarde, e então o grupo irrompeu em um debate médico-filosófico sobre a possível localização da alma, uma discussão claramente alimentada desde longa data. Lucy participou com um ânimo e uma sensação de pertencimento que não sentia desde que os portões de Cramlington haviam se fechado atrás dela.

Ela estava muito perto do fim do Oléron, mas ainda não havia conseguido falar com Catherine sobre o dinheiro.

— Termine o manuscrito, depois vamos a Griffin's e vemos as condições deles — disse a condessa.

Para aumentar a perplexidade de Lucy, as frequentes e enfáticas cartas de Stephen para que ela voltasse a Lyme mudaram completamente de rumo. Pelo visto, agora era ele quem planejava uma viagem a Londres.

— Alguns dos amigos de Stephen têm pinturas que serão exibidas na Exposição de Verão da Academia Real — explicou

Lucy a Catherine —, então todos virão para celebrar. O que na verdade significa discutir. Eles são impossíveis, mas muito divertidos de escutar. Stephen me convidou para passar a tarde com eles. — Ela se inquietou, com receio de ficar em desvantagem e vulnerável, tornando-se um alvo fácil para a pressão do irmão. — Adoraria que você também viesse.

— Tem certeza de que quer que eu conheça seu irmão? — A condessa baixou os olhos, assumindo um daqueles ares tímidos que Lucy achava estarem se tornando menos frequentes com o tempo e a afeição. — Tem certeza de que é aconselhável?

A hesitação de Catherine era compreensível, mas ainda assim atingiu todos os pontos sensíveis do coração esperançoso de Lucy.

— Stephen pode ser muito presunçoso quando o assunto sou eu, mas é muito mais liberal em relação a pessoas que não são a irmã dele — disse Lucy. — E alguns dos amigos dele são bastante talentosos. Só as pinturas já valerão o passeio.

Assim, Lucy colocou um de seus vestidos cinza — alegrado por uma barra chevronada marrom-arroxeadada, feita pelas mãos talentosas de Eliza Brinkworth —, e elas partiram para o imponente edifício neoclássico da Somerset House à beira do rio Tâmisa.

O céu lá fora estava pesado de nuvens que anunciavam mais chuva, mas Lucy não prestou muita atenção a elas. Não viera pela paisagem naquele dia. Radiante de entusiasmo, ela entrelaçou o braço no de Catherine e guiou a condessa pelo lance de degraus curvos que levava à Sala de Exposições.

O espaço estava cheio de gente, mas as luminosas janelas em semicírculo no alto do pé-direito davam uma sensação arejada, apesar da multidão. Todos os centímetros de cada parede estavam cobertos de pinturas; pequenos e delicados esboços de paisagens ao lado de retratos enormes e cenas históricas elaboradas com molduras ornamentadas. À medida que o olhar subia, fileira após fileira, as pinturas iam se inclinando mais e mais à frente, arqueando como se fossem uma onda prestes a se quebrar sobre a multidão de visitantes em um dilúvio de tintas e telas. Lucy observou Catherine inclinar a cabeça para trás,

admirada, e desejou se atrever a dar um beijo na coluna elegante da garganta dela.

Mas aquele era um lugar público, e seria perigoso se Lucy se deixasse levar.

Mal haviam atravessado a extensão de uma parede quando ela ouviu uma voz conhecida. O irmão e seu círculo de amigos estavam reunidos em frente a um dos maiores quadros, pendurados na altura dos olhos, uma posição cobiçada que demonstrava a forte aprovação dos jurados. Os artistas diante da obra, porém, pareciam menos admirados pelo talento do que se podia esperar. Braços eram balançados com exagero, e gestos feitos em direção a partes específicas da tela.

O grupo estava claramente no meio de uma discussão, mas, se Lucy decidisse esperar até o debate terminar, esperaria até o próximo século.

— Stephen! — exclamou ela em vez disso, puxando Catherine à frente com delicadeza.

— Minha querida irmã! — Stephen estava com uma aparência boa, como sempre ficava depois de um período no interior: os olhos brilhantes, as bochechas coradas e o ar de quem tirou um peso das costas. Ele deu um beijo na bochecha de Lucy e um na mão de Catherine quando as apresentações foram feitas. — É uma honra e um prazer conhecer a mulher que foi uma correspondente tão constante de meu pai e recentemente acolheu minha caprichosa irmã. — Então lançou um olhar cortante para a irmã.

A alegria de Lucy ao vê-lo se desfez, e ela sentiu uma terrível e súbita vontade de bater o pé e fazer birra como não fazia desde os 4 anos.

Catherine apenas sorriu, serena; toda a timidez escondida cuidadosamente sob a elegância de uma condessa.

— Sua irmã é brilhante, sr. Muchelney. A honra é minha de poder desfrutar da companhia dela até Lucy ter a oportunidade de compartilhar seu talento com outros estudiosos e cientistas.

Stephen pestanejou, surpreso pela defesa ferrenha de lady Moth.

Lucy sentiu o orgulho e o constrangimento disputarem para ver quem corava suas bochechas, e se perguntou: se pegasse fogo ali na galeria, quantas grandes obras pereceriam com ela?

Ela se voltou para o quadro grande que estava gerando tanto debate, na esperança de uma distração.

— Diga-me por que este quadro deixou vocês tão agitados.

Stephen rodopiou de tão ansioso que estava para mudar de assunto.

— É o último de Kelbourne. *Lorde Elgin aproximando-se do Partenon*.

Lucy ergueu os olhos para a pintura, que era um pouco mais comprida do que seus braços poderiam abarcar: a figura antiga do Partenon ocupava a maior parte da tela, cintilando branca e em ruínas contra um pano de fundo de nuvens rosa e douradas. Embaixo e à direita, uma figura solitária de casaco vinho-escuro se aproximava: uma perna estava plantada à frente, e suas mãos se apertavam às costas enquanto ele observava o templo antigo.

O melhor amigo de Stephen, sr. Banerjee, se aproximou com um brilho nos olhos.

— A dúvida, srta. Muchelney, é se a pintura é um nascer ou um pôr do sol. O nosso herói está chegando ou partindo desta terra mitológica?

— Partindo, com certeza — disse um dos artistas.

— Que absurdo. Olhe a sombra daquela luz. Rosada como o alvorecer.

— Alvorecer? Rá! É obviamente o dourado escuro e denso que se tem ao fim do dia quando a luz teve tempo de saturar.

— Perdoem-me — interveio Catherine com suavidade, mas firme —, mas deve ser um nascer do sol.

Todos pararam para olhá-la, até mesmo Lucy.

— Como a senhora sabe? — perguntou um deles, o tom carregado de desconfiança.

Catherine apontou para a seção de luz mais clara, à esquerda da fileira de colunas.

— Porque é onde o sol nasce quando se vê o Partenon desse ângulo.

A voz do sr. Banerjee era cheia de entusiasmo ansioso.

— A senhora fala como se tivesse estado lá.

Catherine sorriu.

— Eu estive.

— Então é um nascer do sol — disse o sr. Banerjee, decidido, e franziu a testa. — E qual é o significado do nascer do sol na sua opinião?

E assim a discussão continuou, com Catherine acrescentando observações casuais ao coro de pintores.

Lucy escondeu um sorriso e se afastou para admirar o resto da exposição. Ela nunca havia pensado que os pintores pudessem passar mais tempo falando do que pintando, mas as opiniões deles nunca pareciam se esgotar.

— Ei, srta. Muchelney!

Lucy deu meia-volta ao som da voz e se viu cara a cara com um homem grande de ombros largos, um rosto pétreo e um nariz quebrado de boxeador.

— Senhor Violet! — exclamou ela com alegria, estendendo as mãos.

Peter Violet pegou as mãos dela, não com a elegância cortês de um cavalheiro, mas com a força de quem aperta para selar uma aposta.

Ela sentiu a pressão até os dedos dos pés e sorriu.

— Que maravilha ver você. Está expondo alguma coisa este ano?

— Algumas — disse ele, com o sotaque que ele nunca havia perdido da Londres periférica. — Está aqui com Stephen?

— Stephen e... uma amiga — respondeu Lucy.

O sr. Violet se aproximou, a voz um murmúrio grave.

— Não a famosa Priscilla?

— Não. — Lucy mordeu o lábio. — A condessa de Moth.

— Olhe você pegando gosto por uma grã-fina.

O sorriso do sr. Violet era uma piada de mau gosto por si só.

Lucy bufou antes que pudesse se conter, e alguma parte tensa dentro dela relaxou. O esforço para se manter cuidadosa e decorosa, durante toda a estadia em Londres, era maior do que imaginara. Era bom estar com alguém com quem não precisava representar o papel de uma dama. Ela envolveu o braço no

cotovelo dele apenas para poder beliscá-lo como uma reprimenda. Aquilo só fez o sorriso do sr. Violet crescer ainda mais.

— Vamos, então, me mostre suas obras e, caso você se comporte, eu o apresentarei.

Os jurados haviam admitido três pinturas dele naquele ano. Duas eram estudos do mar ao pôr do sol, litorais rochosos e céus bravios retratados com perícia e pinceladas mínimas e confiantes em tons de preto, azul e laranja abrasador. Navios foram acrescentados como fantasmas, cascos e velas turvados pela distância e pelo peso tátil da luz. Metade do mundo das artes odiava as obras dele; a outra metade o exaltava como um gênio.

— Que bom que você está vendo este agora — disse ele —, porque o vermelho no centro vai ter desbotado daqui a um ano.

Lucy ficou estarecida. Era um dos melhores quadros dele, em sua opinião semiamadora, e boa parte da vitalidade vinha daquele traço vermelho arrojado.

— Se não vai durar, por que usar? Por que não uma tinta que vai manter o brilho daqui a dez anos?

Peter voltou os olhos horrorizados para ela.

— Este vermelho é o vermelho *certo* — protestou ele. — Você tem que pintar com as cores certas, ainda que não durem para sempre. Nada dura.

— Algumas duram — argumentou Lucy. — Olhamos para as mesmas constelações desde os tempos de Aristóteles, e até antes.

O sorriso de Peter era torto e um pouco triste.

— Elas apenas mudam mais lentamente.

Ele a guiou para o terceiro e último quadro. Tinha sido pendurado bem na linha de centro da parede: um lugar de destaque.

A voz de Peter era marota e satisfeita quando lhe contou o título:

— *Medeia encontra Jasão.*

Lucy teve dificuldade em encontrar as figuras-título, a princípio. A pintura era predominantemente arquitetônica — o que não surpreendia no caso de Peter, que evitava pintar pessoas sempre

que podia —, uma obra arejada de domos e pináculos cintilantes. Nos portões da cidade havia duas figuras pequenas e espectrais: uma mulher ruiva com uma roupa lilás esvoaçante e toques de dourado no cabelo e em volta dos punhos, seus braços esguios em torno do herói de peito nu com um elmo grego e o cabelo ondulado. Ele parecia estar tentando evitar o abraço, com a cabeça voltada para o outro lado e um braço erguido para apontar por sobre a encosta arborizada para uma árvore onde o Velo de Ouro pendia com esplendor. Um dragão sinuoso protegia o artefato, envolvendo o tronco tal qual Medeia tentava envolver Jasão. Um navio velejando para longe no mar distante prenunciava o momento iminente em que eles tentariam fugir do desastre e da desgraça.

— Lindo — murmurou Lucy, porque de fato era. — Mas você não escolheu um momento muito feliz. Ele já parece meio enfasiado com ela.

— Ele não a quer — explicou Peter. — Quer o Velo, e a seduzir é a maneira mais fácil de o obter.

— A mais rápida, talvez — respondeu Lucy. — Não sei se foi fácil para ele, no fim.

— Quando ela mata os filhos deles, você diz? — falou Peter, rindo baixo. — Esse vai ser o próximo quadro, para fazer par com este. Jasão se arrastando, a coroa dourada caindo da cabeça, e Medeia velejando para longe em uma carruagem puxada por dragões. Os cadáveres de seus dois pequenos pendurados de maneira horrenda sobre o braço, e ao fundo uma cidade em ruínas, com torres em chamas.

Lucy arregalou os olhos com a descrição.

— Não sei o que os jurados vão pensar disso.

O sorriso de Peter ficou mordaz.

— Não pinto para os jurados. Se eles gostarem, ótimo, vamos pendurar e vender cópias e deixar que todos admirem quanto quiserem. Mas, mesmo se me disserem que meu quadro não vale a pena nem para cuspir em cima, eu ainda assim decidiria pintá-lo, porque não há nada mais que eu possa fazer para me sentir eu mesmo.

— Então sobre o que é esse quadro, na verdade? — murmurou Lucy. — Já que, ao contrário de muitos artistas que eu conheço, você é capaz de dar uma resposta direta.

Os olhos de Peter ficaram duros ao contemplar a obra, fruto de tantos meses de dedicação.

— É sobre duas pessoas tentando obter o que querem, e acabando queimados.

Ele encarou a língua de fogo vermelho-viva que saía da boca aberta do dragão.

Lucy reconheceu o tom da voz dele. Ela o tinha ouvido várias vezes na própria, nas primeiras semanas depois do casamento de Priscilla. Peter sabia das inclinações dela desde que Lucy o flagrara com o sr. Banerjee durante uma das visitas dele à casa dela: ela havia lhes contado sobre Priscilla para os tranquilizar de que não tinha a intenção de usar o segredo contra eles. Pris havia ficado furiosa, embora os dois homens estivessem em uma posição muito mais perigosa do que duas mulheres estariam se alguém descobrisse.

Peter parecia tão valente, com o rosto de lutador e o sotaque que se recusava a abandonar, mas sentia as coisas com mais profundidade do que demonstrava. Um coração partido não seria fácil para ele.

Lucy apertou o braço do amigo.

— O vermelho vai desbotar, sabe — disse ela, visto que a chama do dragão tinha o mesmo matiz brilhante, porém efêmero, que ele havia usado no outro quadro. Às vezes a passagem do tempo podia ser um consolo. — Você mesmo disse: nada dura.

O sorriso de Peter foi hesitante, meio amargo, mas lhe deu um pouco de esperança.

— Permita-me lhe mostrar os meus favoritos de outros pintores — ofereceu ele, e Lucy concordou com uma risada.

Catherine não sabia quanto tempo havia se passado quando saiu da tempestade de opiniões artísticas e notou que Lucy não estava mais ao seu lado.



Bastou uma olhada rápida ao redor para a tranquilizar: lá estava ela, de braço dado com um homem de aparência bastante, digamos, rústica, sendo franca. Ela praticamente conseguia ver os calos dele do outro lado do salão.

Stephen Muchelney notou a direção do olhar de Catherine e sorriu.

— Ah, aquele é nosso Peter Violet — disse ele. — Nascido perto das docas, não muito longe de onde estamos, e ele vai lhe contar toda a história se a senhora lhe der meio minuto de atenção.

— Mas o que ele está fazendo aqui? — perguntou Catherine.

— Ele tem três obras em exposição — respondeu o sr. Muchelney. — É possível pagar pelo ensino, e é possível pagar pela tinta, mas não se pode comprar talento, e Violet tem mais do qualquer um de nós. Ele e Lucy sempre se gostaram.

Enquanto eles observavam, os olhos de Peter se iluminaram e ele disse algo que fez Lucy rir. Aquele som familiar fez coisas estranhas com as cordas tensas do coração ansioso de Catherine. Ela inspirou o ar gelado para dentro dos pulmões vazios.

O sr. Muchelney se aproximou com um ar conspiratório.

— Para ser bem franco, lady Moth, tenho esperança de que eles acabem se unindo. Violet pode não ter uma origem nobre, mas é bondoso com ela e trabalha mais do que qualquer artista que conheço. E Lucy não é esnobe a ponto de desdenhar das boas qualidades dele. — O sorriso do sr. Muchelney era astuto como o de uma serpente. — Talvez não demore muito para que minha irmã pare de se aproveitar de sua hospitalidade.

Eles ficavam bem juntos, disso Catherine não podia discordar: a altura e elegância esguia de Lucy eram equilibradas pelo volume escarpado do sr. Violet.

A condessa engoliu o gosto de cinzas na boca.

— O senhor parece pensar que sua irmã não passa de um fardo, sr. Muchelney — disse ela, odiando a aspereza em sua garganta. — Garanto que não tenho o menor prazer em pensar no dia em que ela me deixará.

Ao lado dela, o sr. Banerjee se remexeu, o rosto tenso com uma espécie peculiar de intensidade.

Stephen Muchelney inclinou a cabeça enquanto a olhava — um gesto tão semelhante ao da irmã que Catherine prendeu a respiração.

— O que acha, lady Moth, de ter o retrato da minha irmã pintado? Assim a senhora sempre teria algo dela para apreciar. — Ele sorriu com jovialidade. — Por acaso conheço um excelente retratista que está aceitando encomendas no momento.

Estava se referindo a si mesmo, claro. Então ou havia desconfiado que Catherine e Lucy eram algo mais do que simples amigas, ou era extremamente óbvio até para um total desconhecido o quanto Catherine se importava.

Não queria imaginar a expressão no próprio rosto. Conseguia sentir os fios da máscara de boas maneiras ficando tensos, e a porcelana se tornando frágil e quebradiça.

— Com licença — murmurou —, mas acho que vou dar uma volta pela casa e ver algumas das outras pinturas.

Ela se afastou e encontrou outra moldura na frente da qual parar, mas não saberia dizer que cores tinham sido usadas na tela, tampouco qual era o tema. Olhava para a frente, mas sua visão estava voltada para dentro, para as feridas e ruínas do próprio coração.

Que tolice ter se permitido sonhar tanto! Havia ficado tão reconfortada pela liberdade de saber que Lucy não poderia pedi-la em casamento que não havia considerado a possibilidade de a amante querer se casar com outra pessoa. Era o que Pris havia feito, afinal. Era o que muitas jovens faziam, mesmo as que amavam outras mulheres — bastava olhar para tia Kelmarsh, que havia amado a mãe de Catherine profundamente, mas ainda assim tinha se casado e enviuvado duas vezes ao longo de sua longa e interessante vida.

Catherine havia nutrido esperanças tão grandes e ternas por ser apresentada ao irmão de Lucy, como se isso significasse algo sobre a natureza da relação delas. Como se significasse um pouco de estima. Mas o sr. Muchelney nem sequer parecia saber

das preferências da irmã... Seria uma cegueira deliberada ou Lucy havia cuidado para que ele não soubesse? Irmãos tinham tanto poder sobre as irmãs, em especial as mais novas, ainda mais quando esse irmão era chefe da família.

E Stephen Muchelney queria que a irmã se casasse com Peter Violet. Ele cortaria relações com Lucy caso ela se recusasse? Catherine poderia salvá-la da penúria; a jovem não passaria fome na rua. Mas e se Lucy passasse a se ressentir dessa dependência? E se Catherine, ao ver Lucy fria e amargurada, se tornasse uma tirana irritadiça e nervosa como George? Já se sentia quase assim, uma parte selvagem dentro dela uivando de dor e fúria mesmo ali, no coração do mundo civilizado e cortês.

Estava tão concentrada naqueles medos que quase trombou de cara com o sr. Frampton.

— Lady Moth! — disse ele. — A senhora está bem?

Ela forçou um sorriso, até que sentiu ele se tornando sincero. O sr. Frampton era conhecido e gentil, e a preocupação dele a acalmou.

— Só um pouco atordoada, creio eu — disse ela. — Tem tantas pessoas aqui!

— Tem mesmo — concordou ele, observando-a com atenção. O sorriso era sincero, mas um pouco tenso, e havia rugas de preocupação no canto dos olhos escuros.

Então Catherine o pegou pelo braço, e viu algumas dessas rugas se aliviarem.

— Venha — disse ela. — Vamos encontrar um canto mais tranquilo e pinturas mais humildes. O criador delas apreciará mais nossa atenção do que os queridinhos dos jurados, tenho certeza.

Os lábios dele se curvaram com ironia.

— Essa é uma das maneiras de tornar a opinião de um imperito valiosa.

Eles deram as costas para a multidão tagarela e vagaram pelos salões da exposição em busca de silêncio e quietude. Catherine avistou uma pequena pintura em tons terrosos que parecia promissora em um canto da última galeria, mas no meio do caminho foi obrigada a parar porque o sr. Frampton havia

empacado de repente, como se seus pés tivessem fincado raízes no chão.

O rosto dele estava espantado, os lábios entreabertos enquanto ele inspirava e segurava o ar.

Catherine seguiu o olhar dele e não viu nada além do retrato de um mercador. Um francês e tecelão, segundo o título. Ele estava sentado a uma mesa entre os detritos do ofício: carretéis de barbante, varas de medição, rolos de tecido, uma grande moldura de tear pendurada atrás do ombro. Uma das mãos segurava um compasso e, ao lado dele, recém-terminada, havia uma pilha de cartões com furos cuidadosamente perfurados. Alguns cartões como aqueles estavam inseridos na máquina atrás do homem, esperando apenas a manivela ser girada.

A pincelada era boa e as cores, bem escolhidas, mas Catherine não conseguia ver por que aquela pintura poderia ter atingido o sr. Frampton como um raio caído de um céu azul e sem nuvens.

— O senhor conhece esse homem? — perguntou ela.

O matemático balançou a cabeça, sem nunca tirar os olhos do retrato.

— De maneira nenhuma. Mas ele está me provocando um milagre.

Catherine tinha passado a vida toda entre cientistas. Ela reconhecia o som de uma revelação. E sabia o que fazer em seguida.

— Precisa anotar algo? — perguntou, e começou a revirar a bolsa em busca de lápis e caderno que sempre mantinha à mão.

O sr. Frampton a encarou, algum milagre ainda brilhando em seus olhos.

— *Obrigado* — murmurou.

Ele começou a rabiscar e desenhar imediatamente, no final do caderno, muito longe dos esboços botânicos e estudos de plantas dela. Muito atencioso da parte dele, mesmo no auge da inspiração. George já havia rabiscado cálculos em cima de um desenho de uma página inteira do capitão Lateshaw e nunca tinha chegado a perceber por que deveria desculpas.

Catherine conteve um sorriso e deixou o sr. Frampton trabalhando. Sem dúvida ele ficaria ocupado por alguns minutos. Ela voltaria em um quarto de hora para ver se o devaneio já o teria abandonado até lá.

Vagou um pouco mais sozinha, ainda relutante em voltar à galeria principal apinhada de gente. Uma escada a conduziu para uma pequena sacada do lado de fora com vista para o rio, barcos e barcaças que atravessavam as águas turvas e ondas batendo contra as fundações da casa. O céu ainda estava cheio de nuvens, mas o rio formava uma pausa entre os edifícios, como se uma grande faca tivesse cortado uma fatia da cidade de modo que todas as camadas pudessem ser vistas. Um vento gelado trouxe à Catherine os aromas de terra e água, o que era um fresco depois da aglomeração de humanos perfumados e suados dentro da Somerset House.

Perto da beira da sacada, com a barra de seu vestido dançando sob a brisa, uma mulher estava sentada com um cavalete. Talvez um pouco mais velha do que Catherine, a julgar pelos fios prateados que riscavam alguns dos cachos escuros não cobertos pela touca simples. Ela estava desenhando a paisagem, a mão flutuando com confiança sobre a página. A condessa se aproximou o mais silenciosamente possível, espiando com avidéz enquanto o lápis da desconhecida fazia aparecer barcos, ondas e a amplitude do céu, depressa e com sentimento. Ela parecia saber exatamente quais linhas eram importantes e deveriam ser traçadas com força, e quais deveriam ser omitidas por serem desnecessárias. A mulher parou, inclinando a cabeça para avaliar o trabalho feito até o momento — e um esvoaçar da saia de Catherine chamou a atenção dela e quebrou sua concentração.

A condessa corou.

— Desculpe. Não queria incomodar.

— Incômodo nenhum — disse a mulher, embora a boca estivesse apertada com algo próximo de irritação.

Catherine notou que a roupa dela era apresentável, mas não cara: algodão grosseiro em vez de seda, tingido de verde-claro, mas remendado aqui e ali, onde apenas um olho treinado

conseguia enxergar. Ela não usava joias, mas seus olhos eram firmes e brilhantes como pedras preciosas. Algo na maneira como angulava o rosto para encarar Catherine lhe dava um ar de *dona de loja*.

Tão depressa quanto havia surgido, a irritação em seu rosto deu lugar a uma brandura educada.

— Está gostando da exposição? — perguntou a mulher.

— Muito — disse Catherine. — A paisagem *Lorde Elgin* ficará em meus pensamentos por um tempo, creio eu.

— Ah, sim. — A outra mulher se voltou para o caderno de esboços no cavalete e o folheou rapidamente até uma página anterior. Lá, sombreado a lápis, estava *Lorde Elgin*, uma reprodução extremamente fiel da pintura que Catherine admirara havia pouco. — Esta?

— Você a reproduziu com perfeição — respondeu Catherine, erguendo as sobrancelhas com surpresa e admiração. — É impressionante, não é?

A artista sorriu.

— Sim, todos estão em polvorosa por causa dela, o que significa que deve se revelar bastante popular. — Ela se voltou para a caixa de lápis e tirou um pequeno cartão impresso com a imagem de uma fera mística, meio leão e meio águia. — Trabalho na Griffin's — continuou a mulher, para a felicidade secreta de Catherine. — Oferecemos boas reproduções em meia-tinta de retratos, pinturas e paisagens interessantes ou famosas; e fazemos pedidos especiais sob encomenda. Também paisagens selecionadas da cidade, com marcos históricos e pontos de interesse. E, claro, a *Ménagerie de Griffin*.

— Sou uma assinante entusiástica — disse Catherine enquanto pegava o cartão. — Você tem alguma obra na exposição deste ano?

— Eu? — A mulher riu. — Sou apenas uma gravurista. Uma copista. Não uma artista. Não uma que a Academia reconheceria, pelo menos.

Catherine olhou para o desenho no cavalete, para as linhas simples e as proporções traçadas com perfeição e sem esforço

que mostravam um olhar talentoso e uma mão hábil, cuidadosamente treinada. Ela se eriçou.

— Mas decerto isso não é diferente, em nenhum sentido essencial. Seus desenhos não teriam nada a perder em comparação com muitas das paisagens pelas quais acabei de passar.

— Mas aquelas paisagens foram feitas a óleo — argumentou a mulher. — Ou aquarela, ou carvão. Cada uma feita a mão, um traço por vez. — Ela bateu o lápis no papel. — Estas são apenas cópias. Como não criei o retrato inicial, nenhuma delas pode ser classificada propriamente como arte.

Catherine ouviu aquilo com desalento, mas a gravurista parecia encarar esse fato com uma tranquilidade fatigada.

Os cantos da boca da mulher se ergueram com ironia.

— No entanto, venderei mais do que a maioria dos grandes artistas por cujas obras a senhora acabou de passar. Reimpressões, vistas panorâmicas e estampas de bordado... que também não contam como arte, claro.

A condessa imaginou a galeria atrás de si cheia de painéis bordados em vez de pinturas. Bastidores e ornatos em forma de arabescos e florais bordados em cetim, todos pendurados em uma colcha de retalhos gigante enquanto o público pagava um bom dinheiro para os admirar e os críticos debatiam o que as escolhas do bordador sobre ponto e cor significavam. Era algo absurdo de se desejar e, no entanto... Imaginou isso de maneira tão vívida que quase conseguia sentir a textura dos fios sob os dedos.

A gravurista começou a fazer outra pergunta, mas um estrépito na escada atrás de Catherine interrompeu a conversa.

Lucy apareceu no batente, esbaforida, as bochechas coradas, moldada como a imagem do temor e da consternação.

— Aí está você! — exclamou ela. — Stephen me disse... — Ela se interrompeu ao notar a presença da outra mulher. — Ah, me desculpe. — Ela fez uma reverência atrapalhada. — Lucy Muchelney. A senhora é amiga de lady Moth?

Ah, que constrangimento. Catherine viu como os olhos da gravurista se arregalaram com o uso do título. Mas havia regras,

então a condessa completou as apresentações e deu um aceno educado para a outra mulher, cujo nome era sra. Agatha Griffin.

— Estávamos discutindo o trabalho dela — disse Catherine a Lucy —, mas que bom que nos encontrou. — Ela se voltou para a gravurista. — A srta. Muchelney está quase terminando uma tradução muito erudita, e pretendíamos procurar vocês para publicar uma tiragem.

— As senhoras devem falar com Thomas, meu marido — disse a sra. Griffin. — É ele quem cuida dos contratos. Ele está fora no momento, mas deve voltar à loja na quinta. Se lhe for conveniente, milady?

Catherine respondeu que era.

A sra. Griffin lhe agradeceu de novo e retomou seu desenho; Catherine e Lucy voltaram para dentro a fim de buscar o sr. Frampton.

Ainda havia auréolas nos olhos dele, mas os desenhos frenéticos pareciam ter terminado. Ele lhes mostrou as páginas enquanto a carruagem descia a rua, a euforia crepitando como uma das engenhocas voltaicas do sr. Edwards.

— O problema que eu estava enfrentando não era como construir a máquina de calcular — falou. — Até os antigos sabiam usar conjuntos de rodas e engrenagens para calcular o movimento da Lua e das estrelas. Não, o problema era que essa máquina teria que fazer cálculos diferentes para conjuntos diferentes de dados. Como dizer qual você gostaria que ela calculasse? O retrato do dono de fábrica francês tinha a resposta bem ali. — Ele apontou para um esboço que tinha feito, um detalhe da pintura. — Cartões perfurados. É assim que se diz à máquina quais alavancas puxar e quais engrenagens girar no momento certo.

O resto de seus esboços mostrava um conjunto de rodas de metal denso empilhadas umas sobre as outras com firmeza.

Lucy voltou os olhos atentos para os últimos desenhos.

— Elas terão que ser muito precisas... como o senhor vai lapidá-las?

O sr. Frampton riu com tristeza.



— Não tenho nem certeza se é possível. Se for, sem dúvida será absurdamente caro. Mas, por agora, deve bastar elaborar o projeto por completo e o apresentar em um artigo para a *Filosofias refinadas*.

Elas deixaram o eufórico sr. Frampton em sua hospedaria e continuaram para casa. Lucy estendeu um braço e metade do xale estelar e puxou Catherine junto a si, enquanto a tarde cinzava lugar a uma noite fria. As batidas dos cascos dos cavalos eram uma percussão suave no silêncio.

Depois de um tempo, Lucy perguntou:

— Sobre o que você e a sra. Griffin conversaram?

Catherine se embaraçou um pouco.

— Arte. O que é. O que não é.

— Você vai estar igual a Stephen na próxima.

— Deus me livre. Sobre o que você e o sr. Violet conversaram?

Lucy suspirou.

— Arte. O que significa.

Catherine puxou as pontas do xale estelar, com os olhos baixos.

— Há quanto tempo você o conhece?

Lucy riu.

— Às vezes, parece que desde sempre. Especialmente quando ele está sendo difícil. Gosto quando as pinturas do sr. Violet são torturantes e tempestuosas... mas não quando o próprio sr. Violet está assim.

Catherine apertou a cintura de Lucy enquanto outra pontada a perpassava.

— Mas a arte não é um reflexo da alma do artista? Tenho certeza de que li algo sobre como uma pintura sublime de verdade pede a união do espírito e da matéria. Ou da alma e do desejo, ou algo assim. — Ela se endireitou e se recostou no assento. — Não consigo nem fingir que algum dia vou criar algo nesse nível do ponto de vista artístico. Não existem gênios do bordado, afinal.

Lucy se empertigou.

— E por que não deveria haver?

Sua indignação era incrivelmente adorável, e fez o coração apaixonado de Catherine bater mais forte.

— O bordado é um artesanato, minha querida. Doméstico e feminino. Perfeitamente banal. A arte é... mais grandiosa, não?

Lucy rejeitou aquilo com um não firme de cabeça.

— Por que não considerar o que você faz como arte?

Catherine prendeu o ar enquanto uma porta que imaginava fechada por tanto tempo se entreabria, apenas uma fresta; era algo assustador e excitante na mesma medida. A bravura tinha lhe feito bem nos últimos meses, mas em que ponto se atravessava a linha entre coragem e insensatez?

Lucy, notando seu interesse crescente, insistiu.

— Vi você criar tantas maravilhas nestes últimos meses. Barras de toalha de mesa, camisolas, vestidos... Você trabalha com combinações de pontos incomuns, plantas exóticas, cores ousadas, arranjos inesperados. Nunca pensei em nenhuma dessas coisas até você me mostrar seu trabalho. Por exemplo...

— Ela puxou o xale estelar e o estendeu diante delas. — Olhe isto. É sofisticado, impressionante e absolutamente lindo. Quem vê fica deslumbrado e, quanto mais sabem sobre como foi feito, mais entendem isso. Todos conseguem admirar o brilho, mas apenas outro bordador reconhece o talento necessário para elaborar esse desenho e o transformar em realidade. Falei que seus pontos parecem pinceladas e passei tempo suficiente perto de artistas para reconhecer um olhar talentoso quando vejo um. Catherine — disse ela mais suavemente —, isto é *arte*. Você é uma artista.

O esforço e a frustração de uma vida inteira se formaram dentro de Catherine, como uma nuvem de tempestade. Ela revidou, por instinto:

— A Academia discordaria. Quase nenhuma mulher teve espaço naquelas paredes hoje. E ninguém, ninguém mesmo, trabalha com um material tão efêmero e frívolo como fios e tecidos.

Lucy recuou, dobrando o xale com rispidez, os movimentos precisos e irritados. Seu tom era afiado como um estilete:

— Deixe-me lhe perguntar uma coisa. Sou uma astrônoma?

Catherine piscou com a mudança súbita de assunto.

— É claro que é.

— A Sociedade Refinada de Ciências não pensa dessa forma. Eles não me aceitariam como membro. O sr. Hawley praticamente me pôs para fora de seu jantar.

Catherine balançou a cabeça, adivinhando aonde Lucy queria chegar com o argumento.

— É diferente...

— *Como?*

— Porque a ciência é sobre verdades! — exclamou Catherine. — Temos muitas formas de medir isso. Números, dados, fatos frios e irrefutáveis. Quando alguém apresenta uma teoria científica, as pessoas *têm* que concordar ou estão erradas e, se estiverem, nada que tentem fazer nos próprios projetos científicos terá sucesso. Mas a arte... — Ela bufou, e inspirou na sequência. O coração estava acelerado e as bochechas inflamadas, e Lucy estava começando a parecer um pouco assustada, o que só serviu para deixar Catherine ainda mais agitada. — A arte é apenas arte porque as pessoas a chamam assim. Arte é uma ilusão: um reflexo de algo, feito para comunicar um pensamento, sentimento ou a sensação de uma cena. Não há como ser concreta, completa ou ter uma certeza objetiva sobre ela. A pintura é de um nascer ou um pôr do sol? E, se é um nascer do sol, o que isso significa? Seis pessoas discutiram meia hora e nenhum consenso sólido foi atingido. Porque nenhum consenso *poderia* ser atingido.

As mãos de Lucy apertavam o xale, estragando as dobras cuidadosas.

— Mas elas precisam concordar sobre *algumas* coisas. Coisas essenciais. Você mesma disse: a Academia acredita que bordado não é arte, e um retrato a óleo sim.

Catherine cruzou os braços.

— E?

— E por que você não pode tentar mudar esses parâmetros? — perguntou Lucy. — Por que não pode tentar persuadi-los que o bordado poderia ser considerado uma arte por seus próprios méritos?

— Porque estou cansada! — exclamou Catherine. Ela conseguia ouvir o ardor de lágrimas não derramadas na voz, enquanto as palavras rasgavam a garganta. — Estou cansada de me contorcer em formas dolorosas por migalhas de respeito ou consideração. Cansada de me curvar desta ou daquela forma em busca de uma aprovação que só será dada pela metade.

A carruagem virou uma esquina, e Catherine sentiu como se o mundo todo girasse ao redor dela.

Engoliu em seco e tentou se explicar.

— Minha mãe enviava homens ao redor do planeta para buscar miudezas, pedacinhos do mundo que ela tentava reunir em algo como um todo. Eles disputavam para lhe trazer os melhores espécimes, as espécies mais raras dos lugares mais distantes. A aprovação dela valia algo, mas apenas por um momento, e apenas como resultado da própria acumulação. Assim que seus tesouros foram vendidos, as conquistas, o aprendizado e a ciência dela desapareceram junto com eles. Eu tentei algo mais: saí mundo afora e busquei fazer um trabalho que perdurasse, embora só pudesse ajudar como uma assistente, e não uma participante plena. E ainda assim acabei como uma forasteira: não tinha as habilidades, ou a formação, ou a experiência de homens como George, sr. Hawley e o capitão Lateshaw. Eles me desconsideraram sem nem hesitar, e não posso culpá-los por isso. — Ela secou lágrimas quentes dos olhos, furiosa pelo corpo estar revelando essa fragilidade, anuviando sua visão quando aquela parecia ser uma chance de olhar a si mesma com clareza pela primeira vez na vida. — E então hoje, falando com seu irmão e os amigos dele, fui uma forasteira de novo.

Lucy balançou a cabeça.

— Só você sabia que a pintura retratava um nascer do sol.

Catherine bufou.

— Um breve momento em que pude oferecer algo de útil, mas, assim que isso acabou, eles começaram a discutir a postura de lorde Elgin, o que poderia dizer sobre a personalidade dele, fazendo referência a pinturas de exposições anteriores que não

tive a oportunidade de ver e sobre as quais, portanto, não pude fazer qualquer comentário. E você...

Ela se conteve, finalmente, mas mais lágrimas escorreram pelas bochechas enquanto revivia o ciúme terrível e incontrolável que a havia feito fugir da galeria.

Lucy apertou os ombros dela, os olhos cinza suaves e preocupados.

— E eu o quê?

Catherine engoliu em seco. Se era para arruinar tudo, seria melhor fazer aquilo de uma vez.

— E você já conhecia todos, e Peter Violet a fez rir, e seu irmão disse que você poderia se casar com ele.

— Ah, meu amor... — Lucy envolveu o rosto de Catherine com as mãos. Aqueles olhos cinza não vacilaram em momento algum, embora uma tristeza espreitasse nos cantos enquanto ela a encarava. — Peter Violet é completa e terrivelmente apaixonado pelo sr. Banerjee. Não quer se casar comigo, tenho quase certeza de que não quer se casar com ninguém. Ele tem opiniões bastante radicais sobre a instituição em si. Até escreveu um panfleto sobre isso uma vez.

A condessa não pôde conter o riso que escapou de si, um som lacrimejante e desamparado.

Lucy se abaixou e apanhou o som com a boca. Catherine retribuiu o beijo com desespero, embora o coração se lamentasse no peito com uma perda insaciável. Não era o suficiente, nunca poderia ser o suficiente...

Quando a carruagem parou de repente, ela tentou se recompor o quanto podia. Mas ser uma condessa era um velhíssimo hábito àquela altura, e ajudava que, se se recusasse a dar atenção às marcas das lágrimas no rosto, ninguém se atreveria a fazer diferente.

Ainda faltava uma hora para o jantar; então anunciou a intenção de descansar em seu quarto até lá e dispensou Narayan, que parecia preocupada.

Assim que ficaram a sós, Catherine envolveu Lucy em seus braços.

— Não consigo suportar a ideia de perder você — disse ela, tremendo.

O corpo esguio de Lucy se manteve firme diante do ataque de emoções de Catherine; ela apenas envolveu os braços em torno da amante e a segurou junto a si.

— Por que eu iria a qualquer outro lugar? — sussurrou ela, a boca quente na têmpora de Catherine. — Tudo que quero está aqui, porque *você* está aqui.

Lucy a virou, passando a boca pela nuca da condessa, as mãos abrindo a linha de botões que desciam ao longo das costas do vestido. A seda sussurrou incentivos ao cair no chão, e Catherine estremeceu quando sentiu o ar fresco na pele, coberta apenas pelo espartilho, anáguas e camisola. Lucy passou os dedos delicados sobre os ombros dela, linhas finas de fogo seguindo seu toque. Com um calafrio, Catherine se virou e puxou os laços do vestido de Lucy, lavanda e prímula se abrindo sob as mãos para revelar a musselina gasta.

Doía profundamente em Catherine o fato de que Lucy continuava presa àquelas velharias, sendo que a condessa poderia facilmente ter comprado tecidos mais refinados para ela usar. Cobriu a clavícula da amante com beijos compungidos.

Lucy gemeu e pediu para que continuasse com murmúrios ofegantes.

Impaciente demais para esperar que outras peças fossem tiradas, Catherine puxou Lucy para cima dela sobre a chaise longue.

Lucy murmurou, satisfeita, a altura do corpo bloqueando o sol de verão e cobrindo Catherine de sombras. Seus braços firmaram a condessa como colunas enquanto ela pairava sobre Catherine, e esta sentiu o pânico se aliviar um pouco ao se ver tão confinada e protegida. Deslizou uma mão por sob a anágua de Lucy e a subiu pela longa extensão da coxa. A outra mão se curvou sobre a nuca da outra mulher, puxando-a para beijos intensos e vorazes.

Lucy não conteve nada, incentivando-a com gemidos do fundo da garganta e arfando na boca da amante quando os dedos de Catherine deslizaram para seu calor. Ela tremeu, e a condessa

lhe deu mais e mais até Lucy se arrepiar e gritar, as costas arqueadas e os dedos apertando o estofamento. Por fim, deixou-se cair em cima de Catherine, que se regozijou com o leve peso trêmulo e orvalhado do corpo dela.

Lucy piscou para tirar a névoa da paixão dos olhos.

— Mas você...?

— Depois — sussurrou Catherine, e deu um beijo na testa de Lucy.

## Capítulo Nove

A GRÁFICA GRIFFIN FICAVA JUNTO À QUEEN SQUARE, não muito longe da Somerset House. Lucy seguiu Catherine através do batente e se viu em um espaço cheio de luz e cor. Era como entrar no verão em si, com a coloração e atmosfera, e parte de seu coração interiorano suspirou ao ver aquilo tudo. Ao redor havia quadros de paisagens de Londres: o rio Tâmisia cintilando azul sob o sol, o grande conservatório de Carleton House, o pagode alto em St. James's Park, pintado com delicadeza. Cópias de paisagens famosas e quadros que ela reconheceu da Exposição de Verão conferiam mais cor, brilhantes sob a luz que entrava pelas janelas altas. Duas jovens folheavam gravuras soltas em fólhos apoiados pela lombada em suportes em forma de V, e armários de vidro atrás do balcão abrigavam cópias de livros não encadernados, cada pilha manuscrita amarrada cuidadosamente com barbante para impedir que páginas individuais se perdessem antes de poderem ser levadas à oficina de encadernação favorita do cliente.

Catherine atravessou aquele tesouro, objetiva como uma flecha. Lucy correu atrás, inclinando a cabeça para ver tudo que fosse possível.

O rapaz atrás do balcão não devia ter mais de 15 anos. Ele olhou nervoso para Catherine e se adiantou.

— Posso ajudar, madame?

— Estou aqui para ver o sr. Thomas Griffin — respondeu ela, entregando seu cartão.

Lucy teve que esconder um sorriso quando as sobrelhas do jovem se ergueram diante das letras que anunciavam Catherine St. Day, condessa de Moth.

— Ele está nos fundos, milady — disse o rapaz com uma reverência rápida e curta. — Se puder esperar aqui só um momento.



Ele voltou quase imediatamente; não era de se admirar, com uma condessa esperando. Catherine atravessou o batente atrás dele. Lucy correu para acompanhar — e parou, assustada, com o ataque súbito de ruídos.

No canto oposto da sala, um aprendiz estava tirando letras de uma caixa de tipos e as posicionando em uma armação sob o olhar atento do mestre, que encontrava erros de ortografia quase antes de poderem acontecer. Ao lado deles, outro homem imprimia com uma grande prensa móvel, puxando o cabo de ferro para descer a prensa com uma pancada surda que Lucy conseguia sentir do esterno até a ponta dos pés. Cada pancada produzia folhas idênticas cheias de blocos de texto, que eram então penduradas para secar antes de serem reunidas e dobradas em cadernos. Na outra metade da sala havia um menino de 13 ou 14 anos, curvado sobre uma reprodução de uma pintura famosa, sombreando as formas com esmero em tons claros para dar profundidade e vivacidade aos detalhes da cena.

Supervisionando o menino estava a sra. Griffin, observando o jovem colorista como um falcão. Ela ergueu o olhar penetrante; Lucy se atreveu a dar um leve aceno, e viu os lábios da gravurista se erguerem com um sorriso breve.

Lucy e Catherine foram guiadas para um pequeno escritório com janelas que davam para a rua de trás. Com a porta fechada, era de fato muito mais silencioso do que a gráfica em si. Sem dúvida parte do som era abafada pelas pilhas de manuscritos, gravuras e páginas empilhadas em todos os cantos; a escrivaninha principal estava praticamente vazia, assim como as duas cadeiras à frente, mas as paredes eram forradas de prateleiras, caixas e armários, com papéis explodindo para fora, como pombas apanhadas enquanto tentavam escapar da gaiola.

Thomas Griffin era um homem de pele cor de creme, cachos loiros-brancos e um sorriso de querubim. Ele se levantou com cortesia e fez uma reverência.

— É uma honra conhecê-la pessoalmente, lady Moth. O que posso fazer pela senhora hoje?

Lucy se sentou. Catherine se apossou da cadeira esquerda como se fosse um trono.

— Serei direta, sr. Griffin. Minha amiga, a srta. Lucy Muchelney — Lucy assentiu ao ser citada, quando os olhos do homem se voltaram para ela —, traduziu recentemente um importante texto francês de astronomia. Gostaríamos de tomar as providências para que ele fosse impresso e vendido.

— Ah. — O tipógrafo se recostou na cadeira, tamborilando os dedos de leve na escrivaninha. — A Griffin's tem o luxo de ser muito seletiva em relação ao que publicamos, milady. Nós nos orgulhamos de produzir um espectro de obras pelas quais qualquer dama de boa índole pode se interessar. A senhora sabe bem disso, claro... Seu nome agracia nosso rol de assinantes já há certo tempo. — Seu sorriso angelical se fechou um pouco. — Mas me parece que a obra da srta. Muchelney é muito acadêmica e erudita... Não que haja algum mal nisso, claro, mas talvez uma das gráficas científicas da cidade sejam mais adequadas?

O sorriso cortês de Catherine não saiu nem um pouquinho do lugar.

— É óbvio que assumirei todos os riscos financeiros da publicação.

Os olhos do sr. Griffin brilharam ao ouvir aquilo.

— Em troca de uma porcentagem maior dos lucros, presumo eu.

— Naturalmente.

O sr. Griffin riu baixo.

— E o que eu ganharia com esse acordo em troca da minha participação menor?

— A chance de publicar a primeira tradução em inglês de uma obra científica relevante do Continente — respondeu Catherine com tranquilidade. — O senhor publica obras que interessam a damas de bom gosto e inteligência, e esse texto científico é voltado precisamente para elas. — Ela inclinou a cabeça. — O senhor já foi a alguma das demonstrações químicas do sr. Edwards?

— Sim, meu filho insistiu em ver a erupção vulcânica com os próprios olhos... Bastante espetacular.

— Quantas mulheres o senhor diria que estavam na plateia?

O tipógrafo mordeu o lábio e pareceu pensativo.

Catherine insistiu.

— O lema da sua *Ménagerie* é “Um tesouro de artes e ciências para damas”, não?

— Sim... mas nunca publicamos nada científico além de artigos curtos na própria *Ménagerie*. — Ele fez um beicinho. — Não imagino que tenham interesse em serializar...?

Catherine balançou a cabeça, ao mesmo tempo que sorria para amenizar a recusa.

— O senhor quer testar essas águas desconhecidas. É um movimento cauteloso, e bastante compreensível. Mas, se a serialização for um sucesso, vai querer publicar o volume inteiro na sequência de todo modo... e, se não, terá consumido o território limitado de sua publicação mais valiosa. — Ela se inclinou um pouco à frente, a voz assumindo um tom intenso, como se estivesse revelando um segredo. — O senhor não precisa escolher apenas uma coisa. Pode ter as duas. Sua *Ménagerie*, aquela coletânea curada e feminina de obras mais curtas sobre história, ciência e artes domésticas que já é popular, e uma obra substancial de brilhantismo acadêmico que, por acaso, tem uma dama como autora.

Thomas Griffin a encarou por um longo momento, mas então, com um riso curto, disse:

— Lady Moth, admito que estou convencido.

Ele e Catherine começaram a discutir os pormenores: número de cópias publicadas, tamanho do manuscrito, custos de papel e fabricação de chapas e percentagens dos lucros. A maior parte destes iriam para Lucy, por insistência de Catherine; a própria Lucy só conseguia ouvir sem fôlego com a estranha sensação de que o mundo estava começando a girar mais e mais rápido em volta do eixo.

Ela achava que Catherine tinha medo de falar sobre dinheiro.

Estava enganada.

A mulher que convenceu Thomas Griffin era a mesma que havia financiado três expedições através do mundo — e que havia organizado aquele famoso jantar à sombra da pirâmide, em um país estrangeiro onde a língua e a cultura eram barreiras significativas para a cooperação. Aquela mulher havia sobrevivido a viagens que envolviam muitos perigos, boa parte deles decorrentes de sua própria existência. E agora estava ali, em Londres, transformando a aspiração mais estimada de Lucy em realidade.

Uma preocupação turvou a felicidade da jovem. Como poderia recompensá-la por tudo isso?

Alguns detalhes sobre a encadernação do manuscrito fizeram Catherine e o sr. Griffin voltarem à oficina. Eles se debruçaram sobre amostras de couro estampadas com realces dourados e prateados, argumentando com um visível prazer sobre custos e cores.

Lucy não se sentia qualificada para opinar sobre aquela questão, por isso vagou pela gráfica na direção da sra. Griffin.

A gravurista havia deixado o aprendiz e estava às voltas com o próprio trabalho. Uma placa de metal coberta de cera tinha sido gravada com uma estampa floral fluida que a sra. Griffin agora desbastava meticulosamente.

— É muito bonito — disse Lucy.

— É? — A sra. Griffin tinha um sorriso irônico nos lábios. — Já copiei tantas estampas florais nesta estação para as páginas de bordado da *Ménagerie* que receio ter perdido o gosto por elas. Mas minha última aprendiz nos deixou para morar com a tia em Sussex, então não há mais ninguém para fazer esse trabalho até que eu encontre outra pessoa.

Lucy se debruçou, observando o buril de metal esculpir uma série de arcos esmerados na cera. Um, dois, três... e então uma espiral os conectando, algo que conseguia sugerir uma flor sem ser deselegante a ponto de representar uma. Quase a lembrava dos desenhos geométricos que Eliza Brinkworth fazia...

Foi então que aconteceu. Um dos artífices no prelo dos fundos derrubou sua fileira de composição tipográfica — o longo pedaço de metal cheio de letras de chumbo caiu no chão e retiniu como

mil sinos. A comoção súbita sobressaltou o colorista; sua mão se ergueu com o susto, e um borrifo de gotículas azul-prussianas escuras saiu voando do pincel e caiu na manga cinza-clara do vestido de Lucy.

— Sydney! — exclamou a sra. Griffin, depois bufou um suspiro.  
— Minhas mais sinceras desculpas, srta. Muchelney.

— Tudo bem — Lucy se apressou em dizer. — Tenho certeza de que vai sair com a água.

— Do tecido, talvez... mas creio que caiu na barra também.

Ela mandou o pobre Sydney correr atrás de água limpa e sabão, mas depois de algumas tentativas Lucy precisou admitir que a sra. Griffin estava certa: o azul havia penetrado profundamente na barra chevronada de seda clara.

Quando chegaram em casa, Catherine foi trabalhar em suas correspondências intermináveis. Lucy chamou Eliza e lhe mostrou a manga manchada.

A criada apertou os lábios enquanto avaliava o estrago em seu trabalho.

— Ai, maldição.

Houve um momento de silêncio absoluto.

Então Eliza levou a mão à boca, os olhos lacrimejando com pavor.

— Ah, senhorita, me perdoe... por favor, não conte à sra. Shaw!

— É claro que não...

— Nem ao meu pai!

Lucy parou ao ouvir isso, estreitando os olhos.

— Não contarei — prometeu ela, solene.

— Vou consertar agora mesmo... Vamos colocar a senhorita em um vestido novo...

Eliza tirou um vestido lavanda do guarda-roupa e, com as mãos trêmulas, ajudou Lucy a se trocar.

Lucy segurou a língua enquanto a mente relembrava os fatos conhecidos sobre Eliza Brinkworth.

— A sra. Shaw é muito dura com você?

— Ah, não, senhorita... quer dizer, é, mas sou muito nova, e vivo cometendo erros... Uma das outras meninas talvez fosse

uma escolha melhor, mas a sra. Shaw disse que a condessa insistiu... Ela comentou uma vez que isso estava sendo uma grande provação, mas acho que não pretendia que eu escutasse. — A garota fechou o último botão no vestido lavanda e deu um passo para trás, as mãos entrelaçadas na frente do corpo. — Pronto, senhorita.

Com uma reverência rápida, ela pegou o vestido manchado nos braços e desceu correndo.

Lucy ficou parada por um momento, a mente colocando uma evidência ao lado da outra e chegando a um cálculo rápido. Na semana anterior, uma das criadas havia derrubado um balde depois de varrer a lareira, fazendo fuligem voar por sobre a sala azul; na semana antes dessa, Brinkworth havia se horrorizado ao descobrir que tinha passado quase uma hora com um risco de polidor de prata na manga do paletó. Dois dias antes, o cozinheiro dissera palavras duras para uma criada da cozinha que havia queimado caramelo e estragado uma panela.

Todos acontecimentos acidentais, claro, e nenhum de fato sério — mas eram coisas que Lucy não se lembrava de terem acontecido antes. Agora pareciam estar se desenrolando ao mesmo tempo.

E tinham começado por volta da época em que Eliza começara seu treinamento como dama de companhia de Lucy. Embora houvesse outras meninas mais velhas que queriam a vaga. Catherine havia insistido, segundo Eliza.

A garota estava enfrentando dificuldades, a equipe estava desmotivada e a vida de todos parecia um pouco pior. Se ao menos houvesse algum lugar aonde a menina pudesse ir...

Lucy deu meia-volta e desceu a escada.

Catherine estava no meio de uma resposta para um apicultor muito curioso em Melliton quando ouviu um pigarrear atrás dela. Ela sorriu ao ver Lucy — embora a jovem parecesse estranhamente tensa e séria.

— O que foi, querida?

— A sra. Griffin precisa de uma nova aprendiz de gravurista — disse Lucy. — Acho que deveríamos perguntar a Eliza Brinkworth se ela teria interesse na vaga.

Catherine pousou a pena e se virou na cadeira.

— Eliza não está melhorando? A sra. Shaw disse...

— Ela está fazendo o possível, mas sabe que não está indo tão bem quanto deveria — disse Lucy, com a voz baixa, mas firme. Então mordeu um pouco o lábio e continuou: — Sei que não é meu lugar... mas acho que ela seria mais feliz com a sra. Griffin do que é aqui conosco.

— Mas o talento dela com uma agulha...

Porém, Lucy já estava balançando a cabeça.

— Talento não é o mesmo que escolha... e, entre o bordado e o desenho, é óbvio que ela prefere o desenho. É inteligente e uma boa menina. Mas disse que a sra. Shaw sempre a flagra desenhando, que vive tentando arranjar tempo para isso. — A astrônoma deu um passo à frente e estendeu a mão enquanto defendia o argumento. — Por que ela não poderia considerar um aprendizado na arte que mais ama? Algo que lhe desse mais oportunidades do que uma única casa poderia lhe oferecer.

E pronto: a negação se desfez na língua de Catherine. Claro que Eliza gostaria de passar as horas remuneradas fazendo coisas maiores e melhores do que bordar — por que se bastar com um ofício tão doméstico e efêmero quando poderia estar aprendendo a produzir arte ou, ao menos, o tipo de trabalho que teria a atenção do público?

— Você está certa — disse Catherine a Lucy. — Vamos perguntar para ela.

Depois de decidida, a mudança levou pouquíssimo tempo. Em menos de uma semana, Eliza estava alegremente colocando as habilidades de esboço e desenho em prática como aprendiz da sra. Griffin. Joan foi promovida no lugar dela, e toda a casa pareceu soltar um suspiro de alívio. Joan se revelou uma verdadeira enciclopédia de receitas de remoção de mancha e conseguiu até tirar o azul-prussiano do vestido de Lucy. A ocorrência de pequenos acidentes diminuiu drasticamente, e até

a sra. Shaw foi vista não uma, mas *duas vezes* cantarolando contente perto da despensa.

Catherine apertou outro nó na almofada que estava cobrindo de cachos de frutas. A mistura de vermelho e vinho deslizava sob suas mãos como sangue artificial: dramático e impressionante aos olhos, mas fundamentalmente sem valor. Só algo para uma dama ociosa fazer para passar o tempo.

Tão belo e inútil quanto ela própria.

Em uma tarde não muitos dias depois, Catherine pegou uma carta da bandeja que Brinkworth trouxera, mas a soltou logo em seguida com uma exclamação.

Lucy baixou a xícara, preocupada.

— O que foi?

A condessa estava encarando o envelope cor de creme como se fosse uma serpente prestes a dar o bote.

— O sr. Hawley enfim escreveu.

A tensão temerosa saiu de suas costas, e Lucy deu de ombros.

— Imagino que não poderia ignorar você para sempre.

— Não — disse Catherine, e a jovem fez uma pausa. Os olhos da condessa estavam furiosos e transtornados, os lábios finos com aborrecimento. — Ele escreveu para você.

— Para mim?

Lucy analisou aquele fato de todos os ângulos possíveis, mas não conseguiu decifrá-lo. O que o sr. Hawley poderia ter a lhe dizer?

Só havia um jeito de descobrir.

Ela rasgou a lateral do envelope e mais uma vez se viu fitando a letra precisa e contida do presidente da Sociedade Refinada de Ciências.

*Cara srta. Muchelney,*

*Sinto muitíssimo pelo resultado de nossa última conversa. Ela me atormenta todos os dias, como tenho certeza de que deve atormentá-la também. A senhorita gostaria de tomar*



*um chá amanhã à tarde e ver como podemos resolver essa ruptura em nome da Verdade e da Ciência?*

*Afetuosamente,*

*Roger Hawley, presidente, SRC*

Lucy passou a carta para Catherine, tentando não achar fofo quando a testa da condessa se franziu e uma fúria cintilou em seus olhos azuis.

— Esta carta não contém um pedido de desculpas — disse ela, as consoantes tão duras quanto um castigo físico.

— Talvez ele queira se desculpar pessoalmente — sugeriu Lucy.

O ceticismo de Catherine se transformou em preocupação.

— O que você vai fazer?

Lucy pegou a xícara mais uma vez, olhando para as profundezas escuras como se pudesse encontrar alguma orientação ali. Mas não era nenhuma vidente para ler o futuro nas folhas de chá. Só podia beber e torcer para que qualquer conselho que tivessem pudesse ser absorvido dessa forma.

— Acho que vou aceitar o chá.

Ela saiu na tarde do dia seguinte. Catherine se despediu dela na sala, apertando as pontas do caderno de desenho com preocupação. Lucy deu um beijo nela e fechou os olhos, inspirando as notas delicadas de sabão e frutas cítricas que orvalhavam a pele de Catherine. Desejou poder levar esses aromas consigo como um incenso para espantar os espíritos malignos.

— Vejo você no jantar — prometeu ela.

Catherine lhe deu um beijo de despedida com a mesma apreensão.

Tudo parecia uma reação exageradamente dramática para o convite, e Lucy se repreendeu em silêncio enquanto a carruagem da condessa atravessava os paralelepípedos de Londres aos solavancos. *É apenas chá, repetiu. É apenas uma tarde.*

Mas vidas já haviam mudado em períodos mais curtos.

Ela torceu as mãos de novo e engoliu em seco, lutando contra a gola alta de seu vestido roxo. Nenhum dos bordados artísticos

de Eliza naquele dia — Lucy queria parecer séria e austera, e o sr. Hawley com certeza não era o tipo que apreciaria as sutilezas da vestimenta e decoração feminina.

O criado que atendeu a porta certamente observou com maus olhos a simplicidade da roupa, a julgar pela curva dos lábios dele.

— O sr. Hawley está na estufa, senhorita — falou, e a conduziu na direção da estrutura domada de ferro e vidro.

Era um dos raros dias claros tão terrivelmente em falta naquele ano; a luz clara se refletia em todas as vidraças e arestas de metal, depois deslizava através do filtro de folhas tropicais e do ar pesado por causa da névoa arco-irisada.

Lucy começou a suar assim que entrou, gotículas reveladoras deslizando de maneira desconfortável pelo pescoço e se acumulando na lombar.

O criado a guiou através do labirinto de vegetação, abrindo espaço entre as folhagens maiores para ela poder passar, até chegarem à ponta sul da estufa. O sol parecia mais concentrado ali, quase tangível, um peso que retardava o corpo e deslumbrava os olhos.

O sr. Hawley estava diante de uma prateleira de potes cheios de suas famosas dioneias, as folhas forradas de dentes semelhantes a agulhas e rosadas por dentro, abertas como centenas de bocas famintas.

— A srta. Muchelney, senhor — disse o criado, e fez uma reverência antes de sair.

— Ah! — exclamou o sr. Hawley. — A senhorita terá que ser paciente mais um momento, minha cara... Estou quase terminando de dar comida para elas, como faço toda semana. Por favor, sente-se...

Ele apontou para um banco mais largo perto da parede dos fundos. Lucy se sentou, aproveitando a oportunidade para afrouxar um pouco a gola do vestido. Mas o alívio que esperava não aconteceu; tudo que sentiu foi uma nova rajada de ar ainda mais abafado descendo pela garganta.

Ela suou em silêncio enquanto o sr. Hawley colocava uma faca fina em uma pilha de minhocas e as fatiava em seções perfeitas e meticulosas. Uma a uma, ele colocava as fatias em cada boca

rosa e cintilante da planta, depois usava um fórceps esguio para encostar nos quase invisíveis pelos de disparo, até cada armadilha se fechar com a refeição dentro, os dentes entrecruzados e as folhas cerradas para garantir que a presa não escapasse. Enfim, a última planta foi alimentada e o sr. Hawley guardou o fórceps e cruzou as mãos.

— Agora, chá! — exclamou ele.

Lucy tinha perdido todo o apetite.

Felizmente, o sr. Hawley não pretendia alimentá-la ali ao lado de seus troféus carnívoros enquanto eles faziam a digestão; em vez disso, a guiou de volta para a casa e a sala de estar muito mais apropriada. Lucy se sentou em um sofá de estofamento duro e tentou não encarar demais as dioneias menores na estufa em miniatura. Aquelas ainda não tinham comido, a julgar pela maneira faminta como abriam a boca.

O criado trouxe uma chaleira e uma seleção de confeitos e, com muito nervosismo, a jovem aceitou servir o chá. A conversa girou em torno de trivialidades até o sr. Hawley ter bebericado a xícara e dado uma mordida em um bolinho.

— Ora, bem — disse ele, recostando-se na poltrona elegante e desgastada pelo tempo. — Creio que lhe devo um pedido de desculpas, srta. Muchelney.

O coração de Lucy disparou. Ela estava certa, afinal!

O sr. Hawley continuou:

— Eu deveria ter deixado absolutamente claro a todos que sabia que a senhorita era capaz da matemática que alegava entender.

Ele se recostou e levou a xícara aos lábios, os olhos brilhando enquanto esperava uma resposta.

Lucy pestanejou, remexendo-se no sofá duro enquanto o silêncio se prolongava e se prolongava de novo. Era aquilo? Aquele era todo o pedido de desculpas dele? Nada sobre recusar o projeto dela ou jogar seu manuscrito no chão? Então se deu conta do sentido total do pouco que ele havia dito.

— Perdão... mas o senhor sabia?

O sr. Hawley estalou a língua como se ela tivesse dito algo particularmente insensato.

— É claro que eu sabia. Seu pai, apesar de toda a genialidade dele, estava perdendo o vigor fazia um tempo. Os cálculos estavam mais lentos, as conclusões mais cheias de suposições, as teorias menos ambiciosas. Até suas fantasias foram se tornando mais raras e menos substanciais nas especulações. E então a senhorita assumiu, em teoria para poupá-lo do trabalho de escrever para que ele pudesse se concentrar melhor nas observações, mas alguns de nós viram a realidade, é claro, porque de repente havia todos aqueles cálculos esplêndidos e perfeitos bem ali em tinta preta e clara. — Ele deu uma mordidinha no bolinho de novo, enquanto Lucy, embasbacada, procurava uma resposta. — Pensamos que ele poderia ter admitido um estudante, ou algo assim. Levei alguns meses para concluir que devia ser tudo obra sua.

Os dedos de Lucy estavam tão tensos que ela ficou com medo de rachar a porcelana. Mas também não se atreveu a deixar a xícara de lado — poderia batê-la com força na mesa e fazer os cacos saírem voando furiosamente pelo ar.

— O senhor sabia — repetiu ela. — E ainda assim escolheu Richard Wilby como tradutor?

O sr. Hawley fez uma expressão atormentada e soltou um longo suspiro.

— Ser o presidente da Sociedade Refinada de Ciências é meu grande privilégio há muitas décadas... mas estaria mentindo se dissesse que não me deparei com certos dissabores de tempos em tempos. Sir Eldon é um forte apoiador há muitos anos, tanto intelectual como, devo dizer, financeiro, e insistiu para que o sr. Wilby fosse incluído. Não havia nada que eu pudesse fazer. — Um traço de desdém perpassou seus lábios por um breve momento. — Tive esperanças de que o sobrinho puxasse ao tio, para ser franco. Mas o cavalheiro é jovem, propenso a descuidos de rapaz e... *ahem*, paixões menos nobres. Por mais que eu incentive o entusiasmo do sr. Wilby, a verdade é que não consegui ver uma maneira de ele trabalhar com uma dama como a senhorita sem lhe imolar um insulto desta ou daquela ordem.

Um levíssimo rubor no rosto do sr. Hawley indicou a natureza pouco apropriada do que ele havia temido que o sr. Wilby

pudesse tentar.

— Entendo — murmurou Lucy. O coração havia se retorcido dentro dela, frágil e inflamável como um pedaço de papel. Uma faísca o transformaria em cinzas. — O senhor me expulsou para minha proteção.

— Precisamente. — O sr. Hawley assentiu e sorriu, como se Lucy o tivesse surpreendido fazendo algo inteligente. As pontas do coração de papel dela se amarrotaram ainda mais. — Eu tinha esperanças de que o sr. Frampton poderia oferecer uma orientação ao projeto, mas, infelizmente, o sr. Frampton me desapontou bastante nesse sentido.

— Sim, ele me contou que havia desistido da empreitada. — Lucy manteve a voz tranquila e ergueu a xícara para esconder o sorriso quando os olhos do sr. Hawley se estreitaram.

— Deve ter sido durante a palestra do sr. Edwards — disse o presidente da Sociedade. — Notei vocês na galeria com lady Moth e a sra. Kelmarsh. Foi muito gratificante ver que nosso pequeno desentendimento não tirou o seu gosto pela ciência.

Lucy engoliu o chá quente para abafar mil respostas ainda mais abrasadoras e cáusticas. Em vez disso, colocou no tom toda a doçura que tinha e perguntou:

— E o sr. Wilby tem avançado sozinho?

O sr. Hawley se inclinou à frente, um sorriso agradecendo os lábios, embora os olhos contassem uma história mais angustiada.

— É por esse exato motivo que a convidei para vir aqui hoje, minha cara. Pois veja bem... — Ele baixou a voz em um tom conspirador. — A tradução do sr. Wilby não está indo nada bem.

— Ah — disse Lucy. — Minha nossa. Ah, isso deve ser terrível.

Ela encheu a boca com um pão amanteigado antes que os lábios pudessem revelar um sorriso ou a voz pudesse dar lugar a uma risada vergonhosa de satisfação.

— Sem dúvida está longe do ideal — disse o sr. Hawley. — Receio que, com o passar do tempo, estou ficando bastante desesperado para encontrar formas de salvar o livro. O sr. Frampton se recusou categoricamente a voltar... Algo sobre uma máquina que está projetando que imagina ter algum valor, o que

não consigo entender de maneira alguma. E não há mais ninguém fazendo o tipo de trabalho que um manuscrito como o Oléron exige. — Ele lambeu os lábios. — Ninguém, isto é, além da senhorita.

Lucy se recostou com cuidado, afastando-se da rede de esperanças e pedidos de outra pessoa.

— O senhor precisa de mim.

O sr. Hawley a corrigiu com gentileza.

— Eu diria, srta. Muchelney, que a *ciência* precisa de você. — Ele colocou a xícara no pires e estendeu as mãos em um gesto de súplica. — A senhorita tem um grande talento, minha cara. Poderia fazer um trabalho maravilhoso. Tudo que precisa é uma ajudinha de uma mão competente.

Lucy se lembrou da precisão com que o sr. Hawley havia usado o fórceps nas dioneias, alimentando-as com muito cuidado e muita ternura com pedaços de outros seres vivos. Tudo em nome da ciência, claro.

— O senhor acha que preciso de um mentor.

Ele abriu um sorriso aprovador.

— Exatamente.

— Alguém que me estimule, me apoie, me aconselhe quando eu estiver perdida e me ajude quando eu estiver em dificuldades.

— Sim, sim e sim.

Ele esfregou as mãos uma na outra.

— Eu tenho uma. — Lucy deixou os lábios se abrirem em um sorriso com tanta doçura venenosa que poderia ter feito o sr. Hawley perecer na hora. — Lady Moth tem sido uma mentora inestimável desde o instante em que busquei a ajuda dela quando cheguei à cidade.

O sorriso dele em resposta foi seco como as folhas de outono.

— Lady Moth sempre foi uma benfeitora leal da Sociedade, e sei que seu marido dava grande valor às habilidades dela. — Ele se recostou no sofá, pressionando as pontas dos dedos para formar uma pirâmide, seu olhar irradiando uma preocupação sincera. — Mas houve momentos em que fui levado a questionar se George St. Day poderia ter alçado voos mais altos se lhe tivesse sido permitido explorar ao máximo suas ambições. Não

são muitos que sabem disto, mas... confio que a senhorita possa ser discreta em relação ao que estou inclinado a lhe revelar. — A voz dele baixou ainda mais, como se estivesse apresentando segredos de Estado de grande importância internacional. — A herança da esposa era um fundo familiar e permaneceu sob o controle dela, entende. A condessa anterior seu deu ao trabalho de garantir isso antes da morte, e não havia como contornar a estrutura jurídica que aquela senhora de idade havia organizado com tanta astúcia. Portanto, em vez de poder direcionar os fundos da casa como bem entendia, em expedições e experimentos e tudo mais, o pobre George era obrigado a persuadir e bajular quando deveria poder simplesmente comandar.

Lucy conseguia ver com clareza. Uma jovem Catherine, sofrendo e de luto, praticamente sozinha, mas longe de ser pobre; uma presa fácil para alguém tão egoísta e implacável quanto George St. Day. Não era nenhuma surpresa que ele a houvesse tratado de maneira tão abominável; o homem acreditara que teria acesso à fortuna dela e tinha sido impedido disso. Portanto, cheio de rancor, havia se tornado frio e cruel, intimidando-a até que ela esquecesse que detinha algum poder sobre ele.

— Deve ter sido terrível.

Naturalmente, o sr. Hawley entendeu errado o comentário dela.

— Foi um grande estresse, coitado. Uma vez ele me confidenciou que lady Moth, embora parecesse tão delicada e zelosa, era muitas vezes uma víbora com ele em particular: estridente, desdenhosa e caprichosa.

A cada adjetivo, Lucy se eriçou um pouco mais.

O sr. Hawley suspirou de novo e balançou a cabeça.

— Mas, além de qualquer outra crítica, deve-se apontar que ela não é uma naturalista. Não acredito que tenha os contatos necessários para ajudar a senhorita a progredir em seu trabalho e na Sociedade.

*Porque você a impede*, concluiu Lucy, a crueldade da situação tão afiada quanto uma faca em seu peito. *Você a exclui e depois diz a todos que ela é inútil*. Era um tipo perfeito e insidioso de

veneno. Ela se perguntou quantos outros jovens botânicos, químicos e filósofos naturais haviam ouvido o mesmo discurso. Sempre incluía o nome de Catherine em particular ou às vezes trocava para variar? Lucy deveria perguntar ao sr. Frampton — ele tinha deixado implícito que tivera uma conversa parecida com o sr. Hawley. Talvez mais de uma. Não à toa estava reconsiderando sua posição na Sociedade. Era um lugar traiçoeiro em seu cerne.

A maré de pensamentos foi interrompida quando o presidente se debruçou e apertou as mãos dela.

— A senhorita fará isso? — perguntou ele. — Aceitará esse desafio, pela nobre causa da ciência? Pense no legado de seu pai e no bem que a senhorita poderia fazer pela vitalidade intelectual de toda a Inglaterra. — A voz do homem tinha uma intensidade sincera, quase suplicante, quando perguntou: — A senhorita vai ajudar?

*Ajudar*, Lucy pensou num estupor. *Ele elogia a mente do sr. Frampton e lhe oferece lucros suntuosos, mas suplica a minha ajuda elogiando o trabalho de meu pai, não o meu.* A resposta dela nunca esteve em questão, mas aquele toque final a fez perder qualquer noção de simpatia.

— Sinto muito, sr. Hawley — disse ela, recolhendo as mãos e as cruzando sobre o colo. — É completamente impossível.

Ele se assustou e alternou entre ficar vermelho e pálido de consternação.

— Minha cara srta. Muchelney, não pode estar falando sério.

— Por favor, não pense que eu menospreze sua vontade de ajudar — respondeu Lucy —, mas não vejo por que devo abandonar meu volume já completo para tentar salvar as tentativas fracassadas do sr. Wilby. — Ela inclinou a cabeça. — O senhor estava planejando manter o nome dele no livro, presumo, mesmo depois que eu fizesse as emendas, não?

A boca do presidente formou uma linha reta tão depressa que Lucy soube que havia acertado em cheio. Ele mal conseguiu manter a compostura.

— Seria cruel eliminá-lo completamente. Pode ter fracassado, mas seus esforços devem ser reconhecidos.



— Devem? — retrucou Lucy. — Quanto dos lucros o senhor ainda lhe atribuiria, depois que tudo estivesse pronto?

— As percentagens podem ser negociadas...

— Então os fracassos dele devem ser recompensados, enquanto o meu trabalho bem-sucedido é recusado, negado e desprezado até o senhor estar desesperado pela minha ajuda. E, ainda assim, não devo presumir que eu mereça a quota total de autora. — O sr. Hawley balbuciou, mas Lucy ainda não havia terminado. A voz dela era uma chicotada cortando a sala aconchegante. — O senhor apontaria meu nome como membro integral da Sociedade Refinada de Ciências?

Os olhos do sr. Hawley brilharam, e ele visivelmente conteve uma resposta. Sua boca estava tensa, os lábios finos, uma leve camada de transpiração cintilava em suas têmporas.

— Isso seria uma grande coisa — disse ele, então se crispou de leve com o que viu na expressão de Lucy. — Eu com certeza estaria disposto a considerar.

Era uma cartada final, uma isca lançada aos céus sem esperança alguma.

Lucy viu aquilo como a recusa que de fato era.

— O sr. Wilby já foi nomeado membro pelo tio, embora seja óbvio que o trabalho dele não está nos padrões científicos apropriados. Mas o senhor me nega a mesma honra por causa do meu gênero, ao mesmo tempo que diz que posso fomentar a... como o senhor colocou? A vitalidade intelectual de toda a Inglaterra. — Ela torceu a boca. — Se me permite ser perfeitamente franca sobre a questão: a Sociedade se importa menos que seus membros sejam homens da ciência, e mais que sejam homens.

O sr. Hawley balbuciou enquanto Lucy se levantava da poltrona desconfortável. Ainda estava sentado resmungando quando ela chegou à porta e deu meia-volta. A boca dele estava tão aberta quanto as dioneias e, na torrente de fúria e determinação, Lucy teve que controlar o impulso de rir e fazer a comparação em voz alta.

— Quando desejar me oferecer a posição plena como membro da Sociedade Refinada de Ciências, pode me escrever

novamente — disse ela. — Nesse meio-tempo, continuarei sendo uma estudiosa independente.

— Independente! — exclamou o sr. Hawley, recuperando a voz por fim. — A senhorita é completamente dependente da constância de sua benfeitora. — Ele se levantou, a expressão trovejante. — Tenha cuidado com lady Moth, minha cara. Ela sobreviveu à febre, à exploração no estrangeiro e ao marido astrônomo... Não terá escrúpulos em deixar a senhorita de lado se você a desapontar.

Lucy vestiu as luvas e a boina sob o olhar do criado desdenhoso. Estava absolutamente segura sobre a recusa da oferta do sr. Hawley, mas, ainda assim, um arrependimento imerecido pelo que havia dito no calor da raiva se assentava, como um hematoma arroxando muito depois que o golpe foi dado. Ela sentiu saudade de casa — a casa de Catherine, claro. A familiaridade havia feito com que perdesse de vista quão antiga e venerável era a residência londrina: os anéis altivos em cima das colunas, as curvas arqueadas sobre as janelas, o telhado pontiagudo imponente como um chapéu de almirante.

Mas também era a casa de Catherine, com Catherine dentro. Se Lucy não podia confiar nas promessas do sr. Hawley a respeito do próprio futuro — e tinha absoluta certeza de que não podia —, tampouco havia motivos para acreditar no que ele dissera a respeito da volubilidade de Catherine. Ela não amara o marido perto do fim, mas ainda assim viajara com ele, o auxiliara e se colocara a seu serviço.

Claro, precisara fazer aquilo, não? Na falta de um Ato do Parlamento, não havia maneira de escapar do poder de George St. Day sobre ela. Tirar o melhor de uma situação ruim não era sinônimo de apoio amoroso e abundante.

Lucy e Catherine não poderiam ter aqueles laços. O alívio era frio, um nó gelado na garganta, intocado pelo sol fulgurante no céu azul.

Ela mal havia desamarrado os barbantes do chapéu quando Catherine saiu voando da sala para o vestíbulo, os olhos arregalados e rugas de preocupação.

— O que o sr. Hawley queria? Espero que ele tenha pedido desculpas.

— Ele pediu. — Lucy tirou as luvas, um dedo de cada vez, de maneira tão deliberada e violenta quanto punhaladas. — Mal e mal. E depois me implorou, e sim, acho que *implorou* é a palavra certa, para que eu o ajudasse na tradução oficial do Oléron para a Sociedade.

Ah, ainda havia uma chama de satisfação em ter o próprio valor reconhecido, ainda que por uma autoridade de valor tão desprezível. O sorriso de Lucy era arsênico, uma curva metálica e virulenta nos lábios enquanto voltava quase marchando para dentro da sala. Olhou com ferocidade para as coisas de chá postas e, em vez disso, se dirigiu a passos pesados à pequena garrafa de xerez mantida ali para os raros visitantes masculinos. Ela serviu um pouco em um copo pequeno e bebeu tudo de uma só vez, o ardor da bebida aliviando a queimação na garganta onde a fúria incandescente se alimentava da vergonha.

Catherine se sentou com cautela no sofá, as mãos se agitando um pouco antes de pousarem no colo como pássaros assustados.

— Ele lhe ofereceu uma parte dos direitos, como fez com o sr. Frampton?

Lucy se serviu de um segundo copo, para bebericar, e olhou para as profundezas cor de âmbar dentro dele. Não queria que Catherine tivesse mencionado as finanças.

— Ele se ofereceu para ser meu mentor. — Ela virou o copo, observando a luz dançar sobre o líquido. — E disse que eu poderia ir longe com o tipo certo de supervisão. Mencionou meu pai, e que sempre esteve claro que eu havia assumido as equações há muito tempo. Apresentou toda a ciência inglesa diante de mim e disse que era minha responsabilidade cultivá-la e cuidar dela.

A boca botão de rosa de Catherine se contorceu.

— Então ele *não* lhe ofereceu dinheiro.

— Também se recusou a permitir que eu me tornasse membro da Sociedade. Embora estivesse me pedindo para intervir e salvá-los do que, sendo bem sincera, me parece um verdadeiro

desastre. — Ela tomou outro gole de xerez e se virou para Catherine. — Eu lhe disse não. Categórica e irrevogavelmente. Falei algumas verdades pelas quais não tenho muitas chances de ser perdoada. Ele não escreverá de novo, creio eu.

Catherine assentiu, mas certa desconfiança a mantinha imóvel e tensa.

— Ele deveria ter lhe oferecido um pagamento adequado, caso você desejasse abandonar sua tradução e assumir a de outra pessoa — falou. — Assim teria sido uma opção de verdade, e você poderia ter escolhido o que melhor lhe conviesse. Um pássaro na mão... — Ela fechou a boca e desviou os olhos, crispando-se como se esperasse levar um golpe.

Um raio de compaixão cortou as nuvens de tempestade do humor de Lucy. Ela colocou o xerez na mesa de canto e se sentou no sofá. Suas mãos pegaram as de Catherine, desenrolando os dedos tensos e os esquentando entre os seus.

— Ele poderia ter oferecido o mundo inteiro na palma de minha mão, e eu ainda assim teria escolhido você. Meu bem, a questão não é dinheiro.

Catherine soltou um som de incredulidade.

Lucy balançou a cabeça, rindo baixo.

— Sim, certo, mas não é *apenas* dinheiro. Quando você se ofereceu para patrocinar minha tradução, o que pediu em troca?

— Eu... — Catherine abanou a cabeça. — Do que está falando? Falei sem pensar em um momento de raiva quando a Sociedade a tratou mal.

— Sim, mas não retirou o que disse quando sua raiva passou. E me deixou cuidar da tradução como se eu fosse uma especialista.

As sobrelhas finas de Catherine se franziram, e suas mãos apertaram as de Lucy com certa ferocidade.

— Você é uma especialista. Por que eu a colocaria em um projeto se não confiasse no trabalho que produziria?

— Mas, meu bem — disse Lucy com delicadeza —, foi exatamente isso o que o sr. Hawley fez hoje à tarde. E o que fez com muitos outros, sem dúvida, ao longo de sua presidência. Exigiu que eu realizasse apenas o trabalho que ele permitisse,

quando e como ele considerasse apropriado. Mas você... — Ela se inclinou à frente, roçando os lábios reverentes na têmpora de Catherine. Sentiu o suspiro delicado da condessa em seu pescoço e sorriu. — Você apenas abriu espaço para o trabalho que *eu* escolhesse fazer. Você me deu um lugar e tempo para isso, e ofereceu apoio sempre que tive dificuldades. Tudo porque acreditava que eu poderia fazer esse trabalho, e fazê-lo bem.

— Sim — bufou Catherine —, mas não era *apenas* por causa do trabalho. Não depois de um tempo.

Lucy pestanejou e baixou o olhar.

A boca de Catherine estava curvada, mas seus olhos cintilaram para Lucy com um afeto incontrolável e esperançoso.

Lucy desceu os dedos exploradores ao longo do maxilar da condessa, como se qualquer movimento rápido ou ansioso demais pudesse estilhaçar o momento, feito vidro.

— Ah? — sussurrou Lucy. — O que mais era?

Catherine inspirou fundo e expirou de novo com pressa.

— Estou tentando dizer que te amo — disse ela, com um mau humor adorável —, e você está tornando isso impossível.

Lucy controlou o impulso de rir, eufórica.

— Então me diga.

Catherine mordeu o lábio, depois ergueu o queixo.

— Você primeiro.

Dessa vez, Lucy riu. Ainda estava rindo quando a boca encontrou a de Catherine, o beijo com sabor de xerez, luz do sol e palavras ainda não pronunciadas.

— Eu te amo — sussurrou Lucy, terminando o beijo. Seu sorriso se curvou contra a bochecha da outra mulher. — Sua vez.

A condessa mordeu o lábio, suspirou e se empertigou.

— Eu te amo, Lucy Muchelney.

— Pronto — disse Lucy. — Não foi tão impossível, foi?

Catherine recuou, a testa franzida dando lugar a uma expressão mais séria.

— Na primeira vez que disse a alguém que o amava, pensei que seria o fim dos meus problemas. Eu era jovem, romântica e muito ingênua. Sou mais velha agora...

— Ah, tão velha — ironizou Lucy e bufou. — Duvido que haja uma década entre nós.

— O tempo pesa mais quando se é casada. — Catherine tinha a intenção de fazer uma piada, mas não teve graça.

O sorriso de Lucy se apagou.

Catherine limpou a garganta.

— O que eu quis dizer é: aprendi algo desde então. Amar alguém não deve ser o fim de nada. Deve ser o começo.

— O que estamos começando? — Lucy começou a tirar os grampos do cabelo de Catherine, deixando os cachos de um dourado intenso perpassarem seus dedos. — Não um casamento, desta vez.

— Algo melhor — disse Catherine. — Algo que pertence apenas a nós.

Ela puxou Lucy sobre si, o cabelo dourado formando uma auréola ao redor da cabeça, de uma beleza tão magnífica que Lucy quase, mas apenas quase, conseguiu acreditar nela.

## Capítulo Dez

REVISAR AS PROVAS DO PRÓPRIO LIVRO em busca de erros tipográficos e matemáticos se revelou o processo mais excruciante que Lucy poderia imaginar. Ela realmente havia escrito todas aquelas centenas de milhares de palavras? Parecia impossível — decerto alguma outra mão havia redigido aquela frase notável na página quarenta e sete. Algum piadista *definitivamente* havia escrito o terceiro parágrafo odioso na página cento e sessenta e dois. E verificar cada variável e constante em todas as equações a fazia sentir como se seus pobres olhos nunca mais fossem capazes de se descruzar de novo.

Ela fez o possível para ser minuciosa e resistiu ao impulso de entrar em desespero.

Depois de um tempo, porém, Catherine insistiu para que enviasse o livro de volta, embora Lucy tivesse certeza de que ainda estava purulento de substituições canhestras e frases deselegantes. Foi impresso e colocado à venda, uma metade em fólhos e a outra no tamanho padrão, e uma tiragem de cinquenta exemplares especiais, encadernados em um belo volume de bolso pelas mãos da própria Agatha Griffin. Nesta última, o título foi gravado em prata na capa de couro azul-escura: *Guia de mecânica celeste para damas*, de autoria de L. Muchelney.

Lucy havia agonizado por causa dessa inicial, antes de enfim decidir que usaria seu nome completo quando publicasse o próprio trabalho original, e iniciais quando quisesse que o foco estivesse na obra traduzida. As mulheres (bom, em maioria mulheres) do Salão Filosófico Amistoso haviam se oferecido gentilmente para ler e discutir o livro no próximo encontro, de modo que, no dia indicado, Catherine guiou Lucy, que estava muito ansiosa e pálida, à Paternoster Row e à antecâmara com os sofás desgastados.

Duas integrantes do Salão já estavam lá e ergueram os olhos afiados com o cumprimento caloroso de Catherine.

— Aí está você! A autora que nos fez rodar por todas as livrarias de Londres.

— Ou quase todas — acrescentou a companheira, guardando um relógio no bolso do colete.

— Como assim? — exclamou Lucy, depois mordeu o lábio e olhou para Catherine com preocupação.

Lady Moth manteve a compostura.

— Vocês tiveram dificuldade para encontrar uma cópia? A Griffin's nos garantiu que enviaria todas para a lista habitual de livreiros.

— Haviam se esgotado na minha livraria favorita — explicou a primeira.

— Nas três seguintes também — acrescentou a amiga. — Encontramos por fim a última cópia em um lugar no extremo norte da cidade.

— Tivemos que *dividir* o livro — disse a dama com um calafrio, e olhou feio para a outra. — Você apagou minhas anotações!

— Você rabiscou anotações nas margens de um livro novo!

— Onde mais colocar meus pensamentos e comentários? Eu poderia perdê-los se não estivessem escritos perto das passagens que os inspiraram!

Elas continuaram a discussão enquanto Catherine se voltava para Lucy com um deslumbre astuto nos olhos.

— Será que esgotou em todas as livrarias da Row... — disse ela.

— Nem posso imaginar — murmurou Lucy.

Mas outras mulheres relataram a mesma dificuldade, e uma visita rápida depois à Griffin's confirmou: a tiragem inicial havia praticamente esgotado, e novos pedidos estavam se acumulando depressa. Uma segunda tiragem foi realizada às pressas com as chapas da primeira e, com o passar da semana, o livro começou a ganhar notoriedade em círculos científicos. As pessoas logo estavam discutindo os algoritmos de Oléron — e as explicações expansivas de Lucy — em cartas, anfiteatros, cafés e pátios



universitários. O sr. Edwards até escreveu para dar seus elogios e parabéns.

Mais do que isso, porém, a capa azul e prateada chamou a atenção do grupo elegante que se entusiasmava com as demonstrações do sr. Edwards, de modo que uma cópia do livro se tornou um acessório muito procurado entre a alta sociedade. O sr. Hawley, com um tom claramente ranzinza, redigiu uma crítica para a *Filosofias refinadas*, encontrando alguns pontos teóricos sobre os quais divergir — mas sua tentativa de silenciar Lucy saiu pela culatra, pois as pessoas farejaram a polêmica e se apressaram para comprar uma cópia pelo simples prazer de ter uma opinião a respeito. Como o livro havia sido impresso às custas de Catherine, ela havia providenciado para que as percentagens dos lucros pesassem bastante em favor de Lucy (menos a versão encadernada em couro azul, que tinha sido bancada pela sra. Griffin).

Quando Lucy viu o primeiro relatório explicitando quanto lucro receberia pelo trabalho, ficou zozza e teve que se sentar no sofá com a cabeça entre os joelhos até a visão embaçada voltar ao normal.

Ela separou parte do dinheiro para Stephen depositar junto com os fundos da família, anunciou a intenção de mandar fazer alguns vestidos novos e perguntou a Catherine se podia lhe recomendar uma boa modista.

— Se me permite... — A condessa estava batendo o lápis em seu caderno de desenho, nervosa, e, sob o olhar de Lucy, um rubor subiu às bochechas. Lucy adorava como a condessa podia ser tão ousada na cama e tão cautelosa quando vestida. A hesitação de Catherine era encantadora quando pediu: — Você me deixaria bordar um desses vestidos novos? Como um presente?

Lucy ficou sem palavras.

Catherine supôs que Lucy precisava de convencimento e começou a virar as páginas do caderno para mostrar as opções. Estampas de bordado e vestuário passaram voando como um bando de aves rumo ao sul para o inverno.

Catherine parou em uma página com a silhueta de um vestido de gala. Lucy arregalou os olhos. Arcos prateados longos e precisos estavam sobrepostos uns sobre os outros em arranjos estonteantes ao longo da barra e no ombro; em alguns pontos eles se uniam, em outros se distanciavam. Pareciam uma esfera armilar, uma música, as asas de um anjo.

Lucy perdeu o ar diante de tanta beleza.

Catherine baixou a cabeça.

— Eu estava lembrando da passagem em que Oléron falava sobre o estudo de Saturno, e como o formato ao redor do planeta tinha que ser de vários anéis uns dentro dos outros em vez de um único anel sólido.

— Você faria isso por mim? — sussurrou Lucy.

— Claro. — O sorriso de Catherine em resposta era radiante como o sol. — Eu faria qualquer coisa por você.

Lucy virou as páginas seguintes e parou em um desenho detalhado de uma única manga: tecido preto contrastado por flores e frutas roxas de beladona, entrelaçados por uma vinha circular de murta em um tom sinistro de verde. Era um traço mais livre do que os outros desenhos, sem a simetria e a repetição cuidadosa: as plantas quase pareciam estar brotando dos punhos, estendendo ramos compridos e sedentos na direção do ombro, devorando ou protegendo a mulher que usasse o vestido. Parecia selvagem, triste e de uma força desafiadora — o tipo de roupa que uma bruxa usaria, se por acaso fosse rica e elegante.

A boca de Catherine se curvou naquele seu ar pesaroso.

— Este é para tia Kelmarsh — falou. — Ela sente muita falta dos bordados florais elaborados de sua juventude.

Lucy traçou as vinhas com um dedo cuidadoso.

— Murta?

— Para representar o amor — disse Catherine.

— E beladona?

— Significa *bela mulher* em italiano, mas também representa o silêncio.

— Porque é venenosa.

A condessa mordeu o lábio.

— Porque um amor silenciado às vezes é como a morte.

Um calafrio percorreu Lucy, mas não foi de todo desagradável. Ela baixou os olhos de novo para o desenho maravilhoso e aterrorizante. Nunca faria sucesso entre os círculos da moda — não era delicado, gracioso ou sutil o bastante —, mas impressionava os olhos e alterava a mente, como toda boa pintura.

— Você tem outros como este?

— Um ou outro. Mas nunca trabalhei de verdade em nenhum deles. São um pouco... intensos para o dia a dia, creio eu. Esses outros, porém...

Ela mostrou outros dois vestidos gloriosos e arrepiantes — um verde-mar e um cinza fantasmagórico — e revelou um vestido de gala em um tom perfeito de azul-celeste. Rendas brancas traçadas a lápis davam um ar de nuvem à barra e aos punhos, e a saia tinha uma sobreposição em rede branca constelada por estrelas douradas.

— Desde que você fez a astronomia entrar na moda, tenho tentado criar modelos inspirados pelos céus.

Mais croquis na sequência: um vestido de cometa para combinar com o xale de Lucy, uma versão mais leve e feminina da estampa de gengibre-abacaxi, curvas semelhantes a conchas em tons de coral e pêssego, e um desenho para barras feito de círculos concêntricos e linhas retas que pareciam gregos aos olhos da jovem, mas que Catherine disse serem baseados em uma ideia que teve sobre as lentes de telescópios.

A palavra *artista* zumbiu como uma abelha nos lábios de Lucy, mas, depois da última conversa que tiveram sobre arte e talento, não quis cutucar o que tão claramente ainda era um ponto sensível.

— Você é brilhante — disse ela. Era fácil ser enfática quando acreditava em todas as palavras que dizia. — Seria uma honra para mim usar qualquer coisa que fizesse.

No dia seguinte, elas seguiram caminho para a loja da notória madame Tabot. Sob o olhar severo e ferrenho da dama, Lucy tirou medidas para quatro vestidos novos: um matinal, um para passeio e dois de gala na seda mais refinada que a madame tinha a oferecer. Os cortes eram arrojadados, e os tecidos tingidos

de cores vívidas. Lucy estava em êxtase com a ideia de usar os tons mais coloridos que pudesse encontrar, embora, para o vestido matinal, tivesse escolhido uma musselina marfim, para ser bordada com um enxame de abelhas douradas.

Para o primeiro vestido de gala, pensando nos anéis de Saturno e nas mãos de Catherine, ela escolheu um azul-escuro intenso que a assistente da loja de madame Tabot considerou velho e sombrio demais para a idade de donzela.

— Não, *mademoiselle*, os cavalheiros vão querer você em algo mais gracioso, tão leve quanto a sua silhueta... talvez um ciano?

— Os cavalheiros que se danem — disse Lucy, o que fez a assistente arfar e derrubar o pacote de alfinetes. Mas Lucy se manteve firme. — Não sou uma flor delicada. Sou uma astrônoma.

Madame Tabot riu na poltrona que lembrava um trono no centro da loja.

— Ah, uma jovem das minhas. A moda não deve ser focada nos cavalheiros: eles a acham trivial porque não conseguem suportar a ideia de que as mulheres têm toda uma linguagem silenciosa entre si. Traga aquele tecido novo de Crewe, por favor, Frances.

A assistente recuperou os alfinetes com uma expressão carregada de ceticismo, mas fez o que a patroa mandou. De um canto nos fundos da loja tirou um rolo de tafetá dourado, brilhante e lustroso como se tivesse sido tecido de pura luz do sol. Madame Tabot saiu de seu trono e atravessou a loja para cobrir os ombros de Lucy com ele, observando no espelho com o olhar crítico.

O efeito da cor foi impressionante; fez a pele de Lucy cintilar como pérola e seu cabelo brilhar como mogno. As mãos da velha costureira se moveram depressa, envolvendo o tecido com perfeição em volta do tronco de Lucy e lhe dando forma até ficar satisfeita. Ela acenou para Frances, que começou no mesmo instante a esboçar o ângulo do drapejar e o número de dobras.

— Vamos manter as linhas simples e fortes, um pouco de tule no corselete para suavizar, algumas dobras ao longo das mangas e nas costas.

Lucy se atreveu a erguer uma mão e alisar o tecido metálico, duro e resistente sob o brilho: podia parecer um vestido, mas ela já sabia que lhe daria a sensação de uma armadura. Perfeito para entrar em uma soirée e matar dragões da alta sociedade.

Seus olhos encontraram os de Catherine no espelho.

— Vai servir? — perguntou ela, subitamente preocupada.

O sorriso da condessa era pequeno e deslumbrado, e o ardor em seu olhar fez o coração de Lucy bater mais forte.

— *Que a musa de fogo...* — disse ela, em voz baixa.

A memória de Lucy completou o restante da citação: ... *aqui pudesse subir ao céu brilhante da invenção*. Stephen ficara obcecado por essa peça durante o verão antes de ser mandado para a escola. Ele a estava lendo com o tutor que o pai deles havia contratado, na esperança de dar ao filho uma vantagem em matemática. Albert Muchelney também contratara uma governanta para ensinar aquarelas a Lucy, sobretudo para mantê-la longe de problemas.

O plano havia sido um fracasso completo .

Ao fim da primeira semana, Lucy e Stephen estavam mostrando um ao outro o que haviam aprendido; na segunda, estavam ajudando o outro a entrar escondido em suas aulas. É claro que a governanta percebera e relatara a conspiração para o sr. Muchelney, que havia apenas dado risada, aumentado o pagamento dos dois professores e insistido para que ensinassem as duas crianças.

Todas as tardes depois disso, Lucy e Stephen saíam andando pelo bosque até o alto do morro mais próximo, Stephen recitando todos os melhores trechos de *Henrique V* no caminho. Quando chegavam ao topo, ele aproveitava a luz de verão para encher tela após tela com cenas melodramáticas de batalha, retratos heroicos de cavaleiros à beira da morte e naufrágios fulgurantes. Lucy preenchia as páginas com demonstrações geométricas, triângulos, arcos e losangos decifrados e medidos de forma meticulosa.

Aquele tinha sido o melhor verão da juventude dela — e terminara de maneira abrupta no outono, quando as aulas de Stephen começaram. A irmã deixou de ser a melhor amiga para

se tornar um motivo de vergonha, um alvo de escárnio pela propensão matemática, ignorada em favor de amigos que se interessavam mais por artes, guerra e os pontos altos da história inglesa.

Fora a primeira experiência de Lucy com um coração partido, e levava um longo tempo para se recuperar.

A modista recolheu o tafetá dourado, e Lucy pestanejou diante dos tons banais do mundo. O reflexo dela diminuiu no espelho, tímido e sem graça.

Madame Tabot estalou a língua com compaixão.

— Vamos começar a trabalhar imediatamente, srta. Muchelney. A senhorita não terá que se ater a vestimentas de luto por nenhum segundo a mais do que o necessário. — Ela apertou os lábios, pensativa, e um brilho ávido surgiu em seus olhos. — Também tenho um fraco por cores, o qual não posso saciar tanto nesses tempos insípidos.

Elas providenciaram a entrega dos vestidos enquanto Lucy trajava o casaco de campo comprido e Catherine abotoava o *spencer* elegante. O vento estava frio, mas o sol brilhava, então decidiram caminhar um pouco pela rua cheia de lojas antes de voltar para casa. Parecia que metade da Londres moderna tivera a mesma ideia: por toda parte, casais caminhavam em pares e grupos elegantes de quatro, com um ou outro caminhante ou cavaleiro solitário quebrando a multidão. Cabriolés e coches passavam ruidosamente pelos paralelepípedos, contribuindo com a algazarrava e os odores inescapáveis de cavalos e humanos. Tudo era movimentado e luminoso: armarinhos, joalherias, lojas de brinquedos, docerias perto de cafés, livrarias, relojoarias e perfumarias. Mercadorias mais modestas como fitas, tortas e doces eram empilhadas em carrinhos instalados nas travessas e esquinas, aglomerando as pessoas em pequenos nós nas calçadas. Lucy precisou se manter muito próxima a Catherine para evitar que a multidão as separasse.

Foi quando puxou a condessa um pouco à esquerda para dar a volta por um florista que ela viu. Ali, na vitrine de uma gráfica, bem no centro da exposição, estava a cópia de uma pintura. A

gravura tinha sido tingida à mão com esmero, e foi o contraste que chamou a atenção de Lucy primeiro, amarelo sobre azul.

Então viu a cena, e o coração parou em seu peito.

Era o retrato dela, como se tivesse parado para se olhar em um espelho que alguém havia deixado ali. Mas, enquanto este sempre lhe mostrava a verdade de sua aparência — a extensão comprida do nariz, a estreiteza do maxilar —, aquela imagem a havia aperfeiçoado em alguém ou algo de uma beleza irreconhecível.

Essa outra Lucy estava sentada diante de um telescópio, mas não olhava através dele e sim para além dele, fitando um conjunto de estrelas a olho nu. Constelações de inverno e verão misturadas sem qualquer consideração por tabelas, ciências ou estações. Sua mão lânguida e feminina segurava uma pena sobre uma tabela cheia de números, e uma lanterna — *uma lanterna!*, amarela e radiante como uma fogueira — lançava uma luz clara e forte sobre a cena e destruía qualquer chance que um astrônomo poderia ter de uma boa visão noturna. A figura fantasmagórica de Albert Muchelney pairava atrás do ombro dela — seus traços, ela notou, não haviam sido embelezados; a semelhança era precisa; o braço dele apontava para o céu, enquanto o olhar pintado de Lucy seguia sua orientação. As roupas dela eram largas e drapejadas com romantismo — onde estava o capote, ou mesmo um bom xale quente? A roupa cintilava como a seda mais refinada sob a luz da lanterna, mas quem usaria seda enquanto trabalhava ao ar livre à noite? Ainda mais azul-claro e branco, com certeza as cores menos práticas de todas.

O título da pintura estava gravado embaixo: *As estrelas da srta. Muchelney, ou: A nova Urânia*. No canto, fielmente reproduzida pelo gravurista, estava uma assinatura que Lucy reconheceu com uma sensação flutuante de enjoo, como se a terra sólida tivesse sido arrancada de baixo dos seus pés.

— Ah, Stephen — sussurrou ela —, como você pôde?

Então sentiu a mão de Catherine apertando seu braço.

Baixou os olhos para encontrar os da condessa arregalados e sua boca tensa.

— Ele lhe contou que faria isso?

Lucy fez que não. Através da janela, viu um atendente da loja tirar uma cópia da gravura do topo da pilha atrás da vitrine. Sem querer, Lucy se crispou. A cabeça do atendente se virou com o movimento e, quando ele viu as duas ali paradas, arregalou os olhos ao reconhecê-la.

A visão dela se turvou. *Então é essa a sensação de desmaiar*, pensou, perdendo o equilíbrio e apoiando o peso em Catherine.

Que, abençoada seja, a segurou no mesmo instante, dando-lhe tanta estabilidade e suporte quanto uma rocha sob a vazão da maré.

— Venha — disse ela. — Vamos para casa agora mesmo.

Catherine a guiou para dentro do coche e depois para casa — Lucy não teria nenhuma lembrança do trajeto mais tarde. Foi como se tivesse despertado apenas quando estava na sala, com o xale estelar em volta dos ombros e uma taça do melhor vinho do Porto de Catherine na mão. A taça estava meio vazia, então ela deve ter bebido um pouco, mas mal sentia o gosto nos lábios secos de pavor e mágoa.

Catherine estava à escrivania, redigindo o que tinha dito a Lucy ser uma mensagem bastante dura para Stephen, mas a jovem já sabia que o irmão defenderia os próprios atos, ainda mais depois que alguém o criticasse. O mal já tinha sido feito.

Stephen havia vendido para o mundo uma imagem falsa de Lucy, e fizera aquilo por fama e dinheiro.

E assim o resto do mundo soube que L. Muchelney era uma mulher e, como se não bastasse, uma mulher solteira. As cartas admiradas que a Griffin's lhe repassava começaram a assumir um tom diferente. Alguns correspondentes escreveram para mitigar o entusiasmo anterior, citando seu espanto ao serem enganados pela identidade do autor. Eles se sentiam traídos, disseram. Novas cartas chegaram, de pessoas cujo louvor era muito mais carnal e pavoroso. A *Filosofias refinadas* publicou um artigo seboso do sr. Wilby sugerindo que Lucy também poderia ter sido a mente por trás de algumas das especulações mais excêntricas do pai; todo o caso das cidades lunares foi trazido à tona e se tornou motivo de chacota de novo.



Houve até um cartum grosseiro na revista *Punch*, que Lucy não teria visto se alguém, alegando agir por uma preocupação amistosa, não o tivesse recortado com cuidado da revista e enviado para ela. A caricatura a retratava como aparecia na pintura de Stephen, embora com muito mais seios e menos roupas, olhando apaixonada para uma figura feminina também de seios grandes composta de estrelas no céu. As estrelas nos lugares mais escandalosos eram um detalhe particularmente sórdido.

A Urânia Nua, dizia a legenda.

Lucy ficou tão perplexa que nem conseguiu se mover. Ficou ali sentada, o papel farfalhando na mão trêmula, até Catherine notar o que estava acontecendo.

A condessa deu uma olhada na caricatura, conteve um xingamento e a atirou no fogo.

— Como eles ousam — resmungou, mais raivosa do que Lucy jamais a tinha visto. — Como *ousam*. — Ela ficou vermelha, depois pálida, depois vermelha de novo, murmurando epítetos e maldizendo todos os cartunistas de Londres.

— Não é nada — disse Lucy.

Então apertou as mãos entre os joelhos, observando o papel queimar enquanto se curvava e se transformava em cinzas. Apesar das chamas, ela se sentiu trêmula e com frio, como se houvesse um pedaço de gelo que jamais se derreteria no centro da barriga. Calafrios subiam e desciam pela espinha, e ela encolheu os ombros para se proteger do frio. Era sempre assim; não havia nada a fazer além de esperar passar.

— Você deveria ver os desenhos que Flora Gretton fazia na escola. — A jovem cerrou os dentes para que não batessem. — Ninguém conseguia produzir obscenidades como ela. Isso é praticamente uma aquarela feminina em comparação.

Catherine parou de andar de um lado para o outro e a olhou com um espanto crescente. Ela baixou as sobrancelhas e os lábios assumiram uma curva obstinada.

— De agora em diante, abrirei todas as correspondências que você receber de pessoas desconhecidas. Você já sofreu insultos demais. Isso não continuará.

Lucy balançou a cabeça, enquanto o frio se aliviava um pouco sob o ardor da fúria de Catherine por ela.

— Eles vão continuar mandando até que algo novo os distraia.

— Então vamos sair por um tempo. Já era hora de tirarmos umas férias. — A condessa caminhou até a escrivaninha e começou a pegar folhas para uma carta. — Tenho muitos amigos no interior, sem dúvida algum poderia nos receber por algumas semanas até essa tempestade passar...

— Não poderia ser apenas você e eu? — perguntou Lucy. — Nenhuma festa, nenhum anfitrião com quem ser cortês. — Ela mordeu o lábio e pensou por um momento. — E se... — Era uma pergunta tão grande que precisou parar e respirar fundo antes de continuar. — E se você viesse para casa comigo?

Catherine ficou imóvel.

— Casa? — perguntou ela, com cuidado.

— Para Lyme. — O rosto da condessa havia empalidecido, e o nervosismo crescente fez a língua de Lucy tropeçar mais rápido do que de costume para expressar as ideias. — Stephen vai continuar ocupado em Londres por um tempo, aproveitando a publicidade que conquistou.

— Roubou.

—... certo, isso, mas significa que deve ficar na cidade por pelo menos um mês ou dois. E a casa é muito pequena, mas bem tranquila, e o jardim é lindo no verão e seríamos apenas nós duas, poderíamos fazer caminhadas e piqueniques e eu poderia lhe ensinar a olhar pelo telescópio...

A imobilidade de Catherine foi interrompida. Ela atravessou a sala e envolveu o rosto de Lucy com as mãos delicadas.

— É uma ideia brilhante — falou com fervor. — Estou apaixonada por uma mulher brilhante.

Ela a beijou com intensidade, enquanto Lucy sentia o elogio fazer as bochechas arderem sob os dedos suaves de Catherine.

## Capítulo Onze

O CÉU ESTAVA CINZA, A GAROA ERA FRIA, e Catherine estava mais feliz do que nunca.

Elas estavam em Lyme — ou melhor, um pouco a oeste de Lyme — havia três dias, Lucy, Catherine e Narayan. A jornada em si tinha sido um alívio, embora tenha levado longas horas na estrada, com apenas camas bambas de hospedaria para descansar durante a noite. Catherine usara seu dinheiro e título sem pudor para exigir os melhores quartos e salas particulares, tentando proporcionar a Lucy uma viagem de volta mais agradável do que ela tivera na ida. Chegaram a Lyme sob um clima perfeito; Narayan havia começado a desfazer os baús delas enquanto as duas arejavam o antigo quarto de Lucy para dividirem.

Lucy ficou tão silenciosa durante aquele trabalho que Catherine foi levada a perguntar se ela estava se sentindo bem depois da viagem.

— Não, estou ótima — respondeu Lucy —, é só que... a última hóspede que recebi neste quarto foi Pris.

— Ah — disse Catherine, como se aquela fosse uma resposta adequada.

Lucy puxou o lençol com mais firmeza, os olhos baixos, e Catherine se perguntou com uma pontada dolorosa se havia lembranças associadas àquele cômodo — e àquela cama — que pudessem amargurar mais essa aventura.

Ela afofou os travesseiros com mais força do que o necessário por puro ressentimento.

Mas naquela noite, cheia depois de bons pratos e vinhos do interior e, enfim, maravilhosamente quente, Lucy havia pegado a mão de Catherine e a levado para a cama, envolta por dosséis pesados e empurrada junto à parede para formar uma toca

aconchegante para duas pessoas, desde que elas ficassem bem juntinhas.

Ali, na escuridão de veludo, longe dos barulhos incessantes e do escrutínio da cidade, Catherine perdeu a conta de quantas vezes as mãos e a boca de Lucy a fizeram perder a noção de si mesma.

Na manhã seguinte, acordou com um café da manhã de torrada e queijo, e o clima estava bonito o suficiente para um passeio estimulante pelo bosque até o mercado do vilarejo. Mesmo quando a chuva voltou, dois dias depois, o humor dela não podia ser ofuscado.

E agora ela estava em uma praia desolada, com gotas de chuva caindo em seu cabelo e descendo pela nuca, colhendo pedras com alegria.

Lucy contou que os moradores as chamavam de cobras de pedra ou vértebras, mas Catherine havia conhecido coletores de conchas o suficiente na juventude para reconhecer amonites quando as via. Mas observar uma ou duas em um armário de vidro era uma coisa — contemplar toda uma praia cheia delas era outra.

Ela não teria ficado tão encantada se fossem pedras preciosas inestimáveis.

— Alguns anos atrás — explicou Lucy debaixo do guarda-chuva —, uma jovem encontrou todo um esqueleto de uma antiga criatura terrível descendo a costa... algo entre um peixe e um lagarto. Está em exibição em Londres agora, para estudiosos contemplarem e tentarem adivinhar sua verdadeira idade.

— Deveríamos ver quando voltarmos — disse Catherine, mas sentiu a felicidade diminuir com a ideia do retorno.

Ela amava Londres, mas tinha sido criada no interior e passado anos longe da cidade.

Percebeu que estivera precisando daquelas férias tanto quanto Lucy. Talvez ainda mais: quando fora a última vez que havia feito uma viagem pelo simples prazer do passeio? Era assustador que não conseguisse se lembrar.

— Eu adoraria — disse Lucy, o casaco de campo voando como uma vela sob o vento marítimo implacável. Ela virou o cabo do

guarda-chuva, espantando as gotas do tecido e formando um arco cintilante ao redor de si.

Uma respingou na bochecha de Catherine, que riu e não se deu ao trabalho de a secar, já que havia tantas outras no rosto além daquela.

Lucy balançou a cabeça, exasperação e riso disputando espaço em sua expressão.

— Você vai acabar doente se não tomar cuidado — disse ela, e se aproximou.

O guarda-chuva era ao mesmo tempo um abrigo e uma sinfonia sob a chuva retumbante, enquanto a Lucy tirava com a luva a gotícula do rosto corado de felicidade de Catherine. Lucy tirou as gotas menores com um beijo, a umidade fria desaparecendo sob os lábios quentes e o hálito doce.

Atrás delas, o mar infinito bradou com aprovação.

Depois, voltaram a subir pela trilha do penhasco, Lucy guiando o caminho, Catherine com os bolsos cheios de pedras — algumas para guardar, outras para acrescentar à gruta de tia Kelmarsh. Elas tinham acabado de chegar ao topo quando a jovem, à frente, parou e disse, muito baixo:

— Ah.

Outro casal — um cavalheiro e uma dama — estavam prestes a descer. O cavalheiro era alto e magro, com rugas de preocupação nos cantos bronzeados dos olhos. A dama era jovem e esbelta, com o cabelo loiro, olhos azuis e um casaco de lã verde bordado com lírios-do-vale. Ela estava com uma mão no braço dobrado do cavalheiro e a outra apertando com firmeza um cachecol em volta da garganta.

O cavalheiro sorriu e fez uma reverência muito cordial.

— Senhorita Muchelney! — exclamou ele. — Então é verdade que voltou de Londres.

— Apenas por pouco tempo — respondeu Lucy, puxando Catherine junto a si sob o guarda-chuva quando um vento frio soprou das ondas que batiam lá embaixo. — Lady Moth, gostaria de lhe apresentar o Honorável Harry Winlock e sua esposa, Priscilla.

O casal fez uma reverência, enquanto Catherine sentia o coração ficar frio e pétreo como uma amonite.

— A condessa de Moth — continuou Lucy, completando a apresentação —, minha benfeitora e amiga.

Catherine fez uma reverência cortês, sem deixar de notar como os olhos da sra. Winlock se voltaram para onde os braços de Catherine e Lucy estavam cruzados.

A infame Pris deu um passo à frente, tirando a mão do braço do marido para estendê-la a Catherine.

— Muito prazer em conhecê-la. A senhora é a mesma condessa de Moth que escrevia para o pai de Lucy?

— A própria — murmurou Catherine, aceitando o aperto, as duas mãos enluvadas se segurando com firmeza à beira do penhasco íngreme.

Nenhum calor atravessa o tecido — talvez a outra mulher estivesse tão constrangida com o encontro quanto ela, pois, apesar da expressão educada, os cantos de seus olhos e boca estavam tensos.

— Suas cartas eram sempre divertidas — disse a jovem sra. Winlock. — Eu tentava desenhar os lugares que descrevia, enquanto Lucy repassava suas colunas de números. Que estranho conhecê-la por fim, e tão perto de casa.

— Temos uma vista da costa da sala de estar e estávamos nos perguntando quem ousaria desbravá-la em um clima como este — acrescentou o sr. Winlock, radiante. — Mas não esperávamos uma viajante tão intrépida quanto a senhora, lady Moth! Podemos ter o prazer convidá-la para tomar chá conosco?

Ele tirou o guarda-chuva do outro braço e o abriu, sinceridade e expectativa estampadas no rosto.

Catherine olhou de soslaio para Lucy, que parecia tensa sob a máscara de polidez.

— Outra hora, sr. Winlock, obrigada — respondeu a condessa. — Infelizmente, estávamos voltando para casa.

— Ah — disse ele e, por um momento, um traço de nervosismo o perpassou como o borrifar da crista de uma onda. Mas então a expressão se suavizou, e ele acolheu a mão da esposa de volta

no braço. — Então repetirei o convite em um momento mais oportuno.

Todos voltaram a fazer reverências, como mandava o figurino, e os dois guarda-chuvas se separaram para levar cada casal de volta para casa.

Catherine caminhou em silêncio, observando Lucy com nervosismo. Havia um tom pálido na pele e uma tensão na boca dela que fizeram a pedra no peito de Catherine pesar ainda mais. Nada que conseguisse pensar em dizer lhe parecia seguro, por isso segurou a língua e o braço da amante e colocou um pé diante do outro.

No meio do caminho pelo bosque, Lucy quebrou o silêncio.

— Sempre gostei de Harry Winlock.

Um *non sequitur* como aquele era algo delicado; se puxasse demais, o fio se partiria. Catherine manteve a expressão convidativa e a voz calma.

— Ah?

Ela tinha acertado: a voz de Lucy ganhou força enquanto continuava.

— Ele e Stephen brincavam juntos antes de irem para a escola, mas depois entraram em círculos diferentes. Os amigos do meu irmão almejavam à genialidade, já naquela época: sempre queriam ser inteligentes, ou brilhantes, ou elogiados de alguma forma. E Harry não era... não é... inteligente. O que não é incomum, os meninos nunca são tão inteligentes quanto pensam ser, afinal, mas Harry nunca se importou. Ele não tinha que ser o melhor, nem o primeiro, nem o mais extravagante. Ele só... *gostava* de todos, independentemente de como o tratassem, e independentemente dos defeitos das pessoas. Só notei isso quando voltei de Cramlington e comecei a ajudar meu pai com as observações astronômicas. Eu pegava no sono na igreja, e todos os jovens zombavam de mim, mas Harry apenas me perguntava até que horas eu tinha ficado acordada, se tinha visto algum cometa e quantas estrelas havia contado.

Ela fez uma pausa para desviar o guarda-chuva de um galho que pendia baixo sobre a trilha.

— E então Pris veio visitar... em parte, ela disse, porque a família a vivia pressionando para se casar, e eu era uma espécie de refúgio. — Lucy apertou os lábios como se tivesse mordido algo amargo. — Pelo visto, não fui refúgio suficiente. Ela conheceu Harry, e ele naturalmente se apaixonou por ela. Mesmo assim, não consegui ficar brava com ele... Como poderia? Eu tinha me apaixonado com a mesma rapidez quando a conheci. Mas nunca havia imaginado que ela aceitaria quando ele propôs. Parti para Londres no dia seguinte ao casamento deles.

*Tão rápido!* Catherine se lembrou da atitude impetuosa de Lucy, que ela havia atribuído à ambição científica. Parecia algo muito diferente à luz dessa revelação.

— Não temos que vê-los socialmente, se você não quiser — murmurou Catherine. — Um dos grandes privilégios de ser uma condessa é que as pessoas esperam que eu seja esnobe, então você pode lhes dizer que me recuso a me envolver com pessoas mais simples e nós duas seguiremos como sempre.

Lucy lhe lançou um olhar.

— Mas você *não* é esnobe, meu amor.

— Algo que ninguém em Lyme sabe.

— Mas não quero que pensem isso nem por um segundo. Você não merece.

Elas caminharam o resto do trajeto em silêncio, enquanto Catherine alternava entre querer falar sobre assuntos menos dolorosos e se amaldiçoar por ser covarde. Narayan e Sadie, a criada da casa, já haviam preparado o chá, quente e fumegante, quando chegaram, e as duas mulheres ficaram contentes em tirar a roupa molhada e se aconchegar diante do fogo na sala.

Catherine havia trazido as amonites e as estava virando, de novo e de novo, traçando as espirais delicadas de vida antiga.

Lucy inclinou a cabeça.

— Qual você acha que é a idade delas?

— São mais antigas que a humanidade — respondeu Catherine. — Agora, quanto tempo exatamente, já não sei o bastante para especular. Tia Kelmarsh pode ter uma ideia melhor.



— Ela vai adorar colocá-las na gruta memorial, tenho certeza.

— São muito apropriadas — suspirou Catherine. O rosto de Pris não deixava de atormentá-la. — Uma lembrança de algo maravilhoso e belo, que nunca pode morrer.

Deve ter soado tão pesarosa quanto se sentia, porque as mãos de Lucy envolveram as dela, em volta das pedras.

— Esta criatura *morreu* — disse Lucy. — Ela foi viva, muito tempo atrás. Mas tudo que resta é a gravação: fixada, não animada. Seu tempo já passou.

Catherine não podia fingir que ainda estavam falando sobre as amonites, as quais começavam a aquecer sob as mãos, pegando o calor delas.

— Você a amou tanto, por tanto tempo — disse ela, enquanto lágrimas incontroláveis brotavam nos olhos e deixavam a voz rouca.

Os lábios de Lucy tremeram.

— Por muito tempo, mas não muito bem. Nós nos apaixonamos como adolescentes e não queríamos que nada mudasse nunca, nem eu, nem ela, nem o mundo. Tentamos manter tudo como estava, pensando que poderíamos preservar nossa felicidade como este fóssil fez com essa forma de vida antiga. Ela vinha para longas visitas, mas nunca pensamos em dividir um lar, nem aqui nem em nenhum outro lugar. Os pais dela insistiam para que ela se casasse, e ela não poderia os enganar para sempre, e eu estava tão envolvida nos trabalhos científicos do meu pai, mas ainda sem ousar assumir a autoria de nenhum deles... Parecia que o único lugar em que de fato poderíamos nos amar era nesse espaço congelado entre o passado e o presente. Não havia nenhuma vitalidade verdadeira nisso, nada que alimentasse o coração, a mente ou a alma. Quando olho para trás, o espanto não é que tenhamos nos distanciado, mas conseguido continuar juntas por tanto tempo.

Ela desenlaçou os dedos, tirou as amonites das mãos de Catherine e as colocou de lado sobre a mesa.

Então envolveu os ombros da condessa, que retribuiu o abraço com um soluço baixo, enfiando o rosto no pescoço de Lucy. Naquele momento, de alguma forma o corpo esguiu de Lucy

pareceu ser o eixo estável em torno do qual todo o cosmo girava; Catherine se segurou firme, temendo ser arrancada pelas forças implacáveis da natureza.

As palavras de Lucy, ditas na têmpera dela, ressoaram baixinho até seus ossos:

— Amar você é completamente diferente. Você me faz sentir maior, como se meu coração fosse grande e forte o bastante para caber o mundo. Como se eu pudesse me tornar quem preciso ser, ou quero ser, sem medo. Consigo chegar mais alto e mais longe e não perder você pelo esforço. Ah, meu amor, sabe como esse presente é grandioso?

— Ainda assim, temos que ser um segredo — sussurrou Catherine.

— Eu sei — disse Lucy com um suspiro. — O mundo é cruel nesse sentido. Mas só porque uma parte de nós é secreta, não quer dizer que toda a nossa vida tenha que ser vivida nas sombras. — Catherine podia sentir os lábios de Lucy se curvarem em um sorriso junto à pele delicada ao lado do olho. — Tia Kelmarsch disse que era diferente na juventude dela... talvez volte a ser diferente um dia.

Suas mãos traçaram um caminho preguiçoso pelo decote do vestido de Catherine, provocando e testando a ondulação dos seios. Dedos sensíveis e científicos seguiram a linha do bordado branco que Catherine havia colocado ali muito tempo antes, uma série de ondas oceânicas subindo e descendo como uma maré congelada no tempo. Os olhos de Lucy se estreitaram e ela recuou um pouco.

— Esse desenho é seu?

Catherine teve que curvar o pescoço em um ângulo bastante deselegante para olhar para o próprio peito.

— Sim — falou. — Na viagem de volta do Egito. Eu tinha ficado bastante fascinada pelo mar Mediterrâneo... a falta de marés, as praias cristalinas e rasas. Tão diferentes de seus primos mais profundos e cruéis: o Atlântico, o Pacífico, o Antártico.

Lucy pegou o cotovelo dela, entusiasmo fazendo os olhos cinza brilharem como pérolas.

— Catherine... e se você fizesse um livro de bordados?

A condessa pestanejou.

— Como é?

Lucy acariciou a barra do corselete mais uma vez, fazendo Catherine se arquear sob o toque abafado e lamentar a existência de todos os tecidos.

Lucy não se deixou distrair.

— A sra. Griffin disse que eles vivem procurando estampas novas de bordado. Por que não monta uma coletânea? Talvez algo científico, para combinar com o *Guia para damas*? — O sorriso dela era ao mesmo tempo tímido e astuto. — Ela falou que os florais estavam perdendo popularidade, não? Se o mundo da arte não a quer, vá aonde você é desejada.

*Mas que tipo de desenhos eu ofereceria?*, Catherine pensou em desespero, mas, assim que a pergunta foi feita, sua mente se apressou em lhe oferecer uma resposta atrás da outra. Cometas, conchas, gengibres-abacaxis, marés e arabescos, todo tipo de formas botânicas, tanto familiares como exóticas...

As opções se amontoaram e, por um momento, a deixaram cega e surda a todo resto.

Quando a visão se aclarou, ela ergueu os olhos para o rosto esperançoso de Lucy e lhe deu um beijo intenso.

— Você é brilhante — murmurou Catherine, a euforia disparando através dela como a subida de uma maré matinal.

Lucy sorriu, contagiando-se com a alegria.

— Então você vai fazer?

— Vou começar a reunir amostras de desenho amanhã de manhã — prometeu Catherine.

— E bastou um beijo ou dois para convencê-la. — O olhar de Lucy era de uma satisfação intensa, quase presunçosa, com uma pontada de desejo que ainda esperava ser saciado. — Imagine o que eu poderia fazer com toda uma noite. Aposto que você se definiria como artista antes do amanhecer.

Ela passou a língua quente pelo lóbulo da orelha de Catherine.

— Nunca — respondeu a condessa. Mas emitiu um gemido de prazer e arqueou o pescoço, querendo mais.

Elas foram jantar com os Winlock dois dias depois. O sr. Winlock era só sorrisos joviais e afabilidade, e a sra. Winlock parecia ter se recuperado o bastante da surpresa para se revelar uma anfitriã simpática e elegante. O jantar foi simples, mas farto, e depois os quatro se reuniram na sala para tomar um xerez leve e conversar.

Catherine teve o cuidado de elogiar a sra. Winlock por seu bordado, que estava à mostra em todo canto visível: rosas nas almofadas do sofá, hera nas cortinas, lírios-do-vale nas poltronas, e em toda parte rendados, rendados, rendados.

— Uma coisa que Catherine nunca nos contou em suas cartas — interveio Lucy — era que ela bordava o tempo todo que passava viajando. Ela me mostrou um mapa que tinha feito em fio e linho, de sua primeira expedição.

*Então agora a expedição é minha*, pensou Catherine com um sorriso melancólico. *O pobre George deve estar tendo um ataque, onde quer que ele esteja.*

— Temos um mapa — exclamou o sr. Winlock, ansioso para contribuir. — A senhora se importaria de me mostrar a rota que tomou, lady Moth?

Catherine se levantou do sofá e o seguiu até a escrivaninha no canto — ele teve que retirar uma grande toalha rendada para abrir a tampa. Ela esperou enquanto ele folheava até os contornos conhecidos do mundo, fatiados e aplainados para a compreensão mortal. O sr. Winlock fez todas as perguntas certas, e Catherine perdeu boa parte das reservas que tinha no processo de saciar a curiosidade sincera dele. Pela primeira vez, ver dois anos inteiros de sua vida dispostos num número específico de centímetros de latitude e longitude não a fez se sentir pequena.

Ela até se sentiu à vontade para lhe contar um pouco da última viagem solitária para casa depois da morte de George, e ele assentiu com a luz da compreensão em seus olhos.

— É muito mais fácil deixar o passado para trás quando se pode ir embora do lugar onde ele aconteceu.

Risos do outro lado da sala atraíram seus olhares por um momento; Lucy e Pris lembrando alguma história sobre uma

amiga mútua da escola. As cabeças se inclinaram na direção uma da outra, os rostos radiantes e risonhos, uma loira e a outra morena.

Catherine voltou-se depressa para seu anfitrião, mas os olhos do sr. Winlock estavam fixos nas duas mulheres.

— Acho que esse deve ter sido um dos motivos por que a srta. Muchelney partiu tão de repente depois do casamento — disse ele, para a surpresa de Catherine. — Pris se sentiu terrivelmente abandonada, e fiz o possível para a consolar, mas, para ser perfeitamente franco, e a vida seria muito simples se as pessoas pudessem ser perfeitamente francas umas com as outras, me pareceu uma decisão muito sensata da parte da srta. Muchelney. E agora que ela por fim conheceu a senhora em pessoa... bom, parece obra do destino.

Ele se voltou para encará-la, com um sorriso tímido.

Catherine o fitou por um longo momento, mas a constância do olhar dele não vacilou em nenhum instante.

— O senhor ama muito sua esposa, sr. Winlock — murmurou ela.

— Mais do que minha própria vida, lady Moth. — Por um momento, uma tristeza cintilou em seus olhos, dura e perdida, mas então o entusiasmo voltou à superfície e seu olhar ficou mais animado. — A srta. Muchelney nos contou uma vez que a senhora ofereceu um banquete à sombra da Grande Pirâmide, é verdade?

O evento não era uma das lembranças favoritas de Catherine — George tinha se queixado sobre desperdiçar o eclipse, o clima estava impiedosamente quente e os convidados descontrolados e exigentes —, mas, em prol do sr. Winlock, ela embelezou a história quanto pôde. Ele merecia um consolo melhor do que esse, o pobre homem, mas era tudo que ela tinha a oferecer.

*Que estranho, pensou Lucy, ver a história e o futuro se sobreporem.* Lyme era seu passado: sua infância, seus amores de adolescência, seu antigo trabalho sob a égide do pai. Catherine era seu presente e, pelo menos nas devotas

esperanças que tinha, seu futuro — e, no entanto, lá estava ela, rindo às margens das praias rochosas e a olhando com nervosismo do outro lado da sala dos Winlock. Dormindo — entre outras atividades — na antiga cama dela. Lucy sempre havia sido uma criança muito solitária, mas todos os lugares antes silenciosos eram agora preenchidos pelo calor e pela presença afetuosa de Catherine.

Se tentasse contar quantos momentos passados e presentes se sobrepunham naquele trecho tão comprimido de geografia, temia ficar zozona e se esquecer qual momento era o real.

Como sempre, quando Lucy se sentia confusa, buscava consolo e continuidade nas estrelas. A penúltima noite da visita estava enfim clara o bastante para que convidasse Catherine para subir ao terraço para uma demonstração de observação de estrelas. Uma hora antes do pôr do sol, Lucy colocou papel e lápis em uma mesa que ela e Narayan haviam trazido do escritório de Albert Muchelney e acendeu a lanterna cujas laterais eram de vidro vermelho grosso.

— Esta não prejudica a visão noturna de ninguém — disse ela, com certa aspereza.

— Como Stephen pôde errar um detalhe como esse? — queixou-se Catherine, a menção do nome deixando o tom mais altivo e típico de uma condessa. — Ele nunca a ajudava? Passava as noites dormindo, aconchegado embaixo das cobertas?

Ela fechou um pouco a cara e puxou o gorro sobre as orelhas. A noite clara havia trazido frio, um vento gelado constante que soprava do mar e encontrava todos os lugares onde um xale não estivesse protegendo com cuidado o suficiente.

Lucy respirou fundo o ar com aroma de sal e pinheiro antes de responder.

— Na segunda vez em que meu pai pediu a ajuda dele, Stephen se distraiu com a forma da lua sobre as árvores e acendeu uma vela pequena para poder desenhá-la. Meu pai ergueu a cabeça para anunciar uma estrela dupla e olhou direto para a chama, desperdiçando as horas que havia passado

deixando os olhos se acostumarem com a escuridão. Ele ficou furioso.

Catherine balançou a cabeça, a luz das estrelas lançando um leve brilho sobre os cachos que escapavam em volta de suas orelhas.

— Mas não estamos esperando há horas... Nossos olhos não estarão sensíveis o bastante, estarão?

— Não perfeitamente acostumados. Mas hoje eu só gostaria de mostrar a você como é fazer esse tipo de trabalho. — Lucy ajustou um pouco na lanterna, acanhada de repente. — A menos que ache condescendente da minha parte não a tratar como uma astrônoma séria...

Catherine bufou.

— De maneira alguma. Sou uma amadora. Você é a gênia ilustre, lembra?

Os medos de Lucy se dissolveram como névoa sob o luar, e ela ficou contente pela luz fraca esconder o rubor das bochechas. Então se voltou para o telescópio.

Ah, como o coração pulara quando ela havia subido a escada em espiral para o terraço e vira que Stephen não o tinha vendido! O estojo de latão precisava de uma limpeza e os espelhos, de um polimento mais meticuloso para voltarem a fazer observações científicas precisas, mas o mecanismo de dois metros estava lubrificado, brilhando e pronto para ser usado. Ela instalou a lente ocular na parte mais alta, um pequeno tubo paralelo inclinado para trás na direção do observador, e o grande tubo principal ficava em uma estrutura de madeira, suspenso por cordas que deixavam a ponta ser erguida e baixada em ângulos muito precisos.

A altura mais baixa da condessa significava que Lucy havia precisado trazer um escadote da cozinha, e ela segurou a mão de Catherine para auxiliá-la enquanto a outra mulher subia os degraus e se posicionava diante da lente ocular.

— Ah! — exclamou ela, um som baixo e maravilhoso. — Ah, não fazia ideia de que haveria *tantas*...

Acima delas, o céu cintilava de estrelas. Algumas se dispersavam na escuridão, enquanto outras se aglomeravam de

maneira mais densa em uma grande faixa luminosa que arqueava de um horizonte a outro.

A garganta de Lucy se fechou brevemente. Ela nunca havia compartilhado aquilo com ninguém, pelo menos não desde a morte do pai.

— Vou soltar agora. — Ela soltou a mão de Catherine com delicadeza e deu um passo para trás na direção do caderno e da cadeira perto da lanterna. — Vamos começar naquelas árvores, perto do sul, onde está mais claro. Já preparei o ponto certo onde você vai começar. Vai me dizer o que vê, enquanto tomo notas. Quando tiver dito tudo que conseguir enxergar com clareza, ajustamos o telescópio para cima usando as cordas, e recomeçamos. No fim, comparamos com a carta para ver se observamos algo novo.

— Tão simples assim?

Lucy abriu um sorriso maroto.

— Tão simples assim.

Catherine voltou para o telescópio e começou a falar as coordenadas de estrelas, estrelas duplas e nebulosas difusas e enevoadas. Lucy anotou com cuidado as posições na página. Depois de dez minutos, a condessa havia esgotado seu ponto no céu e recuou, piscando enquanto os olhos voltavam a se acostumar com distâncias humanas. Lucy lhe mostrou como ajustar o ângulo do telescópio — cuidadosa, minuciosamente — e o processo começou de novo. E de novo. E de novo, por uma boa meia hora, até o telescópio passar devagar do horizonte ao zênite.

Lucy poderia ter feito esse trabalho em um terço do tempo, mas a velocidade vinha com a prática e um conhecimento íntimo dos céus. No fim, ela chamou Catherine e as duas abriram a carta celeste que ela trouxera — tudo já estava marcado, exceto por uma única estrela que Catherine avistara, que na verdade eram duas estrelas pequenas pairando muito próximas.

— Essa é nova! — exclamou ela.

— Seria — disse Lucy —, se o sr. Clark não a tivesse descoberto no último outono. O artigo foi publicado na *Filosofias refinadas*, mas as cartas ainda não foram reimpressas.



Catherine soltou um resmungo de fúria abafada.

— Então fizemos todo esse trabalho em vão?

— De maneira alguma... você agora é uma das pouquíssimas pessoas que podem confirmar a observação do sr. Clark como um fato. Na verdade, uma descoberta não é algo que se faz sozinho. Ela sempre precisa ser confirmada por outros, quer você esteja realizando um experimento ou fazendo uma observação ou desenvolvendo uma nova teoria sobre o funcionamento do Universo. A verdade não pertence a um único estudioso: precisa de todos nós.

Catherine inclinou a cabeça, considerando isso.

— Então movemos o telescópio para baixo e começamos de novo alguns graus para o lado?

— Poderíamos fazer isso — disse Lucy — ou posso lhe mostrar uma das minhas vistas favoritas do céu da noite.

Era rápido virar o telescópio de dois metros no suporte, e não demorou muito para apontá-lo na direção do objeto cintilante que ela conhecia tão bem. Lucy ajustou o telescópio para que a esfera mais brilhante estivesse no centro, deu um passo para trás e observou enquanto Catherine subia no escadote e posicionava o olhar curioso na lente ocular novamente.

A condessa perdeu o fôlego e ficou tensa como a corda de um arco. Lucy segurou a respiração, mas o coração dançava no peito. Ela sabia o que esperava pelos olhos da outra mulher: um disco branco e redondo, com anéis distintos arqueando ao redor dele. Minúsculo, perfeito e impossível de compreender: o planeta Saturno.

Catherine olhou e olhou e, quando ergueu a cabeça e se voltou para Lucy, as lágrimas eram óbvias mesmo sob a fraca luz vermelha da lanterna noturna.

— É a coisa mais bonita que já vi — sussurrou ela, como se estivessem no santuário de uma grande catedral e não no terraço de uma casa de campo expostas ao vento. — É tão *real*.

— E tão distante — complementou Lucy. — As únicas coisas mais distantes são as próprias estrelas. — Ela engoliu a sensação crescente de afastamento. — Cresci nesta casa, cercada pelo bosque. O horizonte do oceano era a coisa mais

longínqua que eu conseguia imaginar. Então olhei por um telescópio pela primeira vez e havia todo esse mundo novo. Depois disso, tudo me pareceu pequeno em comparação. — Então lançou um olhar para Catherine, enquanto era tomada por uma ternura. — Quer dizer, quase tudo.

A condessa lançou um olhar para cima, onde Saturno brilhava como qualquer outro ponto de luz, os anéis escondidos a olho nu. Então passou as mãos atrevidas no cabelo de Lucy e a beijou.

— Obrigada — sussurrou ela. Seus lábios se curvaram, um carmesim escuro e luxurioso sob a luz da lanterna. — Como passaremos o resto da noite?

Catherine sentiu Lucy estremecer com a pergunta. A brilhante, obstinada e encantadoramente lasciva Lucy, que havia tomado tanto cuidado com Catherine em todos os momentos.

Bom, era a vez de Catherine, e ela estava farta de ser cuidadora.

Talvez fosse a escuridão, aquela imensidão negra de céu interrompida apenas pelos pontos frios das estrelas. Ou a maneira desejosa como o vento gemia na floresta que farfalhava ao redor delas. Talvez fosse a visão daquele planeta distante, brilhante, perolado e perfeito. Tão diferente da Terra.

Naquela noite, distante do resto do mundo, onde apenas as estrelas poderiam vê-las, tudo parecia possível.

Catherine poderia ser valente. Poderia ser ousada. Não apenas por si, mas por Lucy também.

Ela tirou o gorro da cabeça e começou a alisar o cabelo. Lucy observou o movimento com algo parecido com cobiça cintilando no rosto.

Perfeito.

Catherine colocou o gorro de lado e se aproximou.

— Você passou a noite toda me dando instruções — murmurou no ouvido de Lucy. — E vai continuar me dando instruções. Vai me dizer onde tocar, se rápido, se devagar, por quanto tempo. Vai me dizer quando quiser mais. — Ela roçou os dentes com muita suavidade na orelha de Lucy, provocando um gemido

sussurrado da garganta da astrônoma. — E, se eu gostar do tom do seu pedido, farei tudo... absolutamente tudo. Até você ter gozado tanto que não vai aguentar mais.

Lucy gemeu.

O sorriso de Catherine se alargou.

— Você gostaria disso?

Lucy assentiu convulsivamente.

Catherine tamborilou o dedo na lateral da garganta de Lucy. Apenas um dedo, uma levíssima repreensão, mas o pulso da outra mulher saltou sob o toque.

— Diga-me o que você quer — comandou Catherine.

Lucy respondeu em um sussurro:

— Você.

Os lábios de Catherine se abriram em um riso jovial e silencioso.

Lucy balançou a cabeça, a respiração ofegante. Ela engoliu em seco e ergueu o queixo.

— Beije-me.

Catherine sorriu com doçura... então roçou os lábios na bochecha de Lucy e se afastou.

Foi uma provocação deliberada e diabólica, e fez a outra mulher grunhir tão baixo e feroz que a condessa estremeceu sob o ar da noite fria.

— Beije-me com *força* — corrigiu Lucy.

Catherine obedeceu. Ela colocou uma mão em torno do pescoço de Lucy e puxou a boca para a dela. Tocou nos lábios da outra até que eles se abrissem, então mergulhou a língua no calor doce e úmido e a devorou como se um cometa estivesse caindo do céu e elas só tivessem tempo para um último beijo antes que o mundo acabasse.

Quando sentiu os dedos de Lucy apertarem seu corpete e puxarem os botões de seu vestido, Catherine terminou o beijo e deu um passo para trás, fora do alcance.

— E agora? — perguntou, embora a falta de ar na voz minasse o tom altivo almejado. Sua respiração entrava e saía sibilante dos pulmões e, apesar do ar gélido, suor já escorria como um colar de pérolas por sua espinha.

Lucy também arfava. O frio não era tão forte a ponto de enevoar a respiração, mas, mesmo a trinta centímetros de distância, Catherine conseguia sentir os sopros quentes passando pelas bochechas e pela clavícula. A jovem inspirou fundo uma última vez e apontou a mão trêmula para a escada.

— Lá embaixo. Cama.

Catherine pegou aquela mão estendida e puxou a amante de maneira implacável. Elas desceram aos tropeços pelo corredor, rindo da falta de jeito das duas, os sons abafados sob dedos furtivos.

Catherine puxou Lucy para dentro do quarto e a empurrou com força contra a porta depois de fechá-la.

— E agora?

Os olhos de Lucy estavam escuros e quentes como carvões, apenas uma única faísca estelar nas pupilas. Ela demorou um momento para olhar Catherine de cima a baixo.

— Roupas.

Ah, ela estava sendo muito atrevida logo no começo do jogo. Catherine apertou a palma da mão com mais firmeza no ombro dela, impondo autoridade.

— As suas ou as minhas?

— As suas...

— E o que eu faço com elas?

— Tire — Lucy gemeu. — Rasgue, se for preciso. Mas depressa.

— Isso eu não farei. — Catherine deu meia-volta e olhou com altivez por sobre o ombro. — Você tirará um botão de cada vez, e tomará cuidado com eles.

Lucy riu de novo, mas era um som de puro desejo e submissão, os olhos iluminados de anseio e a expressão desesperada. As mãos dela tremeram na nuca de Catherine, mas, um a um, todos os botões do vestido foram abertos, o espartilho desamarrado, e todos os pedaços de seda, linho e renda haviam caído ao chão.

Catherine se virou novamente, as mãos na cintura, o queixo erguido e soberbo.

Lucy ainda estava encostada à porta. As mãos apoiadas na madeira, os dedos flexionados, enquanto os olhos perpassavam a nudez gloriosa de Catherine. O quarto estava iluminado por uma única vela, um sol minúsculo contra a escuridão, banhando a pele nua em mares ondulantes de luz e sombra.

Catherine desceu a mão devagar, saboreando o próprio corpo, do ombro ao quadril.

O movimento atraiu o olhar de Lucy como um ímã atrai uma bússola; Catherine sentiu como se estivesse no centro do mundo.

Ela arqueou uma única sobrancelha.

— E agora?

A voz de Lucy era rouca, baixa e ansiosa.

— Agora as minhas roupas. Tire-as. — Ela afastou as mãos da porta, unindo-as diante dela, os dedos brancos. — Por favor.

Catherine deu a volta para ficar atrás de Lucy. A jovem estava usando um de seus vestidos antigos, um cinza-escuro que já havia sido verde — dava para ver no avesso do tecido, quando Catherine começou a desabotoá-lo e separar os dois lados. Devagar, foi revelando a longa linha da coluna, as asas das escápulas, a curva da lombar. Deixou as roupas caírem no chão e então pressionou o corpo contra aquele acre reluzente de pele. A sensação do gemido surpreso de Lucy vibrou através do sangue e dos ossos e acertou os mamilos de Catherine, duros e sensíveis. A condessa se mexeu um pouco, permitindo-se desfrutar da fricção por um momento enquanto as mãos subiam, curvando-se em volta da cintura da outra mulher e subindo, até estarem envolvendo o peso doce e pequeno dos seios de Lucy nas mãos.

Lucy se entregou à carícia.

— Mais — murmurou. — Por favor, Catherine... mais, e mais forte.

— Boa menina — disse a condessa. — Nem precisei perguntar dessa vez.

Ela apertou os mamilos despertos de Lucy entre os dedos.

Lucy gemeu, surpreendentemente alto, e cobriu a boca, alarmada.

Catherine deu um beijo com a boca aberta na curva do pescoço dela, e apertou os mamilos mais uma vez. Lucy se contorceu de prazer e agonia.

— Cuidado — alertou Catherine, um riso quente na voz. — Você terá que ser mais silenciosa do que isso.

Por longos minutos, sob instruções cada vez mais suplicantes, as mãos de Catherine perpassaram todo o corpo esguio e delicado de Lucy. A extensão suave das coxas, a pele macia da barriga, as curvas úmidas que escondiam seu sexo. Ela apertava e beliscava o mamilo dela vezes e mais vezes, sem que fosse instruída — só para fazer a outra mulher se lembrar de quem estava no controle.

Mas, depois de um tempo, Catherine ficou ávida. Ela suspirou sobre o veludo quente e suado da pele de Lucy e disse:

— Me diga como quer que eu faça você gozar.

Lucy tombou de leve enquanto os joelhos cediam — mas o peso de Catherine a equilibrou. Os dedos da astrônoma se abriram e fecharam desamparados em volta do antebraço de Catherine, que apertava com força a cintura de Lucy para a manter em pé.

Catherine sorriu junto à escápula de Lucy, e esperou.

— Coloque-me de joelhos — disse a outra, por fim, a voz arruinada, rouca e trêmula. — Fique atrás de mim, perto, assim, mas me coloque de joelhos.

O calor que perpassou Catherine com essa imagem sugou todos os átomos de ar de seus pulmões. Ela lambeu os lábios ressecados pela luxúria e pelo amor e falou com a garganta seca como palha:

— Ajoelhe-se, então.

Lucy acatou no mesmo instante. Não com desamparo, mas obediente, um dobrar rápido e doce de pernas e músculo.

Catherine estremeceu por todo o corpo. Fitou a curva do pescoço, orvalhada sob a luz da vela. Sentiu o sabor de sal e mel entre os lábios quando a beijou, sentindo-se subitamente reverente.

— Abra as pernas — ordenou ela, só para ter um último comando para dar.

Lucy afastou os joelhos. Estava ofegante, e ainda trêmula, mas havia uma paz na tensão que vibrava em seu corpo — como se ficasse perfeitamente contente de permanecer no limiar para sempre, caso aquela fosse a vontade de Catherine.

Mas ela não a faria esperar mais.

Um de seus braços envolveu os ombros de Lucy com firmeza, imobilizando-a. A outra mão desceu e desceu — então Catherine deslizou dois dedos firmes para dentro das dobras de Lucy e começou a acariciá-la. Ela não foi gentil no processo: os dedos entravam e saíam em um ritmo punitivo. Não mais provocando, estavam determinados a possuir.

Lucy desmoronou na quinta estocada.

Um grito áspero escapou da garganta e ela se curvou à frente, o canal apertando-se com firmeza em volta dos dedos de Catherine. A condessa sentiu o coração ir às alturas ao abraçá-la, dando beijos quentes em toda pele que conseguia alcançar, murmurando palavras de incentivo enquanto o corpo da outra tremia.

Lucy relaxou, as palmas no chão, o peito arfando.

Catherine se recostou, presunçosa e sorridente.

— E agora?

Lucy girou e a fitou. Catherine teve um momento para saborear o olhar atordoado e semiferoz em seus olhos antes de a expressão dela se aguçar. A língua de Lucy passou pelos lábios avermelhados e o olhar se estreitou com um intento carnal.

— Agora vai me deixar fazer o mesmo com você.

O riso encantado de Catherine se transformou em um gemido quando Lucy saltou e rolou em cima dela.

Muito tempo depois, esgotada, suada e deliciosamente sensível, Lucy se deixou cair no travesseiro, enquanto Catherine se aconchegava ao seu lado. Os dedos da condessa traçaram a pele de Lucy de sarda a sarda, fazendo constelações com as marcas, por menores que fossem.

— Então você fazia observações com o telescópio toda noite, com seu pai? — perguntou ela. — Ficou menos tedioso depois

que passou a conhecer as estrelas?

— Toda noite, e sim, era tedioso, mas era um tédio com o qual não me importava muito. Eu gostava de olhar para as estrelas. Então olhava para uma estrela. Depois para a próxima. E assim por diante, até o trabalho estar terminado.

O sorriso de Catherine era pura ternura.

— Então você se tornou uma astrônoma um pedaço de céu de cada vez?

Lucy apertou os lábios, refletindo.

— Não sei se houve um momento claro em que me *tornei* uma astrônoma. Eu me apaixonei por Saturno quando tinha 7 anos. Sei que estava me chamando de astrônoma antes de voltar de Cramlington pela última vez.

Ela mexeu no cabelo de Catherine, passando os dedos preguiçosos pelos cachos desgrehados.

Catherine se entregou à carícia, suspirando de felicidade.

Lucy inspirou o aroma do prazer de corpos quentes e continuou:

— Talvez, depois de tantos anos fazendo o trabalho de astrônoma, tenha parecido bobagem evitar usar o termo. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Por que pergunta?

Catherine mordeu o lábio, um acanhamento brotando em sua expressão.

— Tenho pensado sobre como me parecia errado me referir a mim como uma artista — admitiu. — Porque eu não achava que tinha o direito de reivindicar esse título. Era como se fosse o mesmo que dizer ser a imperatriz de Roma. — Ela traçou outra constelação em volta do ombro de Lucy. — As pessoas... bom, na verdade, os homens... falam de arte e ciência como se fossem muito nobres. E são! Elas são importantes, valorosas e vitais para o progresso da humanidade! Mas... apesar de todo o falatório, parecem-se muito com um trabalho. Um trabalho tedioso, incessante, inclemente e exigente a ponto de ser excruciante.

Lucy riu.

— E isso é reconfortante para você?



— É claro que é! De trabalho eu entendo. Não do tipo braçal, embora eu tenha passado tempo suficiente em navios para saber um pouco sobre isso, mesmo que, como condessa, não tenha sido a mim que pediam para realizá-lo... mas de trabalho que simplesmente precisa ser feito, ainda que não traga prazer, paz ou qualquer tipo de satisfação. Por exemplo — continuou, baixando a voz para um tom dedicado a segredos de Estado e confissões no leito de morte —, eu *detesto* costurar.

Lucy riu alto com a raiva na voz dela. Catherine ergueu os cantos da boca enquanto se recostava nos travesseiros e continuou:

— Detesto. Fazer pontos regulares, repetitivos, em uma linha reta, e depois reforçá-los para garantir que se mantenham firmes pelo tempo que precisam? Nenhuma cor com que brincar, nenhuma forma para criar, apenas você e dois pedaços de tecido que quer manter unidos. É monótono. Mas é o que faz um vestido, o que impede que uma toalha de mesa desfie, o que mantém um travesseiro em um determinado formato para impedir que as penas saiam voando pela sala. Por isso a costura deve ser feita. Ela possibilita todas as partes maravilhosas. As pessoas veem a decoração, mas só podem enxergá-la se as estruturas invisíveis certas forem colocadas no lugar. E ciência é a mesma coisa.

— Todas aquelas expedições — murmurou Lucy —, e só agora se deu conta de que ciência era um trabalho?

Catherine bufou.

— Eu sabia que era trabalho, óbvio, mas designado aos homens ou, ao menos, ao meu marido. Não o *meu* trabalho, entende? Creio que tenha lhes dado crédito demais quando falavam sobre como era nobre, transcendente. E eu detestava quando eram hipócritas em relação a isso: se era tão nobre, não deveria ser feito com nobreza? Não com maldade, ou crueldade, ou tendo o lucro como o principal objetivo. Mas eles eram tão fervorosos sobre serem nobres que eu confundia fervor com nobreza. Pensava que eles sabiam algo que eu não sabia... que conseguiam acessar alguma veia de êxtase, genialidade ou intelecto que eu mal conseguia distinguir.

Lucy estalou a língua.

— Porque você era uma mulher.

— Não só isso... mas isso também. Então, quando não me pediam para resolver problemas, eu me reduzia à minha costura: remendava roupas, bordava ornamentos e, quando tudo mais se esgotava, bordava retratos em pedaços de anáguas velhas, só para ter algo para fazer enquanto todos estavam ocupados com a navegação ou a ciência. E você comentou que meus pontos eram como pinceladas... mas hoje me ocorreu que também são como observações telescópicas. Eu percorro um longo caminho fazendo um pouco de cada vez. E, quanto mais pratico, melhor e mais rápida me torno.

Ela se apoiou em um cotovelo, a luz da vela brilhando sobre a curva dos ombros e da omoplata, o restante do corpo escondido sob os cobertores.

Seus olhos brilhavam, e a condessa sorriu, mas Lucy conseguia ver boa parte da antiga timidez ainda espreitando na curva de seus lábios.

— Então comecei a pensar: talvez ser uma artista também seja apenas trabalho, na verdade. Não é ficar em um palco trombeteando a própria genialidade para uma multidão de fãs inferiores, ansiosos de admiração. Talvez signifique apenas ser quem faz um trabalho artístico, vezes e mais vezes. Um processo, não um modelo de perfeição.

Lucy se sentou para olhar melhor o rosto da outra mulher.

— Então você vai começar a pensar em si mesma como uma artista, além de bordadeira?

Catherine se espreguiçou, feliz, langorosa e ainda muito, muito nua. Lucy quase se esqueceu da própria pergunta.

— Vou tentar — disse Catherine.

Lucy suspirou e fingiu decepção.

— Bastou uma breve noite fazendo ciência para você se refugiar na arte.

Catherine sorriu e entrelaçou os dedos atrás da cabeça.

— Não estávamos falando delas como se fossem a mesma coisa?

— Você não estava do outro lado do argumento da última vez?

— Tem razão. — Catherine ergueu os olhos para o dossel da cama. — Meu Deus, o que é *aquilo*?

— Ah. — Lucy virou de barriga para baixo e se apoiou nos cotovelos, para não precisar ver o que a outra mulher estava fitando com um horror crescente. Ela conhecia aqueles lineamentos horrorosos bem demais para ter que impô-los aos olhos. — Você encontrou minha vergonha secreta. Nem todos podemos ser artistas, por mais que nos esforcemos em nossos bordados.

O olhar de Catherine não vacilou.

— Você bordou aquilo?

— Infelizmente, sim. — Lucy voltou um olhar de soslaio para onde os seios generosos de Catherine se curvavam logo abaixo do lençol. — Se conseguir adivinhar o que a cena pretende representar, há uma recompensa.

— Uma recompensa? — Catherine a olhou e notou o sorriso malicioso. — Ah, entendi. Deixe-me tentar, então.

Ela estreitou os olhos de especialista mais uma vez na direção das manchas e dos contornos berrantes do dossel.

— Eu diria Noé e a arca, porque há uma figura de duas pernas que deve ser um homem, e ele parece estar guiando todas as outras criaturas de quatro patas... mas tem alguma coisa com oito patas e, ainda que seja possível ter havido aranhas na arca, ela é grande demais em escala para ser uma. — Catherine franziu a testa. — E o cavalo dele parece estar no processo de uma explosão muito lenta.

— Quase — Lucy engasgou, rindo sem jeito. — O homem é Órion, o caçador. A aranha é na verdade um escorpião, para representar a constelação. A de Leão é o leão, claro, e o cavalo não está explodindo, apenas tem asas, porque não é um cavalo, mas Pégaso. Os outros animais são, ou eram para ser, uma urso grande e uma pequena, um dragão e um touro...

Ela se encolheu, levantando os ombros, sabendo que a outra mulher tinha avistado o touro pelo riso horrorizado.

— Minha governanta pensou que eu me esforçaria mais no meu bordado se tentasse fazer constelações.

— E você se esforçou? — Catherine balançou a cabeça antes que Lucy pudesse responder. — Não, não responda, consigo ver que sim.

— Consegue? — Lucy se virou, pousando a cabeça no travesseiro ao lado da condessa. — Como?

— Bordado é uma linguagem, como outra qualquer. Basta familiaridade para interpretá-la corretamente.

Catherine ergueu o braço, os dedos exímios apontando de uma constelação a outra, assim como havia apontado as estrelas no verdadeiro céu no começo da noite.

— Para começar, embora sua técnica seja rudimentar, você cobriu a maior parte do tecido com bordados. Amostras mais fáceis sempre deixam espaços de sobra, para que possam ser preenchidas mais rápido, enquadradas e exibidas. Mas aqui tudo está amontoado: a urso grande e a pequena até se sobrepõem. As cores são diferentes para cada animal, então você teve que escolhê-las, o que toma tempo. Você fez nós franceses para todos os olhos, e para uma jovem bordadeira eles são o cão, sei disso por experiência própria. Além do mais, como se tudo isso não bastasse para me contar do tamanho do seu esforço, você o deixa pendurado sobre sua cama desde então.

Ela voltou a baixar o braço.

Não estava mais rindo, e Lucy também não.

O olhar de Catherine traçou todos os fios de seda, quase com reverência.

— Você gostava muito desse trabalho, demais para correr o risco de deixá-lo onde convidados, ou seu irmão, pudessem encontrá-lo e caçoar dele.

A garganta de Lucy ficou seca. Ela própria havia se esquecido, como Catherine adivinhara? Mas era verdade; o bordado tinha sido pendurado inicialmente na sala de estar por seu afetuoso pai. Mas Stephen trouxera um amigo artista naquele inverno, e os dois passaram uma tarde chuvosa inteira criticando todos os erros e falhas do trabalho dela.

— Eles disseram que faltava inspiração — murmurou —, a qual dá o sopro da vida à verdadeira arte. Essa é a raiz da palavra, disseram, gastando todo o latim recém-adquirido deles.

Catherine passou a mão pelo braço de Lucy, um gesto apaziguador e seguro.

— Por isso escolheu a ciência em vez da arte?

— Pensei que precisava escolher entre as duas. Eu sabia que amava a astronomia já naquela época, então achei que meu bordado terrível era mais um sinal das minhas habilidades científicas. — Lucy balançou a cabeça, uma enchente de arrependimento raro inundando-a por um breve momento. — Eu não deveria ter discutido com você antes, quando falou que o valor da arte está em como as pessoas a veem.

Catherine se sentou, os olhos brilhando.

— Sabe o que penso? Penso que deveríamos parar de considerar o discurso autoindulgente de seu irmão como uma autoridade máxima.

Lucy balançou a cabeça de novo, mas seu desalento começou a dar lugar à ironia.

— Ele é um pintor profissional, não sei se podemos ignorá-lo por completo.

O rosto de Catherine ficou severo, os olhos azuis se fixando em Lucy, ainda deitada. Era uma expressão estranhamente professoral, uma impressão que só foi intensificada quando a condessa questionou:

— Como Isaac Newton descobriu o princípio da gravitação?

Lucy não estava tão distante dos tempos de escola; a resposta foi rápida.

— Ele viu uma maçã cair na terra.

— E ele foi a primeira pessoa a ter visto isso? Foi um descobridor de maçãs caindo?

Lucy soltou um riso esbaforido, a alegria voltando a borbulhar dentro dela.

— É claro que não.

— Certo, porque isso seria um absurdo. Então Newton olhou para uma maçã perfeitamente banal, fazendo algo que maçãs fazem todo outono em todos os pomares do mundo, e não apenas maçãs, mas outras frutas também, ameixas, pêssegos, laranjas e mangas... e fez uma das descobertas mais brilhantes sobre o mundo físico, algo de que nenhum outro ser humano na

face da Terra havia se dado conta antes. — Catherine cruzou os braços. — Agora me diga que a ciência às vezes não envolve inspiração, tanto quanto trabalho árduo e a busca por verdade.

Lucy considerou aquilo, erguendo os olhos mais uma vez para as evidências terríveis de seus fracassos femininos na juventude.

— Isso é tudo muito bonito para o sr. Newton, mas só o que fiz até agora foi trazer mais clareza aos pensamentos de outras pessoas: primeiro de meu pai, depois de Oléron. Não posso alegar inspiração nenhuma da minha parte.

— Nenhuma? — Os olhos de Catherine se estreitaram. — O que a fez decidir por algo diferente de uma tradução simples?

Lucy inspirou fundo.

— Você — disse, voltando a se sentar.

Ela pegou a ponta do lençol que Catherine segurava, puxando-a. A condessa não soltou, mas se permitiu ser trazida para mais perto.

Lucy baixou os olhos para o rosto corado da amante.

— Eu queria escrever algo para convencê-la de que poderia se dedicar à ciência, se quisesse. Queria ajudar a libertar você.

Antes, Catherine poderia ter baixado o olhar e estremecido. Agora apenas afastou o lençol, desnudando os seios e puxando Lucy em seus braços.

Foi Lucy quem estremeceu quando as mãos da condessa passaram sobre as partes mais sensíveis de seu corpo, quentes contra o ar frio, tremulando como a luz de velas na pele.

— Eu poderia ter me dedicado à ciência antes, por você — sussurrou Catherine. Havia uma sombra de tristeza no canto de sua boca que Lucy queria desesperadamente tirar aos beijos. — Mas agora sei que não devo tentar me refazer para confortar outra pessoa. Não me atraio pela filosofia natural, como é o seu caso, embora seja uma grande parte do meu mundo. Escolhi um caminho diferente... paralelo, talvez, mas não o mesmo. Quero tentar me repensar como uma artista por um tempo, porque acho que isso pode combinar comigo. — As mãos dela apertaram os ombros de Lucy com mais firmeza. — Mas eu nunca teria essa ideia antes de conhecê-la. Portanto veja só: você me libertou, afinal.

— Fico feliz — sussurrou Lucy.

## Capítulo Doze

NO ENTANTO, TODOS OS INTERLÚDIOS PRECISAM TERMINAR E, enfim, era hora de retornar a Londres. Elas pararam uma noite na casa de tia Kelmarsch, cujo jardim não estava tão exuberante devido ao verão úmido e um tanto frio, mas que ainda contava com flores venenosas de sobra que ela ofereceu para vingar o que Stephen havia feito.

— Não precisa ser fatal — explicou ela a Catherine enquanto Lucy desatava a rir. — Uma única pétala de narciso misturada em uma salada não o matará, mas ao menos o deixará tão desconfortável quanto ele merece estar.

Catherine sorriu e tomou um gole de sua cerveja escura — só era verão para a tia Kelmarsch com uma boa e generosa cerveja inglesa, qualquer que fosse a temperatura —, enquanto a mulher mais velha listava algumas outras ideias *extremamente* assustadoras. Sim, ela tinha feito bem em imaginá-la em um vestido de bruxa. Poderia mandar fazer um como presente, a tempo para o Natal...

Foi afortunado que Catherine estivesse pensando sobre sua arte — ela ainda gaguejava com a palavra no silêncio da própria mente, embora estivesse ficando mais fácil —, porque, quando voltaram a Londres, descobriram que o novo guarda-roupa de Lucy estava finalizado e precisava apenas dos últimos ajustes rápidos para ficar perfeito. De repente, Lucy tinha uma aparência elegante, nada parecida com a jovem dama do interior que havia aparecido à porta da condessa tantos meses antes.

A sociedade começou a prestar mais atenção nela.

Alguns dos membros da nobreza que haviam aprovado o livro de Lucy não se importaram ao descobrir que era obra de uma mulher e tinham enviado convites para chás ou algumas palestras interessantes na cidade — de modo que a jovem astrônoma estava criando um pequeno círculo social próprio em



Londres, bastante distanciado dos cavalheiros naturalistas, excêntricos e diletantes que compunham a Sociedade Refinada de Ciências.

Não que faltassem acadêmicos, claro — o sr. Edwards tinha vindo jantar em diversas ocasiões com a esposa romancista, e o sr. Frampton escrevera para perguntar se Lucy já havia enviado sua tradução a Oléron. Ela havia se esquivado, nada ansiosa em se expor à possibilidade de mais escárnios dos bastiões masculinos da astronomia.

E então chegou uma carta de Stephen, perguntando se poderia vir à casa de lady Moth para se desculpar pessoalmente a Lucy.

Catherine pensou que Lucy deveria usar a sala azul, visto que era o cômodo mais formal e frio da casa, mas a jovem preferiu esperar o irmão no pequeno jardim dos fundos, pois tinha certeza de que ele ficaria mais à vontade ali. E se necessário, ela poderia fugir para dentro e interromper o encontro.

Estava andando de um lado para o outro fazia dez minutos quando uma tosse atrás dela a fez dar meia-volta.

Ah, seu coração se partiu ao ver que, mesmo naquele momento, quando estava visitando a casa de uma condessa, Stephen ainda tinha manchas de tinta na manga.

Antes que ela pudesse falar, ele ergueu as mãos e disse:

— Fui um completo idiota e, se quiser pedir para sua condessa mandar os criados me darem uma surra, entendo perfeitamente.

Lucy riu, e parte do constrangimento se aliviou. Eles se sentaram um ao lado do outro no banco sob uma cerejeira, os galhos bem abertos e cheios pela folhagem do último verão.

Stephen passou a mão pelo cabelo desgrenhado.

— Eu não fazia ideia do que as pessoas diriam sobre aquela pintura. Sinto muitíssimo, Lucy.

— Por que você a pintou? — disparou ela, com calor e frio, ao mesmo tempo furiosa e ansiosa para perdoá-lo. Estava exasperada por não se sentir de uma única forma compreensível.

— Se foi pelo dinheiro...

— Não — disse ele. — Quer dizer, foi um pouco.

— Quando o livro foi publicado, eu mandei...

— Eu sei que você mandou — interrompeu Stephen, abrupto, depois passou as duas mãos pelo cabelo e suspirou.

Lucy cruzou os braços e rangeu os dentes.

— Papai me disse para cuidar de você — disse ele. — Então é o que tenho tentado fazer. Fiz inúmeras propostas de retratos e encomendas. Tentei pintar o que pensava que venderia. Estudei, treinei, me esforcei e sorri para quase todos que achei terem uma chance de me oferecer um cargo ensinando seus fedelhos indisciplinados a desenhar um pouco menos mal do que antes.

Ele ergueu a cabeça para o céu, os olhos fechados. A luz do sol entrava por entre os galhos das árvores e embelezava os planos de seu rosto.

Havia mais tensão ali do que Lucy se lembrava.

Ela cerrou o maxilar com mais firmeza para conter o impulso de compaixão.

— Consegui me virar muito bem sozinha.

O sorriso que ele lhe dirigiu foi de partir o coração.

— Sim. Você conseguiu. Tornou-se um grande sucesso em menos de um ano, em parte para me contrariar e provar que eu estava errado... e então me mandou uma grande porção do dinheiro que havia conquistado, sem sinal de que voltaria para casa tão cedo. Sei que a residência de lady Moth deve ser mais confortável do aquela com que estávamos acostumados em Lyme, mas... — Seus olhos cor de avelã pousaram nela, atentos demais. — Lady Moth é uma boa benfeitora ou...?

A garganta de Lucy secou, e ela apertou as mãos com firmeza.

— Lady Moth tem sido muito gentil. Somos... amigas.

O olhar de Stephen não vacilou.

— Uma amiga que vive na casa dela. Comendo a comida dela. Cercada pelos criados dela, que são pagos com a fortuna dela.

Lucy perdeu a calma diante disso.

— Se fere seu orgulho me ver vivendo aqui onde tenho amigos em vez de me fechar na solidão de Lyme...

— Meu Deus, Lucy, se é Londres que quer, encontraremos um lugar para você na cidade. Hoje mesmo — disparou Stephen. —

Só quero ter certeza de que sabe onde está se metendo. Só trabalhou com papai, antes de ele morrer... nunca teve um benfeitor antes. E isso pode ser...

Ele perdeu a voz, virando o rosto sob as sombras vacilantes de verão.

Lucy respirou fundo.

— Pode ser...?

— Difícil. — Os traços dele eram duros, os olhos fixados em um ponto distante. — Você pensa que é paga por seu trabalho, suas ideias e sua inspiração. Mas às vezes descobre que foi paga por sua obediência também. Não apenas em relação ao objeto que está criando... mas em tudo. Há pessoas que lhe pagarão bem, muito bem, desde que não tenha qualquer pensamento ou desejo... ou amigo... fora daqueles que desejam que você tenha.

— Lady Moth não é assim.

Lucy inspirou fundo, sentindo o cheiro da grama, da terra e das últimas rosas do verão. Deveria dizer a verdade a Stephen, que ela e Catherine estavam apaixonadas.

Mas aquilo seria melhor ou pior? Mais complicado, sem dúvida. Não era do dinheiro que sentiria falta, caso Catherine cortasse relações algum dia.

As palavras do irmão entraram em seus ouvidos e se recusaram a sair. Odiava como seria fácil acreditar nele.

— Você está enganado.

— Tomara que sim. — Ele apertou a mão dela, e Lucy quase chorou ao ver o tamanho do amor e do medo misturados na expressão dele. — Os piores benfeitores... eles se aproveitam do desespero. Sua segurança depende de sua capacidade de ir embora.

Lucy engoliu em seco.

As mãos do irmão estavam quentes nas suas, o toque familiar. Eram como as do pai, notou de repente: os mesmos dedos longos e artísticos, a fina camada de pelos castanho-claros. Stephen apertou com mais firmeza.

— Você sabe que só desejo o melhor para você. Somos a única família um do outro. Quer dizer — os lábios dele se

curvaram —, tirando a tia Annabelle.

Lucy curvou a boca e torceu para que isso se passasse por um sorriso.

O irmão a abraçou e foi embora. Ela ficou sentada por um tempo sob a sombra protetora da cerejeira. Um movimento no canto de sua visão fez seu olhar se voltar para cima — para as cortinas no quarto particular de Catherine, que estavam voltando a descer naquele momento. Como se uma mão as tivesse aberto rapidamente, depois as soltado.

Uma semana se passou. Lucy andava estranhamente silenciosa, e Catherine estava ficando cada vez mais apreensiva. Antigas memórias dos longos períodos de silêncio de George a assombraram como fantasmas vingativos. Lucy a tinha convidado para acompanhá-la a uma leitura de poemas com a sra. Edwards, mas a condessa havia preferido ficar em casa e trabalhar no vestido que ainda estava bordando para a jovem — a estampa de anéis de Saturno exigia muitas costuras minuciosas, e a luz da tarde era a mais bondosa para os olhos dela.

Brinkworth trouxe a correspondência bem quando a agulha começava a parecer mais uma arma do que um instrumento, então Catherine decidiu dar um descanso para os dedos — e a vista — e extirpar as mensagens mais odiosas da correspondência de Lucy. Elas vinham se tornando mais raras, mas, até que parassem por completo, Catherine estava decidida a agir como um quebra-mar contra as ondas.

Não reconheceu o nome da sra. Winlock até desdobrar a carta e ver a assinatura ao pé da página: “Sempre sua, Pris”.

Seu coração parou no peito.

Não deveria ler. Já sabia que seria doloroso e não tinha aquele direito. Uma coisa era proteger Lucy dos insultos de estranhos zombeteiros; outra bem diferente era abrir correspondências mais particulares.

Mas, até aí, a carta já estava aberta.

Catherine tinha que saber.

Hesitante, como se as palavras tivessem sido escritas com pólvora e bile, ela passou os olhos por toda sua extensão, linha por linha.

*Querida Lucy,*

*Adorei ver você em Lyme. Inúmeras coisas aconteceram desde que nos separamos. Nesse meio-tempo, espero que esteja bem. Da minha parte, lhe escrevo para dizer que estou na cidade por alguns dias e perguntar se gostaria de me encontrar para um chá amanhã ou no dia seguinte. A cidade de Lyme no inverno é definitivamente parada e maçante, e eu queria um último passeio antes de me preparar para o frio. Toda a conversa da última quinta-feira foi muito interessante. E não deixemos passar mais meio ano sem nos ver! Assim, meus meses de inverno não serão mais tão enfadonhos e tristes. Muito em breve meu marido e eu viajaremos para o norte para visitar minha família. Ora, lhe imploro que se apresse e aceite minha oferta.*

*Sempre sua,*

*Pris*

Catherine não tinha como voltar para o bordado depois de ler — as mãos tremiam demais. Ela colocou a carta em cima da mesa e se perguntou o que diria para Lucy.

Todas as frases que brotaram em seus lábios frios — “Não a encontre”, “Sobre o que vocês conversaram?”, “Foi sobre mim?” — pareciam ao mesmo tempo inadequadas e reveladoras, falando de mais e de menos. Não havia nada de *errado* na carta em si, nada a que ninguém no mundo cortês pudesse se opor. Que mal faria se uma velha amiga quisesse tomar chá com a outra? Elas não haviam compartilhado um jantar cordial? Se Harry Winlock não se opunha, com todo o direito que um marido tinha à desconfiança e à prioridade, que poder Catherine teria em relação à resposta de Lucy?

Os dentes da serpente se cravaram fundo, e Catherine pôde sentir o sangue escorrer do coração e deixar seu corpo oco e frio,

repicando sob as pequenas pancadas como um sino de igreja sob uma chuva de granizo.

Lucy chegou em casa e foi direto para a sala.

— O sr. Frampton pediu para lhe contar — começou ela, mas parou ao ver a expressão de Catherine. Ela se aproximou às pressas, deixando-se cair no sofá ao lado da outra mulher. — Qual é o problema?

As palavras que não tinham vindo antes pareceram se precipitar sobre ela naquele momento, todas afiadas e pungentes:

— Chegou uma carta para você — foram as primeiras a sair. — Eu não teria aberto se tivesse me dado conta.

Ela entregou o papel e observou Lucy empalidecer ao ver de quem era.

Olhos cinza trespassaram Catherine.

— Você não teria aberto, mas, já que estava aberta, leu?

— Li — confessou a condessa baixinho.

A dor da admissão foi perversamente bem-vinda; era melhor do que o estupor e o vazio. Se estava sofrendo, significava que ainda estava ali, ainda estava em contato com o mundo.

Lucy assentiu uma vez, um movimento abrupto de cabeça.

— É uma carta perfeitamente banal — disse Catherine. — Mas isso não é justificativa. Desculpe.

Lucy ainda estava paralisada, e o pânico da condessa redobrou; ela conseguia entender dor, raiva ou recriminação, mas aquele longo silêncio frio quase a fez sair da própria pele de tanto pavor.

Por fim, Lucy voltou os olhos para a carta.

Catherine esperou, ainda levantando e descartando argumentos para todas as eventualidades.

Estava preparada para alguma reação da parte da jovem, mas não para o súbito surto de violência quando Lucy berrou, amassou o papel e o atirou na direção da lareira do outro lado da sala, mas errou a mira. Ela então saltou do sofá e começou a andar de um lado para o outro, praguejando com um tom baixo e furioso.

— Como ela ousa? — foram as primeiras palavras que Catherine conseguiu identificar. — Como ela ousa, maldita!

Era uma resposta inteiramente desproporcional à causa. Catherine ficou paralisada ao se dar conta: aquela não era a reação de um coração que se cicatrizou por completo de uma ferida amorosa. Se Lucy ficou tão inflamada por uma carta tão morna, ainda havia combustível para queimar.

Fósseis coisa nenhuma. Algo ali ainda estava vivo.

O peito de Catherine rachou como uma geleira sob o peso; a língua estava rígida como um pingente de gelo por trás da muralha de dentes cerrados. Ela conseguiu dar apenas uma resposta incisiva:

— Não consigo ver qual é o problema.

Tinha um pressentimento, porém, cravado como uma flecha envenenada no peito. Todos os seus instintos lhe diziam que Priscilla Winlock não tinha boas intenções com aquela carta.

— Ah, ela é cuidadosa demais para isso.

Lucy deu meia-volta, com uma rapidez sobrenatural. Catherine quase conseguia ver as faíscas saírem voando dela... ou talvez fosse apenas o vestido, com uma barra de pequenos cometas que a madame Tabot havia feito com base na estampa do xale estelar. Eles giraram e rodearam seus tornozelos conforme ela voltava a atravessar a sala.

— O objetivo era enganar você. Os pais de Pris sempre leram a correspondência dela, eles eram muito rígidos. Ela sabia que tudo que escrevia teria que passar por olhares censuradores, por isso, escrevia em código. — Lucy desamassou a carta e a atirou no sofá. — A verdadeira mensagem dela está aí, nas primeiras letras de cada frase.

Catherine pegou o papel deformado enquanto Lucy voltava a andar de um lado para o outro, parando de tempos em tempos para pisar com força adicional em uma parte mais grossa do carpete. A resposta à charada estava bem embaixo de seu nariz, afinal: AINDA TE AMO.

Bem. Não tão cortês quanto Catherine havia pensado. Na verdade, a sra. Winlock estava deixando as intenções bastante claras.

— O que você vai fazer? — perguntou a condessa, voltando a deixar a carta de lado.

Ficou tentada a atirá-la na lareira, onde era o lugar de incendiários, mas não era correspondência dela. Não tinha o direito.

Lucy se virou de novo, os olhos cinza flamejando como Atenas em fúria. Ela encarou Catherine, que não disse nada, apenas torceu as mãos uma na outra e esperou uma resposta, agoniada.

O tempo se prolongou.

Por fim, Lucy disse:

— Acho que devo vê-la. Ela veio até aqui. Mas essas charadas são infantis demais. Não há mais necessidade delas.

— Não a quero na minha casa — disse Catherine.

Lucy ergueu a cabeça, o olhar afiado como um florete.

Catherine se encolheu diante daquela aspereza.

— O tipo de conversa que pretendo ter com Pris é mais bem conduzido em particular — disse Lucy sem emoção.

Claro, ela estava certa. Claro, não haveria nada que pudessem dizer de maneira direta a menos que estivessem em um lugar seguro. Catherine assentiu, tentando não transparecer a sensação de que mil agulhas a picavam no peito.

Não deveria esperar algo diferente, na verdade. Priscilla daria seu argumento cara a cara, com súplicas cativantes e lágrimas nos olhos. As duas haviam ficado juntas por cinco anos; Lucy e Catherine apenas alguns meses. A conclusão era inevitável.

— Claro — respondeu a condessa. Aquelas sílabas deveriam ter sido fáceis, feitas quase inteiramente de ar, mas esfolaram sua língua como facas. Continuou falando mesmo assim: — Tenho algumas estampas elaboradas para mostrar à sra. Griffin. Eu poderia levá-las pessoalmente e lhes dar a privacidade de que precisam.

A boca de Lucy era uma linha quando ela assentiu.

— Talvez seja melhor assim. — Uma nota de alívio sincero soou em sua voz.

Catherine não se permitiu encolher de novo, apenas se levantou com elegância do sofá. O movimento lhe custou algumas pontadas nos músculos, tensos pelo esforço de manter



a compostura, mas achou estar representando razoavelmente bem o papel à plateia.

— Sinto que peguei um resfriado por esse clima úmido. Acho que vou me retirar mais cedo hoje.

*E sozinha.* Não complementou, mas, pela expressão fria no rosto de Lucy, nem precisava.

Catherine deu as costas antes que pudesse dizer algo pior e subiu a escada até a cama, que parecia muito maior e mais vazia do que nunca.

Ela se revirou, inquieta, de um lado para o outro, até os lençóis se enroscarem em torno das pernas e ela ter que chutá-los com violência para se soltar. Mas os pensamentos não a deixaram descansar. Que inferno! A falta de perenidade havia sido tão reconfortante no começo daquele romance, e agora ali estava ela, contorcendo-se de ciúme e inveja porque não tinha o direito de pedir a Lucy para escolhê-la em vez de Priscilla Winlock. Espantou-se ao se dar conta de que nunca havia se sentido insegura em relação a George, nenhuma vez, nem mesmo nos anos em que mal se falavam exceto para dizer algo hostil um ao outro. Sempre soubera que ele *não tinha* como abandoná-la, e parte dela sentira um certo consolo secreto e vergonhoso diante disso.

Ao que parecia, havia confiado demais na insolubilidade da licença de casamento. E não em seus próprios méritos.

Amar outra mulher — amar Lucy — não tinha esses luxos e, de repente, Catherine sentiu aquela ausência de maneira profunda. Nunca seria possível relaxar e deixar que os papéis oficiais fizessem o serviço por você; não, era preciso escolher a outra pessoa de novo e novo, todo o tempo. E pior: tinha que confiar que ela escolheria de volta. Era terrivelmente assustador, como começar todos os dias precisando lembrar o coração de continuar batendo.

Narayan veio ao amanhecer, os olhos escuros ansiosos, mas a condessa já estava acordada, envolta por um roupão e sentada ao lado da janela, olhando nervosa para os jardins dos fundos. Aquele prometia ser mais um dia chuvoso de verão. Como se o próprio sol estivesse chorando. A criada ergueu as sobrelhas

ao assimilar o fato de que havia apenas uma pessoa no quarto, mas ajudou a dama a se vestir e prendeu o cabelo dela sem dizer nenhuma palavra a mais do que o necessário. Catherine desceu para o café da manhã e parou ao ver Lucy lá, enchendo o prato.

Lucy Muchelney parecia tão descansada quanto ela: havia olheiras escuras em volta dos olhos e um matiz pálido na pele. Ela parou a caminho da mesa, uma ruga de preocupação surgindo na sobancelha enquanto avaliava Catherine de cima a baixo.

— Ainda se sentindo mal? — perguntou ela, colocando o prato à mesa.

Não se sentou, mas ficou parada ali, as mãos fixadas no dorso da cadeira, os dedos se abrindo e se fechando.

— Infelizmente — respondeu Catherine —, mas vai passar, tenho certeza.

Ela se dirigiu ao aparador e começou a colocar comida no prato: fatias grossas de torrada cobertas em abundância por manteiga e geleia, bolo e mais ovos do que uma única galinha poderia produzir em uma semana. Depois de um tempo percebeu que estava apenas enrolando, então apertou a beira do prato com firmeza, como se fosse um escudo, e se virou para a mesa de café da manhã.

A boca de Lucy estava cheia, então ela não disse nada enquanto Catherine se sentava diante dela. Como faziam todos os dias... mas tudo parecia diferente naquele momento. Árido e definitivo.

A manteigueira e o pote de creme pareciam se assomar sobre os talheres como guardas de um cemitério.

— Já escreveu para a sra. Winlock? — perguntou Catherine.

Lucy engoliu.

— Ela virá hoje à tarde para o chá.

A torrada se esfarelou na boca da condessa, que mal conseguia se concentrar o suficiente para obrigar a garganta engolir. Sentia-se em carne viva.

— Mas já?

— Quanto mais eu pensava a respeito, mais a demora me parecia intolerável. — Lucy voltou a baixar os olhos para o prato.

— Ah.

Catherine precisou engolir meio pedaço de bolo para encher a garganta com algo além de ácido. Então logo perderia Lucy. Sabia que isso aconteceria, tinha visto a inevitabilidade na reação de Lucy à carta, mas ainda assim aquilo a dilacerou como uma costura rasgada.

Lucy também não parecia contente com a notícia, o que Catherine achou difícil de entender. Mas, enfim, devia ser embaraçoso se reconciliar com a mulher amada na casa da nova amante. Ainda mais quando essa nova amante era também sua benfeitora.

Mas Catherine havia se esquecido: Lucy tinha os próprios fundos agora, não tinha? Era uma astrônoma independente, consagrada e em pleno desenvolvimento. Que utilidade Catherine ainda tinha para ela, se não para amar?

Aquilo era insuportável. Catherine tomou um longo gole de chá para limpar a garganta, então se levantou de repente.

— Acho que estou com pouco apetite esta manhã.

— Claramente — respondeu Lucy, olhando para a pilha de comida no prato de Catherine.

A condessa corou.

— É melhor eu verificar se as primeiras estampas estão prontas para a sra. Griffin avaliar — disse ela.

Suas mãos pareciam não saber o que fazer... queriam se estender, puxar Lucy para perto, mas precisava resistir àquela tentação. Apesar de toda a tristeza que pairava naqueles olhos cinza. Catherine não tinha aquele direito, não tinha direito algum.

— Vejo você no jantar? — perguntou Lucy baixinho.

— Eu... — Catherine engoliu em seco, sentindo a barriga pesada como se estivesse cheia de chumbo. — Não sei.

Com certeza não eram os passos dela ecoando pelas paredes no silêncio que se seguiu. Eram acelerados demais, quase correndo. Mas, quando chegou à sala, onde seu caderno de desenhos a aguardava, estava ofegante pelo esforço.

Ela o pegou — inteiro, não apenas os desenhos que pretendia levar à gravurista. Aquela parte de seu coração ela poderia manter a salvo, ainda que perdesse tudo mais. Catherine voltou a se refugiar em seu quarto até o começo da tarde, deixando Narayan maluca por ter que ir e voltar com chá e bolo, levando fatias comidas pela metade de volta à cozinha, sem dúvida para o aborrecimento do cozinheiro. Enfim era tarde o suficiente para que pudesse colocar um vestido de passeio, pegar o caderno e subir os degraus da carruagem para o trajeto até a Griffin's.

A gráfica estava mais silenciosa do que na primeira vez, o que deixou Catherine contente; a luz do sol entrava de viés e agraciava todas as cenas em aquarela com uma aura reverente. A condessa se sentiu relaxar sob o fascínio reconfortante de cores e linhas, até ver o azul familiar da capa do *Guia de mecânica celeste para damas*, exibido em um lugar de destaque para atrair os leitores.

Ela ergueu o queixo e passou por ele, as mãos tensas em volta do caderno de desenhos.

Em vez do jovem de antes, havia um rosto familiar atrás do balcão. Eliza Brinkworth sorriu em reconhecimento e fez uma mesura à antiga patroa.

— Boa tarde, lady Moth.

Catherine retribuiu o sorriso.

— Boa tarde, Eliza. A sra. Griffin está livre?

A expressão da menina vacilou.

— Vou ver, milady.

Ela entrou nos fundos, uma breve algazarra surgiu quando a porta se abriu e se fechou, e logo Catherine estava sendo guiada ao pequeno escritório mais uma vez.

A sra. Griffin parecia desconfiada e foi direto ao ponto.

— Se está aqui para pegar Eliza de volta, a senhora não pode tê-la.

— O quê? — Catherine pestanejou, conforme sua névoa autocentrada de tristeza se aliviava um pouco. — Meu Deus, não, não é por isso que estou aqui. — Ela tamborilou os dedos na capa do caderno de desenhos. — Imagino que Eliza esteja indo bem como aprendiz, então?

— A melhor que já tive — respondeu a sra. Griffin, se recostando. Parte da tensão abandonou o corpo dela, embora os olhos não perdessem a agudeza em momento algum. — Então, se não é por isso, *por que* está aqui, milady?

A boca de Catherine ficou seca como um deserto. Como havia chegado a isso? Teria mesmo que derramar todas as esperanças e todos os sonhos em forma de palavras, como muitas pétalas e pérolas saindo dos lábios de uma princesa amaldiçoada, e torcer para que a sra. Griffin se dignasse a colher algumas?

Ela limpou a garganta, protelando, e a gravura de um mapa-múndi chamou sua atenção, pendurada no alto da parede atrás da gravurista. Uma linha de traços brilhantes mostrava a rota de alguma expedição — talvez até uma de que Catherine tivesse participado.

*Eu viajei meio mundo*, recordou-se, e sentiu uma torrente de confiança renovar a espinha como uma fonte jorrando água fresca e cristalina.

Não havia sobrevivido a coisas mais angustiantes do que uma conversa em que alguém poderia lhe dizer não?

— Tenho uma proposta, sra. Griffin — começou, encorajada pela firmeza do próprio tom. As palavras saíram com mais facilidade depois de ter dado início. — A senhora comentou que está sempre em busca de mais estampas de bordado...

Ela entregou seu caderno. Quanto mais páginas virava, mais os olhos da sra. Griffin brilhavam, e mais as bochechas de Eliza coravam de entusiasmo.

— Ah, sim — murmurou a gravurista, erguendo os olhos sagazes para Catherine. — É claro que a senhora sabe do sucesso que tivemos com o livro da srta. Muchelney. Muitíssimas mulheres estão falando sobre astronomia agora... e não são poucas que vão se interessar por esse seu vestido, enquanto isso ainda está na moda. A senhora criou seu próprio mercado cativo, milady.

Catherine apertou os lábios.

— Parece terrivelmente sórdido dito dessa maneira, sra. Griffin.

— Então não vai querer nenhum dos lucros de seu livro de estampas?

A condessa bufou em discordância.

O sorriso da gravurista era como uma traça, um brilho reluzente que desaparecia em um instante.

— Gosto quando minhas artistas são astutas em relação aos aspectos comerciais — continuou a sra. Griffin cordialmente. — Estou certa de que podemos encontrar porcentagens que agradem a nós duas.

Ela virou mais uma página e parou. Era o desenho que Catherine havia começado a pensar como o vestido de sereia, concebido na praia em Lyme e refinado após aquele primeiro encontro com a sra. Priscilla Winlock. Era um vestido de festa, um prateado metálico escuro com uma rede verde-mar. Pregas cuidadosas aqui e ali lhe davam a aparência de ondas se quebrando, e uma espuma de renda prateada mais clara completava o visual marinho. Teria sido suave, delicado e de uma feminilidade perfeita... exceto que também havia acrescentado cortes grossos de bordados castanhos e amarelo-âmbar para cercar a cintura alta, como madeiras flutuantes após um naufrágio ou um cinto feito de mastros de navios quebrados. O tipo de vestido que alguém poderia usar para seduzir e assustar.

A sra. Griffin olhou aquilo por tanto tempo que Catherine sentiu as bochechas corarem.

— Nem todos os desenhos são científicos — disse a condessa. — Ou mesmo apropriados para damas. Sendo sincera, alguns são um pouco extravagantes. Mas, se eu não os colocar no papel, vão ficar pairando na minha cabeça e ocupar o espaço onde desenhos mais apropriados poderiam estar, então...

Ela fechou a boca. A sra. Griffin não estava escutando. Seus olhos estavam fixados na página, mas de uma maneira distante, e havia tanto desejo em sua expressão que Catherine se sentiu envergonhada de presenciar aquele momento.

O silêncio se estendeu ainda mais. A condessa começou a se inquietar e tossiu para chamar a atenção.

A sra. Griffin ergueu a cabeça e piscou, voltando de onde quer que tivesse ido.

— Nem sei onde eu o usaria... — murmurou ela, então os olhos castanho-escuros se aguçaram em Catherine com uma expressão que era parte cobiça, parte algo muito semelhante a medo. — Você tem um evidente gosto pelo fantástico, lady Moth.

A condessa se remexeu, sem jeito.

— Faço o possível para controlá-lo.

Os olhos da gravurista se suavizaram.

— Talvez não devesse. Vejo muitas roupas em meu trabalho, milady... e muitas grandes obras de arte também. Reconheço talento quando aparece na minha frente.

Catherine corou e foi perpassada por adrenalina. Estava com medo de se mexer, com medo de ter ouvido errado de alguma forma.

A sra. Griffin voltou um olhar rápido para o vestido de sereia, endireitou os ombros e retomou o ar profissional de costureira.

— Vamos começar com os desenhos científicos... e alguns botânicos também, creio eu.

Elas logo chegaram a um acordo sobre pagamento e uma data para Catherine voltar com o conjunto completo de desenhos. Um aperto de mão selou a transação.

A condessa apertou a mão da outra mulher com um pouco mais de força do que era de fato necessário. Conseguia sentir as lágrimas brotando no canto dos próprios olhos.

— Obrigada — falou. — Pela oportunidade.

— Ah, milady. — A outra mão da sra. Griffin surgiu para cobrir a dela. — Quando tiver uma meia dúzia daqueles desenhos fantásticos, a senhora os traria também?

Catherine pestanejou.

— A senhora acha mesmo que as mulheres gostariam de usá-los?

— Acho que algumas ateariam fogo no mundo por esse privilégio — disse a sra. Griffin, a voz baixa e intensa. — Uma ou duas modistas, para começar, que pudessem pagar por algo tão impactante... Talvez não o suficiente para justificar uma tiragem

completa como as outras, mas sem dúvida o bastante para imprimir algumas páginas soltas.

Catherine concordou. Com a negociação concluída, a sra. Griffin pediu a Eliza que levasse a condessa à saída, enquanto ela voltava à gráfica com a barulheira de metal e mão de obra. A garota parecia mais animada do que quando era uma criada.

— Está satisfeita com a aprendizagem, srta. Brinkworth?— perguntou Catherine.

— Ah, sim, milady — murmurou a jovem. — Ela diz que tenho uma mão hábil e tem me ensinado a fazer chapas de música para canções e baladas populares. — Então corou, baixando a cabeça. — Mas fico feliz em voltar à elaboração de estampas... acho que posso persuadi-la a me deixar fazer algumas das minhas, agora que estou ficando melhor na parte da gravura.

— Fico feliz em ouvir isso.

Catherine se despediu e entrou na carruagem com um misto de esperança e arrependimento inéditos. Esperança pelo futuro, pelos desenhos e pelo trabalho ao qual já estava ansiosa para retornar. Arrependimento porque já havia perdido tempo demais. A juventude de Eliza era valiosa como uma fortuna: o volume dos anos estendidos diante dela, tanto espaço, tantas horas para gastar. Já a de Catherine havia passado fazia muito tempo, e ela não sabia o que havia conquistado naquele período além de um punhado de mágoas.

Deveria ter prestado mais atenção em si mesma. Deveria ter se permitido desejar coisas.

Não soubera como, até Lucy aparecer. Mas então havia desejado Lucy, e desejá-la a levara a querer todo o resto. Tudo estava mudado e, mesmo se Lucy fosse embora — ou *quando* fosse embora —, Catherine não teria como voltar à antiga vida assim como não podia desfazer um dia de trabalho de pontos de bordado e deixar o tecido tão imaculado quanto antes. As marcas da agulha sempre ficariam visíveis.

Deveria se acostumar a ser uma pessoa que desejava coisas. Não, ela se corrigiu, respirando e deixando o ar frio a preencher com o primeiro sabor da temporada iminente de colheita. Deveria



se acostumar a ser uma pessoa que conseguia o que desejava. Ainda que nem sempre durasse.

Lucy voltaria para Priscilla e continuaria a ser uma das maiores mentes científicas da época. Catherine assistiria ao progresso dela com interesse, de longe, e pensaria com carinho no tempo que haviam compartilhado.

Seria aceitável, ainda que não ideal. Machucaria, mas menos com o passar do tempo.

Aquilo não a destruiria, prometeu a si mesma. De maneira alguma. Entoou isso consigo mesma no ritmo dos cascos dos cavalos durante todo o caminho de volta para casa.

# Capítulo Treze

TALVEZ A VIAGEM À PEQUENA CASA EM LYME tivesse transformado Lucy novamente em uma garotinha porque, naquela tarde, a casa de Londres pareceu o maior e mais vazio edifício do mundo. Ainda mais depois que Catherine havia partido. Três andares inteiros, pés-direitos altos, pisos de madeira, corredores que ecoavam passos sepulcrais sempre que os criados cumpriam suas funções feito fantasmas. Ela se refugiou na biblioteca, mas, toda vez que virava uma página do livro, em vez das letras e dos números impressos via apenas o rosto de Catherine, pálido e atormentado pela mágoa.

Lucy deveria ter ficado brava. E ficou. Mas deveria ter sentido *apenas* isso: Catherine havia lido sua carta, depois tentado impedir Lucy de ver Pris por ciúme. Essas ações mereciam a raiva dela.

Mas a pior parte era o medo persistente e irrefutável de que Lucy também tinha feito algo errado sem perceber. Por que outro motivo a amante estaria com ciúme agora, se não parecia estar em Lyme? Será que ela havia feito ou dito algo que fizera Catherine duvidar?

E o fato de Lucy estar fazendo essa pergunta a si mesma significava que já estava presa na armadilha descrita por Stephen?

Três dias antes, os receios do irmão haviam parecido... não exatamente errados, mas improcedentes. Gerais, e não específicos.

Naquele momento, porém, figuravam uma explicação muito mais plausível. Catherine havia sido uma convidada em Lyme, uma visitante à cidade e à casa de Lucy. Talvez tivesse pensado no encontro com Pris como algo separado da vida cotidiana — o tipo de aventura estranha e solene que se tinha quando se

estava longe de casa. Como visitar as ruínas de Pompeia e se maravilhar com os resquícios daquela tragédia antiga.

Não o tipo de coisa que se torna um hábito.

Mas agora que Pris estava vindo até ali, Catherine objetara. Para proteger seu território. Sua casa, mas também Lucy. Seria tão absurdo imaginar uma condessa como uma amante possessiva? Seria insensato pensar que ela poderia tentar usar o poder que detinha sobre Lucy para mantê-la ao seu lado?

Uma parte de Lucy se recusava a acreditar naquilo; outra insistia que não passava da conclusão lógica.

Ela se torturou com teorias cada vez mais elaboradas para encaixar evidências contraditórias, até Brinkworth entrar e interrompê-la.

— Sra. Priscilla Winlock para vê-la, srta. Muchelney.

Era a própria imaginação culpada ou o mordomo estava sendo especialmente austero? Lucy não sabia quanto Narayan havia revelado aos outros criados, mas não conseguiu suprimir um receio inflamado de que Brinkworth talvez achasse que ela estivesse traindo a condessa na própria casa. O pensamento deixou uma sensação sebosa de enjoo atrás de si, e Lucy inspirou algumas vezes para tentar controlar o frio na barriga.

— Eu a coloquei na sala azul, senhorita.

Lucy estreitou os olhos, mas a expressão de Brinkworth não vacilou em momento algum. Ele poderia ser puro mármore, um senador estoico e admirado dos tempos gloriosos de Roma.

— A sala azul? — perguntou ela, incisiva.

— Sim, senhorita.

Ele fez uma reverência e segurou a porta aberta.

Não havia nada a ganhar com a demora. Lucy se levantou e desceu o corredor a passos duros.

A sala azul era o cômodo mais próximo da entrada e quase nunca era usada. A condessa preferia a sala de estar aconchegante nos fundos, onde a luz entrava filtrada pelas folhas do jardim de modo a iluminar todas as peças de herança. A sala azul dava para a rua, janelas altas estendidas como bocarras abertas, à vista de qualquer um que passasse pela calçada lá fora. A decoração era neoclássica, pura discipulação grega e

elegância penosa: cadeiras de pés finos, duras e compridas, com uma mesinha de chá entre elas.

Pris estava sentada em uma dessas cadeiras, o vestido de passeio bordado com flores brancas dispersas. Ela parecia angelical, a musselina brilhando sob a luz forte e quase cegando Lucy depois da penumbra confortável da biblioteca. Seu olhar se voltou uma vez para Brinkworth enquanto se levantava e dava um passo à frente para apertar as mãos de Lucy.

— Minha querida srta. Muchelney — falou com um sorriso, no meio-tom perfeito de contentamento para não demonstrar uma ansiedade que revelasse demais.

Lucy não pôde evitar o beijo que Pris deu em sua bochecha, mas estava extremamente consciente da presença de Brinkworth atrás de si.

— Posso lhe oferecer algum refresco, sra. Winlock? — O nome deixou um gosto estranho em sua língua, enquanto o mordomo tocava o sino para a criada trazer chá.

Lucy e Pris conversaram trivialidades até o chá chegar e, então, Lucy agradeceu Brinkworth e o dispensou, sentindo apenas um levíssimo tremor.

— Sempre feliz em servir, srta. Muchelney — respondeu o mordomo. Por um momento, o olhar dele ficou perscrutador, mas voltou a se conter, a expressão retomando a elegância. — Avise-me se houver algo mais de que a senhorita ou sua convidada precisem.

Havia alguma mensagem ali, mas Lucy estava tensa demais para a decifrar. Cada instante de esforço apenas deixava o nó mais tenso.

— Obrigada — falou, e observou pensativa enquanto Brinkworth fechava a porta da sala atrás de si.

Em seguida, ela se voltou para Pris, que sorriu com todo o carinho de antigamente, as covinhas surgindo em suas bochechas e o afeto de que Lucy se lembrava tão bem iluminando seus olhos.

Em um passado não muito distante, o coração teria saltado com aquela imagem. Mas a Lucy daqueles tempos não era a

Lucy de agora e, em vez disso, ela apenas cruzou os braços e perguntou:

— Como está Harry?

— Ah! — exclamou Pris, e se remexeu na cadeira desconfortável. — Sei que fui muito grosseira... mas você me perdoou, não?

Ela estendeu os braços e se inclinou à frente, entreabrindo os lábios, mas parou quando Lucy franziu a testa e ergueu a mão em sinal de advertência.

— O que você quer, Pris?

— Você, claro. — Pris inclinou a cabeça, um sorriso provocante se abrindo em nos lábios pintados de rosa. — Recebeu minha carta?

Lucy se eriçou.

— Não sou um animal de estimação para vir quando chamada.

— Não seja rude. — Pris suspirou. — Claro que é mais do que isso. Tem todo direito de sentir raiva. Sei que a magoei muito. Mas tenho todas as intenções de me reconciliar com você, se me permitir...

— Por que agora?

Pris pestanejou, interrompida pela contundência do tom de Lucy.

Lucy sentiu uma satisfação cruel diante da confusão no rosto da ex-amante. Mais palavras se derramaram de sua língua, um jato de uma fonte que irrompia da rocha.

— Duas semanas atrás você se comportou como uma boa esposa. Seis meses atrás nem conseguiu me avisar que se casaria com Harry... e agora pensa que pode estalar os dedos que voltarei correndo, como se nada tivesse acontecido de lá para cá? — Lucy balançou a cabeça. — A tinta em sua licença de casamento mal secou e já está jogando os votos de lado como... como me jogou.

— Foi um erro. — Pris fez um beijo triste, mas Lucy conseguia ver a cor subindo às bochechas da outra. Ela não esperava encontrar resistência, e aquilo estava começando a frustrá-la. Pris nunca gostou de ser contrariada. — Pensei que, se finalmente me casasse, meus pais achariam que haviam

cumprido seu dever comigo e me deixariam em paz. Deixariam a nós em paz. Tenho minha herança agora, então não preciso me esforçar tanto para lhes agradar. — Ela fungou, mas, se havia lágrimas caindo dos olhos, Lucy não as viu. — Pensei que enfim estaríamos a salvo.

— A salvo! — exclamou Lucy. — Você me trocou por um marido de quem nem gosta! Achou mesmo que isso não me magoaria? — Ela estreitou os olhos. — Ainda mais porque nem me perguntou antes. Deixou que eu descobrisse quando os proclamas foram lidos, no banco da igreja, com toda a vila ao redor para notar minha reação.

— Bastava ter mantido a cabeça fria — retrucou Pris — e teríamos continuado como sempre... só que melhor. Mas você não podia esperar, podia? Fugiu para Londres logo em seguida, como uma covarde. — Ela fungou de novo, por ressentimento dessa vez. — Uma mulher casada tem muito mais liberdade do que uma solteira. As pessoas fazem menos perguntas, perdoam certas excentricidades.

— Ah, eu seria uma excentricidade, então? — redarguiu Lucy. — Que lisonjeiro. Posso perguntar se você informou Harry desse esquema quando aceitou o pedido dele?

— Não seja absurda, Harry não tem nada a ver conosco.

— Pris, ele é seu *marido*. — Lucy respirou fundo, tentando manter o volume abaixo de um grito. As paredes ecoavam ali. — E ele ama você.

— Mas eu não o amo. Meu coração está ocupado por outra pessoa. Como pôde duvidar disso?

Pris tentou se aproximar mais uma vez, os olhos arregalados e límpidos de lágrimas não derramadas.

Lucy afastou a mão e saltou da cadeira para garantir.

— Errou em vir até aqui, Pris. Pensei que poderíamos conversar, nos entender, mas você não está me escutando. O que tínhamos já se foi. Morreu no dia em que você entrou naquela igreja e jurou passar a vida com outra pessoa.

Pris fez um gesto de desprezo com a mão elegante.

— Um homem.

— Uma pessoa, que você escolheu — insistiu Lucy. — Você aceitou a aliança dele, aceitou o nome dele, mora na casa dele. Nunca me disse o que esperava de nós depois do casamento e zombou quando perguntei se havia contado para Harry. — As bochechas de Pris estavam flamejantes, e Lucy sabia que haveria uma erupção em breve, mas continuou falando ainda assim. — Ele fez os votos com sinceridade e dedicação, mas você aparentemente não.

Pris se levantou de um salto, a cabeça erguida.

— Se só vai ser cruel, então tem razão, eu não deveria ter vindo. Vamos conversar de novo quando você tiver voltado para casa, depois que tirar um tempo para cair em si.

Aquilo merecia mais do que o bufo de escárnio que Lucy deu.

— Pois vai esperar sentada.

Pris estreitou os olhos.

— Por quanto tempo?

Lucy pensou no rosto de Catherine, e a angústia ressoou através de todo corpo.

— Não sei dizer.

A outra mulher estalou a língua diante disso, cachos loiros saltando com o movimento.

— Ora essa. Você já deu o seu recado, e já pedi desculpas. Prolongar isso por orgulho seria infantil.

Pris deu mais um passo à frente, estendendo a mão, e os raios de sol da rua fizeram a musselina clara de seu vestido brilhar como um relâmpago.

Lucy se encolheu como se tivesse sido atingida. A raiva se inflamou, ainda mais forte por ter passado tanto tempo contida.

— Pensa que passei meio ano longe por orgulho? — O egoísmo da ideia a chocou, e os olhos arregalados e confusos de Pris só agravaram isso. Como se Lucy tivesse simplesmente parado de existir ao não estar ao lado da outra, suspirando de amores ou conspirando baixo para reconquistá-la. — Eu estive *ocupada*, Pris. Andei trabalhando. Criei uma vida aqui. Pode parecer a você que eu estava fugindo, mas na verdade estava correndo na direção de algo.

— E o que seria isso?

Priscilla estava fumegando, os bordados de flores brancas no vestido tremendo como flores de macieira em uma tempestade de primavera.

— Um futuro — respondeu Lucy, contundente. — Uma vida, e uma vida feliz. Uma casa onde eu possa aplicar os meus talentos, para pessoas que me darão valor.

— Pessoas como sua lady Moth?

A farpa acertou em cheio; Lucy não conseguiu conter um estremeamento revelador.

Pris riu, um som áspero e horrendo.

— Ah, eu notei a maneira como você olhava para ela em Lyme. Deve ter se divertido seduzindo uma velha matrona da nobreza, duvido que a ideia de que as mulheres poderiam sentir prazer no ato tivesse ocorrido a ela.

Lucy mordeu o lábio com força para ficar em silêncio.

Pris inclinou a cabeça, notando uma fraqueza, como sempre fazia. Seus olhos pesavam a reação de cada uma de suas palavras.

— Duvido que tenha lhe ocorrido haver mais àquilo do que abrir as pernas para o finado marido e aguentar firme até que ele começasse a roncar. Aposto que ela ficou feliz que a viuvez tirou essa tarefa da lista. Aposto que nunca ergueu as saias e desceu as mãos...

— Chega! — exclamou Lucy.

— Ah, que interessante. — Pris estava no auge de seu veneno agora, uma imagem que Lucy não via desde os tempos de escola e esperara nunca ver de novo. — Quer de fato me fazer acreditar que prefere uma versão mais insossa e definhada de mim?

— Definhada? Por Deus, Pris, ela é só dez anos... — Lucy se interrompeu com certo esforço. Quando voltou a falar, sua voz era muito suave. — Eu amo lady Moth. Essa é a mais pura verdade. Eu a amo e não a trocaria por você.

O sorriso de Pris se desenrolou, uma serpente pequena mas venenosa atrás de uma folha de roseira.

— Talvez não deseje pensar nisso — falou. — Mas já considerou que talvez sua lady Moth não queira manter você? Você é interessante agora, com sua juventude, seu talento e o



estardalhaço sobre seu livrinho. Mas o que vai acontecer quando os caprichos de sua dama mudarem? — Ela alisou a saia do vestido, passando as mãos sobre os nós delicados de botões e flores. — Pode jogar meu casamento na minha cara se quiser, mas tenho algo que você e lady Moth nunca terão. Tenho *certeza*. Harry não pode me largar, nem mesmo se quiser, e ele não quer. Está ligado a mim até a morte, de uma maneira como você nunca poderia.

— Eu poderia ter tentado, se você tivesse me pedido — disse Lucy, com calma. — Mas você escolheu outra pessoa para isso.

— E agora você está fazendo o mesmo, só para me magoar. — Pris proferiu essa conclusão como se fosse um triunfo culminante. Porque, claro, ela deveria estar no centro de tudo que era importante. Na cabeça dela, era o imã na direção do qual todas as bússolas apontavam.

Lucy se cansou subitamente. Das brigas, do drama, da maneira como cada discussão se aprofundava mais e mais sem nunca ter um fim à vista. A vitória naqueles termos somente poderia pertencer a Pris. E a astrônoma estava farta de jogar um jogo que não tinha como vencer.

A raiva e a mágoa evaporaram, substituídas por uma certeza sólida e ferrenha que parecia afiar as arestas de todas as superfícies da sala. *Eu não tenho mais que entrar nesse jogo.*

Nem precisava terminar a discussão, embora estivesse claro que Pris esperava ansiosa por uma resposta acalorada. Lucy deu meia-volta e caminhou até a porta, com um profundo orgulho da maneira como suas mãos continuaram firmes enquanto a abria. O que viu no corredor a fez sorrir com sinceridade. Ela escancarou a porta e cruzou as mãos, representando a jovem anfitriã recatada.

— Boa tarde, sra. Winlock. Espero que o resto de sua estadia na cidade seja agradável.

Pris deu um salto à frente, um comentário cortante nos lábios rosados, mas as palavras morreram sem ser ouvidas. Brinkworth estava esperando no corredor com o chapéu e as luvas à sua espera, uma expressão perfeitamente prestativa no rosto e um brilho afiado no olhar.

Pris o agradeceu de pronto, e ele fez uma reverência com todas os sinais de uma obediência refinada. Ela vestiu a luva um dedo de cada vez, a boca firme em uma expressão teimosa.

Com um lampejo de clareza, Lucy se deu conta de que tampouco precisava representar a última parte dessa farsa.

— Acho que vou retornar à biblioteca, Brinkworth. Peça para um dos criados pedir um cabriolé para a sra. Winlock.

Conseguia imaginar a expressão no rosto de Pris ao escutar aquilo, mas não parou para ver. Em vez disso, subiu a escada com toda a elegância possível, deixando que a amante rejeitada fitasse suas costas em um silêncio embasbacado.

Cinco minutos depois, Brinkworth a reencontrou, embora ela não estivesse tendo mais sorte do que antes com seu livro. A rajada de audácia que a havia feito zarpar degraus acima havia passado. As mãos dela tremiam enquanto revivia a discussão, agonizando sobre o que deveria ou não ter dito.

O mordomo fez uma reverência, suas sobrancelhas franzidas com uma preocupação incomum.

— A senhorita me permite uma ousadia?

Lucy pestanejou.

— Pois não?

— Lady Moth sempre achou conveniente beber um pouco de conhaque com limão depois de uma conversa como a que a senhorita acabou de ter.

Ele estendeu uma bandeja com um copo: três dedos de líquido amarelo-âmbar, o dourado anuviado pela fruta cítrica.

Lucy sabia que, se chorasse, o mordomo ficaria consternado, então engoliu o nó na garganta e abriu um sorriso brilhante enquanto aceitava a bebida.

— Obrigada, Brinkworth. É muito gentil da sua parte.

Ele tossiu enquanto se empertigava.

— Lady Moth foi mais do que gentil comigo e com a minha família — disse ele, com suavidade. — Ela merece toda a gentileza em retorno.

As mãos de Lucy apertaram o cristal. Brinkworth sabia. Ele *sabia*, mas os olhos demonstravam preocupação, não raiva ou

repulsa. Havia lhe trazido um drinque para acalmar os nervos. E acreditava que Catherine merecia gentileza.

Lucy relaxou os ombros e olhou no fundo dos olhos do mordomo.

— Concordo plenamente.

Por um momento, os cantos da boca dele se curvaram para cima, mas quando Lucy, fascinada, pensou que veria um sorriso, ele se controlou e fez mais uma reverência.

— Avise-me se precisar de mais alguma coisa, senhorita.

A porta se fechou com delicadeza atrás de Brinkworth, e Lucy se recostou no sofá desgastado e rangente para tomar a bebida, tossir com surpresa ao ver como era forte e observar as partículas de poeira sob o sol fraco da tarde.

Quando terminou o copo, o calor e a lassidão haviam envolvido fios finos ao redor de seu corpo, e uma chuva leve havia começado a cair lá fora. Gotículas voaram contra as vidraças e correram uma atrás da outra pela superfície. Lucy se recostou um pouco mais e deixou as sombras crescerem nos cantos altos da biblioteca.

Deveria ser a biblioteca dela àquela altura, de tanto tempo que passava trabalhando ali... mas não era, era? Ainda era a biblioteca de George, quase três anos depois da morte dele. O que deveria tê-la feito a biblioteca de Catherine, na verdade, mas também não parecia ser dela. Era mais um lugar de que a condessa cuidava, mas não um que ela habitava. Como um túmulo. Um túmulo muito grande e ecoante, com capas de livro dispostas nas prateleiras como lápides pequeninas.

Lucy provavelmente poderia botar a culpa da imagem no conhaque. Ela deixou o copo vazio de lado, tirou os sapatos, colocou o xale estelar em volta dos ombros e se aconchegou junto ao braço do sofá.

Ao redor estavam as lombadas de livros, encadernados para combinarem em conjuntos de preto, marrom e verde-veneno. Nomes de autores. Nomes de homens, todos eles. Exceto por um pequeno volume azul de bolso, ali na prateleira com os de outros astrônomos. A própria Lucy o havia colocado ali, sob o olhar orgulhoso de Catherine — mas, ah, ele parecia tão sozinho

em meio a todas as outras centenas e centenas de livros. E, afinal, ela era apenas uma tradutora, enfileirando palavras belas em volta dos pensamentos de outra pessoa.

Pegando emprestado o talento de outra pessoa.

Quais eram as chances de que a próxima coisa que escrevesse tivesse metade do mesmo sucesso? Ainda mais se ela o estivesse escrevendo, e não traduzindo mais um volume da obra-prima de Oléron. Graças ao primeiro, Lucy tinha dinheiro suficiente para se sustentar por um tempo se fosse econômica, mas os fundos não durariam para sempre. Depois de um tempo se veria dependente da caridade de alguém novamente: o puritanismo tacanho de Stephen ou o apoio mais gracioso de Catherine.

E se o entusiasmo tivesse se perdido até lá? Lucy sabia que era a primeira namorada da condessa, a primeira mulher por quem havia se apaixonado. Talvez concluísse que Lucy não fazia o tipo dela. Havia sido casada antes: sabia algo sobre permanência. Talvez, com o passar do tempo, ela se sentisse aprisionada pelo afeto passageiro de uma estudiosa acanhada que não acrescentava nada à união.

Lady Moth merecia um futuro mais brilhante do que esse. Brinkworth estava certo em se sentir protetor em relação à patroa. Lucy deveria ser igualmente altruísta, se não mais.

Quando ouviu o passo firme de Catherine no corredor lá fora, Lucy havia mergulhado em um humor de verdadeira desesperança. A condessa bateu de leve e espiou desconfiada por entre a porta, estreitando os olhos sob a luz fraca.

Lucy franziu mais a testa ao perceber que deveria ter acendido uma lamparina ou pedido que acendessem uma chama. Estava ficando frio com o passar do dia.

Catherine entrou na biblioteca e parou. Devia ter vindo direto da carruagem: ainda segurava as luvas, e havia gotas de chuva brilhando em seu cabelo.

— Você ainda está aqui — disse a condessa.

— Onde mais eu estaria?

Catherine não respondeu, apenas a observou com olhos arregalados e cautelosos como se estivesse olhando para um

fantasma.

Lucy se forçou a se sentar e tentou esconder a melancolia; ninguém gostava de uma amante de mau humor.

— Como foi na Griffin's?

— Foi bastante maravilhoso, na verdade. — Catherine se sentou com cautela em seu lugar habitual. — Fechamos um acordo para um livro inteiro de estampas científicas de bordado.

Em breve, metade de Londres poderia estar vestindo a obra de Catherine. Lucy não teria mais aquilo para fazê-la se sentir especial.

— Que maravilha.

— Mas ela também viu um dos vestidos mais... *fantásticos*, como ela chamou — continuou Catherine. — A sra. Griffin quer imprimir um punhado desses desenhos separadamente, para vendas individuais. — Ela se remexeu, as mãos torcendo as luvas. Sua expressão era ao mesmo tempo de contentamento e medo. — Falou que reconhece talento quando está diante dele.

Lucy se lembrava da gravurista: afiada como os instrumentos e com olhos perspicazes como qualquer artista. Atraente também, de um modo austero.

— Ela deve saber melhor do que ninguém. Tenho certeza de que vocês se darão maravilhosamente bem.

Catherine ficou paralisada.

— Como é?

Quanto mais imaginava, mais o mau humor de Lucy se agravava.

— É perfeito, não é? Você tem a inspiração e ela, a habilidade e os recursos para torná-la conhecida em toda parte. Seria uma parceira muito melhor para uma artista em ascensão. Bem mais do que uma astrônoma lunática que já indignou metade da comunidade científica de Londres. É um verdadeiro passo à frente, uma vez que não tenho mais utilidade.

Foi a pior coisa que Lucy já dissera, e ela sabia disso, mas era tarde demais. Observou, desesperançada e com dor no coração, enquanto o rosto de Catherine se inflamava com a implicação.

— É estritamente um acordo de negócios. Se imagina outra coisa, bom, não sou eu quem passou a tarde em um tête-à-tête

com uma ex-amante. Minha consciência não tem por que pesar.

— O que você queria que eu tivesse feito? — perguntou Lucy.  
— Ela não pararia até ter uma resposta. Pris sabe ser muito inoportuna quando mete algo na cabeça.

— Você poderia ter lhe enviado uma carta.

Lucy desviou os olhos, o ardor do conhaque e a acidez do limão fazendo a garganta arder.

— Você poderia ter exigido ler tudo que eu enviasse a ela.

Catherine soltou um barulhinho no fundo da garganta, parecendo magoada.

— Sinto muito por aquilo. Não acontecerá novamente — disse ela com calma. Calma demais. Como se esperasse ser perdoada. — Eu só estava tentando protegê-la.

Lucy estava farta de pedidos de desculpas; e esse último foi como uma espora. Ela atirou o xale estelar de lado e caminhou pela biblioteca, os passos furiosos a levando do sofá até a lareira, depois até a janela e voltando para completar o triângulo. Isso deu certa vazão a seus sentimentos, mas não o suficiente.

— Pris sempre pensou que eu era o satélite dela — falou. — Que eu só poderia orbitar em torno dela. Nunca pensou que eu pudesse escolher um caminho para mim.

— Ah. — Catherine suspirou, um ruído longo e baixo que repicou como um sino funerário. — Você valoriza sua independência. É natural.

— Valorizo minhas escolhas — afirmou Lucy. — E valorizo pessoas que as respeitem. Stephen nunca as respeitou, Pris nunca as respeitou... ninguém, na verdade. — Ela parou de andar e se virou para encarar a condessa. — Até você. Você confiou que eu encontraria meu próprio caminho, ainda que aquele aonde eu estava me dirigindo não parecesse provável ou mesmo possível de alcançar. — Uma ternura se infiltrou e tirou parte da sua mágoa. — E agora está abrindo um novo caminho para você. Diferente do meu.

— Não precisa ser — argumentou Catherine. — Podemos providenciar algo... algo permanente.

A palavra *permanente* atingiu Lucy como uma pedra quebrando uma janela, deixando um buraco enorme e afiado

onde antes havia um vitral.

— Como assim?

— Não sei como chamar, mas... os advogados saberiam. Poderíamos... poderíamos providenciar que você tivesse uma pensão, talvez, ou eu poderia ver se é possível que você se torne herdeira do condado...

— Não quero ficar em dívida com você!

O grito ecoou pelas estantes da biblioteca de George.

Catherine fechou a boca, o rosto de uma palidez doentia.

Lucy se esforçou para recuperar o autocontrole, mas só conseguiu segurar a língua, antes que dissesse algo mais de que pudesse se arrepender.

Catherine pareceu muito pequena de repente: ombros curvados, mãos cerradas, tudo tentando ocupar o menor espaço possível enquanto sombras funestas cresciam nos cantos da biblioteca.

— Eu só queria cuidar de você. Você tinha tão pouco quando chegou a Londres — disse ela. — Não me parecia seguro mandá-la de volta para a cidade sozinha. Foi por isso que a convidei para ficar.

A vergonha foi como uma maré negra, subindo à altura do coração de Lucy.

— Você me acolheu por caridade.

— Você não precisa mais dela.

Catherine estava com os olhos baixos, os dedos entrelaçados tão tensos que pareciam prestes a rachar, como uma porcelana sobrecarregada. Ela parecia o retrato do decoro de uma esposa: tão fria e intocável quanto Pris a havia acusado de ser.

Lucy sentiu as esperanças silenciosas se apagarem, uma a uma, como estrelas encobertas por uma nuvem, conforme as sentenças cuidadosas de Catherine seguiam em frente.

— Seria fácil para você encontrar um lar. Algum lugar mais próximo da Universidade, talvez... ou até no interior. Seria melhor para as observações com o telescópio, afinal.

— Catherine...

Ao som do próprio nome, a condessa ergueu os olhos, apenas por um momento, mas os baixou novamente logo em seguida.

Lucy sentiu como se tivesse passado do meio-dia à meia-noite em um piscar de olhos. Um calafrio lúgubre a perpassou.

— Você não vê um futuro para nós? — perguntou.

Os ombros de Catherine subiram e desceram, o mais leve dar de ombros que Lucy já havia visto. Um gesto tão ligeiro que atingiu seu coração com força. A expressão da outra mulher era serena, imperturbada. Indiferente.

— Como pode haver um futuro? Estamos em caminhos distintos... órbitas distintas, você poderia dizer. A sua estrela é a ciência, e a minha é... bom, a minha ainda precisa de um nome. Arte, ou algo parecido. Um tipo de trabalho completamente diferente do seu.

— Não estamos as duas em busca da verdade? — sussurrou Lucy.

— Duas verdades diferentes — murmurou Catherine em resposta. — Duas vidas diferentes. Eu nem sonharia em pedir que você se desviasse desse caminho em qualquer sentido.

Lucy escutou aquilo e soube que Catherine tinha boas intenções, mas seus medos se traduziam em outras palavras de outro tempo, outro amor: *Não posso me casar com você*. Ela havia se sentido magoada e abandonada na época, e agora sentia toda aquela dor de novo. Mas pior — ah, muito pior —, porque sabia que, dessa vez, estava perdendo algo maior do que jamais tivera em toda a sua vida.

A morte do pai era a única tristeza equiparável. Tanto ele como Catherine a haviam ajudado a encontrar a vocação como astrônoma; o mundo era realmente cruel por levar os dois. Pelo visto, Lucy era gananciosa demais, queria demais: queria a ciência, é claro, mas também Catherine, com toda a sua beleza, preocupação e firmeza delicada e valente.

Mas Catherine não queria ser desejada dessa forma. Lucy podia ver claramente que ela estava se afastando, retraindo-se, escondendo-se diante da tempestade iminente. Estava fazendo isso desde a carta de Pris no dia anterior.

Tudo que poderia fazer era dar a Catherine o que ela queria. Qualquer outra coisa seria egoísmo. Lady Moth merecia ser



colocada em primeiro plano, ao menos uma vez em sua vida. Ainda que partisse o coração de Lucy fazer isso.

Se Catherine queria que Lucy fosse embora, ela cederia.

— Perguntarei ao sr. Frampton se ele conhece uma hospedagem conveniente próxima à dele — disse Lucy. — Ele e eu estamos planejando nos encontrar à noite para a palestra do sr. Edwards.

Catherine se empertigou.

— Posso providenciar um jantar mais cedo, se quiser.

Lucy fez que não. Duvidava que conseguiria comer, com tanta angústia se agitando dentro de si.

— Encontrarei algo perto da Universidade.

Ela pegou o xale estelar, dobrando-o em um quadrado. Cuidadoso, preciso, matemático. Arrumado.

Sem ocupar muito espaço.

Catherine continuou sentada, rígida como uma estátua, enquanto Lucy se aproximava dela devagar. Ela era egoísta o bastante — fraca o bastante — para desejar um último beijo antes do fim.

— Devo ficar na rua até tarde, então direi meu boa-noite agora.

Ela se curvou, mas se acovardou no último minuto. Em vez de tocar na boca da condessa, os lábios de Lucy roçaram de leve sua bochecha — um beijo como uma mariposa, uma criatura de pesadelos, trêmula, triste e destinada a uma vida curta.

Catherine não fez menção de responder; nenhum som deixou aqueles lábios rosados apertados com firmeza.

A última vidraça do coração de Lucy se estilhaçou quando a porta da biblioteca se fechou atrás dela.

## Capítulo catorze

ERA VERGONHOSAMENTE CEDO QUANDO LUCY CHEGOU AO EDIFÍCIO da Universidade — a única vantagem de escapar de um jantar indesejado — e ela decidiu passar no laboratório do sr. Edwards antes do começo da palestra. Seria um lugar mais tranquilo para esperar do que na plateia do auditório, e havia a chance de que a sra. Edwards estivesse lá, com seu sorriso gentil e seu coração solidário. Lucy sentia uma necessidade desesperada de que alguém a guiasse pela névoa até que seu coração estivesse mais uma vez à altura do desafio.

Ela navegaria sob a estrela de outra pessoa, até a própria voltar a brilhar.

Já havia ido ao laboratório antes, com Catherine, para uma demonstração particular, e não teve problemas em encontrá-lo. Estudantes, doutores e amadores se aglomeravam pelos corredores, falando incessantemente, como ondas incansáveis.

Foi apenas por volta da terceira curva pelos corredores que Lucy começou a notar algo estranho. Percebeu sons bizarros de zombaria e murmúrios acalorados, mas, sempre que se virava para olhar, os falantes desviavam os olhos e paravam de súbito até que ela passasse.

O fato de estar ali sozinha não poderia ser tão escandaloso assim, poderia? Ela ficou aliviada quando enfim abriu a porta do sr. Edwards e pôde encontrar refúgio.

As cortinas das janelas altas estavam abertas, e a luz pálida de outono entrava e iluminava as curvas suaves dos objetos de vidro. Elementos, metais e substâncias de todos os tipos e cores estavam ordenados com precisão nas prateleiras — alguns em forma líquida, outros empilhados ou envoltos em papel, e ainda outros arrolhados com cuidado para proteger os visitantes de gases mortais. Os fantasmas de experimentos passados pareciam assombrar o ar: cheiros tênues e torturantes de metal,

fogo e enxofre. O sr. Edwards estava curvado diante da grande escrivaninha central, olhando com atenção para os papéis em suas mãos como se contivessem a chave para os mecanismos do Universo. O que talvez fosse verdade.

Lucy se aproximou de mansinho, sem querer tirar a concentração do outro cientista. Mas, quando ela deu uma leve tossida, o homem ergueu os olhos e sua expressão passou de atenta e pensativa a uma de total consternação.

O espanto ressoou alarmes em todos os nervos de Lucy.

— Senhorita Muchelney — disse ele. — Não esperava vê-la hoje.

— Vou encontrar o sr. Frampton para ouvir as últimas ideias dele sobre eletroquímica — respondeu ela. — Aconteceu alguma coisa?

A consternação do cientista cresceu, a dor translúcida em seus olhos escuros e boca.

— Então a senhorita não viu?

Lucy balançou a cabeça e, sem mais um momento de demora, ele lhe estendeu o que estava lendo.

Era a última edição da *Filosofias refinadas*, datada de apenas dois dias antes. A carta mais relevante na estima do presidente sempre abria a edição, e esta não era diferente. A manchete no alto estava em letras garrafais em negrito: SOBRE A PROBABILIDADE DA TRADUÇÃO DA SRTA. MUCHELNEY.

E então em letras menores: *Um estudo sobre a possibilidade de uma versão anterior de MECÂNICA CELESTE de Albert Muchelney, MSRC.*

O autor: Richard Wilby. Com a mesma série de letras depois do nome dele: MSRC. Membro da Sociedade Refinada de Ciências.

Lucy tirou os olhos da página odiosa.

— Então votaram a admissão dele oficialmente.

O sr. Edwards fez que sim.

A mão de Lucy tremia, chacoalhando o papel. Ela o colocou na mesa às pressas, envergonhada por deixar seus sentimentos tão transparentes.

— E ele está me proclamando como uma impostora.

— Sim — confirmou o sr. Edwards. — Não é verdade, claro. — Seu tom não deixava dúvidas, mas seus olhos...

Lucy quase chorou ao ver a compaixão naqueles olhos escuros. O sr. Edwards era um membro havia tempo suficiente para saber como um inimigo bem relacionado poderia ser venenoso. Ele sabia como aquele ensaio destruiria o futuro da jovem como estudiosa. Como a mácula da desconfiança a seguiria por todas as teorias, descobertas e provas, pelo resto de sua vida e talvez até depois. Ela não era um membro, e não tinha nenhuma posição oficial para rebater as acusações nos mesmos fóruns em que tinham sido feitas. A teoria se tornara uma parte do registro oficial da Sociedade, e nenhum contra-argumento seria o suficiente para banir seus efeitos. Seria como tentar tirar todas as cobras de uma floresta, uma de cada vez: sempre haveria mais alguma sobrando por aí, rastejando em silêncio pela vegetação baixa — e o veneno da primeira nunca seria expurgado por completo.

Era a ruína de tudo.

O sr. Edwards disse mais alguma coisa, mas Lucy não escutou. Deu um passo para trás, depois outro, então se virou e abriu a porta.

O misto de horror e divertimento perverso que viu nos rostos de todos não a intrigava mais: as pessoas sempre corriam para a costa quando havia um naufrágio para observar.

Ela fez uma curva, e o mundo continuou girando, os sentidos rodopiando e a cabeça parecendo que estava prestes a se separar dos ombros e sair flutuando para o céu plúmbeo...

Parou e se recostou numa parede, fechando os olhos até a tontura passar. Tinha sido um erro pular o jantar — mais grave do que havia previsto. O estômago se revirava, o pulso martelava nas orelhas, e tudo ao redor era o som de risos zombeteiros e abomináveis...

Uma mão em seu ombro; uma pessoa, tocando-a de leve. Ela entreabriu os olhos e encontrou o sr. Frampton, a testa franzida e a boca comprimida em uma expressão de tristeza.

— Está bem, srta. Muchelney? — perguntou ele com delicadeza. — Consegue ficar em pé?

Lucy fez que sim com a cabeça, inspirando e apertando a mão na barriga até o mundo entrar em foco novamente.

— O sr. Edwards me mostrou a carta.

Ela não precisou explicar mais; o sr. Frampton apenas assentiu e a observou com atenção, os olhos se voltando de um lado para o outro de vez em quando. A cada pessoa que passava, a expressão dele ficava mais e mais ferrenha.

— Tem uma coisa que preciso lhe contar — disse ele. — Falei com o sr. Hawley ontem.

— Ele não vai publicar uma retratação — avisou Lucy. — Feri o orgulho dele vezes demais.

— Eu não estava pedindo uma — respondeu o matemático. — Fui para ter a resposta sobre um pedido que fiz na semana passada.

Lucy balançou a cabeça, cansada demais para charadas.

— Qual foi?

— Pedi que convidasse Oléron para o Simpósio.

— O quê?

A reação involuntária de Lucy causou uma diminuição momentânea no volume da conversa ao redor; ela controlou o rosto e tentou disfarçar a aflição.

O sr. Frampton manteve a expressão igualmente estoica.

— Sugeri que o sr. Hawley apresentasse o nome de Oléron como um membro estrangeiro oficial e o convidasse para fazer uma conferência no Simpósio deste ano.

— Mas... o que isso tem a ver comigo?

O Simpósio era o jantar dado a membros da Sociedade todo inverno, logo após o Natal. Um tema específico era selecionado para palestras ou debates, mas em geral aquilo acabava apenas numa discussão acalorada, estufada de comida e embebida de vinho. A saúde do pai de Lucy o impedira de ir e Lucy, claro, nunca tinha sido convidada.

— A senhorita certamente receberá um convite — esclareceu o sr. Frampton —, se o sr. Hawley achar que consegue fazer Oléron discutir com a senhorita sobre as questões sutis da matemática celeste.

— Para discutir... — A jovem se afastou, boquiaberta de horror. — Como pôde, sr. Frampton? Isso não é um debate: é uma armadilha.

Ela conseguia ver com muita clareza: o salão, a plateia ruidosa de homens incrédulos, os risos de escárnio, a presunção no rosto do sr. Hawley. Estava oscilando e se desvencilhava mais uma vez quando o sr. Frampton estendeu a mão para a equilibrar.

A fúria era uma âncora na tempestade turbulenta: Lucy a voltou contra ele, apesar do que lhe diziam os próprios instintos.

— Eu não deveria ter que me apresentar como um urso dançarino. Meu trabalho deveria ser prova suficiente.

— O seu trabalho — disse ele — não é inteiramente seu.

Lucy ficou paralisada.

O sr. Frampton continuou, implacável.

— Seria uma coisa se a senhorita tivesse traduzido o *Méchanique céleste* para os demais estudiosos. Quanto mais compartilhamos, mais rápido avançamos. Mas foi um sucesso comercial, muito além de quaisquer expectativas. — A boca dele era uma linha horizontal a essa altura, seu descontentamento claro. — Quanto mais sucesso fazia, mais incomodado eu ficava com a noção de que o autor original não fazia ideia da existência de sua tradução.

— Então o senhor a enviou para ele — sussurrou ela.

— Enviei.

Ele se aproximou de novo, os olhos brilhando.

Dessa vez, Lucy esperou, embora a testa se franzisse de mágoa.

O matemático falou baixo para não haver chance de ser ouvido pelos outros.

— E M. Oléron respondeu. Já estamos nos correspondendo há meses e, por isso, sei algo que o sr. Hawley não sabe. Algo sobre M. Oléron. — O sr. Frampton inclinou a cabeça, considerando os fatos como qualquer cientista cuidadoso. — Ou, melhor, tenho uma hipótese. Mas é uma deslumbrante e, se eu estiver certo, vai fazer o sr. Hawley e o sr. Wilby fazerem um papel de tolos maior do que qualquer um de nós poderia ter sonhado.

— E quanto a mim? — sussurrou Lucy. — Farei papel de tola?

— Depende. — O sr. Frampton ergueu uma sobrancelha. — É difícil para a senhorita admitir quando está errada?

O coração de Lucy foi traiçoeiro e deu as palavras de outra pessoa como resposta:

— Os astrônomos passam a maior parte da vida enganados. — Ela mordeu o lábio e respirou fundo. — O senhor estava certo: eu mesma deveria ter escrito para Oléron.

— Obrigado. Mas, se tivesse, eu teria perdido uma correspondência maravilhosa. — O sr. Frampton apertou a mão dela uma última vez e fez uma reverência. — Posso convencê-la a deixar que a acompanhe de volta para casa ou, pelo menos, até seu coche? Não imagino que tenha energia para eletroquímica depois de tamanho choque.

Lucy respirou fundo novamente.

— Não. Não tenho... obrigada.

Ela aceitou o braço dele, grata pela forma como ele não vacilou em momento nenhum, por mais olhares maliciosos e tormentosos que fossem lançados na direção dos dois enquanto atravessavam as multidões curiosas de naturalistas e amadores.

A cada passo, um novo olhar parecia acrescentar mais um receio à pilha.

Lucy fez uma careta.

— Eu deveria começar repassando o restante da obra de Oléron... sem mencionar o resto da literatura de apoio. Três meses não é muito tempo para dominar um assunto.

Ela acenou para um jovem valente que havia desviado de seu caminho para fazer uma medida enquanto ela passava, embora os companheiros dele o olhassem furiosos por ter feito isso.

Eles fizeram outra curva, e as reflexões de Lucy lhe apresentaram uma questão.

— O que precisamente o senhor quis dizer quando comentou que tem uma teoria sobre Oléron?

— Foi algo que surgiu na terceira carta. Eu me sinto... razoavelmente seguro de que minhas suspeitas estão corretas.

Lucy estreitou os olhos.

— Mas não seguro o suficiente para me contar quais são?

Ele suspirou.

— Se eu estiver certo, isso coloca Oléron em uma posição que é, na melhor das hipóteses, desconcertante e, na pior, terrivelmente vulnerável com relação à Sociedade. Eles já fizeram quase todo mal que poderiam ter feito à senhorita... Estou tentando ajudar a corrigir isso, sem deixar mais ninguém na mira de um abuso semelhante. Admito que estou caminhando numa corda muito fina.

Lucy tentou decodificar aquilo, então desistiu com um dar de ombros e um suspiro.

— O senhor é mais enigmático pessoalmente do que em seus artigos, sr. Frampton. Algo raro em um matemático.

Um canto da boca dele se ergueu, um sorriso irônico de admissão.

— Eu me esforço.

Eles chegaram à calçada, e o sr. Frampton ajudou Lucy a subir na carruagem da condessa.

— Até a semana que vem, srta. Muchelney.

Ele fez uma reverência solene e deu um passo para trás enquanto os cavalos saltavam sob o chicote, levando Lucy em frente, rumo ao futuro.

Ela se recostou e se entregou ao balanço do movimento do coche. Três meses. Era todo o tempo que tinha — para ler tudo de velho, tudo de novo e tudo que havia deixado escapar na primeira vez. O restante dos volumes de Oléron sobre gravitação, obviamente. Astronomia, matemática, ciência física... além de química e as outras ciências naturais, se ela desse conta. Encontrar um novo alojamento estava fora de questão: precisaria de todos os minutos livres se quisesse oferecer uma defesa adequada da tradução e expansão diante do autor em pessoa.

Ela precisaria da biblioteca de Catherine.

Seria uma ousadia ter que pedir — e explicar o motivo —, mas, mesmo no auge do desespero, Lucy sabia que Catherine aceitaria. Não era da natureza da condessa ser cruel ou sentir prazer com o sofrimento alheio. Lucy passaria os dias na biblioteca, e Catherine trabalharia separadamente na sala; poderiam se encontrar para jantar, ou talvez não. Em certos



sentidos, parecia ainda mais solitário do que encontrar um alojamento apenas dela: todo lugar para onde olhasse seria assombrado por memórias mais felizes.

Ninguém merecia ter o coração partido duas vezes no decorrer de um único ano.

Lágrimas brotaram nos cantos de seus olhos, mas, um momento depois, Lucy se empertigou e as secou de novo. Não tinha tempo para ser sentimental. Até o Simpósio, se daria o luxo de não pensar muito sobre mais nada. Ela se concentraria no trabalho e não temeria o quanto estava prestes a perder.

Embora os sinos da igreja já tivessem soado meia-noite, Catherine ainda não conseguira dormir. O sangue martelava nos ouvidos, as têmporas latejavam, e o coração batia errático no peito. Levou alguns longos minutos até ela se dar conta de que nem toda a pulsação sentida era a tristeza monstruosa batendo em suas veias.

Parte das batidas vinha da biblioteca.

Ela acendeu uma lamparina, vestiu um roupão e desceu para o corredor em silêncio. Conforme se aproximava, outros sons claramente humanos se tornaram aparentes: o rangido da escada da biblioteca, a percussão abafada de passos e um murmúrio baixo e raivoso que tinha o tom veemente e inconfundível de alguém xingando com vigor.

Só podia ser Lucy. Ninguém mais estaria na biblioteca àquela hora. E ela parecia furiosa.

A condessa parou com a mão na maçaneta enquanto lembranças de anos passados a trespassavam com uma familiaridade afiada. Quantas vezes já havia feito exatamente aquilo? Parada diante das portas duplas ameaçadoras enquanto um cientista irado que não a amava mais esbravejava com um acesso de fúria crescente? Aquela havia sido a vida de Catherine quando George estava vivo e eles não estavam em alguma expedição. Ela estava tão magoada e infeliz agora quanto naquela época.

O que ela não estava era temerosa.

Era uma verdade tão surpreendente e irrefutável que Catherine precisou pensar nela por alguns momentos, admirada. Não estava com medo. Era um pequeno milagre. Ah, não tinha pressa para abrir a porta e confrontar Lucy novamente; a dor da última conversa delas ainda estava sensível e em carne viva. Mas o pavor venenoso, a vergonha, a sensação doentia de perigo que a silenciaram por anos em seu casamento... não sentia nada disso.

Uma mortalha que a havia coberto durante anos — mesmo depois da morte de George, durante a primeira aventura malfadada — havia de certa forma se transformado em nada ao longo dos últimos meses, sem que ela se desse conta.

Será que tinha sido obra de Lucy? Ou foi Catherine quem havia feito isso sem perceber?

Mais um baque na biblioteca a tirou do devaneio. Catherine abriu a porta antes que pudesse se convencer do contrário e entrou no cômodo escurecido.

Uma única lamparina estava acesa o mais alto possível, lançando uma luz forte mas trêmula e fazendo os móveis se assomarem e se curvarem como gárgulas góticas. Lucy estava no alto do escadote, ainda usando o vestido com que havia saído à noite. O xale estelar estava em torno do pescoço dela com as pontas jogadas para trás sobre os ombros como um manto de general, enquanto a jovem tirava um volume da prateleira que continha os arquivos da *Filosofias refinadas*. A coletânea era uma compilação completa de todas as edições desde o primeiro ano da formação da Sociedade: George havia sido minucioso e mandado fazer uma encadernação especial em preto e dourado. Pelo visto, Lucy já havia voltado várias décadas; diante do olhar curioso de Catherine, ela tirou um volume encadernado da prateleira, folheou as primeiras páginas, murmurou algo diante do que viu e atirou o livro no chão. Ele caiu com um baque em cima de uma pilha de outros volumes, as lombadas rachadas e páginas abertas como cadáveres amontoados.

Catherine não exclamou, por medo de fazer Lucy cair da escada com o susto. Em vez disso, avançou com cuidado até a mesa e colocou sua lamparina ao lado da de Lucy. Então

aumentou o pavio para iluminar o cômodo o bastante a ponto de ser notável, o que fez a jovem pestanejar e se virar para espiar por sobre o ombro.

Catherine estava curiosa demais para agir com delicadeza.

— O que diabo você está aprontando a essa hora?

Lucy desceu a escada tão depressa que fez o coração de Catherine subir pela garganta. O rosto da astrônoma estava acalorado, e ela começou a pegar os livros caídos.

— Estou redescobrimo gênias perdidas.

Catherine balançou a cabeça e começou a ajudar, levando mais alguns livros para onde Lucy os empilhava em cima da mesa da biblioteca.

— Não entendi.

Os olhos de Lucy brilhavam, seu maxilar cerrado com tanta tensão que Catherine imaginou poder ouvir os dentes rangendo.

— Pensei que eu fosse a única. — Lucy pegou um volume e o folheou até a primeira sessão: a parte em que as cartas de resposta eram impressas. Naturalistas, químicos e botânicos, entre outros, escreviam para oferecer opiniões sobre as hipóteses da edição anterior. — Olhe, bem aqui, está vendo? *Senhora* Jonathan Cowen, Kent. E aqui. — Ela pegou outro volume. — *Senhorita* Annabelle Barber, Sussex, 1789. E tem mais, tantas mais, depois que se aprende a procurar por elas. Escondidas atrás das iniciais e dos nomes dos maridos. — Então atirou o livro em cima da mesa; ele caiu, escorregou e colidiu com a lamparina de Catherine. — Metade dos cometas descobertos no último século foram observados pela primeira vez pela *irmã* do sr. Hawley... Você sabia disso?

— Não — respondeu a condessa e, discretamente, afastou o livro velho e seco do vidro quente e da chama. — E ninguém lhe contou isso?

Lucy ergueu um braço para indicar as prateleiras altas cheias de livros.

— Eu pensei que eram todos *homens*!

Uma angústia brilhava nos olhos e contorcia os lábios dela; Catherine precisou de todas as suas forças para não se aproximar e lhe dar um abraço de consolo.

— Pensei que eu fosse a única mulher a tentar progredir no estudo da astronomia; eu me via como uma brava pioneira, uma exploradora como você. Um exemplo brilhante para as meninas e mulheres do futuro. Era um grande consolo, sempre que pessoas como o sr. Hawley e o sr. Wilby lançavam insultos e atitudes de desprezo. Tudo que eu precisava fazer para declarar vitória era provar que eles estavam errados. E não há nada que os homens da ciência valorizem mais do que provas, não é mesmo? Quando as pessoas vissem o que fiz, realmente vissem e reconhecessem seu valor, acreditariam que outras mulheres eram capazes de pensar, aprender, descobrir o mundo da mesma maneira que os homens. Mas hoje descobri que havia outras antes de mim. Tantas, tantas outras. Elas estavam aqui *o tempo todo*: avistando cometas, batizando estrelas, apontando os telescópios para o céu ao lado dos pais, irmãos e filhos. E, *mesmo assim*, os homens com quem trabalhavam as desdenharam. Zombaram delas. Deram o crédito e a glória aos homens que *roubavam* o trabalho delas, ou o pegavam emprestado, ou o expandiam. Raramente as citavam diretamente. E então faziam o possível para esquecer a origem do trabalho. As ideias das mulheres são tratadas como se tivessem brotado do nada, para serem apropriadas pelo primeiro homem que surgisse. Toda geração teve mulheres que resistiram e pediram para ser valorizadas, e toda geração teve homens brilhantes, perspicazes e cultos que ergueram a mão e apagaram os nomes delas do grande registro histórico.

Lucy bateu a mão em cima da pilha de *Filosofias refinadas*, o barulho súbito fazendo Catherine se crispar.

— Vou repassar os arquivos e encontrar todas elas. Vou escrever para aquelas que ainda estão vivas e perguntar se continuam fazendo experimentos e observações, se ainda coletam espécimes em seu campo. Vou cuidar para que *alguém* se lembre delas e de seu trabalho, mesmo que seja apenas eu. — Ela parou, o peito arfando com algo que era quase um soluço. Sua voz se tornou um sussurro, como se estivesse confessando seu maior e mais agonizante segredo: — Porque estou farta de estar sozinha.

— Você nunca precisa estar sozinha.

Lucy arregalou os olhos diante da resposta sussurrada de Catherine. Ela recuperou o fôlego e se voltou para a condessa com perguntas estampadas no rosto.

Havia momentos raros, Catherine sabia, em que até a bússola mais constante podia se alterar. Bastava trazer um imã para muito perto para que se ela virasse e apontasse para ele em vez do verdadeiro Norte; marinheiros contavam histórias estranhas de latitudes altas e geladas em que as bússolas giravam e cambaleavam como as pernas de homens bêbados. Já havia alguns meses que Catherine sentia sua bússola interna girando sem controle enquanto o terreno sob si mudava de forma.

Mas, naquele momento, a agulha havia parado: estava firme como uma rocha, dura como ferro, e fixada irrevogavelmente em Lucy Muchelney.

— Eu me lembro do que você escreveu — disse Catherine. — Nada no Universo está sozinho. Tudo está conectado, em termos reais, matemáticos e *comprováveis*, em toda a extensão do cosmos. Enquanto estivermos vivas, influenciemos umas as outras. Você e essas mulheres que redescobriu... mas também você e eu. Eu estava errada ao pedir que você fosse embora. Em dizer que não poderia haver nada permanente entre nós. Já somos para sempre. — Ela estendeu a mão e deslizou a lamparina à frente para brilhar ao lado da de Lucy, batendo na base de metal com um dedo deliberado. — Pensamos que éramos satélites separados, mas não. Somos estrelas e, embora possamos brilhar separadamente, estaremos sempre na órbita uma da outra.

O livro que Lucy estava segurando escorregou de suas mãos e caiu com um baque surdo no chão.

— Eu só estava indo embora porque pensei que era o que você queria — disse ela. Uma única lágrima prateada caiu e desceu cintilante por seu rosto.

— Eu quero você — sussurrou Catherine, e abriu os braços.

Lucy se atirou sobre ela, o corpo alto e esguio se chocando contra o mais robusto de Catherine, enquanto a boca se abria desesperada sobre os lábios da outra mulher. Foi um beijo brutal,

implacável, nascido do medo e da chama, e transformou em cinzas tudo o que havia se metido entre elas.

Catherine se entregou por completo enquanto enfiava os dedos no cabelo de Lucy e a beijava e a beijava e a beijava, até não sentir mais o sal das lágrimas da outra.

Foi apenas quando as unhas de Lucy arranharam sua clavícula, fazendo-a gemer alto, que se deu conta de que Lucy estava determinada, rapidamente desamarrando, desabotoando e jogando de lado tudo que podia das roupas de Catherine. A condessa soltou as mãos para tirar o roupão às pressas enquanto os dedos de Lucy desciam mais por dentro da gola aberta de sua camisola, beliscando seus mamilos e empurrando o tecido para desnudar um ombro. Lucy beliscou a pele recém-revelada enquanto Catherine gemia e deixava a cabeça cair para trás; a camisola apertada na outra mão de Lucy serviu de alavanca útil para que ela puxasse a condessa para o tapete grosso da biblioteca.

Tudo revolvía em torno de braços, pernas, respirações aceleradas e uma confusão de tecidos, abundantes demais para serem tirados às pressas. Lucy se afastou para se inclinar sobre Catherine, o corselete aberto e o cabelo desgrenhado, a luz da lamparina sobre a mesa lhe dando uma auréola de mártir enquanto sua respiração ofegante girava quente sobre a pele de Catherine.

— Diga-me do que precisa — pediu ela. — Qualquer coisa. Eu por completo. É seu se pedir.

— Eu quero... — começou Catherine, mas não conseguiu esperar o suficiente para terminar a frase.

Em vez disso, colocou um braço em torno dos ombros de Lucy e a puxou para mais um beijo. Sua outra mão ergueu metros de saias caras e elegantes com bordados hábeis que a condessa sentiu se prenderem e puxarem sob os dedos apressados. Jurou consertá-los com a própria agulha na manhã seguinte.

Mas faltava um milênio para a manhã seguinte.

Naquela noite havia apenas a mulher em cima e a mulher embaixo, uma incendiando a outra.

Fazia menos de um dia desde que Lucy lhe havia dado um beijo tão solene de despedida. Menos de três desde que dormiram juntas pela última vez. Mas Catherine sentia que havia vivido toda uma vida vazia e solitária nessa curta extensão de tempo. Décadas esperando para apertar a cintura fina de Lucy, encoberta mas sólida sob o emaranhado de anáguas e saias. Séculos até conseguir lambe o ponto doce na base da garganta dela, o corselete e o espartilho abertos como uma rosa no verão e os seios subindo e descendo sob a camisa enquanto ela pedia mais. E a vida de uma estrela até conseguir descer mais e mais e lambe o sexo úmido e quente entre as pernas de Lucy, os sentidos inebriados pelos cheiros de suor, linho e almíscar, até Lucy exclamar e estremecer com a força do próprio desejo. Catherine usou tudo que havia aprendido sobre curvar os dedos no ponto *certo* e pressionar com firmeza a palma da mão enquanto lambia e sugava e chupava incansavelmente até a outra mulher se curvar e gozar com um gemido baixo como um soluço.

Catherine continuou, os dedos deslizando por entre a umidade e o calor doce, até Lucy recuar.

Dedos fortes apertaram o pulso de Catherine, e olhos prateados iluminados de determinação brilharam contra as trevas.

— Quarto. Agora — rosnou ela, e Catherine vibrou com a urgência, a pulsação batendo como uma tatuagem quente e apressada.

Nunca havia sido tão grata por seu quarto ser perto da biblioteca. Elas apagaram uma das lamparinas e levaram a outra consigo pelo corredor, despenteadas, afogueadas e ofegantes. Os dedos de Lucy em seu pulso não se afrouxaram nem por um momento até a porta se fechar, e então ela começou a tirar as próprias roupas e as de Catherine de uma maneira tão metódica que fez a condessa estremecer. Havia um fervor que ela não tinha visto antes, um desespero que a fez lembrar dos momentos mais sombrios de seu passado.

Inspirou com um calafrio quando sua camisola caiu ao chão como uma donzela fantasmagórica, morta por um coração

partido.

Lucy se voltou para ela e inclinou a cabeça, os olhos cintilando na penumbra. Sua voz era dura, mas falou baixo:

— Está com medo, meu amor?

Catherine engoliu em seco.

— Um pouco. Mas eu gosto.

Lucy soltou um murmúrio satisfeito do fundo da garganta. Segurando Catherine pelos ombros, guiou-a para trás até a mulher mais velha encostar com força no pé da cama. Mãos fortes ergueram os braços de Catherine, puxando as mãos dela para o alto. Lucy as imobilizou, torcendo-as em volta do carvalho entalhado.

— Não se mexa a menos que eu mande — disse ela, e mordeu sua orelha.

Catherine soltou um gemido delicado e sem palavras e assentiu com a cabeça.

Lucy deu um murmúrio de aprovação, abriu um pouco os pés dela e começou a enlouquecer Catherine de prazer. As mãos de Lucy estavam por toda parte, deslizando e provocando, toda carícia um prelúdio para o calor e a umidade daquela boca generosa e atormentadora. Catherine apertou a madeira da cabeceira até ter medo de que pudesse rachar, seguindo ansiosamente cada comando sussurrado: *por aqui, um pouco mais, fique parada, não ouse gozar ainda*. O luar iluminou uma longa linha das costas de Lucy enquanto ela se ajoelhava — não com submissão, como uma pessoa conquistada, mas como uma rainha em uma coroação.

Catherine estava tão tensa com tudo aquilo que quase se entregou ao clímax quando sentiu o suspiro de Lucy soprar quente sobre a pele sensível entre suas pernas. Ela soltou um barulho de alerta, pouco mais do que um gemido gutural, e ouviu o riso perspicaz da outra se desdobrar como veludo na escuridão.

— Só mais um pouco, meu amor.

Ela subiu uma mão lânguida por sobre a coxa de Catherine, a abriu um pouco mais e deslizou um único dedo dentro dela.



Catherine jogou a cabeça para trás enquanto Lucy estocava — um dedo, então dois. Depois, enquanto a língua dela deslizava quente e dura sobre o clitóris mergulhado entre os cachos delicados, um terceiro. Catherine gemeu enquanto ela *alongava* — mais do que jamais havia recebido, um espasmo tão tenso que era quase como dor, mas uma dor boa que aguçava todos os sentidos e a perpassava clara e fria como a luz das estrelas enquanto ela oscilava na beira, ofegando como se balançasse em um pico alto, prestes a pular da rocha sólida para a vasta imensidão acolhedora diante dela.

— Agora — murmurou Lucy, parte ordem e parte promessa.

Ela apertou a cintura de Catherine para a manter parada, deu mais uma lambida perversa e enfiou os três dedos com força.

Catherine explodiu com uma intensidade sôfrega e quase desesperada em um orgasmo. Todos os seus músculos se contorceram e latejaram enquanto o esplendor a perpassava, uma inundação de luz, cintilação e alívio doce e reluzente. Ela apertou a mão de Lucy com tanta força que a jovem precisou parar de se mexer — um murmúrio contente vibrou da boca para a pele de Catherine e a fez mergulhar em mais um clímax interminável.

Por fim, quando as ondas se acalmaram e o mundo foi voltando aos poucos, Lucy se soltou e Catherine desabou em seus braços, joelhos fracos e coxas doendo de exaustão. Elas ficaram assim enquanto a respiração frenética de Catherine ficava mais lenta, o corpo alto de Lucy um baluarte contra a tempestade interna.

A mente de Catherine demorou tanto para se recuperar quanto o corpo. Tinha sido... diferente. Mais sombrio, mais próximo em certos sentidos do tipo de coisas que havia feito com e para Darby. Mas, ah, como era melhor se entregar a alguém que amava, alguém em quem confiava. Alguém que se importava com o que você queria. Ela se aconchegou no pescoço de Lucy e beijou a pele salgada de suor ali, sentindo-se imensamente grata, contente e feliz.

Amada. Era essa a palavra que estava procurando. Ela se sentiu amada.

## Capítulo Quinze

A XÍCARA CHEIA E FRÁGIL ESCORREGOU DA MÃO da condessa e caiu com estrépito na mesa de café da manhã em uma chuva de estilhaços de porcelana.

— Eles fizeram o *quê*?!

— Catherine! — Lucy engasgou de choque.

Ela esticou o braço à bagunça de chá derramado, creme e açúcar e pegou a asa de lagarto, que tinha se partido do bojo. O bojo em si estava irrecuperável, as curvas elegantes agora em vários pedaços afiados sobre a bandeja.

Catherine queria usá-los para fatiar todas as dioneias preciosas do sr. Hawley em finas tiras verdes. Com as quais ela então prepararia um chá nocivo para derramar na garganta traiçoeira do sr. Wilby, tão culpado quanto o presidente da Sociedade. O espanto a deixou zozna.

— Uma impostora? — chiou ela. — Porque se recusou a deixar que escrevessem os nomes deles em um manuscrito que você traduziu sozinha?

Lucy colocou o pobre lagarto em cima de um pires.

— Dê-me isso antes que a quebre também — disse ela, e tirou a chaleira de serpente dos dedos tensos da condessa. Enquanto Catherine fazia caras e bocas, ela acrescentou creme e açúcar a outra xícara e a colocou com cuidado na frente da outra mulher. — Foi cruel, mas não surpreendente. Fiquei mais magoada pela aparente concordância do sr. Frampton.

Catherine fitou o chá, querendo a sensação escaldante na garganta, mas ainda não se sentindo civilizada o bastante para pegar a xícara delicada.

— Terei algumas palavrinhas para lhe dizer na próxima vez que ele se atrever a dar as caras.

— Ele diz ter um plano.

Lucy deu um gole sedento do próprio chá, o vapor se curvando como um dragão em volta dela.

— Tenho certeza que sim. Mas dará certo?

A jovem deu de ombros.

— Só me resta supor que não e me preparar para o pior.

Ela descreveu as preparações que empreenderia, todas as leituras pretendidas antes do Simpósio. Catherine ouviu sem prestar muita atenção enquanto a mente avançava um milhão de quilômetros à frente.

O cerne da questão era: não queria apenas ajudar Lucy a atravessar uma única crise, por mais importante que fosse. Queria lhe oferecer algo que duraria pelo resto de suas vidas.

Era por isso, Catherine pensou, que as noivas vinham com dotes: era algo concreto e imediato para oferecer ao cônjuge, algo mais do que beleza, linhagens ou a possibilidade efêmera de um herdeiro. Não se podiam comer linhagens, afinal. Os filhos poderiam nunca vir — ou poderiam ser todas mulheres, incapazes de herdar ou passar adiante um nome de família.

Dinheiro, porém... dinheiro era prático. Dava para fazer muito com ele. Até não fazendo nada, ele ainda assim seria útil: ter uma fortuna pronta nunca era má proteção contra os caprichos do acaso e da crise. Lucy tinha algum dinheiro agora, mas e se Catherine lhe oferecesse mais? Algo como um dote, ligando-as para o futuro?

Não. Não seria a coisa certa. Lucy não queria o dinheiro dela; havia reagido mal na última vez que Catherine oferecera. O que Lucy queria era casamento: uma conexão permanente, legal, pública e celebratória...

Depois do café da manhã, Lucy escapou para a biblioteca e começou a trabalhar. Então, em um sentido bastante diferente, Catherine também. Como não havia nada que pudesse fazer para ajudar Lucy com o Simpósio em si, ajudaria com absolutamente todo o resto.

A primeira coisa foi escrever para a tia Kelmarsh e convidá-la para passar o Natal com elas. Parecia que seria um particularmente frio. Catherine se sentiria mais tranquila em ter a tia perto e confortável durante os meses vindouros. Também

tinha algumas perguntas a fazer à tia sobre as mulheres naturalistas da geração da mãe...

Então, como já estava à escrivania, compôs uma carta à srta. Annabelle Barber de Sussex. Que poderia ou não residir no mesmo endereço. Que poderia ou não ter se casado, morrido ou desaparecido da face da Terra desde que sua carta tinha sido publicada na *Filosofias refinadas*.

Mas ao menos era um lugar para começar.

Aquele dia definiu o ritmo do outono e começo do inverno: Lucy terminou a leitura do resto da obra de Oléron, e Catherine transformou o quarto de George em uma suíte de hóspedes própria à tia Kelmars. A jovem astrônoma convidou o sr. Edwards para instruí-la sobre eletroquímica, e a condessa aperfeiçoou os desenhos de bordado para a publicação enquanto a sra. Edwards lia em voz alta seu último romance. Chegou a notícia de que a Sociedade havia votado, por uma ampla maioria, a favor de admitir Oléron como um membro estrangeiro. Lucy e o sr. Frampton saíram e compraram toda uma prateleira nova de textos matemáticos, enquanto Catherine entrava às escondidas — quase com culpa — na biblioteca e vasculhava os arquivos da *Filosofias refinadas* em busca de outros nomes e endereços de mulheres.

Depois de um tempo, as respostas começaram a chegar: quem havia morrido, quem havia se casado, quem havia abandonado a ciência a pedidos da família e dos amigos, quem ainda estava se dedicando a experimentos, linhas de investigação e coletado espécimes. Um número impressionante destas últimas havia se dedicado a escrever livros didáticos para crianças em sua matéria de escolha. Catherine passou a manter registros do que descobria e, com o passar das semanas, uma ideia começou a tomar forma. Algo grande e glorioso que ela categorizou inicialmente como uma tropa auxiliar caso o Simpósio desgraçasse Lucy, mas logo se agigantou em sua mente estratégica. Maior do que tudo que já havia feito antes.

Algo que levaria uma vida para realizar.

Esse quase-plano a ajudou a não se afligir enquanto observava as olheiras brotarem sob os olhos da amada ou a

curva preocupada da boca dela se tornar mais e mais habitual com o passar das semanas. Quanto mais próximo ficava o Simpósio, até mais tarde Lucy permanecia na biblioteca. Sua inquietação se revelou contagiosa, e Catherine buscou maneiras de manter as mãos e a mente ocupadas para não repassar os mesmos medos imutáveis vezes e mais vezes. Ela encontrou consolo no mesmo lugar de sempre: na agulha, na linha e no processo cuidadoso de bordar no tecido, um pedacinho de cada vez.

Não poderia ajudar Lucy na batalha atual, mas podia se assegurar que ela não entraria desarmada no campo de batalha.

## Capítulo Dezesseis

O DIA DO SIMPÓSIO AMANHECEU CLARO E FRIO, com uma geada cintilando sobre o jardim inteiro. Lucy fitou as folhas de pontas prateadas e o ferro forjado gélido e refletiu sobre a fixidez congelada de tudo. Sua ansiedade havia se cristalizado durante a noite em algo duro, claro e aparentemente calmo, mas a fachada serena não passava de uma casca fina e quebradiça sobre um universo de pânico.

Ela temia que bastasse um golpe para estilhaçá-la por completo.

Catherine chegou por trás para abraçá-la, aconchegando o rosto em seu ombro. Lucy apertou os braços que envolveram sua cintura e se recostou, ansiando pelo calor da condessa.

Catherine bocejou.

— Bom dia.

— Bom dia — repetiu Lucy, ainda congelada.

— Hora de se vestir... a menos que queira dormir mais?

— Dormir é para os que têm paz. Esse luxo eu não tenho. — Uma revelação horrenda atingiu Lucy, um tapa no rosto que teria previsto se não tivesse o olhar tão focado no objetivo diante dela.

— Ai, Deus, Catherine, o que vou vestir?

O vestido dourado era o mais elegante, porém completamente errado para a ocasião: era exuberante demais, luxuoso demais para se dirigir a um grupo de estudiosos vestidos de maneira heterogênea e indiferente. Ela pareceria uma cafetina em meio a um grupo de clérigos.

O riso de Catherine foi sonolento e astuto; Lucy se derreteu um pouco ao ouvir e se virou nos braços da condessa. A outra mulher sorria para ela, cheia de astúcia, pele delicada e cachos desgrenhados.

— Não se preocupe com isso — disse ela. — Estive trabalhando em algo.

Então guiou Lucy até o guarda-roupa e tirou um vestido envolto em papel que Lucy, tamanha a sua fixação, não havia notado antes. Devagar, Catherine o colocou no chaise longue e o desembrulhou.

Ele era de veludo verde-azul, com toques de um dourado claro. Mais simples do que muitas das estampas de Catherine, mas, quanto mais Lucy olhava, mais gostava. O veludo dava peso à saia, enquanto um toque de feixes delicados bordados em fios dourados se estendia em torno do corselete. Pareciam as linhas de iluminação presentes numa gravura em volta de uma vela: raios finos e pontilhados de luz que piscavam dentro da pilha alta do tecido. O desenho cintilante atraía o olhar e direcionava a atenção direto para cima, na direção do rosto de quem o trajava.

Lucy sabia exatamente como se sentiria assim que o vestisse: feminina, fervorosa e elegante. Forte, mas não proibitiva, não agressiva. Era um desenho que falava de precisão sem ser nada frio. Era com certeza a roupa mais bela e certa para uma astrônoma vestir se planejasse deslumbrar um salão cheio de homens desconfiados.

— Você gostou? — perguntou Catherine, ainda ao lado da chaise longue, as mãos apertadas com nervosismo atrás do corpo.

— É perfeito. Você é perfeita.

Lucy se virou e a beijou, enquanto uma luzinha pequenina como a chama de uma vela ganhava vida, trêmula, dentro do coração gelado. Catherine suspirou em sua boca e o corpo todo da condessa relaxou. Estava mais tensa do que Lucy havia notado.

Ela foi tomada pelo remorso: estava tão focada no que aquela noite significava para si que havia praticamente ignorado o que Catherine deveria estar sentindo em relação a tudo aquilo. Lucy apertou os ombros da condessa enquanto mudava o foco do próprio nervosismo.

— Você está preocupada com hoje à noite?

— Nem um pouco. — O sorriso rosado da outra mulher se abriu por completo e, como sempre, Lucy perdeu o fôlego com a imagem. — Tenho total confiança em você.

Uma coisa tão simples de dizer, e tão poderosa quando dita com sinceridade. O coração de Lucy repicou como um sino, fazendo todo o seu corpo ecoar. Ela pousou a testa na de Catherine e ficou ali, inspirando o aroma da amada.

Independentemente do que acontecesse naquela noite, ao fim teria essa mulher linda, corajosa, atenciosa e forte ao seu lado.

O Simpósio poderia arruinar sua reputação entre os homens da ciência, mas não tiraria Catherine dela. Lucy ficaria com algo depois que tudo aquilo acabasse. E a matemática era clara: algo era infinitamente mais do que nada.

As mãos podiam continuar tremendo e a cabeça, continuar girando, mas pela primeira vez em meses conseguiu vislumbrar um futuro além dos acontecimentos daquela noite.

Ela conseguiu comer um bom café da manhã, torrada com manteiga e chá, mas, quando Narayan a ajudou a abotoar o veludo verde-azul, estava completamente gelada de novo. O apetite havia dado lugar a uma sensação vazia e tortuosa que a fazia se sentir agitada como um pássaro prestes a alçar voo. As luvas brancas compridas e o xale grosso cor de creme não fizeram nada para conter os calafrios, mas Lucy não esperava outra coisa. Tentou inspirar fundo e se acalmar. Aquela era apenas uma versão mais intensificada do nervosismo que sentia em todo período de provas em Cramlington, disse a si mesma. Sempre ficava inquieta até começar a responder às perguntas. Naquele dia não seria diferente.

Se repetisse isso o bastante, talvez se revelasse profético.

A carruagem foi trazida na hora certa. Catherine e tia Kelmarsh conspiraram para manter um silêncio relaxante até a Somerset House. Lucy apertou as mãos no colo até os dedos estralarem e se concentrou em não vomitar pela janela da carruagem.

A Sociedade Refinada de Ciências podia usar uma série de câmaras na Somerset House, e o Simpósio era sempre realizado nas salas do pórtico com vista para o terraço à margem do rio. As três atravessaram o pátio — o mesmo caminho que Lucy e Catherine haviam trilhado apenas seis meses antes durante a Exposição de Verão. Mas não havia multidões de visitantes diurnos naquele momento, nem artistas falantes, glórias pintadas



ou cenas vívidas do pôr do sol. Havia apenas uma ou duas pessoas se apressando à luz de lamparinas, aconchegadas contra o frio e, se assomando sobre tudo, a fachada alta e glacial do prédio, as colunas clássicas como grades de prisão, ou os dentes de algum predador elegante mas voraz.

Catherine colocou a mão na curva do braço de Lucy e apertou em um gesto de apoio. Lucy, grata e um tanto sem palavras, apertou em resposta.

Elas encontraram o sr. Frampton esperando ao pé da escada sinuosa — e ele não estava sozinho.

O rosto dele ficou radiante quando as viu se aproximarem, e ele empertigou os ombros com um entusiasmo e orgulho evidentes.

— Que bom que chegaram na hora — falou, e se virou para a acompanhante. — *Madame la marquise*, gostaria de lhe apresentar lady Moth, sra. Kelmarsh e srta. Muchelney. Milady, sra. Kelmarsh e srta. Muchelney, é uma honra lhes apresentar Gervaise Marie Oléron, marquesa de Lantier.

Tia Kelmarsh ergueu a cabeça, surpresa. Catherine abafou uma exclamação de espanto, pouco mais que um suspiro. A dama sendo apresentada deu um passo à frente: ela usava um vestido azul-escuro que destacava com perfeição a pele marrom, um turbante da mesma seda envolvendo os cachos estreitos de seu cabelo, agraciados com largos fios prateados. Seu xale era cinza-escuro e muito elegante, cobrindo o pescoço e os ombros.

Lucy usou a curvatura de sua mesura para esconder a própria surpresa e torceu para que os joelhos não cedessem e a fizessem cair estatelada no chão. Oléron era uma mulher! Uma mulher negra! Assim que o choque inicial passou, ela foi inundada pela vergonha de um simples fato revelador: a possibilidade de Oléron ser algo além de um homem branco simplesmente nunca lhe havia ocorrido.

Que constatação vergonhosa para alguém que se orgulhava de ser uma observadora perspicaz.

Bom, os astrônomos passavam a maior parte do tempo enganados. O que importava era o que faziam depois de descobrirem a verdade.

Lucy ergueu a cabeça e se viu o objeto de um olhar que brilhava austero como uma estrela polar.

— Então essa é a tradutora da minha obra para o inglês? — O sotaque da marquesa era leve e charmoso e, quando ela sorriu, linhas de expressão surgiram nos cantos da boca. — Nosso amigo me enviou uma cópia, ficou muito bonita. Inclusive as partes que não escrevi.

O rubor de Lucy poderia ter derretido todo o gelo do mundo.

— Tentei fazer jus a seu trabalho, madame.

— A senhorita planeja continuar o projeto? Há cinco volumes planejados para o *Méchanique céleste*. Dois já foram publicados.

Lucy mordeu o lábio.

— Não cheguei a pensar nisso ainda — confessou ela. — A senhora gostaria que eu continuasse?

A sobrancelha elegante da marquesa se arqueou.

— Desde que a senhorita me envie os manuscritos para que eu os revise antes de serem impressos, me agradaria muito ver mais de sua tradução. Havia, claro, algumas frases que eu gostaria de alterar. Bobagens, na verdade, mas passei cinquenta anos tentando ser precisa sobre as coisas, e não estou disposta a mudar isso a essa altura.

Tia Kelmarsch estava escondendo o riso atrás da manga.

A marquesa se voltou para Catherine e o sr. Frampton, que haviam observado essa conversa com um misto de deleite — da parte dele — e deslumbre — da parte dela.

— Agora que suas amigas chegaram, *monsieur*, vamos subir?

— Claro — respondeu ele, oferecendo o braço.

Ela o ignorou com um gesto e pegou o cotovelo de Lucy.

— Creio que gostaria de conversar com essa jovem um pouco mais — falou.

Então começou a subir os degraus em um ritmo cauteloso, que Lucy tentou acompanhar.

— Meu tornozelo não tem sido o mesmo na última década — explicou a marquesa. — Pelo visto, o reinado do imperador não me acompanhou em todos os pormenores.

Elas subiram alguns degraus em silêncio enquanto o cérebro de Lucy rodopiava, colocando fatos novos ao lado de antigos e

forjando conexões e conclusões inéditas. O futuro assumira um aspecto renovado, mas não menos ameaçador — e não apenas para a própria Lucy. Ela limpou a garganta enquanto subiam para o patamar do primeiro piso.

— Acho que devo alertá-la, madame: a Sociedade Refinada de Ciências nunca admitiu mulheres como membros. Quando constatarem que a senhora não é um homem, podem rescindir o convite. E... — Ela se interrompeu, respirou fundo e continuou: — Podem ser cruéis e ofensivos quando fizerem isso.

A marquesa estreitou os olhos escuros.

— Sim, notei as palavras graciosas que escolheram para fazer o convite de hoje. Também notei como questionaram abertamente a legitimidade de seu trabalho. Homens tão inteligentes, argumentos tão lógicos. O sr. Frampton também me enviou aquele artigo e me contou o modo vergonhoso como o trataram durante toda essa história.

— Ele é um correspondente muito prolífico — disse Lucy, o tom seco.

A marquesa riu baixo.

— Mas é honesto. Ele me faz lembrar dos meus sobrinhos... e um pouco de mim mesma também. — Ela ergueu a cabeça. — Sabia que minha avó era amiga de Voltaire? Tantos homens inteligentes naquela geração. Eu costumava descer às escondidas para ouvi-los aguçando a mente uns dos outros no salão dela. Quando passei a ter idade suficiente para frequentar esses eventos, aprendi como a situação pode ficar feia quando uma dezena de pessoas tenta provar que é a mais inteligente da sala. Isso foi muito antes da morte daquele grande homem, claro... mas ousou dizer que ninguém chegou perto de se equiparar ao intelecto dele desde que ele nos deixou. — Seus lábios se curvaram com a expectativa de uma duelista. — Espero que os homens da Sociedade se arrependam de todos os erros que logo lhes serão evidentes.

O salão imponente no alto da escada estava repleto de velas e talheres. Janelas davam para o Tâmis escurecido e refletiam as imagens dos convidados. Botânicos, químicos, astrônomos e naturalistas se cumprimentavam depois de um longo ano sem se

ver e imediatamente retomavam o fio da discussão do ano anterior. Novos debates brotavam a todo momento na multidão, aumentando a cacofonia. O estrondo diminuiu por um breve instante quando os membros reunidos notaram a chegada de Lucy, depois se redobrou com um interesse perverso.

A jovem astrônoma manteve a cabeça erguida, embora ainda se sentisse trêmula. A marquesa se empertigou como uma ave de rapina.

O sr. Frampton indicou a mesa elevada na frente do salão, com dois palanques e lugares em cada lado.

— Com licença, senhoras, devo apresentar *la marquise* ao nosso anfitrião.

O sr. Hawley estava montando guarda diante de um palanque, com o cabelo levemente grisalho atopetado. Ele havia escolhido um traje de corte para a noite, com culotes, cinto e uma variedade de babados no peito. Fazia-o parecer distintamente antiquado em meio à multidão, como se tivesse saído de um dos retratos do século anterior pendurados na galeria.

A marquesa acenou para Lucy.

— Estou ansiosa para nossa conversa depois do jantar — disse ela.

Com um toque de sua mão, ela deixou que o sr. Frampton a guiasse em um ritmo majestoso à frente do salão.

Catherine fez uma pergunta discreta a um criado e descobriu que o outro palanque, assim como o lugar logo ao lado dele, tinha sido reservado a Lucy. A condessa tinha sido colocada um pouco distante com tia Kelmarsh. Ela fechou a cara ao ouvir isso, mas logo corrigiu a expressão e apertou as mãos de Lucy.

— Vai dar tudo certo — falou. — Lembre-se: você é brilhante.

Ela baixou os olhos para a boca de Lucy, e a jovem desejou mais do que tudo poder roubar um beijo de boa sorte.

*Depois*, prometeu a si mesma, então soltou as mãos de Catherine e se voltou para seu lugar solitário.

Ela diminuiu o passo e esperou; o sr. Frampton e a marquesa estavam se aproximando do sr. Hawley e, se Lucy se sentasse em sua cadeira, não teria uma visão tão boa do encontro.

O sr. Frampton estava fazendo a apresentação, o rosto sereno apesar da chama em seus olhos e, quando terminou, a marquesa estendeu uma mão enluvada, um gesto tão gracioso quanto Lucy poderia esperar de qualquer aristocrata francesa. Mas o sr. Hawley...

O sr. Hawley ficou completamente vermelho com a constatação.

A mão da marquesa ficou pairando no ar.

Devagar, conforme o sangue escoava do rosto, o sr. Hawley estendeu o braço e pegou a mão, dando um beijo nela. Disse algumas palavras, e a marquesa respondeu, permitindo que o cavalheiro visivelmente confuso a guiasse para o lugar ao lado dele.

O sr. Frampton assumiu seu lugar do outro lado do sr. Hawley, e Lucy se apressou para tomar o seu ao lado do segundo palanque.

Os malditos a haviam colocado à direita de Richard Wilby. Quando o jantar foi servido, Lucy ficou revirando a comida no prato, no máximo colocando um pouco na boca para experimentar o molho, e bebericando o vinho.

— A comida é sempre tão boa assim? — perguntou ele, e no instante seguinte sorriu e estalou a língua. — Ah, me perdoe, srta. Muchelney, esqueci: a senhorita nunca veio a um Simpósio antes.

— Talvez eu nunca venha de novo — respondeu ela, só para vê-lo se engasgar com um pouco de surpresa. Ela deu mais um gole de seu vinho, vermelho como sangue. — Não posso imaginar que todos sejam tão dramáticos quanto este certamente será.

Ele riu baixo.

— Seria difícil, considerando que nunca tivemos uma impostora como convidada antes.

— É claro que já — discordou Lucy com leveza. Seus medos estavam se dissolvendo como bolhas que efervesciam furiosas em seus pensamentos. O absurdo de tudo, e não o vinho, havia lhe subido à cabeça. — O sr. Arbutnot St. John em 1768 foi desmascarado por falsificar muitos de seus experimentos tão

discutidos sobre magnetismo. Eles o riscaram dos róis de membros pelo embuste. Esse é apenas um exemplo, claro, mas há muitos outros se revir os arquivos da *Filosofias refinadas*. Nenhum de nós está de fato a salvo nessa instituição, sr. Wilby.

Ela ergueu a taça em um brinde zombeteiro, deixando a ponta se inclinar de maneira enfática na direção dele.

O rapaz levou um longo, longo tempo para engolir aquele pedaço de bife.

Lucy se entusiasmou com o tema e se aproximou com um ar conspiratório.

— Diga-me: o senhor acha mesmo que roubei a tradução de meu pai? Ou apenas pensou que seria uma boa tática retórica para aumentar seu prestígio na Sociedade?

O sr. Wilby balbuciou.

— Acho que temos pouquíssimas provas de que a tradução é sua, srta. Muchelney.

— Tirando o fato de que ela existe e foi publicada com meu nome na folha de rosto? E que ninguém mais se apresentou para reivindicar o crédito ou uma parcela dos direitos? Os quais, devo acrescentar, não são insignificantes.

— As pessoas adoram um escândalo — fungou ele.

— Ah, sim — disse Lucy com deleite —, isso é verdade.

O sr. Hawley se levantou da cadeira nesse momento e, ao subir no palanque, a miscelânea de discussões deu lugar a um silêncio único, tenso e cheio de expectativa.

— Cavalheiros, membros da Sociedade e convidados de honra — começou ele. — Eu havia preparado algumas observações com as quais começar a discussão de hoje, mas... — Então olhou para os papéis em sua mão e, em seguida, se voltou constrangido para a marquesa. Tossiu um pouco e se permitiu mais um gole de vinho. — Pensando bem, acho que a maneira mais direta é simplesmente começar. Senhoras e senhores, por favor, deem as boas-vindas a Gervaise Marie Oléron, marquesa de Lantier.

Os aplausos começaram de imediato, então se dispersaram e se misturaram a um burburinho crescente de surpresa enquanto

a marquesa se levantava, agradecia ao sr. Hawley e caminhava até o palanque.

Ela lançou o olhar sobre o conjunto de cavalheiros como um general avaliando o campo.

— Boa noite — começou, a voz ecoando por todos os cantos do cômodo.

O silêncio caiu, quase forçado. Alguns cavalheiros que haviam se levantado voltaram a se sentar devagar.

Lucy escondeu um sorriso. A marquesa havia crescido à sombra de Voltaire, sobrevivido à Revolução e ao império de Napoleão. Claro que se recusaria a ser subjugada por um salão cheio de acadêmicos ranzinzas.

Ela recomeçou assim que tinha a atenção de todos.

— Minha mãe, Gabrièle Louise de Castagnère, condessa de Semur, foi a primeira a traduzir as grandes obras de Isaac Newton para nossos astrônomos, filósofos e matemáticos em francês. As traduções dela são as principais edições usadas em meu país até hoje, quase um século depois que publicou a tradução dos *Principia*. Eu cresci com a *Ótica* de *monsieur* Newton em vez de histórias infantis, e a obra da minha vida foi desenvolver as verdades que ele descobriu e os cálculos que seu trabalho tornou possível. Ele dizia que apenas conseguiu ver mais adiante porque subiu nos ombros de seus antecessores. Por isso, a nossa busca era também olhar mais adiante e além para melhor compreender nosso lugar no Universo. Essa subida exige muito esforço. Devemos nos assegurar que o lugar onde pisamos é seguro e capaz de nos apoiar enquanto subimos mais. Temos que confiar uns nos outros, confiar que não vamos puxar um ao outro para baixo na disputa pelo sucesso. E todos nós, mesmo os mais brilhantes, como o próprio Newton, devemos ceder um lugar de orgulho para as gerações que vêm depois. — A marquesa fez uma pausa, e seu olhar se cravou em todos os membros da plateia. — Os astrônomos ingleses podem agora começar a avaliar a solidez das minhas conclusões. Os senhores me convidaram para a sua Sociedade como uma homenagem, mas também para pôr à prova aquela que estruturou minhas palavras na língua inglesa e acrescentou as próprias explicações.

É da maior importância que entendamos uns aos outros com clareza. Por isso, gostaria de pedir que ela se levantasse enquanto lhe faço algumas perguntas.

A multidão zumbiu como uma colmeia prestes a atacar.

Lucy engoliu em seco e se levantou. A madeira do palanque era antiga e bem polida por uns cem anos de mãos suadas. Ela se apoiou como se agarraria ao leme de um navio no meio de uma ventania e ondas gigantescas.

Duzentos rostos a observaram, mas, se Lucy olhasse para a plateia, perderia toda a coragem. Em vez disso, voltou o olhar firme para Gervaise Oléron, cujo leve aceno de aprovação lhe deu certo alívio.

— Senhorita Muchelney — começou a marquesa —, por favor, diga aos cavalheiros reunidos por que decidiu expandir minha *Méchanique celeste* em vez de realizar uma simples tradução.

Lucy ficou boquiaberta, mas se controlou. A julgar pelo burburinho na multidão, essa era uma estratégia tão inesperada para eles como para ela.

A jovem astrônoma limpou a garganta e conseguiu não deixar que a voz tremesse enquanto respondia.

— Eu admirava muito a obra, mas um dos motivos para isso era por sintetizar várias ideias de diversos outros lugares. Newton, é claro, mas também Lavoisier, Euler, Lagrange. Provavelmente outros que ainda não li. Não são muitos de nós, em especial entre os astrônomos ingleses, que leram todos esses autores, seja no original, seja em uma tradução confiável. Em seu livro era... era como se a senhora tivesse construído um navio e estivesse velejando a algum lugar novo. E importante. Eu não queria que ninguém fosse deixado para trás.

Lucy virou a cabeça, e seu olhar encontrou Catherine ali na multidão, aureolada pela luz de velas, os olhos suaves como estrelas da manhã.

A jovem sorriu, sem conseguir se conter.

— Eu não queria que *ninguém* fosse deixado para trás — repetiu —, tendo tido ou não a oportunidade de estudar astronomia antes de pegar seu livro. Pareceu natural acrescentar explicações, tornar mais claro o que o texto estava colocando em



prática. A seção sobre Saturno, por exemplo, faz um bom uso de vários avanços recentes e exige, em particular, uma disseminação ampla. Quanto mais mentes tivermos trabalhando em um problema, mais rápido ele será resolvido.

— E a recepção foi a que desejava? — perguntou a marquesa.

— A senhorita acha que trouxe mais mentes para a ciência?

Os olhos de Lucy encontraram Catherine mais uma vez.

— Eu não obrigaria ninguém a se dedicar à ciência se a própria pessoa não tivesse essa inclinação. Ela não é a única empreitada nobre que existe. — Ela ergueu a voz para encobrir o burburinho afrontado que surgiu diante das palavras. — Mas todos que desejem descobrir mais verdades sobre a natureza e a ordem do mundo em que vivemos devem ser estimulados, e não obrigados a redescobrir o que outras pessoas com melhor sorte ou mais experiência já desvendaram. Nossas energias são mais bem empregadas se trabalharmos juntos do que se disputarmos em separado, homens e mulheres de todas as nações e raças.

— Muito bem! — exclamou o sr. Edwards, enquanto a plateia voltava a irromper em um burburinho inquieto.

A marquesa ergueu a mão, e o silêncio caiu novamente. Todo o salão pareceu segurar a respiração.

— Uma última pergunta, srta. Muchelney.

Lucy se preparou.

— E se eu lhe disser que, lendo sua tradução, encontrei um erro? Um bastante gritante na verdade, fundamental para a seção em que aparece.

Alguém deu um grito sufocado. A marquesa permaneceu serena, o olhar austero, a leve curva dos lábios alertando Lucy a pensar com cuidado.

Lucy respirou fundo, enquanto o silêncio se prolongava. Negações brotaram dentro dela — era apenas natural se defender contra uma acusação como aquela —, mas um momento de reflexão a fez deixar essas negações intelectuais de lado. Havia mais em jogo naquele momento.

Ela encarou o mar de estudiosos ávidos sentados diante dela e respirou fundo de novo.

— Primeiro, precisaria dizer que estou em excelente companhia: muitos dos maiores pensadores da história são famosos tanto por seus erros como por suas descobertas. Copérnico não acreditava que o Sol girava em torno da Terra? E a própria obra de Newton, ainda que brilhante, também se revelou incorreta em dezenas de aspectos. — Alguns estavam concordando com a cabeça. Lucy ganhou confiança. — Segundo, seria vital descobrir como o erro surgiu. Foi um erro em minhas teorias ou meus dados? Foi um equívoco de imaginação, de dedução ou de hipótese? Porque, se não corrigirmos nossa maneira de pensar, vamos cometer os mesmos erros todas as vezes que tentarmos solucionar o próximo problema.

— A senhorita publicaria uma versão atualizada de sua tradução? — perguntou a marquesa. — Ou apenas deixaria o erro lá e passaria para o trabalho seguinte?

— Eu gostaria de atualizar minha tradução, mas teria que perguntar ao editor a respeito disso. Pode haver considerações que eu não teria como prever, visto que sou nova no ramo. A senhora pode... — Ela fez uma pausa, depois tomou coragem. — Pode me dizer qual foi?

— Claro. Foi na seção sobre marés e oscilações. — Outro burburinho de expectativa na plateia. — Seu inglês indica que as oscilações das marés são uma constante. Como de fato são, e devem ser. Mas, ao comparar sua tradução com meu original, percebi que meu texto não tinha sido nada claro quanto a isso. Deixava em aberto a possibilidade de a gravidade da Lua ser uma ação única, em vez de um trabalho contínuo. O que é absurdo. Portanto, lendo sua tradução, descobri meu próprio erro.

Um bramido surgiu entre os membros ao redor.

A marquesa riu com a consternação e levantou a voz.

— Escrevi para meu editor para uma correção imediatamente. Como lhe disse antes, prefiro ser precisa.

Por um momento, tudo no mundo virou caos. Quase ensurdecida pelo tumulto de vozes, Lucy mais uma vez procurou o rosto de Catherine. A condessa estava rindo, mas mesmo de longe a jovem conseguia ver o brilho de lágrimas em seus olhos.

Alívio, puro e doce como ambrosia, se derramou sobre Lucy. Acabou. Ah, haveria ainda cétricos para murmurar baixo nos cantos, mas ela havia se levantado diante de toda a Sociedade e proclamado a verdade sobre o próprio trabalho. Muitos a haviam aceitado: o sr. Edwards estava aplaudindo freneticamente, e não foram poucos que se juntaram a ele.

A marquesa ergueu a mão — um gesto pequeno — e o salão ficou em silêncio. Ela acenou para o presidente.

— Creio que cumpri meu papel nessa discussão. Senhor Hawley, lhe cedo a palavra.

Mais aplausos, embora não sem uma conotação de incerteza. O presidente da Sociedade deu um beijo na mão da marquesa e se posicionou atrás do palanque. Ele parecia abalado, sem fôlego, como se o mundo todo estivesse girando rápido demais.

Lucy conseguia entender, embora com uma pontada de alegria perversa.

Ele limpou a garganta duas vezes.

— Meus estimados membros da Sociedade Refinada de Ciências, hoje convidamos uma das estudiosas mais brilhantes de nosso tempo para se tornar nosso mais novo membro. As palavras dela me comoveram muito. Elas ecoam a mesma sabedoria perspicaz que torna sua obra astronômica tão substancial e relevante. — O sr. Hawley perdeu um pouco o fôlego, então se recompôs. — A Sociedade Refinada de Ciências nunca antes admitiu uma mulher em nossas listas. Mas deixemos hoje essa tradição dar lugar a uma nova e melhor, assim como nós devemos todos dar lugar às descobertas daqueles que seguem nossos passos. Por favor, recebam *madame la marquise*, a marquesa de Lantier, como nosso mais novo membro.

Dessa vez, os aplausos ribombaram pelo salão, embora Lucy tenha visto um ou dois rostos fechados saírem discretamente para o corredor. A própria Lucy aplaudiu com tanta força que as palmas ardiam enquanto a marquesa subia para apertar a mão do sr. Hawley. O presidente, então, desejou boa-noite a todos, embora estivesse claro que a maioria dos filósofos naturais

reunidos planejava ficar e continuar suas queridas discussões com amigos e rivais.

Lucy se levantou, e o sr. Wilby não deixou a educação de lado e se levantou com ela.

— Até o ano que vem, sr. Wilby.

— Não esteja tão certa disso, srta. Muchelney.

Os lábios dele se curvaram como se tivesse engolido um limão inteiro desde que a discussão começou e, com um aceno que mal era cortês o bastante para se qualificar como um cumprimento, saiu às pressas para se juntar a um grupo de homens agitados e afogueados no canto.

Lucy se virou e se deparou com o sr. Hawley se aproximando.

— Minha cara — disse ele, estendendo as mãos.

Lucy não as tomou. Apenas ergueu a cabeça.

— Senhor Hawley.

Ele as baixou depois de um momento, a vergonha corando o rosto como um pôr do sol.

— Estou certo de que lhe devo um pedido de desculpas.

— Estou certa de que sim, mas há alguém com quem o senhor deve se desculpar antes.

Ele bufou um pouco.

— Tenho certeza de que não fiz nada para ofender *madame la marquise*, ainda que alguém devesse ter me alertado...

— Não. — Lucy balançou a cabeça. — O senhor deve pedir desculpas à sua irmã.

— Como a senhorita... — O sr. Hawley perdeu a voz, depois soltou um suspiro longo, como se largasse um fardo que carregava havia muito tempo. Lucy pensou ver todos os anos de sua idade recaírem sobre ele, um de cada vez. — Não nos falamos há um certo tempo.

— Ela queria se tornar um membro — disse Lucy. — Eu li a carta dela. O senhor a *publicou*.

— Sim. Não porque duvidasse da capacidade dela, mas porque queria avaliar o que o restante da Sociedade pensava da ideia de incluir mulheres da ciência. — Ele balançou a cabeça. — Foram quase inteiramente contrários. A linguagem nas cartas

que enviaram em resposta! Essas me absteve de publicar... mas nunca as esqueci. Elas assombram meus pesadelos até hoje.

— O senhor poderia tê-la apoiado — disse Lucy, a voz baixa e dura.

— Isso os teria impedido? Como membro, ela estaria ainda mais suscetível a ataques. Todo o trabalho dela teria sido questionado, ela encontraria resistência em todas as suas hipóteses. Isso teria causado inúmeros problemas para todos, e eu gostava demais dela para submetê-la a esse desafio.

— Ela concordou com sua decisão?

O sr. Hawley suspirou de novo.

— Acho que a senhorita sabe que não. — Ele voltou os olhos para a marquesa, que ria contente de algo que a sra. Edwards lhe dizia, enquanto o marido da romancista corava furiosamente. — Ela poderia estar aqui hoje — murmurou, depois fechou a boca e se recompôs. — A senhorita pretende apresentar seu nome como membro da Sociedade?

Lucy fez que sim, devolvendo o olhar.

— Terei seu apoio?

— Minha cara — começou o sr. Hawley com o tom de repreensão habitual, depois pareceu se conter. — Sim, terá. — Seus lábios se ergueram, mas, quando a encarou mais uma vez, seu olhar era claro e firme. — Embora eu deva discordar de muitas de suas conclusões.

— Em algum momento pedi o contrário? — rebateu a jovem.

— Não. A senhorita pediu apenas a verdade. Perdoe um velho resistente que não se dobra tão facilmente quanto deveria.

Com um aceno e um floreio, ele saiu andando na direção de sir Eldon e da sra. Chattenden, que estavam bastante pálidos.

Lucy era, acima de tudo, uma criatura curiosa, e havia uma pergunta sem resposta. Ela atravessou uma série de apertos de mão e congratulações até chegar aonde o sr. Frampton bebia alegremente vinho do Porto em um canto.

— Como sabia? — perguntou ela.

— Sobre a marquesa ser... a marquesa? — Ele se inclinou para mais perto. — Em uma de suas primeiras cartas, ela usou uma frase, uma expressão francesa muito específica, que eu só

havia ouvido da boca de minha avó e suas irmãs de São Domingos. Era uma suposição maluca, mas todos os meus instintos me diziam para acreditar que era verdade. — O matemático escondeu um sorriso atrás da taça. — No entanto, fiquei aliviado ao conhecê-la hoje e confirmar que estava certo.

— E não fará mal algum à sua carreira ser conhecido como um amigo de Oléron.

— Um benefício muito bem-vindo, sem dúvida. — O olhar dele por sobre a borda do copo era imperturbável. — Ela é de fato a maior gênia de nossa era.

— Eu sei — disse Lucy, e pousou uma mão no braço do sr. Frampton, que congelou, surpreso. — Obrigada. Estou em dívida com o senhor. — Ela fez uma pausa. — Apresentou seu nome como membro?

— Ainda não — falou ele. — As questões com o sr. Wilby me desanimaram bastante, como deve imaginar.

— O senhor consideraria tentar agora? Sem dúvida teria o apoio da marquesa e do sr. Edwards, entre outros. E o meu, se a votação for a meu favor.

Ele sorriu.

— Vamos colocar nossos nomes juntos e disputar para nos tornarmos membros. Ou então confundir tanto nossos inimigos que acabem deixando um de nós entrar no meio do caos.

— E então essa pessoa pode abrir um pouco mais a porta enquanto passa — riu Lucy.

Ela lhe desejou boa-noite e saiu em busca de Catherine e tia Kelmarsh.

Era hora de ir embora, enquanto as coisas ainda estavam triunfantes.

A jornada através do pátio da Somerset House foi completamente diferente na segunda vez — embora tivesse ficado mais frio e gélido desde que o Simpósio havia começado. Lucy segurou o braço de Catherine com firmeza, enquanto tia Kelmarsh ancorava o outro braço da condessa.

Lucy ergueu a cabeça e olhou além dos telhados da cidade — e lá no alto estavam as estrelas, brilhando fracamente devido à luz de Londres, mas ainda assim cintilando, eternas e confiáveis.

Por um momento sentiu que era quase uma delas, o coração um pedaço cintilante e glorioso de prata dentro do peito.

Então tia Kelmarsh resmungou algo sobre a comida, e Catherine riu baixo, e Lucy se viu na Terra mais uma vez. Mas uma Terra diferente do que aquela em que havia andado poucas horas antes. Uma mais vasta, com mais espaço para ela crescer e se tornar a melhor versão de si mesma.

Mal podia esperar para começar.

O brilho de satisfação dentro de Lucy durou quase um dia inteiro — o que era bastante tempo, na experiência dela. Mas, como sempre, os sentimentos etéreos perderam o vigor conforme a realidade mundana se reafirmava. Ela ficou com a questão ardente e irreprimível: o que faria dali em diante?

Traduzir o próximo volume e enviá-lo à marquesa, óbvio — mas o que antes era ousado e desafiador agora parecia... rotineiro. As energias dela estavam se expandindo para abranger a envergadura do trabalho que tinha escolhido. O que era bom, claro, porque significava que estava progredindo, mas também significava que precisava buscar algo novo para almejar.

Catherine — a bela, tranquila e valente Catherine, cujo orgulho e amor irradiavam imperturbáveis toda vez que olhava para Lucy — revelou ter algo já planejado. Ela e Lucy deixaram a tia Kelmarsh tirando um confortável cochilo na sala, sem dúvida com a ajuda do toque de conhaque que havia tomado junto com o chá, e seguiram para a biblioteca.

Pensou que Catherine lhe mostraria suas sedas ou seu caderno, mas, em vez disso, ela pegou um calhamaço de papéis e se sentou no sofá com um ar muito formal e cheio de expectativa.

— Tenho uma proposta para lhe fazer.

O coração de Lucy saltou por um momento antes do bom senso reassumir o controle. Era óbvio que condessa não se referia a um pedido de casamento.

— Por favor — disse ela.

Catherine mordeu o lábio, e Lucy percebeu com um pequeno choque que a outra mulher estava nervosa. Talvez mais nervosa do que a tinha visto desde aquele primeiro beijo.

Lucy empertigou a coluna com expectativa e se inclinou à frente na dura cadeira de madeira da biblioteca.

Finalmente, Catherine abriu a boca.

— Andei escrevendo para as mulheres da *Filosofias refinadas*.

— Quais mulheres?

Catherine sorriu.

— Todas.

Lucy ficou atordoada.

— Bom, todas que conseguimos encontrar, ao menos. Muitas responderam; algumas para dizer que haviam abandonado essa parte da vida delas, mas outras para me falar com zelo sobre seus trabalhos desde então. E são tantos! Química, astronomia, botânica... é tanta botânica que chega a ser impressionante, mas quase todo campo das ciências naturais é representado. E muitas conhecem outras mulheres que realizam atividades semelhantes em pequenos cantos do mundo. Escrevendo livros para educar crianças, realizando pequenos experimentos, coletando e catalogando amostras, esse tipo de coisa. Compilei uma lista bastante longa de nomes nos últimos meses, e sem dúvidas há muitas mais a serem encontradas... — Ela se conteve, tossiu e abriu um sorriso irônico. — Creio que estou desviando do assunto.

— Sim — concordou Lucy, admirada. — O que está propondo, exatamente?

— Um fundo — disse Catherine, e sorriu um pouco com o queixo caído de Lucy. — Um bastante substancial, administrado por você e por mim, com o objetivo de publicar trabalhos de mulheres sobre ciências naturais. Faríamos uma parceria com a Griffin's, pediríamos às cientistas para serem autoras e cuidaríamos para que as obras fossem revisadas com toda minúcia antes de as oferecermos ao público.

— Isso... — Lucy teve que engolir em seco —... parece um trabalho imenso.



— Ah, será, isso eu lhe garanto. Nos unirá jurídica e financeiramente, e é provável que leve o resto de nossas vidas para terminar. — Ela mordeu o lábio de novo, baixando os olhos para os papéis em mãos. — É de fato uma lista longuíssima de nomes.

Lucy levantou da cadeira dura e se ajoelhou sobre o tapete da biblioteca. Suas mãos se fecharam em volta das de Catherine, cartas farfalhando em protesto entre seus dedos. Ela não se importou. Não conseguia tirar os olhos do rosto da condessa, porque Catherine estava corando, rindo em silêncio, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

Dessa vez, não era Lucy quem estava chorando — porque ela estava maravilhosa e incrivelmente feliz demais para isso.

— Catherine — murmurou ela. — Peça-me de verdade.

A condessa ergueu os olhos, o rosto brilhando de esperança, amor e alegria.

— Estou pedindo para você ficar comigo pelo resto de nossas vidas. Estou pedindo para se juntar a mim para tornar este mundo um lugar melhor, dentro de nossas capacidades. Não podemos subir ao altar e declamar votos, mas podemos nos unir e declarar publicamente que somos importantes. Juntas. — Lucy perdeu o fôlego em um soluço quando Catherine ergueu uma mão e afagou sua bochecha. — Eu te amo, Lucy Muchelney. Sempre amarei.

Como Lucy poderia não a beijar? Os lábios sorriam demais para se fundirem como deveriam, e ela conseguia sentir o gosto de sal das lágrimas de Catherine quando enfim escorreram pelo rosto dela.

— Eu te amo, Catherine St. Day — disse ela. — Sou sua.

— Então você aceita? — O entusiasmo de Catherine era quase envergonhado. — Você gosta da ideia?

— Acho perfeita — disse Lucy —, com uma correção.

Catherine se preparou para ouvir.

A voz de Lucy ficou marota.

— Deveríamos incluir ilustrações de artistas mulheres também. Gravuras encomendadas, retratos, diagramas, cenas históricas. Estampas de bordado.

— Ah. — Era apenas uma sílaba suave, pouco mais de um sopro, mas ecoou no ar como se contivesse o mundo.

Lucy havia pensado que Catherine não poderia parecer mais feliz, mas agora estava luminosa, radiante. Como se um novo sol tivesse nascido dentro dela.

— Você é brilhante, Lucy Muchelney, e essa é a verdade.

Lucy se permitiu mais um beijo, depois puxou Catherine para se levantar. O começo de um novo projeto trouxe uma torrente de euforia, subindo dentro dela como uma maré. O tempo era curto: não havia por que perdê-lo. Ainda segurando a mão de sua amada, Lucy perguntou:

— Por onde vamos começar?

# *Agradecimentos*

HÁ MUITAS PESSOAS A AGRADECER POR PARTICIPAREM da criação deste livro tão improvável. Primeiro, minha gratidão vai para Cathy Pegau, cuja heroína vigarista bissexual no espaço me ajudou a reconhecer uma parte de mim que eu não conseguia ver com clareza até então. (Dica: não é a parte da vigarista.) O feedback de Rose Lerner sobre uma versão anterior deste manuscrito foi inestimável, e fico admirada com a clareza e pura genialidade dela para soluções de história e personagem. Minha editora, Tessa Woodward, e toda a equipe da Avon Books foram de uma paciência maravilhosa com uma autora acostumada a voar solo. Minha agente, Courtney Miller-Callihan, combina a autoridade inflexível com a segurança no melhor equilíbrio possível.

Minha família — especialmente minha mãe, minha irmã e meu avô — foram inabaláveis em seu amor e apoio naquilo que tem sido uma jornada por vezes difícil. Tenho sorte de tê-los e sei disso.

Todo escritor precisa de um parceiro tão confiável quanto Elwood, o minidachshund, que está lá todos os dias de escrita para insistir que eu me sente na cadeira bem iluminada perto da janela e não me mexa por algumas horas. O altruísmo dele é uma inspiração para todos nós.

Por fim, e sempre, meu marido, Charles, a alma mais sincera que conheço, com quem tenho a honra de dividir a vida e que amo mais e mais a cada dia e a cada nova revelação.

## *Sobre a autora*

OLIVIA WAITE É UMA EX-LIVREIRA e vencedora do programa televisivo *Jeopardy!* que escreve romances históricos, fantasia, ficção científica e ensaios. Ela é colunista da Kissing Books para a *Seattle Review of Books*, onde escreve resenhas sobre romances novos e antigos com ênfase em reflexões críticas e história do gênero. Mora em Seattle com o marido e seu fiel minidachshund.



## Uma união extraordinária

Cole, Alyssa

9786559700288

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

*Enquanto a Guerra Civil assola os Estados Unidos, uma corajosa dupla de espiões mergulha de cabeça na missão mais perigosa de suas vidas: lutar contra ignorância, mentiras e ameaças*

*para criar um mundo melhor e quebrar as correntes do passado...*

A Guerra da Secessão está em seus momentos iniciais no país. A União, formada pelos estados do Norte e liderada pelo presidente Lincoln, é a favor da abolição da escravidão. A Confederação, composta por estados do Sul, busca se separar dos Estados Unidos a fim de manter o sistema escravocrata.

Elle Burns é uma ex-escravizada que vive em relativa paz com sua família no Norte. Mas ela também tem uma determinação de ferro e uma memória fotográfica, então, quando a guerra eclode, ela se torna uma agente da Liga da Lealdade, sabendo que pode ajudar a Causa.

Malcolm McCall é um dos melhores detetives do Serviço Secreto de Pinkerton: já frustrou tentativas de assassinato ao presidente e se embrenhou em grupos rebeldes. Agora, está em Richmond se passando por um soldado do Sul, e precisa se aproximar de um senador confederado e sua família em busca de informações — justamente a casa em que Elle está infiltrada como escravizada. Dois agentes secretos que compartilham uma causa em comum — e uma atração inegável —, Elle e Malcolm se unem para expor um plano que poderia mudar a guerra em favor da Confederação. Presos numa rede de intrigas, e

tentando resistir a uma paixão proibida, os dois estão dispostos a arriscar tudo para preservar a União.

[Compre agora e leia](#)



# Amor para Despertar

Colter, Cara

9788539813155

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

O playboy e magnata Joshua Cole não contava ser incomodado por uma babá sem graça e um bebê chorão em seu escritório ricamente



mobiliado. Mas a criança em questão é seu sobrinho, então ele se prontifica a ajudar! Dannie Springer tem se escondido dentro de um sério uniforme de babá desde que seu coração foi partido. Porém, depois de algumas semanas convivendo com Joshua, ela começa a enxergar o verdadeiro homem, e não somente o executivo em ternos sofisticados. Em contrapartida, Joshua se vê dominado por um desejo íntimo de conhecer a verdadeira Dannie...

[Compre agora e leia](#)



## Recanto dos segredos

Carr, Robyn

9786559700264

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

*Virgin River já abrigou mais que sua cota de corações partidos nos últimos anos, mas sempre tem espaço para mais um...*

Um condecorado ex-fuzileiro, o policial Mike

Valenzuela foi gravemente ferido em um tiroteio em Los Angeles. Depois de se recuperar em Virgin River, ele concorda em se tornar o agente de segurança local, na esperança de que isso o ajude a se reestabelecer. Duas vezes divorciado, ele anseia secretamente pelo tipo de amor que seus amigos parecem ter achado na cidadezinha.

Promotora e irmã mais nova de Jack, Brie Sheridan, acabou de ser vítima de um crime brutal. Embora seja corajosa e resiliente, ela não sabe como vai conseguir superar os inúmeros traumas que esse episódio lhe causou. Mas há alguém disposto a ajudá-la a se abrir novamente, e Brie está prestes a descobrir que um porto seguro pode ser mais do que apenas um lugar.

[Compre agora e leia](#)



## Encanto & poder

Sands, Charlene

9786580969784

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Frio, confiante e poderoso, o milionário e executivo Wade Beaumont sempre luta pelo que deseja... e decidiu seduzir Gina Grady, sua mais

nova funcionária. Ela já o abandonara uma vez, após uma noite ardente anos atrás, e sabe que não pode deixar a paixão renascer. Porque, dessa vez, ele não pretende deixá-la escapar...

[Compre agora e leia](#)



## Sempre amor

Rice, Heidi

9786559700417

180 páginas

[Compre agora e leia](#)

O sexy milionário Luke Devereaux apareceu no escritório de Louisa, arrastou-a para o médico e exigiu que ela fizesse um teste de gravidez. E,

para seu total horror e consternação, o resultado foi positivo! Três meses antes, Luke dera a Louisa uma noite de prazer como ela jamais poderia ter imaginado... e nunca deveria se repetir. Mas suas consequências o levavam a exigir o casamento, e sua proposta incluía também uma promessa: mais noites de inacreditável prazer...

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)